

# AS BORDAS DA ARENA MARACANÃ E SUAS INFLUÊNCIAS NAS DINÂMICAS DOS ESPAÇOS LIVRES DA PAISAGEM CARIOCA

Adriane da Silva Pacheco Chaves





Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura

AS BORDAS DA ARENA MARACANÃ E SUAS  
INFLUÊNCIAS NAS DINÂMICAS DOS ESPAÇOS LIVRES DA  
PAISAGEM CARIOCA

Adriane da Silva Pacheco Chaves

Maio 2021

# AS BORDAS DA ARENA MARACANÃ E SUAS INFLUÊNCIAS NAS DINÂMICAS DOS ESPAÇOS LIVRES DA PAISAGEM CARIOCA

Adriane da Silva Pacheco Chaves

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - PROARQ, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, vinculada à linha de pesquisa Cultura, Paisagem e Ambiente Construído

Orientadora: Andrea Queiroz Rego

Co-orientadora: Sylvia Meimaridou Rola

Rio de Janeiro

Maio 2021

**AS BORDAS DA ARENA MARACANÃ E SUAS INFLUÊNCIAS NAS DINÂMICAS DOS  
ESPAÇOS LIVRES DA PAISAGEM CARIOCA**

**Adriane da Silva Pacheco Chaves**

Orientadora: Andrea Queiroz Rego

Coorientadora: Sylvia Meimaridou Rola

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Arquitetura, vinculado à linha de pesquisa Cultura, paisagem e ambiente construído.

**Aprovada por:**

Presidente, Prof. Dra. Andrea Queiroz Rego (PROARQ)

Prof. Dra. Ethel Pinheiro Santana (PROARQ)

Prof. Dra. Sylvia Meimaridou Rola (PROARQ)

Prof. Dra. Virgínia Maria Nogueira de Vasconcellos (PROARQ)

Prof. Dra. Noêmia de Oliveira Figueiredo (UFRRJ)

Prof. Dra. Juliana Simili de Oliveira (UFJF)

Prof. Dr. Antonio Ferreira Colchete Filho (UFJF)



Chaves, Adriane da Silva Pacheco.

**C512** As bordas da Arena Maracanã e suas influências nas dinâmicas dos espaços livres da paisagem carioca/ Adriane da Silva Pacheco Chaves. – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2021.

245f. : il. 30cm.

Orientador: Andrea Queiroz Rego.

Coorientador: Sylvia Meimaridou Rola.

Tese (doutorado) –  
UFRJ/PROARQ/Programa de Pós-Graduação em  
Arquitetura, 2021.

Referências bibliográficas: p.225-235.

1. Espaços livres. 2. Arena Maracanã. 3. Estádio do Maracanã - Remodelação. 4. Paisagem urbana – Maracanã (Rio de Janeiro, RJ). I. Rego, Andrea Queiroz. II. Rola, Sylvia Meimaridou. III. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. IV. Título.

CDD 712

Elaborado por Dilza Torres de Melo Alvim, Biblioteca Lúcio Costa - UFRJ/CLA, com dados fornecido pela autora (2021).

## RESUMO

### AS BORDAS DA ARENA MARACANÃ E SUAS INFLUÊNCIAS NAS DINÂMICAS DOS ESPAÇOS LIVRES DA PAISAGEM CARIOCA

Adriane da Silva Pacheco Chaves

Orientadora: Andrea Queiroz Rego

Coorientadora: Sylvia Meimaridou Rola

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências em Arquitetura.

O Estádio Maracanã sempre apresentou identidades diferentes. Desde a sua construção vem sofrendo modificações tanto na edificação quanto no seu entorno. Mas, foi a partir da Copa de 2014, quando da implementação do "Padrão FIFA", que se conformou uma zona de exclusão no entorno da agora chamada, arena, exigindo que não houvesse nenhuma barreira que dificultasse a desocupação em caso de pânico, mesmo que, em seu caderno de encargos, houvesse destaques para a humanização da área. O calçadão, ao redor da arena Maracanã, hoje se apresenta como uma borda não qualificada, transformada em local de evacuação que correspondem a vazios urbanos e atuam como espaço de dispersão ou até mesmo repulsão. Esses fatores permitiram detectar que, no dia a dia, o uso do calçadão é ínfimo, resultando em uma área desértica, e nos momentos de eventos, mais especificamente nos jogos de futebol, o uso se intensifica, resultando em uma área de concentração de multidão de torcedores que transitam e se aglomeram pela área e pelo entorno, antes e depois dos eventos. Nesse sentido, as bordas definem, tanto a característica de espaço público da cidade contemporânea, como também uma de suas problemáticas: a da cisão, da segregação, da interrupção da cidade como totalidade sistêmica. Sendo assim, a presente tese buscou através dos objetivos compreender as relações da Arena Esportiva do Maracanã na construção da paisagem urbana; abarcar a sua caracterização morfológica, de uso e funcionalidade, identificar os possíveis locais de pracialidade na borda permanente e reconhecer os conflitos socioculturais na borda permanente e variável. Como resultado, tem-se que a borda surge para esta tese, conceituada em função dos megaeventos que transmite dicotomias de percepções materiais e abstratas, de espaço e contra espaço, de cultura global e local e de privatização do espaço público e politização do privado. As conceituações permitiram definir a metodologia desta tese a qual se divide em dois momentos: teórico-conceitual e prático. No primeiro momento, trabalhou-se na revisão bibliográfica do objeto de estudo e do estado da arte das questões conceituais; posteriormente foi executado o levantamento de campo, de forma a compreender o estudo de caso: A Borda Pública da Arena Esportiva. O estudo de campo foi dividido em três espacialidades de investigação: Borda Permanente, Borda Variável e análise da Paisagem urbana como suporte para a compreensão das Bordas. Os métodos para a

pesquisa foram etnográficos com aplicação do Percurso Comentado onde o pesquisador sombra caminha junto ao torcedor e analisa a sua percepção. Como resultante, tem-se a materialização da cartografia através de mapeamento das observações relacionadas, possibilitando identificar os usos, os arranjos espaciais, os fluxos e as relações espaciais que geram impactos, pois é com base nas conclusões dessa fase que foi possível propor soluções para minimizar os conflitos do cotidiano confrontados com os dias de evento permitindo vitalidade para a borda baseada em princípios projetuais de conexões e diversidades espaciais.

**Palavras-chave:** Maracanã, paisagem urbana, pracialidade, borda urbana, apropriação de espaço livre.

Rio de Janeiro  
Maio de 2021

## **ABSTRACT**

### THE MARACANÃ ARENA'S EDGES AND ITS INFLUENCES ON THE DYNAMICS OF THE OPEN SPACE AND THE CARIOCA LANDSCAPE

Adriane da Silva Pacheco Chaves

Orientadora: Andrea Queiroz Rego

Coorientadora: Sylvia Meimaridou Rola

Abstract da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências em Arquitetura.

The Maracanã stadium presents different identities from different times. Since it was first built, the stadium has been modified not only in the building but also in its surroundings. But it begins in the 2014 World Cup when the "FIFA Standard" is implemented that an exclusion zone around the now called arena, demanding that there should be no barriers that hinder evacuation in case of panic is formed in the surroundings, even if in your specifications there were highlights for the humanization of the area. The boardwalk around the Maracanã presents itself today as an unqualified edge that was transformed into an evacuation site corresponding to urban voids and acting as a space for dispersion or even repulsion. These factors allowed us to detect that daily the use of the boardwalk is very small, resulting in a desert area and the moments of events, more specifically the soccer games, the use intensifies, resulting in a concentration area of a crowd that transit and agglomerate through the area and the surroundings, before and after the event. In this sense, the borders define both the character of the public space of the contemporary city, as well as one of its problems: the division, the segregation, the interruption of the city as a systemic totality. Thus, the present thesis sought through its objectives to understand the relationships of the Maracanã Sports Arena in the construction of the urban landscape; encompass its morphological characterization, use, and functionality, identify possible places of practice on the permanent border and recognize socio-cultural conflicts on the permanent and variable border. As a result, it appears that the edge emerges for this thesis, conceptualized due to the mega-events that transmit dichotomies of material and abstract perceptions, of space and against space, of global and local culture, and privatization of public space and politicization of the private. The conceptualizations allowed to define the methodology of this thesis which is divided into two moments: theoretical-conceptual and practical. In the first moment, we worked on the bibliographic review of the object of study, and the state of art of conceptual issues, in the second moment, the field survey was carried out to understand the case study: The Public Edge of the Sports Arena. The field survey was divided into three areas of investigation: Permanent Border, Variable Border, and analysis of the Urban Landscape as a support for understanding the Borders. The methods for the research were ethnographic with the application of the Commented Path where the shadow

researcher walks with the supporter and analyzes his perception. As a result, there is the materialization of cartography through mapping of related observations, enabling: identifies the uses, spatial arrangements, flows, and spatial relationships that generate impacts because it is based on the conclusions of this phase that it was possible to propose solutions to minimize the daily conflicts faced with the event days allowing vitality to the edge based on principle connections and spatial diversity.

**Keyboard:** Maracanã, urban landscape, urban edge, pratiality, appropriation of open space.

## **Agradecimentos**

Primeiramente agradeço a paciência das minhas orientadoras, pela instrução, ensinamento e norteamento, Andrea e Sylvia.

Ao meu marido querido por todas as formas de apoio possível, Alexandre.

A minha filha pelo apoio total como pesquisadora júnior, Julia.

A minha filha primogênita pelo incentivo e traduções, Bruna.

Aos meus pais pelo suporte, Haroldo e Marilene.

A minha irmã por sempre acreditar, Andrea.

Aos colegas do PROARQ da turma de doutorado 2016, principalmente Ana Guzzo, são incríveis e contribuíram muito para o desenvolvimento desta tese.

Aos professores do PROARQ pela sabedoria dividida.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>20</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>22</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>32</b>
2.1. A BORDA PÚBLICA DA ARENA ESPORTIVA .....	32
2.1.1. A Arquitetura do Espetáculo .....	32
2.1.2. A Borda da Arena Esportiva .....	38
2.2. IDENTIDADE E LUGAR .....	42
2.2.1. Identidade cultural .....	42
2.2.2. Identidade e lugar .....	47
2.2.3. Identidade e esporte .....	49
2.3. A PAISAGEM URBANA: SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES E EDIFICADOS .....	51
2.3.1. A Paisagem Urbana .....	51
2.3.2. Os sistemas de espaços livres definidores da paisagem urbana .....	53
<b>3. OS “MARACANÃS” DE TODOS OS TEMPOS</b> .....	<b>63</b>
3.1. ANTECEDENTES – O DERBY CLUB .....	69
3.2. PERÍODO 1950-1964: O ESTÁDIO DO PROGRESSO NA TRADICIONAL TIJUCA .....	74
3.3. PERÍODO 1964-1997: O ESTÁDIO CARIOCA NA ZONA NORTE .....	83
3.4. PERÍODO 1997-2016: A ARENA GLOBAL NA CENTRALIDADE METROPOLITANA .....	94
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	<b>107</b>
4.1. ANÁLISE DA BORDA PERMANENTE .....	108
4.1.1. Análise morfológica .....	110
4.1.2. Análise das apropriações na borda .....	111
4.2. ANÁLISE DA BORDA VARIÁVEL .....	114
4.2.1. Delimitação do objeto de estudo .....	114
4.2.2. Percursos Comentados (PC) .....	122
4.2.3. Análise morfológica e funcional dos percursos .....	125



4.3.	A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO .....	125
<b>5.</b>	<b>ANÁLISE DA BORDA PERMANENTE.....</b>	<b>130</b>
5.1.	ANÁLISE MORFOLÓGICA .....	130
5.1.1.	<i>A estrutura física do calçadão-borda.....</i>	<i>131</i>
5.1.2.	<i>A estrutura viária no entorno do calçadão-borda.....</i>	<i>137</i>
5.1.3.	<i>O espaço edificado adjacente ao calçadão-borda .....</i>	<i>138</i>
5.1.4.	<i>A vegetação .....</i>	<i>139</i>
5.1.5.	<i>O mobiliário.....</i>	<i>143</i>
5.1.6.	<i>A iluminação.....</i>	<i>143</i>
5.2.	ANÁLISE DAS APROPRIAÇÕES .....	145
5.2.1.	<i>Análise da circulação de pedestres na borda.....</i>	<i>145</i>
5.2.2.	<i>Análise das atividades na borda .....</i>	<i>149</i>
5.2.3.	<i>Dinâmica das atividades .....</i>	<i>155</i>
<b>6.</b>	<b>ANÁLISE DA BORDA VARIÁVEL .....</b>	<b>163</b>
6.1.	DEFINIDORES DAS ROTAS .....	165
6.2.	OS PERCURSOS COMENTADOS.....	169
6.2.1.	<i>Borda Variável 1: evento de escala internacional (Flamengo x Grêmio)</i> <i>169</i>	
6.2.2.	<i>Borda Variável 2: evento de escala nacional (Flamengo x CSA) .....</i>	<i>177</i>
6.2.3.	<i>Borda Variável 3: evento de escala "local" (Flamengo x Bahia) .....</i>	<i>190</i>
6.3.	ELEMENTOS ESTRUTURADORES NOS PERCURSOS .....	197
<b>7.</b>	<b>ANÁLISE DAS DINÂMICAS DAS BORDAS .....</b>	<b>206</b>
7.1.	CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES .....	207
7.2.	CONFLITOS E POTENCIALIDADES .....	210
7.3.	PRINCÍPIOS PROJETUAIS .....	214
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>220</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>224</b>

## LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1: Localização da área de estudo, 2020</i> .....	23
Figura 2: Esquemas da paisagem urbana estudada em 1937, 1960 e atual .....	65
Figura 3: Tijuca em 1825, por Thomas Ender.....	70
Figura 4: Área do Derby Club.....	72
Figura 5: Área do Derby Club.....	72
Figura 6: Foto Derby Club, c.1910.....	73
Figura 7: Terreno e estudo de sondagem para a construção do Estádio. ....	76
Figura 8: Projeto original da quadra do Estádio. ....	77
Figura 9: A construção do Estádio.....	79
Figura 10: Vista aérea das obras em vias de conclusão .....	79
Figura 11: Operários comemoram a finalização de uma etapa da obra e teste de peso da arquibancada.....	80
Figura 12: Símbolo popular e apropriação.....	81
Figura 13: Reportagem do Jornal o Povo na época da inauguração do Estádio .....	82
Figura 14: Paisagem do Maracanã década de 1970 .....	87
Figura 15: Paisagem do Maracanã – década de 1980.....	87
Figura 16: Maracanã enquanto símbolo carioca .....	88
Figura 17: Capas da Revista Placar nº 338 e 339.....	89
Figura 18: Símbolo popular e apropriação.....	90
Figura 19: Estádio lotado para o jogo FLA X FLU.....	91
Figura 20: Decisão do Campeonato Brasileiro 1980 - Flamengo x Atlético-MG. ..	92
Figura 21: O Maracanã completa 25 anos de inauguração .....	93
<i>Figura 22: Reportagem 9/2/1997 início das discussões sobre a privatização</i> .....	95
Figura 23: Área de casas demolidas da Favela do Metrô, na comunidade da Mangueira.....	98

Figura 24: Projeto básico para reforma do entorno do Maracanã 2009 .....	102
Figura 25: Poligonal de tombamento .....	103
Figura 26: Portões de entradas e saídas de pedestres e veículos do estádio .....	115
Figura 27 Maracanã Nomeação das entradas ao estádio.....	116
Figura 28: Esquema de aplicação prática do protocolo de segurança.....	117
Figura 29: 6 trechos de percurso comentado da tese .....	122
Figura 30: Evolução morfológica desde o Derby Club até o Maracanã atual (de 1830 até 2018).....	130
Figura 31: Borda Permanente, 2020.....	131
Figura 32: Mapa: Figura Fundo e Mapa: Espaço Livre Público, 2020.....	132
Figura 33: Borda na Avenida Maracanã .....	133
Figura 34: Borda na Avenida Prof. Manoel de Abreu e Rua Mata Machado .....	134
Figura 35: Borda na Avenida Prof. Eurico Rabelo .....	135
Figura 36: Borda na Avenida Castelo Branco (Radial Oeste).....	136
Figura 37: Hierarquização Viária .....	137
Figura 38: Uso do solo do entorno imediato.....	138
Figura 39: Arborização da borda, 2020 .....	139
Figura 40: Tipologia de vegetação encontrada na borda .....	140
Figura 41: Palmáceas visando marcar a referência para a cidade com ponto focal.....	141
Figura 42: Arborização preservada na Rua Mata Machado, que é a maior copa da borda .....	141
Figura 43: Aero fotos Maracanã nas datas de 11/06/2003 e 24/01/2014 .....	142
Figura 44: Mapa Mobiliário Urbano .....	143
Figura 45: Levantamento da Iluminação Pública .....	144
Figura 46: Tipologias de postes encontrados na borda permanente .....	145
Figura 47: Mapa de faixa de pedestres e passarelas .....	146
Figura 48: Fotos de travessias de pedestres .....	146

Figura 49: Mapa Equipamentos e influências cotidianas ou eventuais na área de estudo .....	147
Figura 50: Jovens do colégio militar usando a borda .....	148
Figura 51: Acesso da Escola Friedenreich .....	148
Figura 52: Mapa de fluxos de intensidade da borda no dia de semana (1) e fim de semana (2) .....	149
Figura 53: Prática de exercícios no calçadão .....	150
Figura 54: Atividades de lazer familiar.....	151
Figura 55: Turistas tirando fotos na estátua do Bellini. ....	151
Figura 56: À esquerda, o comércio ambulante que atende aos usuários cotidianos; à direita, o comércio ambulante voltado aos turistas.....	152
Figura 57: Mapa das atividades que implicam permanências na Borda nos diferentes períodos do dia .....	153
Figura 58: Estudo de Análise das Permanências .....	158
Figura 59: Portões de saída de veículo na rua Professor Eurico Rabelos.....	164
Figura 60: Mapa de Mobilidade Urbana .....	166
Figura 61: Fluxo de veículos .....	167
Figura 62: Mapa de desvios de trânsito gerado pelos eventos.....	168
Figura 63: Interdições das avenidas Radial Oeste, Maracanã e Manoel de Abreu .....	168
Figura 64: Exemplos de ruas interditadas. Av. Maracanã e Av. Professor Eurico Rabelo.....	169
Figura 65: Mapa de fluxo de pedestres na evacuação do evento .....	170
Figura 66: Identificação do posicionamento policial durante o evento .....	171
Figura 67: Fotos das pessoas assistindo ao jogo na Praça Varnhagen .....	172
Figura 68: Torcedores no calçadão .....	173
Figura 69: Calçada direita da Av. Maracanã escura, com posteamento escondido pela arborização .....	173
Figura 70: Fotos das interrupções com grades e policiais .....	174

Figura 71: Mapa – Percurso Comentado 1.....	174
Figura 72: Mapa – Percurso Comentado 2.....	175
Figura 73: Estudo da evacuação da saída pela passarela – fluxo x intensidade .....	176
Figura 74: Fluxos de torcedores na evacuação pela Rua São Francisco Xavier	177
Figura 75: Fluxos de torcedores na evacuação pela Avenida Maracanã .....	177
Figura 76: Efetivo de segurança pública e privada do evento.....	178
<i>Figura 77: Localização do Efetivo de Policiamento na Borda .....</i>	<i>179</i>
Figura 78: Mapa: Fluxos mais intensos na evacuação dos eventos e identificação dos portões de acesso .....	180
Figura 79: Percurso comentado 3: rota de acesso .....	182
Figura 80:Apropriação por ambulantes .....	183
<i>Figura 81. Percurso comentado4: rota de evacuação .....</i>	<i>184</i>
Figura 82: Apropriações de permanência antes do jogo.....	185
Figura 83: Apropriações de ambulantes e coletores de latinhas pós-jogo .....	185
<i>Figura 84: Torcedores com mobilidade reduzida na evacuação do estádio ....</i>	<i>185</i>
Figura 85: Percurso comentado 5, rota de evacuação.....	186
Figura 86: Concentração dos ambulantes de alimentação.....	187
Figura 87: localização da polícia quando com carros.....	188
Figura 88: Foto da escuridão faixa lateral da Av. Maracanã.....	188
Figura 89: Estudo da evacuação saída portão "B" – fluxo x intensidade .....	189
Figura 90: Segurança da Borda .....	191
Figura 91: apropriação do Espaço Público pelas grades .....	192
Figura 92: Fluxo de evacuação .....	192
Figura 93: Percurso Comentado .....	193
Figura 94: Ambulantes na Av. Radial Oeste .....	194
Figura 95: Parada de táxi clandestina pós-jogo ocupando a margem do rio Joana .....	194

Figura 96: Embarque irregular de van para Niterói e ônibus de excursão de Rio Bonito .....	195
Figura 97: Coleta do lixo uma hora após o jogo .....	195
Figura 98: Estudo da evacuação saída "A" – fluxo x intensidade .....	196
<i>Figura 99: Polo Gastronômico da Tijuca é formado pelo quadrilátero: Praça Varnhagen, Rua Felipe Camarão, Rua Pereira Nunes, Rua Dona Zulmira e Rua dos Artistas, além da adjacente Rua Visconde de Itamarati .....</i>	<i>197</i>
Figura 100: Serviços gastronômicos no entorno do estádio.....	198
Figura 101: Praça Varnhagen em dia de jogo .....	198
Figura 102: Torcedores assistindo ao jogo no Polo Gastronômico da Tijuca, Flamengo x Grêmio.....	199
Figura 103: O sistema de espaços livres do entorno, destacando as principais praças.....	200
Figura 104: Quadro sintético de caracterização das praças do entorno .....	201
<i>Figura 105. Borda Variável 1 .....</i>	<i>204</i>
Figura 106: Borda Variável 2.....	205
Figura 107: Esquema de potencialidades .....	207
Figura 108: Espaço livre no Célio de Barros, local do Hospital de Campanha para COVID 19, 2020.....	210
Figura 109: Mapa com a análise da paisagem urbana das bordas variáveis....	212
Figura 110: Mapa de análise das potencialidades da área .....	213

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico1: Quantidade de vezes que apareceu a palavra Maracanã no Jornal Estadão .....	67
Gráfico2: Quantidades de vezes que apareceu a palavra Maracanã no jornal O Globo .....	67
Gráfico3: Cronologia dos principais fatos envolvendo a FIFA.....	77
Gráfico 4: Evolução da população do bairro Maracanã .....	98
Gráfico5: Equipamentos do complexo do Maracanã que correram risco de demolição .....	104
Gráfico 6: Linha do tempo da inauguração dos equipamentos do Complexo do Maracanã .....	104
Gráfico 7: Esquema dos procedimentos para a identificação e análise da borda permanente .....	109
Gráfico 8: Esquema dos procedimentos para a identificação e análise da borda variável .....	114
Gráfico 9: Procedimentos metodológicos .....	121
Gráfico 10: Números de pessoas observadas por atividades (dia de semana e fim de semana).....	155
Gráfico 11: Diferença de atividades por hora. Dia útil e Fim de semana.....	156
Gráfico 12: Curva de usos e apropriação.....	156
Gráfico 13: frequência de atividades no calçadão-borda. ....	157
Gráfico 14: Média de Público por dia de semana referente ao ano 2019. ....	164
Gráfico15: Média de ocupação do público do Flamengo em 2019 no Campeonato Brasileiro (1), Campeonato Libertadores da América (2) e no Campeonato Carioca (3).....	165
Gráfico 16: Relação de conflitos nas várias escalas.....	206
Gráfico18 Ccaracterísticas sociais dos Bairros da área de estudo.....	237
Gráfico19: Evolução populacional em números absolutos .....	238
Gráfico20: Quantidade de árvores na borda segundo o levantamento realizado no local. ....	238



## TABELAS

Tabela 1: Distribuição populacional da Cidade do Rio de Janeiro nos quatro momentos identitários. ....	64
Tabela 2: Os dez maiores públicos do Estádio do Maracanã .....	90
Tabela 3: Métodos e instrumentos para o estudo do objeto-borda.....	107
Tabela 4: Relação das fases das visitas de campo cotidianas .....	109
Tabela 5: Relação das visitas durante os jogos de futebol.....	118
Tabela 6: Jogos do Flamengo de 2019 em que se adotou o protocolo de segurança no Maracanã e que foram a base do trabalho de campo .....	119
Tabela 7:Ações esporádicas de apropriação do calçadão-borda .....	154
Tabela 8: Síntese das características do recorte analisado .....	161
Tabela 9: Atributos de leitura do lugar.....	203
Tabela 10: Comparação dos atributos de pracialidade, seus problemas e potencialidades .....	214
Tabela 11: Princípios projetuais .....	215

## **LISTA DE SÍMBOLOS, ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>ABNT</b>	Associação Brasileira de Normas Técnicas
<b>BP</b>	Borda Permanente
<b>BV</b>	Borda Variável
<b>EL</b>	Espaço Livre
<b>EP</b>	Espaço Público
<b>EIV</b>	Estudo de Impacto de Vizinhança
<b>FIFA</b>	Federação Internacional de Futebol
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro Geográfico
<b>IPHAN</b>	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
<b>NBR</b>	Norma Brasileira
<b>PC</b>	Percurso Comentado
<b>QUAPA</b>	Quadro de Paisagem Urbana
<b>RIV</b>	Relatório de Impacto de Vizinhança
<b>SEL</b>	Sistema de Espaços Livres

## APRESENTAÇÃO

Em 2012, após onze anos de término do mestrado, reiniciei formalmente minha atividade como pesquisadora no Instituto Virtual de Mudanças Globais-IVIG-COPPE-UFRJ, contratado pelo Ministério do Esporte para um projeto de pesquisa denominado ME LAUDOS<sup>1</sup>, que visava a um estudo para elaboração de novos procedimentos para aprimoramento dos laudos técnicos em estádios de futebol, de acordo com exigência do Decreto N°. 6.795 que regulamenta o artigo 23 do Estatuto do Torcedor e a classificação dos estádios de futebol conforme suas condições de segurança, conforto e acessibilidade. A pesquisa foi desenvolvida por uma equipe multidisciplinar, composta por arquitetos e urbanistas, economistas, engenheiros, agrônomos, biólogos e policiais militares, a qual avaliou 256 estádios do Brasil.

Aproximei-me ainda mais do tema participando de outra pesquisa, denominada Projeto Arenas<sup>2</sup> - Sustentabilidade Ambiental em Estádios de Futebol: Estudo de Adequação das doze Arenas da Copa do Mundo de 2014 à Realidade Legal Brasileira, que versava sobre a confrontação do padrão FIFA aos padrões legais e culturais brasileiros, nos doze estádios da Copa FIFA 2014, por apresentarem não-conformidades tanto com o marco regulatório brasileiro, quanto com a cultura nacional. Dessa forma, o objetivo era garantir o melhor atendimento às questões de segurança, acessibilidade e higiene, entre outros, segundo determina o Estatuto do Torcedor (Lei 10.671/2003 [Lei Ordinária] de 15/05/2003). Avaliaram-se as doze arenas que sediaram a Copa do Mundo 2014 e foram produzidos artigos científicos com a colaboração de dez estudantes de iniciação científica da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ).

---

<sup>1</sup> Contribuímos para a pesquisa construindo o laudo de acessibilidade, adequado à NBR 9050 e que hoje é utilizado pelo Ministério dos Esportes para classificação dos estádios de futebol em todo o território nacional.

<sup>2</sup> Pesquisa coordenada pela Professora Sylvia Meimaridou Rola, além de outros professores integrantes, como Mauro César de Oliveira Santos, Neilton Fidelis da Silva, Marcos Aurélio Vasconcelos de Freitas, Leandro Andrei Besser De Deus, José Joaquim Dutra De Andrade, Rodrigo Pacheco Ribas, Euridice Soares Mamede de Andrade, Mariana Padilha Campos Lopes, Kelly Cristina Pereira, Daniel de Berredo Viana, Monique Branco Vieira, Mario de Oliveira Filho. Financiador: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Auxílio financeiro.

A partir daí, intensifica-se minha inquietação em relação às arenas esportivas e seus novos padrões de segurança e inserção urbana, que afetam o uso e identidade originais, não só do estádio em si, mas de todo um contexto urbano, no qual estão inseridos. Conseqüentemente, de forma a aprofundar ainda mais o tema, sob uma nova ótica, que aborda as influências de arenas esportivas em áreas urbanas e vice-versa, esta tese desenvolveu um estudo de caso – o Maracanã, estendendo-se não apenas ao estádio, o objeto arquitetônico em si, mas a toda a sua área de influência em um entorno urbano.

## INTRODUÇÃO

---

O Estádio do Maracanã reflete um dos verdadeiros “templos do esporte”, exemplo de lugar com identidades que se transformam perpassando gerações. Inaugurado em 1950, ele constrói uma memória social por meio das inúmeras representações acumuladas no tempo, desde a sua concepção até os nossos dias.

Localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, situa-se na Área de Planejamento 2 (figura 1), que engloba os bairros do Maracanã, Tijuca, Vila Isabel e Praça da Bandeira. Ele se limita ao norte pela Avenida Castelo Branco, conhecida como Avenida Radial Oeste; ao sul, margeia a Praça Saens Pena; e, ao leste e oeste, pelos bairros vizinhos – Praça da Bandeira e Vila Isabel.

Detecta-se que o calçadão que rodeia o Estádio do Maracanã sofreu transformações desde a sua construção, principalmente após a reforma de 2014, a qual acarretou conflitos culturais e funcionais, mostrando impactos, tanto na borda, quanto no entorno urbano imediato.

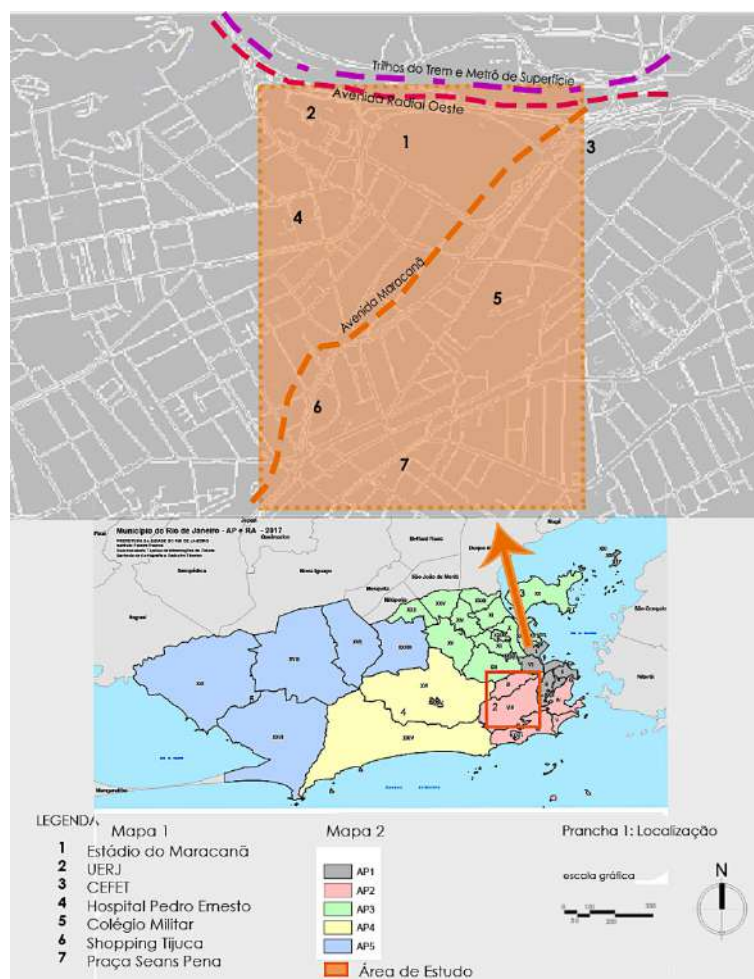
Embora o governo tenha tido a intenção de conferir-lhe uma imagem positiva, a quantidade de recursos<sup>3</sup> utilizados na reforma do Maracanã para transformar o “estádio” em “arena” e adequá-lo aos padrões de conforto, segurança e acessibilidade preconizados pelo “padrão FIFA” não satisfaz tal expectativa. Os objetivos traçados não foram alcançados em seu exterior pela desertificação percebida no cotidiano, confrontante com o “mar de gente” que se apropria do entorno em dia de evento.

As verbas das reformas são destinadas ao edifício-estádio, desconsiderando o complexo esportivo, que também inexistente na memória indentitária do povo. Hoje esse complexo apresenta funcionalidades distintas, acessos independentes, administração e gerenciamento autônomos. A nomeação só foi obtida na fase de idealização do projeto e não se dispõe de referências quanto à sua tipologia.

---

<sup>3</sup> No Rio de Janeiro, o total dos investimentos previstos obteve um incremento de 65%, passando do valor inicial de R\$ 2,2 bilhões para quase R\$ 3,4 bilhões. O maior investimento ocorre na implantação de infraestrutura de mobilidade urbana (54,6%), seguido dos investimentos na reforma do Maracanã, que representam 30,7% dos recursos previstos (GAFFNEY, 2008).

Figura 1: Localização da área de estudo, 2020



Fonte: Elaborado pela autora baseado no mapa do Governo do Estado do Rio de Janeiro, 2020.  
<http://mapas.rio.rj.gov.br/#/> Acesso em jun.2018

A borda do Maracanã se apresenta como uma ruptura no tecido urbano consolidado, isolando o Maracanã da vizinhança adjacente, com grandes avenidas e ausência de espaço livre público destinado ao convívio e ao lazer. Assim, apresenta-se a hipótese de que a infraestrutura presente no calçadão-borda do Maracanã amplifica a variação da dinâmica da paisagem – com ou sem evento esportivo, contribuindo tanto para o surgimento de conflitos funcionais, quanto para as dinâmicas socioculturais integradas ao sistema de espaços livres.

Desse modo, o objetivo geral da pesquisa é compreender a influência da dinâmica da arena esportiva – Maracanã – na construção da paisagem urbana de seu entorno. Como objetivos específicos, incluem-se:

- caracterizar a paisagem urbana como fruto de um processo cultural realizado ao longo do tempo;

- entender a influência escalar do Maracanã na paisagem como resultado de sua diversidade funcional;
- entender como a diversidade funcional do Maracanã cria uma borda variável de influência que transforma a paisagem;
- identificar as possíveis pracialidades que ocorrem na borda permanente do Maracanã;
- reconhecer os conflitos projetuais que suportam as relações socioculturais na borda permanente e na variável.

Para responder a hipótese, a tese se respalda em referenciais teóricos que trabalham com os conceitos de identidade, lugar, pracialidade, paisagem urbana, sistema de espaços livres, arquitetura esportiva (arena) e borda. E ainda discute alternativas de que é possível conciliar os conflitos que se estabelecem na borda do Maracanã em função de suas diferentes dinâmicas, garantindo a sua vitalidade permanente.

O recorte espacial da tese se configura em duas escalas de dinâmicas de ocupação da borda. A primeira, global, dos momentos dos eventos e megaeventos; e a segunda, local, referente às práticas cotidianas urbanas. A partir desta conformação, definem-se duas formas de ocupação pelas atividades detectadas no espaço urbano da cercania do estádio. O entorno delimitou-se desde a vizinhança e se expandiu até o desconhecido, cuja amplificação só se pode delimitar com a finalização da pesquisa.

#### **Borda Permanente: cotidiano**

As atividades cotidianas exercidas – de passagem e/ou permanência no calçadão que margeia o estádio – delimitam o estudo da Borda Permanente, que espacialmente se apresenta invariável. Estes espaços livres conformam diferenças significativas de usos, que se refletem em sua franja seccionada pelo interior e exterior do lugar.

#### **Borda Variável: eventos – jogos de futebol**

A borda variável é assim denominada porque sua dimensão e forma variam de acordo com a função da dispersão dos torcedores em jogos de futebol, em consonância com o tipo de evento (campeonato). Esse movimento também altera a aglomeração que impacta no entorno imediato e se expande em direção aos bairros da Tijuca e Maracanã.



A amplificação da borda variável em direção aos bairros de Vila Isabel e Praça da Bandeira demonstra a inexistência de impacto suficiente que possibilite seu estudo, pois em ambos a dispersão dos torcedores acontece de forma espraiada, diferentemente do bairro do Maracanã e de parte da Tijuca, em que a aglomeração e os impactos são intensificados.

O **recorte temporal** do levantamento de campo abarcou o ano de 2019. A Borda Permanente foi estudada no período diurno, enquanto a Borda Variável foi analisada no período noturno, conforme as principais atividades praticadas e os impactos gerados por elas. A espacialidade do calçadão do entorno é estabelecida de formas diferente, dependendo das atividades cotidianas diurnas (em dias úteis e no fim de semana). Finalmente a análise se substancializa como Borda Permanente, após serem detectadas as pracialidades.

Já os jogos de futebol estudados só aconteceram durante a noite, devido a protocolos de segurança expedidos para os eventos, e a previsão de público máximo variou de 40.000 a 70.000 torcedores transitando pela área. As relações diurnas, noturnas e suas práticas são diferenciadas e influem na delimitação das bordas Permanente e Variável, estabelecendo a importância do estudo de caso desta pesquisa – como as dinâmicas do Maracanã contribuem para a construção da paisagem urbana, de seu entorno.

Pela sua fama global como o maior estádio do mundo e celeiro dos craques brasileiros, o Maracanã chegou a ser no Rio de Janeiro o segundo lugar mais visitado pelos turistas. “Templo do futebol”, o Estádio Jornalista Mário Filho é um lugar com significado simbólico, cultural e emocional que perpassa gerações e constrói uma memória social repleta de representações (TAVARES e VOTRE, 2015).

O edifício-estádio se destaca no espaço urbano pela sua grandiosidade. É um local de grande importância no mundo esportivo, cenário de diversos jogos que reúnem milhares de indivíduos (MENEZES, 2009). Sua arquitetura e sua organização física se destacam no território, juntamente com as práticas de uso e apropriação. É um elemento constituinte das imagens culturais e urbanas de uma comunidade (TAVARES e VOTRE, 2015), um marco visual na paisagem urbana, uma arquitetura que constitui um conjunto analisável de signos e se transforma em “lugar” pelas experiências que perpassam o seu interior e se estabelecem no seu entorno.

O entorno do estádio se configura como borda, membrana, zona de amortecimento, espaço livre de edificação, área de dispersão, praça seca, *border*

zone, área que às vezes se apresenta árida e desértica e, em outras ocasiões, populosa, tumultuosa e viva. Ele transmite sempre dicotomias de percepções materiais e abstratas, espaço e contra espaço, cultura global e local, privatização do espaço público e politização do privado, *pracialidades* e *não-lugares*, isto é, múltiplas identidades sincrônicas comuns na pós-modernidade.

Arroyo (1997) define que a borda no espaço arquitetônico é uma franja, uma área ou espaço de borda que se pode produzir e experimentar por meio de práticas subjetivas como um espaço predominantemente linear, que separa áreas diferentes, lateralizadas pelo percurso. Lugares que ficam encerrados ou separados pelas bordas, que são apreendidos de um modo diverso: é o limite que marca a abertura ou fechamento para outro espaço distinto, dando vez à experiência.

A borda do Maracanã acompanha *pari passu* as próprias transformações do objeto edificado, o estádio em si, desde sua concepção em área periférica às centralidades até os dias atuais. Ele está inserido em um dos bairros de maior densidade populacional e de expressiva centralidade urbana.

Reflete-se, aqui, sobre as razões pelas quais a atual borda do Maracanã não foi construída reconhecendo a escala humana, de modo a criar uma borda de transição entre a paisagem local do entorno e o estádio, uma vez que há indicativos paisagísticos definidos pela FIFA para tal. Estudou-se a borda segundo os parâmetros da FIFA (Federação Internacional de Futebol) sob dois aspectos. Primeiro, as diretrizes gerais da Copa exigiam uma zona de exclusão em torno dos estádios de 2 km, onde não poderia haver comércio que atendesse aos jogos. Além disso, a borda deveria se portar como Zona 4 de segurança do estádio, área de evacuação do padrão FIFA que deve suportar a totalidade dos espectadores em caso de pânico.

A borda urbana, calçadão, mesmo que seja um espaço livre, árido, desprovido de arborização e de mobiliário urbano, segundo Queiroga (2001), pode ter o sentido de praça mesmo que oficialmente não o seja representado. Afinal, simbolicamente, ela é uma forte referência urbana. Apesar das dinâmicas da borda não serem definidas formalmente como praças, pode-se inscrevê-la na situação de *pracialidade*<sup>4</sup>, condição esta que caracteriza o espaço como local propício ao encontro e comunicação da

---

<sup>4</sup> Queiroga conceitua *pracialidade* como um espaço público que não necessariamente se denomina praça, mas se torna local de encontro, convívio e manifestações públicas.

população na cidade, não se atendo apenas a seu caráter físico, mas também ao modo como ele é usado pela sociedade.

Assim, buscou-se entender a identidade do lugar a partir dos diferentes significados adquiridos e contextualizados ao longo do tempo, estudando-se o processo sociopolítico e arquitetônico-urbanístico da idealização, construção e reconstrução, e observando, especificamente, suas transformações de uso. Compreendem-se, dessa forma, seus valores de singularidade, forma e função e como os indivíduos usam e representam esse lugar e a maneira como ele se torna um ícone para uma sociedade (VERTINSKY e BALE, 2004).

No **Capítulo 2 – Referencial Teórico** –, abordam-se distintos autores e suas formulações sobre nosso tema. Entre eles, estão: Hall (várias identidades e crise de identidade gerada pela homogeneização da cultura); Milton Santos (as várias formas de influência da globalização sobre os indivíduos); Harvey (resistência à globalização pela qualificação especializada local); Tuan (a relação de intimidade como condição para a apropriação de um lugar); Brackeleire (aplicação da premissa de identidade e responsabilidade a toda forma de apropriação); Magnoli (a relação entre o espaço livre e o edificado); Macedo (o espaço livre como formador da malha urbana); Queiroga (o conceito de *pracialidade* definido como resultante de apropriações); Arroyo (definição da borda como franja, membrana separadora de práticas subjetivas) e Traganou (conceituação da *Border zone* como área de fronteira).

Tenciona-se ainda conceituar e qualificar os diferentes espaços livres que constituem o entorno do Maracanã, o qual existe essencialmente em função de um espaço livre – o campo. A arquitetura emblemática do estádio determina, por sua vez, a necessidade de uma borda livre, a qual, também, difere em forma e valores em seus diferentes momentos urbanos.

No **Capítulo 3 – Os “Maracanãs” de todos os tempos** –, observam-se três fases em que o Maracanã representa ideais sociais de diferentes grupos de atores urbanos. A primeira, seguindo uma tendência internacional das décadas de 1930 a 1950, quando os países priorizavam a construção de estádios com capacidade acima das 48.000 pessoas, visava democraticamente à população como um todo. O Maracanã fecha esse ciclo com a construção do estádio em 1950 para mais de 100.000 espectadores.

A fase seguinte versa pela diminuição da capacidade do estádio, reforçada pelo início das transmissões televisivas, mas a identidade se reforça com as memoráveis disputas futebolísticas cariocas. A partir de 1990, inicia-se a busca por conforto,

segurança controlada e compartimentação do público, com elevação dos preços dos ingressos e aumento da rentabilidade do equipamento por todos os meios possíveis, incluindo as transmissões televisivas, a venda de publicidade e uma programação diversificada de eventos.

O capítulo demonstra ainda que as transformações do estádio modificam o entorno urbano e por este são afetadas, analisando a paisagem urbana desde a presença do Derby Club, local de construção do estádio, até a atualidade, com o seu funcionamento em uma das centralidades da metrópole, capital do estado do Rio de Janeiro.

No **Capítulo 4 – Metodologia**, a tese se desenvolve com um Estudo de Caso e foi dividida em duas partes: teórico-conceitual e experimental. O primeiro momento abarca as questões históricas e estado da arte das questões conceituais. O segundo momento é o levantamento de campo e as análises do material coletado.

Para o levantamento de campo, foi feita uma análise em duas partes e em duas escalas, a global e a local. Ela abarcou métodos e procedimentos diferentes para o estudo da borda permanente das atividades cotidianas e para o estudo da borda variável dos jogos de futebol, em especial jogos do Campeonato Brasileiro e da Copa Libertadores (Quadro 1).

Quadro 1: Relações de escalas da tese, 2021

	<b>Escala global</b>	<b>Escala local</b>
<b>Terminologia</b>	Borda Variável	Borda Permanente
<b>Relações espaciais</b>	Bairros Tijuca e Maracanã	Entorno imediato
<b>Atividades</b>	Jogos de futebol	Lazer cotidiano
<b>Período de análise</b>	Noturno	Diurno
<b>Espacialização</b>	Percursos nos bairros do Maracanã e da Tijuca	Calçadão-borda

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

No primeiro momento, realizou-se o levantamento de campo da borda cotidiana de modo quantitativo e descritivo, reconhecendo os aspectos morfológicos do calçadão-borda e, de modo qualitativo, com base na observação, fez-se o registro das

diferentes atividades dos usuários de modo cartográfico, identificando os arranjos espaciais, os fluxos e a distribuição das pessoas.

O estudo da borda compreende também a identificação e análise das apropriações dos espaços dotados de pracialidade e as atividades existentes nesses locais que elencam e avaliam os atributos qualitativos e seus níveis de pracialidade. Apresentam-se como elementos de identidade do lugar se portando como solução compensatória à deficiência de espaços livres qualificados. De acordo com Queiroga, mesmo que um espaço livre de edificação não se conforme como praça, graças aos equipamentos e objetos inseridos ele pode se portar como tal, pois quem define a praça é o que nela se realiza (QUEIROGA, 1998).

O levantamento de campo da borda variável foi feito de modo qualitativo, utilizando como método o percurso comentado registrado por vídeos e fotografias e representado cartograficamente, indicando as manchas de dispersão dos torcedores e os locais de concentração. Em um segundo momento, o estudo da borda variável avaliou que elementos presentes na paisagem urbana atuavam como influenciadores na definição dos percursos de dispersão dos torcedores, fossem eles de forma, como a largura das calçadas, ou funcionais, como a presença de bares ou ainda, de infraestrutura, como a iluminação pública.

Nos **Capítulos 5 e 6 – Análise das Bordas Permanente e Variável** –, apresenta-se o objeto de estudo em si e a pesquisa de campo que visa a identificar e entender as características e dinâmicas, além de reconhecer os aspectos formais, naturais e socioculturais do recorte da cidade que recebe o impacto dos acontecimentos do estádio e a experiência do usuário com esse espaço público. Dessa maneira, foi possível identificar e reconhecer duas formas de ocupação: Borda Permanente e Borda Variável, suas origens e suas relações com as paisagens urbanas. Essa investigação se deu elegendo a paisagem urbana como suporte para compreensão das bordas e materializando-se as observações em cartografia.

O estudo de campo da Borda Permanente buscou compreender como esta se comporta no dia a dia. Para tanto, analisou os temas de apropriações ativas e de permanência, confrontando-os com o sistema de espaços livres e com a paisagem urbana. Analisou-se também como essa borda é apropriada por frequentadores assíduos, durante a semana, e eventuais, nos finais de semana, em horários matinais, vespertinos e noturnos.

Para o estudo de campo da Borda Variável, foi analisado o impacto na paisagem em três jogos de diferentes alcances: um pelo campeonato nacional e outro por um torneio sul-americano. Por fim, como não foi possível realizar a observação do jogo municipal devido à pandemia de COVID-19, substituiu-se este por um jogo nacional de baixo impacto.

Para cada evento, analisaram-se os protocolos de segurança que acarretaram barreiras físicas, interdições de ruas do entorno e diferentes formas de evacuação. Verificaram-se os fluxos e as permanências mediante a metodologia de percurso comentado, pela qual a torcida foi observada durante o acesso ao estádio e em sua evacuação. Identificaram-se pontos de aglomeração e acompanhou-se a torcida também como pesquisador sombra, filmando e gravando os acontecimentos e experiências que ocorriam durante o trajeto. E, por último, pesquisou-se a evacuação visando fluxo, intensidade e tempo de dispersão.

Por fim, foi realizada a análise da borda variável – expandida sem a ocorrência dos eventos, utilizando-se os atributos de leitura do lugar e outros documentos. Entre estes, valemo-nos de imagens do *Google Earth*, levantamento aerofotogramétrico, Rio de Dados, IBGE e *sites* oficiais do município.

No **Capítulo 7 – Análise das Dinâmicas das Bordas: Avaliando e Compatibilizando as Bordas** –, são apresentados os conflitos urbanos resultantes das múltiplas dinâmicas espaciais e sociais. Pretendeu-se efetuar uma análise das possíveis relações entre as bordas detectadas e relacioná-las com a morfologia da cidade e suas dinâmicas, entendendo a Borda Permanente vivenciada pelo usuário como “ilha” que foi captada através da percepção cotidiana. Essa opção concorreu para que o sistema de espaços livres apresentasse suas descontinuidades pelo sistema de vias e percepção visual. A Borda Variável, inserida em um traçado urbano já consolidado, apresenta variabilidade social, funcional e tipológica, pois, graças aos atributos da paisagem urbana, detectaram-se fragmentações espaciais mediante o bloqueio das ruas e de acordo com o tipo do evento e protocolo de segurança.

Em procura de um espaço urbano democrático, a compreensão do conflito corresponde a um diálogo com a cidade, numa aproximação entre sistema de espaços livres, paisagem urbana e futebol. A busca pela continuidade de um cotidiano cultural por meio da ativação dos elementos urbanos e a incorporação de novas soluções paisagísticas com integração dos espaços livres induziu a relacionar os atributos de

pracialidade com seus problemas e potencialidades. E salientou igualmente os princípios projetuais que englobam conectividade, diversidade e vitalidade.

As **Considerações Finais** corroboram a hipótese apresentada e refletem-se sobre diretrizes que possam minimizar os conflitos do cotidiano confrontados com os dias de jogos de futebol, permitindo a permanente vitalidade para a borda.

Espera-se que esta tese logre fornecer subsídios para futuras pesquisas e que a discussão de ideias e a análise realizada possam contribuir para que a sociedade compreenda a importância cultural e social desse tipo de correlação entre espaço livre e edificado e seu entorno e vice-versa, possibilitando assim suas qualificações no contexto.



## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

---

O referencial teórico pretende elucidar as conexões das bordas detectadas com os conceitos de significação e das relações temporais e locacionais, políticas e sociais, arquitetônicas e urbanísticas com os usuários.

### **2.1. A borda pública da arena esportiva**

A arena esportiva é uma arquitetura que necessita de uma borda grandiosa, com identidades, usos e apropriações específicas. A unicidade deste espaço e suas dinâmicas é apresentado nos itens a seguir.

#### **2.1.1. A Arquitetura do Espetáculo**

Henri Ciriani (1999) acredita que um edifício emblemático atua como catalisador estratégico. Ele transforma a estrutura urbana e influencia o tecido urbano, assumindo “um papel superior ao do programa arquitetônico”, devido ao espaço público ou semipúblico que é capaz de gerar, reabilitando as fragilidades do entorno, com a função de melhorar as qualidades urbanas e reconhecer nesses espaços características da cidade tradicional – como sua boa legibilidade, fácil localização e conforto (CIRIANI, 1999). Assim, as arquiteturas emblemáticas se destacam pelos seguintes fatores: poder estruturador (ponto focal), significado histórico (história), grau de atração de atividades urbanas (centralidade), grau de evocabilidade e acessibilidade.

Para garantir o equilíbrio, a harmonia urbana e a unidade do conjunto e continuidade espacial, o arquiteto defende que um edifício emblemático deve obedecer a quatro regras, embora estas possam não ser viáveis em todos os casos: “identidade exterior” – o objeto arquitetônico deve destacar-se do contexto onde está inserido; “um interior” – o espaço interno da “peça” deve referenciar o conjunto inteiro, ser parte da cidade, uma contribuição aos espaços públicos; “reserva verde” – um terço da superfície da intervenção, no mínimo, deve ser reservada para uma zona verde, com o objetivo de não prejudicar a qualidade especial; “figura simples” – o objeto deve ter caráter de racionalização (CIRIANI, 1999). Desse modo, mais importante do que aquilo que o programa pode oferecer à cidade são as transformações no espaço público urbano e o aumento da sua qualidade, prerrogativa que a construção do equipamento pode gerar.

Os grandes eventos esportivos trazem consigo o que Graham chamou de “urbanismo de pontos de paisagem” (GRAHAM, 2006). Esta condição urbana é

caracterizada pelos pontos de controle implementadas pelas forças de segurança pública e privada que atuam em prol de interesses e territórios privados. A FIFA exige uma zona de exclusão que pode se estender num raio de até dois quilômetros do estádio. Dentro dessa zona, o espaço é considerado "Território FIFA", ou seja, uma área urbana que pertence ao evento e não mais à cidade (DIP, 2014).

Teoricamente, a zona de exclusão da FIFA implicava três sistemas de segurança interconectados mais distintos. Fora da área de exclusão, a polícia ostensiva, fortemente armada, é capaz de interferir em quaisquer situações de distúrbio urbano, protesto ou manifestação. Inicialmente, dentro da zona de exclusão (que não pode se confundir com uma zona de inclusão), os idealizadores do evento queriam a polícia não armada, não ostensiva. Na prática, as manifestações de 2013 e os decorrentes enfrentamentos violentos entre a polícia e a população fizeram com que o projeto de segurança pública nas imediações do estádio também fosse ostensivo.

Gafney, em 2014, dissertou que um elemento comum na realização dos megaeventos esportivos é a *performance* de segurança pública, tão importante quanto o desempenho das seleções nacionais, os sistemas de transporte e as logísticas do evento (GIULIANOTTI e KLAUSER 2009; BENNETT e HAGGERTY, 2011; HORNE e WHANNEL, 2012). "A Copa do Mundo é o momento oportuno para demonstrar força e ofertar aos sujeitos a sensação de poder confiar em um Estado consolidado" (MORAIS DA ROSA e KHALED, 2014, p. 1).

A competição entre as cidades globais, seguindo o "efeito Bilbao" de revitalização urbana, procurou funcionar como marcas em busca do sucesso instantâneo de público, turistas e retorno financeiro. Um edifício simbólico como o Maracanã, reimplementado mediante a commodificação do lugar, pretendeu empregar políticas públicas de facilitação de acesso e permanência.

A paisagem da sociedade contemporânea carioca é transformada pelas reformas do estádio, afetando a carga simbólica do Maracanã, que se caracteriza como um "não lugar". Encarados como opção de lazer pela grande média, commodificados pela indústria esportiva dos megaeventos, eles padecem um processo que induz à perda de consciência sociopolítica da arquitetura em detrimento da dimensão mercadológica.

A commodificação da cultura esportiva e da vida urbana, com o passar do tempo, permite construções sociais capazes de se integrar ao cotidiano de suas respectivas cidades e de adquirir modo de vida próprio. Independente do processo de

commodificação, a percepção do lugar, da marca Maracanã, cria espaços memoráveis, conforme Bloomer e Moore (1977): lugar físico, histórico e cultural.

Graças ao *placemarketing*, a reforma para a Copa apresenta um novo lugar da cidade, a fim de satisfazer a momentânea necessidade dos turistas do evento. Mas, sem pensar no legado, os edifícios simbólicos trouxeram espaços arquitetonicamente estéreis. Questionamos se o Maracanã, edifício-emblemático, desconectado de seu respectivo contexto físico e cultural, se torna uma categoria de “não lugar” e se apresenta uma nova diversidade de lugares na cidade produzida pelas forças econômicas dos estádios.

O “lugar” tem de possuir domínio público. O espaço do estádio possui similaridade com uma igreja, pois promove uma versão de experiência arquitetônica. É um espaço vital para a propaganda, tanto do catolicismo, como do futebol:

(...) “ o espaço urbano já não é apenas o das ruas e das praças: o espaço interno de uma igreja, de um adro, um pátio ou uma escadaria de palácio não é menos urbanístico pelo fato de ser fechado e não aberto. Ele é também um espaço social e a vida da cidade circula igualmente nesses espaços fechados” (ARGAN, 2004, p. 125).

Ainda Segundo Argan (2004), o estádio geralmente ignora o “lugar”, estabelecendo poucas relações com seus vizinhos. Dependente de um programa estritamente funcional, ele se confirma por um “espaço de passagem” e seu aspecto de edifício autossuficiente.

A visão global nos mostra que, enquanto nos preocupamos com a velocidade do mundo contemporâneo, nós nos deixamos levar pela homogeneização e competição da cultura globalizada, com forte influência da padronização dos sistemas de construção, e acabamos por desperdiçar a essência original e as peculiaridades do ambiente enquanto espaço único, ou seja, transformando-os em não-lugar (AUGÉ, 1992). O não-lugar é o espaço arquitetônico ou urbano sem representatividade de usos. Não se relaciona ao que no passado serviu como referência ou ressignificado, mas sim o espaço que não apresenta significado no presente nem no futuro; algo desorientado no tempo-espaço. Presume-se que o conceito de “não-lugar” se relaciona ao tempo-espaço, assim como a nossa perspectiva do que não se vivencia perde a identidade.

Nesse novo contexto paradigmático, a arquitetura de grandes eventos tem sua nova dimensão no espetáculo, visando a promover as cidades que desempenham um papel estratégico na globalização cultural e a competição entre as metrópoles. Essa

disputa global das cidades, sob o pretexto de renovação e revitalização, tem consequências no espaço urbano e arquitetônico local, buscando reforçar a imagem ao aproveitar o poder comercial das “arquiteturas icônicas<sup>5</sup>”. Em certa medida, elas buscam uma promoção mediante a comercialização da arquitetura icônica e disseminação do novo papel cultural. As cidades passam a investir em arquiteturas ícones, constroem edifícios com imagem forte e com formas espetaculares assinadas por um “arquiteto estrela”, assumindo-se como “marcas”, visando à aceitação da sociedade e garantindo publicidade e fama para a urbe.

No final do século XX, as cidades assumem um papel estratégico na globalização, que vem permitir o fenômeno denominado por Castells de “sociedades de informação”. Com o final da Guerra Fria, surgem duas relações de território: uma voltada para o mercado eletrônico global (território supranacional); e a outra que recorre a uma forte competição entre regiões, aspirando à captação de investimentos (território subnacional).

A socióloga e economista Sassia Sasken (2005, p.25), no início da década de 90, designou os locais que comandavam a competição de cidades globais. Essas novas urbes, tais como Nova Iorque, Londres, Paris e Tóquio, passaram a abrigar empresas multinacionais e grandes agentes corporativos, movimentando um grande capital econômico. Castells e Virilio (1997, 1993) verificaram então mudanças no modo de espacialização da sociedade, sendo que a produção, o poder e a experiência tenderam a transcender o espaço-tempo, modificando os fluxos globais.

Destaca-se, para este estudo, o efeito Bilbao, por meio do qual a representação cultural da arquitetura acontece através da mediação de exposições ou eventos, assim como o efeito Beaubourg – Bilbao, segundo o qual a produção arquitetônica é vista como um gesto cultural transformador, um elemento de *marketing* e de regeneração urbana. Considera-se ainda o efeito Prada, em que a valorização da arquitetura alcançou uma posição de consumo de luxo com recurso do “*star-system*” internacional, oferecendo uma imagem mais exigente, uma experiência de arquitetura de vanguarda aliada à experiência comercial (GADANHO, 2007). A Cidade de Bilbao manifestou interesse na sua implantação e possuía os requisitos exigidos: uma cidade periférica,

---

<sup>5</sup> Arquitetura icônica – são arquiteturas projetadas por arquitetos de renome internacional, que desempenham o papel de novos intermediários culturais.

que passou por um intenso processo de desindustrialização e que carecia de projetos para a regeneração urbana e valorização social e cultural.

Desde então, as cidades mais periféricas, espalhadas pelo mundo, anseiam pelo efeito Bilbao. Por meio da projeção de equipamentos culturais criados por arquitetos celebrizados, buscam uma nova identidade cultural para a cidade e o aumento da atividade turística, convertendo-se em produtos comerciais pelos quais os visitantes tratam suas experiências como uma meta para o consumo (URRY e LARSEN, 2011). Essas realizações não tinham em conta apenas o edifício como objeto isolado, mas a sua capacidade de transformar e integrar o sistema de espaços públicos das diversas cidades.

A competição global tem produzido novos espaços urbanos por meio de novos planejamentos que conformam o empreendedorismo urbano com a necessidade de incrementar o capital simbólico das cidades, com paradigmas de melhoria de oferta de lazer e serviço, visando a uma maior atração de turistas. Esse incremento é denominado *branding*. Ele aumenta o valor econômico do espaço urbano que se torna *commodity*, tanto associado ao turismo, quanto ao consumo de produtos e serviços.

A paisagem urbana, hodiernamente sob uma condição mediática, aspira a uma representação de uma realidade espetacular ficcional em que todas as versões urbanas se expressam na produção mediática de objetos arquitetônicos, enquanto o virtual passa a prevalecer sobre o real, passando a ser um desafio para imaginação, uma condição de produto do consumo. A arquitetura grandiosa e icônica, os edifícios emblemáticos vistos como valores culturais têm a capacidade de potencializar as intervenções urbanas em uma imagem qualitativa e atribuir uma dimensão na requalificação das cidades, independente da escala e localização dos equipamentos urbanos.

Esses equipamentos pontuam a cidade com marcos visuais e contribuem para a manutenção histórica, sendo uma forma de expressão na memória coletiva que se constrói sobre o território por meio do reconhecimento global. A política carioca de incentivo ao ícone se mostrava como a solução para todos os dilemas, sendo que hoje essas operações foram deflagradas em provas incriminatórias do investimento público (SANTIAGO BAPTISTA e MELÂNEO, 2015)

A arquitetura paradigmática permite legibilidade e uma boa orientação nas cidades contemporâneas, pois possibilita uma leitura de locais desconhecidos pela interpretação das formas geométricas dessas arquiteturas. No entanto, ela também

necessita apreender sua identificação e carece ainda de transmitir o caráter essencial de cada lugar com simbologia e comunicação particular.

Segundo o arquiteto Juhani Pallasmaa (2011), a arquitetura tem perdido a capacidade de comunicação, por ser uma expressão focada na "imagem visual". O autor afirma também que a arquitetura é a tradução da relação espaço e tempo; a "experiência existencial de pertencimento". Sendo assim, o espaço construído é percebido e apreendido não como conjunto de elementos formais, mas como um todo, por todos os sentidos, proporcionando uma experiência de memória e imaginação.

Pallasmaa (2011) afirma que os significados não são transmitidos pela forma, mas pelo sentido que as imagens transmitem e pela carga emocional recebida. Esses significados e sentimentos fazem com que uma arquitetura seja um objeto sensível e apropriado. A cidade global contemporânea vende seus espaços valendo-se da bidimensionalidade de uma *selfie* incapaz de revelar o verdadeiro significado de lugar e proporcionar identificação do sujeito captando memórias e imaginações. Do ponto de vista econômico, acontece uma transição do capitalismo industrial para o capitalismo informacional que abrange a escala global, na qual as redes financeiras passam a se interligar por meios tecnológicos (CASTELLS, 2003). As cidades vêm a assumir um papel estratégico na nova sociedade de cultura em rede, baseado no efeito mediático presente, resultado da evolução tecnológica e da consequente expansão dos *medias*. Esse processo enseja uma nova projeção universal da arquitetura, além de influenciar as decisões políticas e transformar a sociedade em um espaço de consumo (MOTA, 2016).

Com a expansão dos meios de comunicação, surge uma nova estratégia de produção que alia o espetáculo à sedução e ao consumo. A sociedade se converte numa sociedade de "sensações", em que tudo se espetaculariza, se dramatiza e se converte em experiência sensorial, conceito este definido por Gerhard Schulze (2003) e retomado por Daniel Innerarity (INNERATY, 2006, p. 40). Nuno Portas (2004) também postula que as experiências arquitetônicas, os ícones, contribuem para a requalificação, renovação e revitalização das cidades, após a desindustrialização. Para o autor, num período de oportunidades ocasionais, a prioridade deve ser a reabilitação dos espaços urbanos, a difusão da cultura por meio de equipamentos públicos, ainda que tal êxito pertença a poucos profissionais:

“La plusvalía de las intervenciones de prestigio debería beneficiar más a los tejidos [cf. termo original] intervenidos que la imagen de la arquitectura y sus “vedettes” (políticos incluidos)” (PORTAS, 2004, p. 222).

A preocupação (talvez) excessiva com a imagem na arquitetura, a questão icônica e o modo de produção arquitetônica têm sido criticados durante a última década. Se, para uns, o edifício icônico estava prestes a acabar, tendo mesmo Rem Koolhaas (1997) anunciado a “morte do ícone”, para outros ele veio para ficar, já que é uma das condições do arquiteto contemporâneo na história recente, conforme declarava Charles Jencks, no livro *The Iconic Building* (2005). Enquanto fenômeno global, o edifício icônico pode ser considerado como mais uma das manifestações do crescente e controverso processo de “commodificação” da arquitetura e da cidade contemporânea, fruto da substituição da economia industrial pela chamada economia cognitiva, que teve início com o incremento da globalização após o segundo pós-guerra.

Foi na pós-modernidade que alguns teóricos introduziram a discussão da arquitetura significativa que fosse capaz de comunicar lugares específicos e comprometer-se com a história e a expressão do ambiente construído. Considerando lugar como abrigo para as coisas, atos, acontecimentos e fenômenos, os teóricos pós-modernos foram buscar em campos multidisciplinares os saberes de espaço vivido e percebido pelos grupos humanos. A sociedade do espetáculo e a arquitetura do espetáculo visam à intenção do evento, vislumbrando a capacidade da arquitetura em construir a concepção de acontecimentos, mediante o prazer do consumo (DEBORD, 1997).

Baseado na filosofia de Heidegger, Norberg-Schulz (2008) afirma que todos os fenômenos existentes se relacionam com o lugar. E esses fenômenos determinam ambientes que contam a história e compõem a própria história, tornando-se o outro com o qual devemos conviver em nossa função de habitar o mundo (ALVES, 2003).

A reforma do Estádio do Maracanã busca nos conceitos de arquitetura do espetáculo, enquanto fenômeno global, atrair turistas de consumo de *selfies*, expulsando os torcedores locais do espaço público da borda.

### **2.1.2. A Borda da Arena Esportiva**

A borda surge conceituada em função do conceito global de megaevento, determinado pelo entorno enquanto borda, membrana, zona de amortecimento, espaço livre de edificação, área de dispersão, praça seca, *border zone*, área em que

às vezes se apresenta árida e desértica e em outras, populosa, tumultuosa e, talvez, insegura para a população local. Transmite sempre dicotomias de percepções materiais e abstratas, espaço e contra espaço, cultura global e local, privatização do espaço público e politização do privado, *pracialidades e não-lugares*.... As múltiplas identidades sincrônicas comuns na pós-modernidade.

Arroyo (2002) define que a borda no espaço arquitetônico é uma franja, uma área ou espaço de borda que se pode produzir e experimentar por meio de práticas subjetivas como um espaço predominantemente linear, que separa áreas diferentes, que ficam lateralizadas pelo percurso. Lugares que ficam encerrados ou separados pelas bordas se percebem de um modo diferente: é o limite que marca a abertura ou fechamento para outro lugar distinto, dando lugar à experiência.

A borda é conceituada segundo os parâmetros da FIFA - FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL (2007) de duas formas: primeiro, as diretrizes gerais da Copa exigiam uma zona de exclusão em torno dos estádios, de um raio de 2 km onde não poderia haver comércio que atendesse os jogos. E, segundo, a borda se porta como zona 4 de segurança de estádios, área de evacuação do padrão FIFA que deve suportar a totalidade dos espectadores em caso de pânico. Reflete-se, aqui, sobre as razões pelas quais a atual borda do Maracanã não foi construída reconhecendo a escala humana, criando uma borda de transição entre a paisagem local do entorno e o Estádio, uma vez que há indicativos paisagísticos definidos pela FIFA para tal.

Os grandes eventos esportivos trazem consigo o que Graham chamou de "urbanismo de pontos de paisagem" (GRAHAM, 2011). Essa condição urbana é caracterizada pelos pontos de controle implementados pelas forças de segurança pública e privada que atuam em prol de interesses e territórios privados. A FIFA exige uma zona de exclusão que podia se estender num raio de até dois quilômetros do estádio. Dentro dessa zona, tudo é considerado "Território FIFA", ou seja, ela é uma área urbana que pertence ao evento e não mais à cidade (DIP, 2014). Essa situação se desenvolveu até as raias do absurdo com a realização da Copa do Mundo de 2014.

Teoricamente, a zona de exclusão só poderia se estender em torno de dois quilômetros do estádio, mas, na prática, estendeu-se para a cidade inteira. As estações de metrô e trem contavam com efetivos da Polícia Militar nos seus entornos, os aeroportos receberam camadas extras de segurança, e as ruas de acesso à região do Maracanã foram altamente vigiadas. Em muitos aspectos, a cidade replicou a territorialização do estádio. Uma pessoa com uma credencial VIP ou da FIFA ou da mídia



podia passar por vários pontos do estádio, dependendo de seu papel no espetáculo. Da mesma forma, só os “cidadãos” do evento podiam transitar pelos territórios da cidade ligados à atividade.

Embora o esquema tático tenha mudado em relação aos jogos ao longo do torneio, a Polícia Militar sempre formava bloqueios no entorno do Maracanã para permitir, ou não, a passagem das pessoas. Nos pontos de circulação, os indivíduos portadores de ingresso para o jogo eram obrigados a exibi-los. Observou-se, assistindo aos jogos da Copa, que os bloqueios aumentavam conforme o tipo de ingresso e em relação aos acontecimentos recentes. Desse modo, é fundamental que os espaços públicos, gerados pela implantação de objetos arquitetônicos não sejam produzidos enquanto itens isolados, e sim como elementos integradores de um sistema global, assegurando ligações com elementos da rede preexistente e promovendo o desenvolvimento social.

A existência de bordas, fronteiras ou limites é, por vezes, a essência das identidades urbanas – aqui e acolá. São espaços fenomenológicos, de problematização socioambiental e funcional. Comumente, são ainda espaços de ruptura social (por proscrição, negação, segregação ou guetificação de grupos ou segmentos sociais), de degradação ambiental e desvalorização da paisagem e de desfuncionalidade por incompatibilidade de usos, déficit de serviços e obsolescência de infraestruturas. As bordas põem em dúvida o sentido do espaço público que se pressupõe fisicamente contínuo e social e culturalmente universal. As bordas atualizam, expressam e significam diferentes espacialidades e temporalidades da cidade.

Michel De Certeau (1990) expressa que o arquiteto congela lugares. A afirmação supõe a existência de uma imposição de forma sobre a qual opera a ação do indivíduo, que segue trajetórias no espaço tecnocraticamente construído. Esse espaço, irremediavelmente normatizado, fica exposto à ação que o articula, ação que, para Certeau, representa:

“...uma tática, um álibi do sujeito. A tática se explica por sua diferença em relação à estratégia; na estratégia há cálculo em um contexto de relações de forças, o indivíduo se circunscreve em um lugar de poder, se situa em um lugar próprio que lhe serve como base para o manejo de suas relações com uma exterioridade distinta” (CERTEAU, 1990, p. 46).

No caso da tática, não há lugar próprio, nem, portanto, fronteira que o distinga de outro como uma totalidade visível

“...não dispõe de uma base onde capitalizar vantagens. A tática, à diferença da estratégia, é fragmentária e oportunista, é parcial e deslocalizada. Muitas das práticas cotidianas são de tipo tático, sustenta o autor, que vê em particular em nossas cidades que as práticas táticas se multiplicam com o desmoronamento das estabilidades locais, como se, ao já não estarem fixadas por uma comunidade circunscrita, se desorbitam errantes” (CERTEAU, 1990, p. 47).

Queiroga (2012) entende que as bordas se comportam como espaços em que as separações físicas são nebulosas, são subjetivas. A riqueza das interações entre as ações que se estabelecem nos espaços livres e edificados, públicos e privados, deixa claro tratar-se de fronteiras e não de limites entre eles. Como fronteiras, são espaços de troca (membranas), mais do que espaços de separação. São esses atributos que os tornam mais diversos, ricos e complexos.

Traganou (2014) interpreta borda (*border zone*) como interação de escalas, ontologias e forças que criam sua função de campo magnético, tentando mostrar uma dialética entre espaço e contra-espaço que surge em condições de fronteira. As linhas materiais de separação entre espaços sociais, políticos e econômicos, limítrofes, podem dar lugar a novas articulações ou fronteiras dromológicas, baseadas na percepção do espaço como uma entidade elástica. A condição da fronteira transforma o espaço em um campo magnético que atrai e repele. Evoca tanto a recusa quanto o desejo de transgressão.

As cidades conformadas pelo predomínio dos cheios reforçam atributos globais do tecido urbano, tendendo a concentrar fluxos de circulação e a promover uma apropriação intensa dos espaços de uso público. O predomínio dos vazios tende a aumentar distâncias interurbanas, separar práticas sociais, dispersar fluxos. Devido à urbanização intensiva e ao vazio urbano da borda, os espaços livres se encontram muito fragmentados, conformando os itens, na sua maioria, isolados e distantes entre si, que pouco poderiam contribuir para as conexões biofísicas, embora logrem ser espaços de interação entre os tecidos urbanos do entorno. Nesse contexto, podem-se notar segmentos espaciais com dimensões significativas, com interrupções, o que, por sua posição relativa, permite a atuação sobre eles a fim de promover a continuidade entre alguns dos espaços paradigmáticos.

As bordas definem não só uma característica do espaço público da cidade contemporânea, como também uma de suas problemáticas mais agudas: a da cisão, a segregação, a interrupção da cidade como totalidade sistêmica, principalmente pelas arquiteturas monumentais, aspectos estes sobre os quais se centra o interesse desta tese. Sendo assim, considera-se a existência de bordas positivas e negativas. As bordas positivas são centrífugas, com potencialidade para pracialidade; elas constroem lugares, são ativas, com caráter de permanência enquanto espaço de concentração e sociabilidade. As bordas negativas são centrípetas, correspondem aos vazios urbanos, ao não-lugar; elas possuem uso temporário ou esporádico, atuam como espaços de dispersão, ou mesmo repulsão.

## **2.2. Identidade e lugar**

A identidade do estudo está associada diretamente ao lugar e se torna recíproco, pois as relações locacionais representam a afinidade com a arquitetura e com o entorno, tanto para os moradores vizinhos quanto os torcedores do estádio.

### **2.2.1. Identidade cultural**

Acredita-se que, ao longo de sua existência, o Maracanã foi alterado, não apenas na sua arquitetura, mas principalmente em função das diversas identidades que foram construídas a partir do estádio. O conceito de identidade é então aqui estudado com o propósito de compreender o processo de transformação do Maracanã à luz dos estudos culturais, isto é, valorizando acima de tudo sua relação com as pessoas, com a cidade e o mundo.

Para a sociologia, a identidade é construída – e o processo de construção acontece por sua origem, fim e atributos, conforme indica Castells (2002).

“A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo espaço” (CASTELLS, 2002, p. 23).

No entanto, o avanço da modernidade não destrói as especificidades e tampouco homogeneiza as culturas. Promove o choque entre culturas e instituições, entre o local e o global, de forma que as identidades se firmam e/ou se transformam, mas não desaparecem.

Segundo Milton Santos (2002), as pessoas não são igualmente atingidas pela globalização, cuja difusão se depara com obstáculos na diversidade das pessoas e dos lugares. Portanto, o mundo não está vivendo um empobrecimento cultural; ao contrário, tem havido uma extensão de repertórios culturais.

Como foi visto, no bojo do processo da globalização, ocorre uma tentativa de "homogeneização" cultural por meio da imposição e disseminação das culturas dominantes. Como resistência a esse processo, surge um movimento de valorização das especificidades locais. É nesse sentido que Harvey afirma:

"O encolhimento do espaço que faz diversas comunidades do globo competirem entre si implica estratégias competitivas localizadas e um sentido ampliado de consciência daquilo que torna um lugar especial e lhe dá vantagem competitiva. Essa espécie de reação confia muito mais na identificação do lugar; na construção e identificação de suas qualidades ímpares num mundo cada vez mais homogêneo e mais fragmentado" (HARVEY, 1993, p. 47).

Para os pós-estruturalistas, não pode haver sujeito individual ou coletivo anterior à política. Eles tratam da ideia de diferença de forma articulada e contextualizada nas brechas formadas entre as fronteiras culturais. Essa diferença não é posta por herança biológica ou geográfica, mas por sua manifestação, pelo fluxo de representações, articulando-se nos espaços existentes entre as identidades totalizantes e essencialistas. Dessa maneira, uma suposta legitimidade decorrente de uma tradição original, pura ou autêntica, deve ser encarada como parte da performatização da diferença. Nesse contexto, Sérgio Costa faz citação de Bhabha (1994):

"Termos do engajamento cultural, sejam eles antagonistas ou de filiação, são produzidos performativamente. A representação da diferença não tem de ser interpretada apressadamente como um conjunto pré-fornecido de caracteres étnicos ou culturais no âmbito de um corpo fixo da tradição. Da perspectiva da minoria, a articulação social da diferença representa uma complexa negociação em curso que busca autorizar os hibridismos que aparecem nos momentos de

transformação histórica. O “direito” de significar a partir da periferia do poder autorizado e privilegiado não depende da persistência da tradição; tal direito está fundado no poder da tradição de ser reinscrita por meio de condições de contingência e contradição que respondem às vidas daqueles que “estão em minoria”. O reconhecimento que a tradição louva é uma forma parcial de identificação. Retomando o passado, tal reconhecimento introduz outras temporalidades culturais na invenção da tradição. Esse processo torna estranho qualquer acesso imediato a uma identidade original ou tradição “recebida” (BHABHA, 1994, p. 2).

A questão que se apresenta é da relação entre comportamento, atitude, valor e identidade. Muitos esforços são envidados pelos cientistas sociais na tentativa de explicar a cadeia dos antecedentes diretos e indiretos que culminam no comportamento humano. Isso é de interesse no estudo da identidade e, dos diversos ingredientes que podem fazer parte para moldar uma identidade, destacamos os valores e as atitudes, nas suas evidências sobre o comportamento do sujeito. Certos modelos<sup>6</sup> de psicologia social foram desenvolvidos tendo por base a relação entre atitudes e comportamento enquanto outros modelos foram desenvolvidos sobre as relações entre valores e comportamento.

Lima (2009) defende que por meio dos acontecimentos é possível acessar o sistema de símbolos, ou melhor, a cultura de um povo. Assim, as formas da sociedade são a substância da cultura (GEERTZ, 1978); para entendê-las, é necessário se aproximar da área de estudo e conhecer as dimensões simbólicas das ações sociais desenvolvidas naquele lugar, tais como: arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum, etc. Devido à amplitude dessas dimensões, a análise cultural sempre será incompleta e de cunho interpretativo, mas esse fato não impede que seja ainda uma das melhores formas de compreender o ser humano, ou – dito de forma mais localizada – de apreender as principais características de uma comunidade humana. O autor declara que, para tomar nossas decisões, é preciso ter ciência de como nos sentimos a respeito das coisas; para saber como nos sentimos, é necessário dispor de imagens

---

<sup>6</sup> Três modelos de expectativa-valor podem ser destacados: Ação Racional, Ação Planejada e Ação Motivada.

públicas de sentimentos que somente o ritual, o mito e a arte podem fornecer (GEERTZ, 1978).

Tendo em vista que a cultura se ancora no espaço social graças à sua materialização em instituições, costumes, gestos, símbolos, etc., busca-se o conceito de *habitus* de classe (*ethos*), amplamente utilizado por Bourdieu desde 1975, como a melhor maneira para traduzir sociologicamente a cultura. Assim, o autor define *habitus* como o sistema das disposições socialmente formadas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador da gama das práticas e ideologias que marcam um grupo de agentes (BOURDIEU, 2005). Isso significar dizer que, em uma determinada cultura, existem esquemas inconscientes de percepção, concepção e ação, que segundo o autor são comuns aos membros de uma classe social.

É por meio desses esquemas, ou *habitus*, que as relações entre as práticas espaciais materiais (o vivido) e os espaços de representação (o percebido e o imaginado) se desenvolvem. E, ainda, é a partir das ações sociais resultantes da relação acima descrita que a cultura adquire “concretude” mediante a capacidade de simbolização do ser humano. Assim, a mesma é vivida e exteriorizada em atos muito diversificados, como festas, rituais, costumes cotidianos, etc.

O conceito de identidade, assim como o de pertencimento, só tem sentido se estiver relacionado à alteridade, pois a propriedade de alguém ser idêntico a si mesmo só ocorre se for em relação à diferenciação do outro.

“A noção de identidade está relacionada a um processo complexo construído a partir do desenvolvimento cognitivo humano que se fortalece a partir de uma determinada idade na qual a pessoa adquire autodeterminação e autorrealização” (HABERMAS, 1988, p. 147).

Segundo Lima (2009), a dimensão temporal é fundamental para o entendimento da identidade humana, pois é graças à história pessoal que a identidade é construída. Dessa forma, apesar da sensação que se tem de uma permanente identidade, ela apresenta uma constante possibilidade de mudança, pois os indivíduos não se mantêm os mesmos durante suas histórias de vida. A identidade está relacionada à memória e é construída através das influências de outras histórias de vida que se entrecruzaram e se tornaram significativas para a ontologia de determinado ser.

“Memória, identidade e história apresentam-se em um processo

de interação e construção: a memória constitui a identidade, à medida que reforça através de lembranças a unidade e continuidade do si mesmo ou o sentimento de pertencimento a um grupo; ao mesmo tempo, ela é constituída pela identidade, uma vez que o processo de identificação agirá na seleção e configuração dos episódios a serem lembrados, reordenando-os em uma nova história" (BAUER, 2004, p. 3).

Ou seja, nesse sentido a identidade é entendida como o conjunto de representações, sentimentos e opiniões que o sujeito tem sobre si mesmo. Para Tap (1985), o sujeito constrói seu lugar e assume suas posições na sociedade por meio da apropriação da cultura e das instituições sociais mediadas pelo outro. A identidade, portanto, forma-se no jogo das relações sociais à medida que o sujeito se apropria das regras, valores, normas e formas de pensar de sua cultura. Desse modo, a construção da identidade não é um processo imutável; ao contrário, revela-se altamente dinâmico e resultante de uma relação dialógica entre indivíduo e sociedade.

"Segundo Castells (2002) identidade é a fonte de significado e experiência de um povo. [...] No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado" (CASTELLS, 2002, p. 22).

Como forma de aprofundar a discussão, coloca-se a diferença entre identidade e papéis sociais ressaltando que, enquanto estes são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade, as identidades são formadas pelos próprios atores, graças a um processo de individuação. Castells (2002) afirma que as identidades são fontes mais importantes de significado do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolvem. Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções.

É fato que toda identidade é construída. Mas como e por que ocorre essa construção? Como ela se dá? A partir do que ela acontece? Essa gama de respostas se funde nas informações que são trabalhadas pelos indivíduos e grupos sociais tendo como base estruturante a cultura à qual pertencem. Dessa forma, significados são reorganizados em função de tendências sociais e projetos culturais arraigados em sua estrutura social, assim como em seu aspecto de tempo/espaço (CASTELLS, 2002). No entanto, tendo em vista o processo de desterritorialização decorrente da mundialização das forças produtivas e dos poderes capitalísticos, o homem

contemporâneo, em vez de ser possuidor de uma identidade unificada e estável, fragmenta-se e compõe-se não apenas de uma, mas de diversas identidades, que se adaptam às necessidades do momento. Assim, a identidade torna-se uma “celebração móvel” constituída e modificada em relação às formas que nos representam ou interpelada nos sistemas culturais que nos cercam (HALL, 2004).

Essa nova realidade mundial, que provoca a desterritorialização de coisas antes ao alcance de todos, além da disseminação de produtos culturais pinçados de diversas culturas, principalmente das dominantes, vem provocando um abalo considerável sobre as formas de identificação dos indivíduos, o que constitui uma verdadeira “crise de identidade” (HALL, 2004). Cada vez mais as comunidades se aproximam de uma convivência em tempo real e ficam mais abertas a influências externas. Assim, torna-se difícil manter as identidades culturais ou impedir que elas se fragilizem por força do bombardeamento e da infiltração cultural (HALL, 2004). Essa interdependência global leva a uma diversidade de estilos e culturas numa escala global. Portanto, com a influência de outras culturas, há uma tendência à homogeneização cultural, pela qual as pessoas começam a adaptar culturas alheias aos seus costumes.

Segundo Stuart Hall,

“...no interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidas a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas”(HALL, 2004, p. 87).

A homogeneização da cultura reflete relações das comunidades com o espaço urbano. Nesse processo, a globalização não considera as manifestações locais, afastando as pessoas do lugar.

### **2.2.2. Identidade e lugar**

A necessidade de observação das questões locais é ressaltada devido às reformas do Maracanã, que modificaram o desenho urbano de seu entorno, e também como forma de resistência à homogeneização cultural e de adequação à cultura local de um povo. O conceito identidade no espaço público – e, especificamente, o monumento do Maracanã – se apresenta de modo distinto para as pessoas que vivem no entorno e para quem por ali passa.

“A sensibilidade historiadora se ancora no tempo, na



interpretação sempre mutante entre passado, presente e futuro. As mudanças no processo histórico alteram as interpretações da história. Toda interpretação, que é uma atribuição de sentido ao vivido, se assenta sobre um mirante 'temporal', um ponto de vista, em um presente – vê-se a partir de um lugar social e um tempo específicos. O desdobramento do tempo pode mudar a qualidade da história, interpretações inovadoras emergem com a sua passagem. Não há um passado fixo, idêntico, a ser esgotado pela história. As esperas futuras e vivências presentes alteram a compreensão do passado. Cada geração, em seu presente específico, une passado e presente de maneira original, elaborando uma visão particular do processo histórico. O presente exige a reinterpretção do passado para se representar, se localizar e projetar o seu futuro. Cada presente seleciona um passado que deseja e lhe interessa conhecer" (REIS, 2003, p. 9).

A apropriação, a responsabilidade, a identidade territorial e a construção da identidade urbanística, segundo Brackeleire apud Lima (2014), diz que se apropriar é tornar ou definir um espaço como sendo próprio (singular), frente a outro, ou seja, por oposição à alteridade (PUC-Rio, 2018).

Yi-Fu Tuan afirma que, para os residentes locais, o sentido de lugar não é incentivado somente pela inserção física no espaço povoado; conhecer outros locais habitados e a rivalidade entre eles estimula o sentimento de singularidade e de identidade (TUAN, 1983). Apropriar-se de um lugar é um processo de diferenciação entre uma parte interna e as outras. Yi-Fu Tuan (1983) diz que, para se ter um sentido elementar de lugar, as seguintes condições são necessárias: certo reconhecimento do valor do espaço; a permanência; a intimidade de uma relação humana particular (laços de parentesco e/ou de vizinhança fortes) e um sentimento de singularidade e de identidade.

Dentro de toda forma de apropriação do espaço, estão implícitos dois aspectos: a identidade e a responsabilidade. A identidade permite estabelecer um laço social com o espaço, enquanto a responsabilidade permite estabelecer um "contrato", ou seja, uma troca de interesses pessoais. A identidade de uma comunidade é construída através de processos de identificação deflagrados a partir de valores, normas, ideais, modelos, heróis, etc., através dos quais as pessoas da comunidade se reconhecem (RICOEUR, 1991). Sendo assim, a questão de se identificar, independentemente de ser com pessoas ou coisas, relaciona-se, sobretudo, a crenças, valores e costumes.

Enfim, deve-se aqui inserir o conceito de identidade urbanística, construído a partir de reflexões. A identidade urbanística seria a capacidade de uma determinada área da cidade se diferenciar de outra, por meio da materialização, no espaço físico, de signos e/ou símbolos (sejam estas novas concretudes ou permanências históricas) distintivos da cultura de um povo de determinado lugar. Essas materializações seriam construídas tendo como base a história do lugar e a memória coletiva. Esses símbolos ou signos seriam a concretude de aspectos dos costumes, crenças, ou tradições, ou seja, os rebatimentos da cultura expressos no espaço. As pessoas se identificam com o espaço na medida em que esses símbolos ou signos se conectam às suas experiências de vida, suas tradições, sua história, enfim à memória coletiva da sua cultura.

### **2.2.3. Identidade e esporte**

O esporte é um dos atores da vida coletiva que tem maior incidência e influência na sociedade no século XXI, até converter-se num elemento transversal que interessa por igual à pirâmide populacional e a todos os segmentos sociais. A importância do esporte como instrumento de coesão da sociedade teve início na época moderna com a retomada dos Jogos Olímpicos, em 1896, e consolidou-se durante o século XX com a constituição das federações internacionais desportivas que existem atualmente no mundo. A prática do esporte, a competição esportiva e a profissionalização de alto nível levaram a atividade ao mais elevado âmbito social, em igualdade de condições com a política, a economia, etc.

À diferença de outros elementos já consolidados em todo o mundo, a evolução e presença social do esporte transformam-se em iniciativas de reconhecimento global que permitem colocá-lo na posição social que lhe corresponde (IBOCC, 2010). O esporte, como qualquer atividade empreendida por humanos, gera produtos e também necessita de agentes para impulsioná-lo. Nesse sentido, identificam-se patrimônios que são gerados pelo esporte e patrimônios que são apropriados e possuem valor para o esporte.

A rivalidade dos jogos Fla-Flus amplifica o sentimento de identidade e se torna patrimônio carioca. Segundo Magnoli (1997), rivalidades territoriais, disputas por territórios, conflitos de fronteiras, barreiras e lutas pelo posicionamento estão inseridos na "autonomia" e democracia relativa contidas na multiplicidade de situações. O racionalismo do pensamento grego acolhe o distanciamento étnico, cultural, religioso da heterogeneidade social, do conflito, das diferentes torcidas, das relações entre a oligarquia e a democracia relacionadas a quem venceu o jogo.

“...conferiu às abordagens estruturais esta aparência de nova “ciência régia”, negando como de hábito aparece com um status, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquivava, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade” (FOUCAULT, 2005, p. 228).

Segundo Brackeleire (1988), apropriar-se é estabelecer um espaço como sendo próprio (singular), por antagonismo a outro por pura diversidade. Yi-Fu Tuan (1983) afirma que, para os usuários locais, o sentido de lugar não é estimulado apenas pela inserção física no espaço: conhecer outros locais instiga o sentimento de rivalidade, singularidade e de identidade. A apropriação é um processo complexo, que, se for coletivo, se relaciona com o poder e os papéis sociais, indicando comprometimento e afetividade com o espaço. Trata-se de uma singularização (diferenciação) que se relaciona dialeticamente com a troca. A partir da apropriação do espaço, passa-se a celebrá-lo, quer seja com base na divergência (conflito) ou na convergência. Apropriar-se de um lugar é tratar de diferenças espaciais; entretanto, Yi-Fu Tuan (1983) enuncia que, para se ter um sentido fundamental de lugar, se preconiza a reconhecimento do valor do espaço pela permanência, intimidade e um sentimento de singularidade e de identidade. O espaço passa a ser lugar conforme assume definição e significado.

Dentre os patrimônios gerados pelo esporte, que têm valor para o próprio esporte e para a sociedade como um todo, destacam-se as memoráveis disputas, os desportistas, as grandes equipes, os equipamentos esportivos ou mesmo a prática do esporte enquanto elemento de identificação. Em 2011, numa votação aberta, o Bureau Internacional de Capitais Culturais (*The International Bureau Of Cultural Capitals - IBOCC*) elegeu o ex-jogador de futebol Edson Arantes do Nascimento, conhecido como Pelé, como Patrimônio Esportivo Histórico da Humanidade. Porém, nem todos os patrimônios gerados pelo esporte são oriundos de grandes vitórias, como é o caso da Seleção Brasileira de Futebol masculino do ano de 1982, que, no imaginário do povo brasileiro, foi uma das melhores, se não a melhor seleção que já tivemos, mesmo sem ter vencido a Copa do Mundo.

Outro tipo de patrimônio extremamente importante que emerge desse contexto é o equipamento esportivo. Este é concebido para dar apoio ao esporte ou

simplesmente apropriado pela atividade para suprir suas necessidades. Nessa categoria, praças públicas que acabam abrigando praticantes de caminhada, ciclismo, *skate* ou patins, por exemplo, tornam-se importantes pontos para a prática dessas modalidades no meio urbano. Já dentre os equipamentos especialmente empreendidos para a prática esportiva, pode-se destacar os estádios, centros de treinamento, ginásios, quadras, praças esportivas etc.

O patrimônio que tem valor para o esporte também é útil a muitos outros setores da sociedade, podendo desempenhar diversas funções na formação cultural, social, educacional e até política da população. O esporte não se limita apenas ao lazer ou à disputa; ele também possibilita reuniões de pessoas que trocam experiências cívicas, políticas e culturais, podendo gerar empatia, sentimentos de identificação de causas em comum e uma conseqüente articulação popular em torno dessas pautas.

### **2.3. A paisagem urbana: sistemas de espaços livres e edificados**

Neste item, busca-se construir um pensamento sobre o modo como as alterações do Estádio do Maracanã ocorreram simultaneamente às modificações da paisagem, estudando em especial a mudança do sistema de espaço livre público urbano. Acredita-se que estão dissociadas. A cidade transforma o estádio e este, a paisagem urbana.

A paisagem urbana, enquanto construção cultural, é constituída e estruturada pelo sistema de espaços livres (públicos e privados), juntamente com os espaços edificados (públicos e privados). O Maracanã – que, em essência, é um espaço livre representado pelo campo – se apresenta como propriedade pública, de gestão privada e de uso público, “cercado” por uma arquitetura paradigmática.

#### **2.3.1. A Paisagem Urbana**

Considera-se que a compreensão da paisagem é uma ação crucial e sua representação, devido à magnitude da escala urbana, ressalta aspectos sociais e culturais congregados na paisagem: a cultura como um aspecto inserido no *habitat* e nas representações presentes no espaço (BERQUE, 1995).

O conceito de paisagem admite múltiplas significações e significados, apropriados e referenciados por diversas disciplinas, cuja base de conhecimento se

ampliou a partir do aumento de intensidade, complexidade e abrangência da intervenção humana, segundo nos descreve Miranda Magnoli<sup>7</sup> (2006).

Macedo (1999) pondera que o reconhecimento das qualidades de uma paisagem parte de uma apreensão de seus atributos, sendo considerados os seguintes aspectos: estético, funcional e ambiental. O valor estético representa um conjunto de características de caráter social e cultural, que se estabelece em um dado lugar e em um tempo específico. O valor funcional corresponde à eficiência do lugar no tocante à sociedade humana. O ambiental corresponde às possibilidades de vida e de sobrevivência de todos os seres vivos e das comunidades na paisagem existente. O autor considera ainda que três aspectos influem no reconhecimento de valores paisagísticos, sendo eles:

- Excepcionalidade – identificada em parcelas de paisagem que apresentam características fisiográficas diferenciadas de seu entorno imediato, de uma região ou de um país, e por isso são dotadas de um caráter único e especial, a partir do qual elas são reconhecidas e apreciadas.
- Afetividade – são valores estabelecidos na vida cotidiana. Constituem, *a priori*, paisagens desprovidas de aspectos morfológicos muito diferenciados, mas que integram a memória urbana (individual ou coletiva) de um lugar. Um exemplo desse grupo são as paisagens

---

<sup>7</sup> Considerando esses aspectos, de acordo com Magnoli, há cinco tipos de paisagem. A primeira se caracteriza pela presença humana eventual e dispersa; são lugares de pouca integração com o processo produtivo e o processo de urbanização. Nesses locais, as características primitivas da paisagem são mais preservadas. O segundo tipo também é caracterizado pela preservação da condição primitiva da base natural da paisagem. No entanto, isso se faz mediante uma ação deliberada da sociedade, constituindo em tais lugares áreas de preservação de recursos naturais. O terceiro tipo também mantém a base natural preservada e elas estão distantes do processo de urbanização, porém possuem grande integração ao processo produtivo. São áreas altamente industrializadas. O quarto tipo é formado por paisagens transformadas pela ação humana em atendimento aos interesses socioeconômicos, podendo situar-se integradas e/ou distantes do processo de urbanização. São paisagens que estão numa condição muito diferente das características primitivas da base natural. O quinto e último tipo é constituído pela paisagem urbana, que se revela pela presença humana frequente e onde a transformação da base natural da paisagem se faz bem evidente.

vernaculares que assumem um caráter pitoresco, de sorte que qualquer alteração na sua estrutura é facilmente percebida.

- Simbolismo – resulta de valores atribuídos a um determinado lugar – conjunto arquitetônico, urbanístico e/ou paisagístico – que representa um momento histórico importante ou que demarca uma conquista para uma comunidade, região ou país.

Observa-se que esses três valores têm caráter relativo, e sua abrangência e/ou relevância para ser considerada deve ser adequadamente caracterizada. Certos conjuntos podem ter relevância local, mas não têm a mesma importância em um contexto mais amplo.

Santos (1988) refere-se a esse processo de transformação estrutural da paisagem que decorre do envelhecimento físico e/ou social das formas. O autor afirma que as formas envelhecem por inadequação física, quando, por exemplo, ocorre o desgaste dos materiais. Já o envelhecimento social corresponde ao desuso ou à desvalorização, pela preferência social a outras formas. Já o envelhecimento físico das formas é previsível pela durabilidade dos materiais, enquanto o envelhecimento moral não é tão previsto, pois muda de acordo com o quadro econômico, social e político. Santos pondera ainda que a paisagem é um mosaico capaz de conter formas que estão à espera de reutilização e outras aptas a agregar novas funções e, assim, serem objeto de inovação. Entretanto, poucas funções são passíveis de gerar novas formas, sendo por este motivo mais comum o uso das preexistentes, mediante sua readaptação.

A valorização da paisagem é defendida nos projetos urbanos contemporâneos. Vale-se da estratégia mediática e de um composto de práticas que são aplicadas na paisagem da cidade, como temas, cenários e também arenas para o debate (ASCHER, 2010). A transformação que ocorre na paisagem urbana deste estudo decorre das preferências, experiências e apropriações no espaço físico, congregados de aspectos sociais e culturais das distintas identidades.

### **2.3.2. Os sistemas de espaços livres definidores da paisagem urbana**

Espaço é um termo de significado amplo, de uso comum a diversas áreas de conhecimento e, como tal, está sujeito a diferentes acepções e interpretações. Assim como na Geografia, na Arquitetura e Paisagismo o termo espaço é compreendido como uma totalidade indissociável composta por um sistema de objetos e um sistema de ações, ou seja, uma materialidade constituída por um conjunto de coisas e objetos

geográficos (em suas formas naturais e artificiais), que, por sua vez, são dinamizados pela vida e pelo conjunto de ações da sociedade.

Bertalanffy (1975) observa que a ideia de sistema compreende um conjunto complexo de elementos, formais ou não, que interagem entre si sempre de modo coordenado e nunca de modo aleatório, seguindo uma organização e estrutura hierárquica própria. O sistema é coordenado por um conjunto de ações, dinâmicas e multidirecionais, que visam a manter certo "estado de equilíbrio" do todo, por meio da conservação da organização, da estrutura, das funções e das relações estabelecidas entre o indivíduo, os demais membros do grupo e o próprio lugar onde ele se insere. Porém, esse estado de equilíbrio é dinâmico, pois os processos internos não cessam e permitem que o sistema evolua.

Santos (1988) pondera que, independente da forma de ação entre as variáveis ou dentro delas, não se pode deixar à parte a noção do conjunto e do contexto, uma vez que as inúmeras ações estão vinculadas ao todo e aos seus movimentos.

Conforme Bertalanffy (1975), o estudo dos sistemas permite identificar as propriedades, os princípios, as leis que os regem e as relações que se estabelecem entre seus componentes. De um lado, conforme a relatividade com que se observa e se avalia o sistema, este será composto por partes que sofrem interações internas e externas. Um sistema poderá estar associado a outros, formando um sistema maior, que passa a atuar como um elemento. Por outro lado, cada sistema pode ser desdobrado em um subsistema, e este também é passível de se decompor em outros subsistemas (MORIN, 2005). Santos (1988) afirma que cada sistema ou subsistema é constituído de variáveis que possuem força própria na constituição do espaço, cuja ação é combinada com a ação das demais variáveis.

Há uma relação direta entre o sistema de objetos e o de ações. De um lado, os de objetos são constituídos por um conjunto de formas as quais estruturam uma base em que se desenvolvem as ações. Por outro lado, o de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma.

A evolução do sistema de espaços livres é demarcada por períodos, ou seja, de acordo com a evolução da sociedade, suas demandas, cultura, tecnologia, algumas estruturas e organizações formam tipos arquitetônicos que marcam uma época, pois refletem todo o contexto e um conjunto de ações de um momento histórico. Porém, os valores, os hábitos, as necessidades sociais e as técnicas tendem a renovar-se, e assim

o sistema evolui e sua constituição dá lugar a outra estrutura e práticas diversas de sua condição original.

Magnoli (1982) define espaço livre como qualquer espaço destituído de edificação ou de urbanização e, ainda, como áreas destinadas ao trabalho dos arquitetos paisagistas. Podem também ser chamados de espaços abertos e representam os espaços livres de um volume edificado, sendo estes públicos ou privados, como ruas e calçadas, parques e praças, quintais residenciais, áreas livres de lazer em condomínios, recuos de construções, pátios internos, estacionamentos descobertos, terrenos baldios, rios, áreas verdes e outros.

Segundo Macedo (2012), toda cidade tem um sistema de espaços livres, e esses espaços são fruto do processo de urbanização e formação. O parcelamento do solo, as construções e o arruamento dão origem a inúmeras tipologias de espaços e diversas formas de apropriação das mesmas. Tendo ou não sido criados para uso específico – como os calçadões, que permitem melhor circulação de pedestres por vias densas de comércio –, o espaço livre, ou aberto, torna-se palco para diversas formas de expressão da sociedade. São espaços de encontro, lazer, práticas esportivas e manifestações, como enunciado por Leite:

“[...] é a possibilidade de entrar em contato com uma extensa diversidade de situações e pessoas o que define a urbanidade, sugerindo, para que tal espaço possa operar uma atividade pública, que ele permita, em primeiro lugar, a copresença de indivíduos, fato intrinsecamente relacionado às condições de sua formação” (LEITE, 1984, p. 2).

Contudo muitas vezes o termo espaço livre é confundido ou usado erroneamente para denominar espaços públicos, isto é, uma classificação relacionada ao regime jurídico que organiza o sistema de espaços livres entre aqueles de domínio privado e aqueles de domínio público. O sistema de espaços livre de domínio privado é aquele constituído por espaços que pertencem a uma pessoa física ou jurídica e são ocupados para diversas finalidades. No âmbito da moradia, são formados pelas áreas de quintais, jardins, corredores, estacionamentos entre outros. Outros espaços significativos são as áreas recreativas de clubes, estacionamentos de empresas e de *shopping centers*, *campi* universitários, cemitérios-jardins. Conforme o Código Civil, os espaços de bem público são áreas de uso comum destinadas ao uso livre por qualquer indivíduo, sendo elas:



- Áreas de uso especial que compreendem os espaços que estão à disposição para o desenvolvimento de atividades públicas e/ou dos serviços públicos e também aqueles abertos à visitação pública;
- Áreas dominicais ou dominiais formadas pelos próprios da federação, do estado e do município, que não se destinam nem ao uso comum nem ao uso especial, ou que lhe assistam em conta de direito pessoal. Ruas, praças, parques são "bens de uso comum" que podem ser usufruídos, de modo gratuito ou oneroso, na maioria das vezes com acesso livre.

Para Birdwhistel (1970, p. 25), o espaço público é

"Uma proximidade do espaço social e pessoal, [...] uma ecologia do pequeno grupo com suas relações formais e informais, suas hierarquias, marcas de sujeição e domínio, seus canais de comunicação que determinariam territorialidade. Territorialidade como identificação dos indivíduos com uma área que interpretam como própria, e que se entende que deve ser defendida de intrusões, violações ou contaminações", mas que dão lugar a estruturas líquidas que confrontam com o espaço construído. Delgado diferencia a cidade do urbano. A cidade é um espaço habitado, o urbano não; "o urbano é um espaço que não pode ser morado, [...] se desenvolve em espaços desabitados e inclusive inabitáveis. Em relação com o espaço em que se desenvolve, não está constituído por habitantes possuidores ou assentados, mas por usuários sem direitos de propriedade nem de exclusividade sobre esse marco que usam e que se veem obrigados a compartilhar a todo momento" (DELGADO, 1999, p. 14).

Queiroga (2012), em sua tese de livre docência, postula a necessidade de conceituar e diferenciar os termos espaço público e esfera pública, desenvolvendo ampla discussão sobre o assunto e apontando a fragilidade do termo espaço público. Nesta tese, serão sintetizados, brevemente, os conceitos de propriedade pública e privada do espaço, esfera da vida pública e esfera da vida privada, sem prolongar a discussão acerca da definição dos termos espaço e esferas da vida.

Queiroga (2012) credita a Arendt (1991) a primeira construção dos conceitos de esfera de vida pública e privada. A autora entende a esfera pública como a esfera de vida correspondente às ações humanas (políticas). Habermas (1984) relaciona a esfera pública às relações da sociedade, à comunicação e às discussões políticas. Segundo

Queiroga (2012), para Habermas, a esfera pública é o espaço que permite a comunicação de uns com os outros (QUEIROGA, 2012). Dessa forma, pode-se entender como esfera pública todo espaço onde se dão as relações da sociedade, o convívio público; todo espaço onde as pessoas se encontram, onde acontecem as manifestações coletivas humanas. Tais acontecimentos independem do tipo de propriedade do espaço em que ocorrem, podendo ocorrer em espaços públicos ou privados.

Espaço público é aquele de uso comum, de propriedade pública. Eles podem ser abertos e de livre acesso ao público, como as vias de circulação e áreas de lazer – praças, parques e praias. Também podem ter acesso restrito ao público em geral, como prefeituras, fóruns, instituições de ensino e hospitais. Queiroga denomina como espaço público:

"Todo aquele de propriedade pública, podendo se prestar ou não à esfera pública [...]. Não se abre mão em designar como espaço público uma série de espaços de propriedade pública que interessa assim serem caracterizados e chamados – espaços públicos – salvaguardando sua natureza pública (de todos), ainda que não sejam necessariamente espaços da esfera pública" (QUEIROGA, 2012, p. 59).

É importante salientar que espaços de propriedade privada podem ser de grande interesse e apropriação pública, além de correspondentes à esfera pública da vida, como é o caso dos estádios de futebol, das universidades, dos parques temáticos e espaços livres de edificações privados. Esses elementos servem de exemplo para o que Queiroga denomina espacialidades da esfera pública (QUEIROGA, 2012), que caracterizam os espaços onde se praticam atividades em sociedade.

Arroyo (2007) traduz que o espaço público como premissa de constituição da cidade é dotado de implicações físico-espaciais e socioculturais que o caracterizam de forma geral, comum, coletiva, universal e superior de integração social em um espaço físico único. Mostra-se como um fator de continuidade e integridade da cidade física, conformando um estado de fato e de direito que se baseia em ao menos três campos que o tornam legítimo: Estado, Sociedade e Cultura.

Para o Estado, o espaço público é tudo aquilo que lhe compete e cai em sua jurisdição; para a sociedade, é o âmbito de ação da cidadania e a integração do vínculo subjetivo e, para a cultura, é o sistema de representação de um imaginário coletivo, no qual se inclui a alteridade, a diversidade e a diferença em um sistema

simbólico socialmente compartilhado. Estas noções de espaço público supõem uma correspondência entre a forma física que se percebe (ruas, praças e parques, edifícios, espaço e âmbitos), os usos que a ação social pratica no espaço físico (serviços educacionais, administrativos, sanitários, de segurança e justiça, de dispersão, recreação e culto, etc.) e os significados assumidos ou derivados dessa ação (cidadania, comunidade, civismo).

Santos (1988) considera que as estruturas e os sistemas espaciais evoluem segundo três princípios, sendo dois internos e um externo:

- O princípio da ação externa (denominado como evolução exógena) – constitui-se numa força que desencadeia um novo impulso ao funcionamento e às relações internas no sistema. Essa ação externa é influenciada pelas características de cada elemento que compõe o sistema. Assim, ao se alterar as características internas de um elemento, modifica-se o modo como ele se relaciona com as variáveis externas ao sistema. Santos pondera ainda que essa forma de evolução pode diferir de lugar para lugar, pois está atrelada às condições locais que funcionam como um modificador do impacto externo;
- O princípio da ação interna ao sistema (evolução endógena) – resulta da interação entre elementos ou entre subsistemas;
- O princípio da evolução particular (ou 'íntima') do elemento que pertence ao sistema – conforme o componente, a partir do conjunto de relações, ele sofre modificações internas em sua estrutura e evolui; isso também modifica o todo.

O espaço como totalidade de Milton Santos, inscrito na mesma dimensão cultural, ideológica e política, não se apresenta como dialética apenas no espaço, mas se realiza com ele. Seria um sistema indissociável de ações que decorrem de uma análise espacial entre o lugar e o mundo (SANTOS, 1994), assim como entre as relações de hegemonia e comunicações na construção do lugar (QUEIROGA, 2001). Os espaços edificados associados ao sistema de espaços livres constroem a paisagem urbana.

Haggett (1967) considera que a região urbana é constituída por objetos e vem responder às demandas tanto sociais quanto biológicas de uma sociedade. As construções são adições à base natural da paisagem, em que o trabalho humano materializado e geografado (como casas, plantações, caminhos) constituem transformações implementadas aos complexos territoriais, buscando adaptá-las para

dar melhor condição de desenvolvimento às atividades humanas. Nesse sentido, o esforço de adaptação do suporte físico não apenas as transforma, mas lhes agrega conhecimento, técnica, tecnologia e função para responder às demandas da sociedade.

Em relação aos espaços urbanos e, mais especificamente, à paisagem urbana, percebe-se a presença de uma diversidade de objetos técnicos, de arte, de *design* e de objetos naturais. Há espaços nos quais a paisagem reúne esses diversos tipos de objetos. Não obstante, uma construção, como um parque ou uma praça pode ser tomada como um objeto técnico, pois responde às necessidades da vida humana com a criação de uma base para práticas sociais, de recreação, de lazer e de conservação.

Santos (2003) também mostra que tudo aquilo que existe sobre a paisagem, seja como vestígio ou expressão da herança da história natural do lugar, como também as construções resultantes da ação antrópica (entre elas as barragens, as plantações, as estradas e as próprias cidades como um todo), constituem-se em objetos geográficos. O autor considera ainda que os objetos se originam ou são apreendidos em meio a um conjunto de condições sociais e técnicas características de um dado momento histórico. Contudo, a apreensão dos novos objetos pelas diferentes parcelas da sociedade não ocorre concomitantemente ao seu aparecimento; eles são assimilados em conformidade ao estágio de desenvolvimento desses grupos sociais. Aqueles que não atingem esse desenvolvimento permanecem utilizando os modelos de uma condição anterior.

Para Rogers, todo ato é dotado de uma intenção e, assim, converte-se em um comportamento orientado que é empreendido visando a alcançar uma meta referente à consecução de fins e objetivos previamente estabelecidos (HENRY e ROGERS, 1960).

Segundo Simmel (1973), a explicação do mundo transcende formas e vida. De um lado, a análise se desenvolve sobre o conjunto de ações da sociedade que se sucedem no tempo e que se "cristalizam como formas" sobre a paisagem. De outro lado, aplica-se sobre o estudo da vida que se desenvolve no presente.

A relação entre o edifício e o espaço livre urbano próximo define a relação entre sociedade e espaço público, espaço que pretende ir mais além da opção estética, buscando distintas características socioculturais. Se uma arquitetura singular contribui para o contexto e definição do domínio público, são as pessoas e as atividades que atribuem significado aos lugares.

Na obra "*Public Space – Urban Space*", os autores alertam para a importância dos detalhes da pequena escala, principalmente a cota zero do edifício, uma vez que são eles que promovem a curiosidade e o interesse dos usuários e induzem o movimento do domínio público para o privado, facilitando a integração e harmonização entre o edifício e o contexto. Para as pessoas, a permeabilidade visual do espaço contribui para determinar a densidade de fluxo e a frequência dos encontros, que são fatores decisivos para o sucesso da integração no sistema de espaços públicos urbanos (CARMONA, HEATH, OC, & TIESDELL, 2003). Um edifício público, por norma, é complementado por um espaço público e é fundamental que este seja acompanhado de um bom desenho. Para Pedro Brandão (2002), os bons espaços públicos podem cooperar com as cidades, criando e mantendo locais de credibilidade, qualidade ambiental, competitividade econômica e política.

A readaptação das formas da paisagem nem sempre resulta em ações construtivas. Há exemplos em que reformas realizadas em espaços públicos, em vez de apropriarem-se de parte do contexto existente, promovem uma modificação dramática das formas e objetos, denotando que só pela ampla transformação da paisagem conseguem uma renovação do espaço como um todo. Vários projetos públicos de caráter personalista se utilizam deste recurso como meio de construir uma nova realidade. Contrariando o caminho indicado por Santos (2003), essas intervenções são constituídas de formas novas com ideias antigas, que priorizam a demarcação da imagem efêmera de uma administração pública, em detrimento da valorização da história e da memória urbana. Perde-se a oportunidade de construir em um processo crescente, agregando no tempo um conjunto de ações que foram positivas para a sociedade, que demarcaram sua identidade e que guardaram um potencial de contribuição para o desenvolvimento futuro.

Considerando a natureza propositiva que caracteriza a atividade do arquiteto-urbanista em apresentar respostas e soluções aos desafios da realidade, a compreensão e o enfoque do termo espaço tendem a uma divisão dessa totalidade em subespaços e a adjetivação e/ou especificação (espaço urbano, espaço livre, espaço verde etc. (HIJIOKA et al, 2013). Por meio da diferenciação dessa totalidade em categorias e grupos que reúnem um certo conjunto de características e de qualidades comuns, compreende-se que a abordagem do termo espaço a torna mais pertinente às especificidades e diferenças de escala dessa dimensão ao arquiteto e urbanista.

A configuração espacial da cidade – considerada, para fins da tese, além do resultado de concepções estéticas, ideológicas e culturais, como um sistema capaz de favorecer ou restringir os movimentos, impondo limites e possibilidades ao processo de utilização social dos espaços públicos – organiza padrões de presença ou ausência de pessoas nos lugares de uso público. Esses padrões formados ao longo do tempo, no dia a dia das pessoas, constituem a qualidade de vida urbana, pois pode implicar nas formas de relacionamento entre os diversos agentes presentes na vida da cidade. Holanda (2010) afirma que

“A configuração arquitetônica (vazios, cheios e suas relações) implica maneiras desejáveis de indivíduos e grupos (classes sociais, gênero, gerações etc.) localizarem-se nos lugares, de se moverem por eles e conseqüentemente condições desejadas para encontros e esquivações interpessoais e para visibilidade do outro? O tipo, a quantidade e a localização relativa das atividades implicam desejáveis padrões de utilização dos lugares no espaço e no tempo?” (HOLANDA, 2010, p. 1).

## SÍNTESE DO CAPÍTULO

---

As ideias anteriormente expostas contextualizam o estudo de caso. Considerando o caráter social, cabe ressaltar que não há transformação de uso esportivo, e sim fundiária, da paisagem e do sistema de espaço livre público.

Conforme foi visto, a área era ocupada por chácaras. O Derby Club complementava esse território onde o espaço livre predominava. A paisagem natural do bairro Maracanã, em 1937, correspondia a dimensões biofísicas em que o uso e as formas ainda não eram prioritários na paisagem. As negociações para a transferência do Derby para o Jóquei da Gávea se valeram de políticas esportivas de desenvolvimento urbano da Zona Sul que pretendiam transferir a nova burguesia para expansão dessa região.

Os diferentes espaços livres que constituem o Maracanã, o qual existe essencialmente em função de um espaço livre – o campo –, e a arquitetura imponente do estádio determinam, por sua vez, a necessidade de uma borda livre, a qual igualmente difere em forma e valores em seus diferentes momentos urbanos.

Na arquitetura emblemática de uso público – e o Maracanã efetivamente o é –, a borda e seu espaço livre orientam a morfologia urbana do entorno também de forma típica, gerando paisagens específicas dessa tipologia arquitetônica. Sua grandiosidade se destaca na paisagem do entorno pela escala tanto de forma como de inserção fundiária no solo urbano, e ainda graças à função do estádio, que se distingue do entorno com uso predominantemente habitacional e educacional com uma grande demanda de pessoas em dias de eventos. Torna-se, porém, um edifício estéril em dias de cotidiano.

O Maracanã, mesmo que projetado e construído dentro das regras de edifício simbólico, acolheu no parâmetro ambiental a instituição da zona verde. Esta se manteve durante algum tempo, mas foi totalmente suprimida em 2014, sob a dúvida alegação de seguir o padrão das normas de evacuação da FIFA, as quais descaracterizaram o espaço livre, prejudicando a qualidade ambiental.

### 3. OS “MARACANÃS” DE TODOS OS TEMPOS

---

A modernidade reproduz um espaço urbano que abarca multidões. A construção do “maior estádio do planeta” simboliza uma narrativa de homogeneidade democrática nacional e remodelação urbana (Brinati e Mostaro, 2018), preparada para receber aglomerações de torcedores.

A ideia da heterotopia de Foucault (2006) nos permite refletir sobre a singularidade do espaço urbano, que, ao mesmo tempo, expressa amplo significado e identidade nacional quando ocorrem os eventos, mas se torna vazio e sem vitalidade quando eles não acontecem. Para Foucault (2013), esses espaços no mundo moderno são heterogêneos, marcados por processos recheados de relações que se misturam, que dialogam, se contradizem e que, simultaneamente, proporcionam sentidos ao local.

Quando analisamos a realidade esportiva brasileira, é impossível não citar o futebol e todo o ambiente de êxtase que se cria em um estádio do país, o equipamento esportivo mais imponente e importante desse contexto. O futebol se tornou ao longo do tempo um dos elementos centrais da construção de uma identidade nacional.

O jogo de futebol, os estádios, as equipes e seus jogadores são grandes patrimônios do povo brasileiro, sendo também elementos que compõem a atmosfera do futebol. Esse cenário foi utilizado como ferramenta política, pois nele há um enorme poder de comoção das massas, fato que o governo militar brasileiro aproveitou em 1970, usando a Seleção Brasileira de Futebol como propaganda para impulsionar sua ideologia ufanista, distanciando o povo de reflexões e contestações políticas.

Valendo-se dessa atmosfera e de sua capacidade de abrigar grande número de pessoas, os estádios sempre serviram às necessidades de reunião para práticas esportivas de interesse das massas, atividades políticas, culturais ou sociais. Mascarenhas e Gaffney (2004) assinalam a importância simbólica que foi dada aos estádios brasileiros num momento de caracterização de uma identidade nacional:

“No Brasil, o poder público começa, a partir da decretação do Estado Novo (1937), a construir grandes estádios de futebol, uma vez que este esporte é elevado à condição de símbolo da brasilidade e da integração nacional. O Pacaembu, inaugurado em 1940, exemplifica bem este momento. Dez anos depois, surge o



Maracanã, primeiro estádio do mundo a superar a capacidade de 150 mil espectadores do Circo Máximo, de Roma imperial."

Além de equipamentos desse porte se configurarem como potenciais armas políticas, eles podem ter funções sociais de protagonismo no que tange ao desenvolvimento local para o lazer, cultura, trabalho, educação e saúde, uma vez que são representações regionais e trazem um forte senso de local para onde estão instalados.

A escolha do título para este capítulo busca demonstrar a construção *pari e passu* das diferentes identidades do estádio e do lugar, isto é, o Estádio Jornalista Mário Filho – Maracanã e o bairro Maracanã, assim como o da Tijuca. Para entender o senso, a atmosfera do lugar que queremos abordar, seus sentidos e significados, deve-se primeiro contextualizá-lo no tempo. Analisar como a construção foi idealizada e realizada ajuda na compreensão de seu valor e de sua singularidade. Tudo começa no evento da construção e também na idealização da sua forma e função – e como a heterotopia desse espaço edificado e livre se comporta. Por meio dessas análises, podemos perceber como os indivíduos usam e representam esse lugar e como ele se torna um ícone para uma sociedade (VERTINSKY e BALE, 2004).

Tabela 1: Distribuição populacional da Cidade do Rio de Janeiro nos quatro momentos identitários.

	Ano	População Municipal	População Tijuca
Antecedentes (Derby)	1900	811.000	21.729
1º Momento	1960	3.300.000	105.600*
2º Momento	1980	5.100.000	163.805
3º Momento	2000	5.850.000	180.913

Fonte: Elaborado pela autora baseado nos dados IBGE, 2010\* estimado, 2020. [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br), acesso em janeiro 2020.

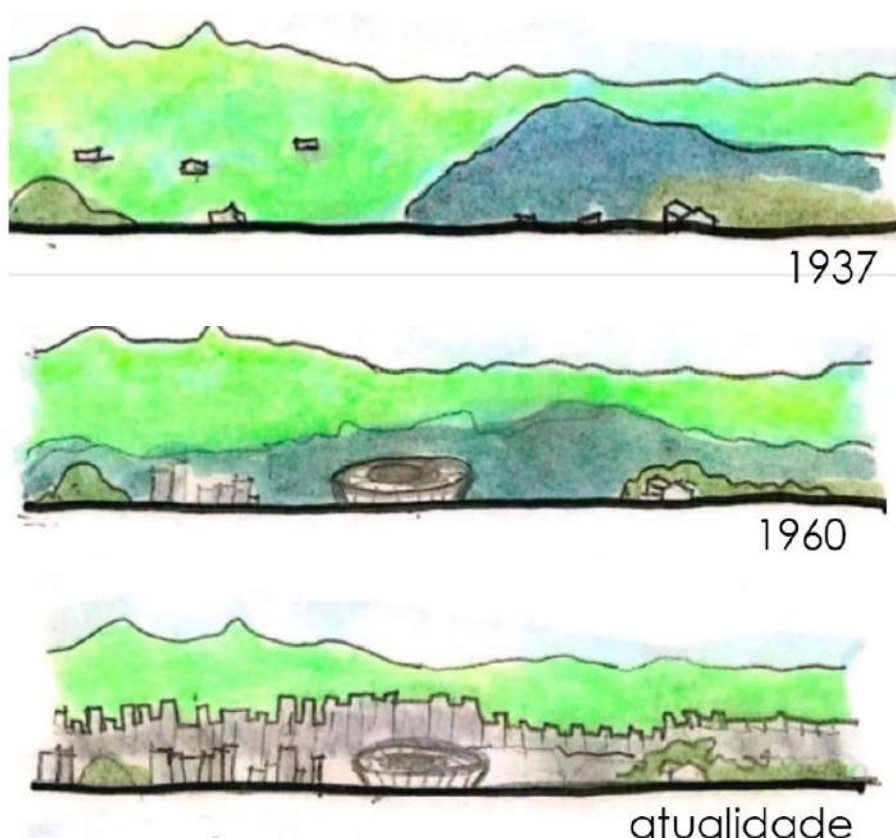
Identificam-se nesta pesquisa três períodos distintos associados às diferentes identidades (figura 2) que foram construídas a partir dos valores atribuídos, tanto ao estádio quanto ao lugar, enquanto representações de poder de diferentes atores ao longo do tempo. Isto é, a relação sociedade/lugar é indissociável. Dessa forma, conjugam-se as dimensões social, política, econômica e cultural de suas épocas que transformam o estádio, a dimensão lugar. O estádio transforma o bairro e por este é transformado.

O primeiro período desenvolvido por esta tese (1950-1964) se caracteriza pelo estádio inovador e símbolo nacional. Período desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek (1956-1960) com base no capital estrangeiro que invade o país, numa ideologia de prosperidade.

O desenvolvimentismo juscelinista apresenta a ordem nacional como seu principal objetivo, que deve ser obtida através de prosperidade e riqueza. Para tanto, o capital e o trabalho nacionais parecem insuficientes, necessitando-se da ajuda do capital estrangeiro. A tarefa ideológica consiste na mobilização popular em torno dessas metas progressistas (REZENDE, 1982, p. 48).

No governo de Mendes de Moraes (1947-1951), a Prefeitura do Distrito Federal promoveu melhoramentos dos pontos turísticos e a construção do Maracanã, que nasce como símbolo nacional.

Figura 2: Esquemas da paisagem urbana estudada em 1937, 1960 e atual



Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Em 1957, no governo de Negrão de Lima, o Plano de Realização de Obras, no artigo nº 53, trata das principais obras viárias e saneamento, com a canalização dos rios Maracanã e Joana. Tais medidas visam a promover melhorias no entorno do estádio.

É nesse período que a capital da República é transferida para Brasília. Por conta disso, segundo Mauricio Abreu (2008), grandes taxas de inflação e valorização crescente do solo urbano afetam o processo de expansão física da Cidade, agora capital do Estado da Guanabara. Além da concentração de renda das classes privilegiadas, a política econômica do novo regime no combate à alta da inflação e o boom de migração reverberam na dimensão espacial a segregação das classes sociais, com o crescimento das favelas no Rio de Janeiro, cuja população buscava moradias próximas ao trabalho, considerando a insuficiência do transporte público.

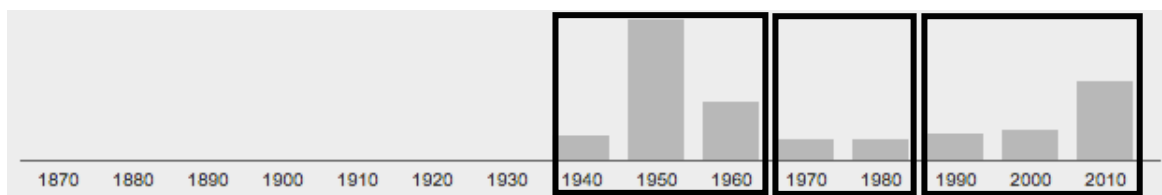
O governo de Carlos Lacerda (1960-1965), o primeiro do novo Estado da Guanabara, implementa as obras de abertura do primeiro trecho da Avenida Radial Oeste<sup>8</sup>, área em que houve remoção da Favela do Esqueleto, dentre outras, e prolongamento da Avenida Maracanã, buscando solução de mobilidade baseada em veículos individuais, adequando o espaço urbano ao uso do automóvel. Além da Favela do Esqueleto, a Cidade presencia a remoção de várias outras comunidades da Zona Sul, acarretando um acréscimo populacional na Zona Norte e subúrbios, ocupando, dentre outras áreas, as encostas do Maciço da Tijuca, o que altera consideravelmente a dinâmica da região.

A frequência da periodicidade da palavra Maracanã no Jornal O Estadão e jornal O Globo, conforme os gráficos 1 e 2, apresenta o quanto os eventos esportivos necessitam da mídia para serem implementados na sociedade.

---

<sup>8</sup>Aprovado pelo Pref. General Mendes de Moraes, o PA 6276, de 06/02/1954, trata do projeto da Av. Radial Oeste, trecho compreendido entre a Av. Francisco Bicalho e a R. São Francisco Xavier. Abrange o trecho final da Av. Presidente Vargas, entre o cruzamento da Av. Francisco Bicalho com a Av. Paulo de Frontin, até a Praça da Bandeira. No cruzamento da Av. Presidente Vargas com Av. Paulo de Frontin e Av. Francisco Bicalho, estava prevista uma grande praça circular de 290 m de diâmetro e uma rótula de 120 m de diâmetro. O projeto foi modificado pelo trevo das Forças Armadas. Atravessa a Praça da Bandeira, que é também urbanizada, e segue a Av. Radial Oeste com a largura variável e em média de 60m. Projeto elaborado pelo DUR em 27/01/54 por Affonso Eduardo Reidy e Edwaldo Vasconcelos. Desenho na escala 1:2000 de Edwaldo Pereira. Visto em 02.02.1954 do SGVO Engº Carlos Schwerin Filho. Aprovado pelo Pref. Cel. Dulcídio Cardoso. PA 5918 - 22/08/1952 - Projeto da Avenida Radial Oeste, trecho entre a Pça. da Bandeira e a R. S. Francisco Xavier, com 50 m de largura e 2300 m entre a R. Pará e o cruzamento da R. José Maurício com a R. S. Francisco Xavier. Dec. de desapropriação nº 12203 de 21/08/53. Substituído pelo PA 6276. Desenho na escala 1:2000. Projeto elaborado pelo DUR pelos Arqs Edwaldo Vasconcelos e Affonso Eduardo Reidy. Visto em 22/08/52 do SGVO Engº Alim Pedro. Aprovado pelo Pref. J.C. Vital. Bibliografia: REIS, José de Oliveira. O Rio de Janeiro e seus Prefeitos, Vol. II, pág. 307, 347 e 370.

Gráfico 1: Quantidade de vezes que apareceu a palavra Maracanã no Jornal Estadão



Fonte: Elaborado pela autora baseado em pesquisa sobre acervo digital do Jornal O Estadão. <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18891116-4373-nac-0001-999-1-not>. Acesso em junho 2018.

Gráfico 2: Quantidades de vezes que apareceu a palavra Maracanã no jornal O Globo



Fonte: Elaborado pela autora baseado em pesquisa sobre acervo digital do jornal O Globo. <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=maracan%C3%A3>. Acesso em janeiro, 2021

Os diferentes períodos identificados aparecem de forma desigual no Brasil e no Rio de Janeiro. O Maracanã obteve maior espaço na mídia nacional (gráfico 1) em dois momentos relacionados às Copas do Mundo de 1950 e 2014. Já na mídia com ênfase local (gráfico 2), há uma constância de matérias impressas mantendo a visibilidade do estádio e um vínculo sentimental com a população.

No segundo período (1964-1997), Estádio e Cidade perdem a primazia. É o momento do “Estádio Carioca”, a densificação da Zona Norte e o fortalecimento do lugar enquanto centralidade metropolitana.

O período pós-1964 é característico pela continuidade de obras na Zona Sul, privilegiando a área mais rica da cidade. Após a destituição de Janio Quadros e a condução de Jango à presidência, a nova etapa da vida pública nacional marcou um período de profundas modificações na organização política do país, bem como na vida econômica e social. Instaurava-se então um regime militar autoritário e centralizador.

Os primeiros quatro anos da ditadura ensejaram os atos institucionais, artificialismo criado para dar legitimidade jurídica a ações políticas contrárias à Constituição Brasileira de 1946 e subseqüentes aos “anos de chumbo”, forjando um ambiente democrático por meio da “Revolução”. A crise, porém, se imporia nos anos 70. Em 1973 e 1974, o crescimento econômico é desacelerado e o regime enfrenta

grandes dificuldades de caixa e liquidez. A partir do governo Geisel (1974-1979), inicia-se a abertura lenta e gradual da vida sociopolítica do país.

Nos anos 60, são abertos os túneis Santa Bárbara e Rebouças, que aproximam o bairro da Tijuca à Zona Sul, litoral carioca; na década seguinte, entre 1978 e 1982, a região sofre com as obras do metrô. A partir dessa época, o bairro começa a sofrer um esvaziamento populacional, com o *boom* imobiliário da Barra da Tijuca e com os problemas de insegurança provocados pelo crescimento de diversas favelas.

O estádio se torna local de escape emocional para a população carioca. Em 1963, numa final entre Flamengo e Fluminense, o estádio recebe o maior público da história em uma partida disputada por clubes. Entre as décadas de 60 e 90, o Maracanã também fez a festa de Botafogo e Vasco, com vitórias memoráveis em decisões estaduais e nacionais. Assim, ele se torna para um cidadão comum um descarrego; e, para políticos e governantes, uma importante ferramenta de propaganda e alienação popular.

O terceiro período (**1997-2016**) é marcado pela construção de uma imagem global – o Estádio dos Jogos Panamericanos, Copa Mundial da Fifa e Jogos Olímpicos. O entorno imediato do estádio se volta para cumprir o ideal de uma arena global.

O processo de construção dessa imagem gerou a descaracterização, dessignificação e desconstrução (Rodrigues, 2014) do estádio, bem como a elitização do público que viria a frequentá-lo. Esse fato se materializa inicialmente com a remoção da "geral" em 2007 (Girão, 2012; Comas, 2011) e uma série de outros aspectos dos projetos que descaracterizaram a arquitetura e a essência do antigo Maracanã, que passa a ser associado a espaços de consumo, *shopping* e áreas "VIP" (Comas, 2011; Rodrigues, 2014; Oliveira et al, 2015; Girão, 2012). Rodrigues (2014) analisa também como os impactos do autoritarismo com que foram empreendidas as obras no Maracanã se relacionam com as expectativas de lucros financeiros.

Esse processo não se deu sem lutas, sendo o tombamento do estádio uma das maiores resistências. Porém, após sete anos do tombamento definitivo (2000), o Maracanã passou por obras com vistas aos Jogos Pan-americanos de 2007 (GIRÃO, 2012, COMAS, 2011). E os projetos que se iniciaram em 2009 tiveram como justificativa a necessidade de se adaptar às "rigorosas" exigências da FIFA para a Copa do Mundo (COMAS, 2011; GIRÃO, 2012; MARTINS, 2013; RODRIGUES, 2014 OLIVEIRA et al, 2015).

Uma interpretação questionável do processo de tombamento do estádio isentou esses projetos de se adaptarem às exigências e sentidos do instituto jurídico do tombamento (Girão, 2012), como veremos adiante. Os movimentos sociais organizados (como o Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas) e a ampla mobilização de usuários e atletas impediram a transformação radical do entorno urbano.

Eduardo Paes assumiu a prefeitura do Rio em janeiro de 2009. O projeto apresentado em 25 de março era essencialmente o projeto de Castro Mello. Ninguém se preocupava com o tombamento dos equipamentos a demolir, que se supunha **flexível**. O repúdio da proposta de demolição e reconstrução dos equipamentos esportivos foi generalizado, salientando o seu desperdício insensato (COMAS, 2011, p.42. grifo nosso).

Conseguiu-se evitar demolições do Parque Aquático Jules Delamare e do Estádio de Atletismo Célio de Barros, bem como da Escola Municipal Friedenreich e do antigo Museu do Índio. O que não se conseguiu impedir foi a remoção de parte da favela Metrô-Mangueira e a expulsão dos índios que ocupavam o edifício do antigo Museu.

### **3.1. Antecedentes – O Derby Club**

“Genius loci é um conceito romano, do latim, que significa Espírito do lugar. Segundo os gregos cada ser “independente” tinha o seu genius, o seu espírito-guardião, que dava vida às pessoas e aos lugares, os acompanhava desde o nascimento até a morte e determinava as suas características e essência”.

(NORBERG-SCHULZ, 1980, p.10)

A área do Derby que já foi parte da Quinta da Boa Vista é um lugar impregnado de história e sua conformação traduz sua identidade de ocupação humana. A sua evolução morfológica urbana apresenta as diferentes fronteiras que se vinculam aos seus contextos sociais e políticos.

A Quinta de D. João VI abrangia, além dos terrenos ocupados hoje pelo parque, o Jardim Zoológico, Horto, o Centro Hípico do Rio de Janeiro e aquele em que estava o 21º Grupo de Artilharia de Campanha, o quartel do Corpo de Bombeiros e a Escola municipal. A área compreendia ainda os terrenos ocupados pelo leito da Estrada de Ferro Central do Brasil; os terrenos do lado par da antiga Rua Duque de Saxe — hoje

dividida em dois trechos, em decorrência do leito da estrada de ferro: Rua Almirante Baltazar e Rua General Canabarro —, parte do campus da UERJ, o espaço ocupado pelo estádio do Maracanã, o prédio abandonado onde funcionou o Museu do Índio (antigo Laboratório Bacteriológico) e parte do morro da Mangueira denominada Candelária.

Segundo o professor Nireu Cavalcanti (2011), no governo de D. Pedro II (1831-1889), no período regencial, houve a primeira intervenção, com a criação da “Companhia Estrada de Ferro D. Pedro II” e a aprovação de seus Estatutos, em 09 de maio de 1855. O leito da ferrovia — inaugurada em 29 de março de 1858 — passou pela Quinta, dividindo-a em duas grandes áreas, sem comunicação entre si. D. Pedro II e depois a condessa de Itamaraty negociaram a outra grande área para instalação do Derby Clube, terreno onde se situa o atual estádio do Maracanã.

É um lugar onde cada um se identifica e se relaciona com o mundo, está rodeado de caráter de símbolos, de inter-relações e intersubjetividades que configuram suas bordas. Um espaço torna-se lugar quando três esferas de atributos contribuem para tal, e se distinguem em sociais, ambientais e espaciais. (NORBERG SCHULZ, 1980)

Até o início do século XX, o bairro projetado de Vila Isabel e a Tijuca são configurados por chácaras compostos por locais ajardinados e bucólicos de subúrbios da aristocracia carioca e com seus serviços disponíveis (figura 3).

*Figura 3: Tijuca em 1825, por Thomas Ender*



Fonte: [https://www.google.com/search?q=Tijuca+em+1825,+por+Thomas+Ender&sxsrf=ALeKk03-IfOWzSAkZIOxoeqIBER28WKciQ:1624027022201&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=qAUqaGh2ijphIM%252CCT8wiopVoFMSsM%252C\\_&vet=1&usg=AI4\\_-kR2-Xv1FGeDF\\_uY2vEQvdwGIYtS8Q&sa=X&ved=2ahUKewiOx42OtKHxAhWWqZUCHWUxCPAQ9Qf6BAgJEA#imgrc=qAUqaGh2ijphIM](https://www.google.com/search?q=Tijuca+em+1825,+por+Thomas+Ender&sxsrf=ALeKk03-IfOWzSAkZIOxoeqIBER28WKciQ:1624027022201&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=qAUqaGh2ijphIM%252CCT8wiopVoFMSsM%252C_&vet=1&usg=AI4_-kR2-Xv1FGeDF_uY2vEQvdwGIYtS8Q&sa=X&ved=2ahUKewiOx42OtKHxAhWWqZUCHWUxCPAQ9Qf6BAgJEA#imgrc=qAUqaGh2ijphIM). Acesso em janeiro 2018.

A imagem acima retrata o local onde hoje é o bairro da Tijuca no Rio de Janeiro. Trata-se de uma pintura ou quadro de óleo sobre tela, de Thomas Ender, datado de 1825, em que se vê ao fundo, bem ao longe, o Pico da Tijuca e a Pedra do Conde.

Segundo Abreu (2008), com a Reforma Pereira Passos (1902-1906), inspirada nas reformas urbanas parisienses empreendidas pelo prefeito George-Eugène Haussmann, o Rio de Janeiro transforma sua estrutura urbana, redefinindo os setores das elites e das classes populares. Na região central, a função é de facilitar a entrada de mercadorias com uma maior integração viária; e a de servir como modelo de civilização para a cidade. Já em relação às regiões periféricas, definiu-se que estas seriam o abrigo das classes populares.

A malha viária se expande e o “subúrbio” local da classe operária gera uma demanda por transporte que possa conduzir os trabalhadores ao centro da cidade, região onde se concentravam os postos de trabalho (ABREU, 2008).

No início do século XX, os morros do bairro da Tijuca começaram a ser ocupados, tendo surgido a primeira favela do bairro: a do Morro do Trapicheiro, depois denominado Morro do Salgueiro. As favelas do Borel e da Formiga surgiram em seguida. E nas primeiras décadas as linhas de bonde abrangiam toda a zona urbana do Rio de Janeiro e seus subúrbios mais próximos (ABREU, 2008).

Em 1930, conforme Silva (1992), o poder público lançou o Plano Agache, por meio do qual a Prefeitura do Distrito Federal definiu os “bairros populares” próximos, mas que se encontravam em ligação precária com o porto e as indústrias pelas vias férreas. O poder público identificou ainda os bairros mais habitados pelos “homens de negócio” localizados na Zona Sul e alguns na Zona Norte (Andaraí, Vila Isabel, Aldeia Campista e Rio Comprido). (Silva, 1992). E, para promover a integração dos trabalhadores às “oficinas”, o plano previa uma reestruturação ferroviária e uma integração com um sistema metropolitano

Os maiores espetáculos esportivos da época se davam no Derby Club (figura 4). Situado na área de estudo de 1885 a 1932, o Prado foi instalado em terras compradas da Condessa do Itamaraty (figura 5). O sucesso do Derby se dava por estar localizado mais próximo da região central e por ser mais bem atendido pela deficiente rede de transportes da cidade à época. Confortável, oferecendo preços mais acessíveis para entrada e mais oportunidades para apostar, o prado logo se tornou o preferido de um amplo estrato da população, tanto de uma burguesia urbana em formação (que



depois se envolveria com os clubes de remo), quanto dos segmentos mais populares (TAVARES e VOTRE, 2015).

A área era ocupada por chácaras, de sorte que o Derby Club complementava esse território onde o espaço livre predominava (figura 6). A paisagem natural do bairro Maracanã em 1937 correspondia a dimensões biofísicas para as quais o uso e as formas ainda não eram prioritários na paisagem (TAVARES e VOTRE, 2015).

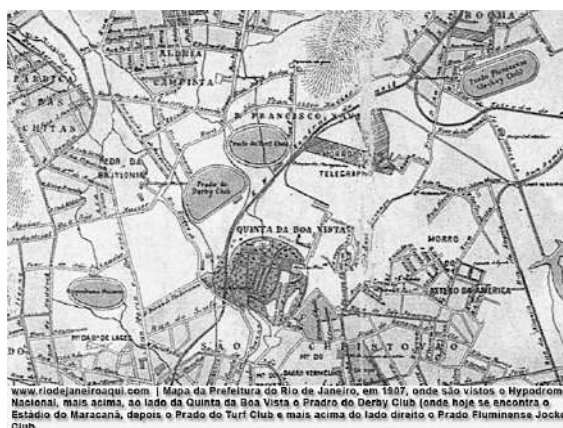
Continuando com a elitização da Zona Sul, o Derby Club é transferido para um terreno na Lagoa Rodrigo de Freitas, onde seria construído o novo Hipódromo da Gávea. À sua inauguração compareceram, além das Majestades Imperiais, cerca de 10.000 pessoas (TAVARES e VOTRE, 2015).

Figura 4: Área do Derby Club



Fonte: [https://www.google.com/search?q=%C3%81rea+do+Derby+Club&sxsrf=ALeKk01D3XD3dio9mNX6zp8Y3Yf0dENZfA:1624027118179&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKewiD1e-7tKHxAhVZqpUCHXaNBvsQ\\_AUoAnoECAEQBA&biw=1280&bih=664#imgcr=z3nCvNHIP-Pi7M](https://www.google.com/search?q=%C3%81rea+do+Derby+Club&sxsrf=ALeKk01D3XD3dio9mNX6zp8Y3Yf0dENZfA:1624027118179&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKewiD1e-7tKHxAhVZqpUCHXaNBvsQ_AUoAnoECAEQBA&biw=1280&bih=664#imgcr=z3nCvNHIP-Pi7M). Acesso em 13 de maio de 2020.

Figura 5: Área do Derby Club



Fonte: [https://www.google.com/search?q=%C3%81rea+do+Derby+Club&sxsrf=ALeKk01D3XD3dio9mNX6zp8Y3Yf0dENZfA:1624027118179&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKewiD1e-7tKHxAhVZqpUCHXaNBvsQ\\_AUoAnoECAEQBA&biw=1280&bih=664#imgcr=l6Q0Q71scwxshM](https://www.google.com/search?q=%C3%81rea+do+Derby+Club&sxsrf=ALeKk01D3XD3dio9mNX6zp8Y3Yf0dENZfA:1624027118179&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKewiD1e-7tKHxAhVZqpUCHXaNBvsQ_AUoAnoECAEQBA&biw=1280&bih=664#imgcr=l6Q0Q71scwxshM), 2018.

Figura 6: Foto Derby Club, c.1910



Fonte: <http://cacellain.com.br/blog/?p=118635>. Acesso em 2018.

O gosto por acompanhar a “maior paixão nacional” cresceu de tal forma nos anos 1940 que o estádio de São Januário, pertencente ao Vasco, com capacidade para 35 mil pessoas, passou a se tornar “pequeno” para tais emoções. No mesmo período, a oportunidade de sediar o evento como a Copa do Mundo era uma oportunidade para o Brasil tornar-se moderno.

Dentre as principais condições para indicar essa posição do país perante o mundo, a pretensão era de construir o maior estádio do planeta. Entretanto, a idealização da principal praça desportiva do torneio foi regada de intensos debates (BRINATI E MOSTARO, 2018).

Mesmo com uma forte oposição, o Prefeito Mendes de Moraes conseguiu realizar o projeto, principalmente devido ao apoio do jornalista Mário Filho<sup>9</sup>. Foi um início marcante para o que se tornaria posteriormente um símbolo de grandiosidade, de vitórias, de fracassos, de alegrias e outros sentimentos que cada um nutre pelo que foi um dia o maior estádio do mundo (TAVARES e VOTRE, 2015).

---

<sup>9</sup> O jornalista Mário Filho, irmão de Nelson Rodrigues, no final dos anos 40, além de ter grande importância na popularização do futebol, lutou através da imprensa contra o então vereador Carlos Lacerda, que desejava a construção do estádio municipal em Jacarepaguá para a realização da Copa do Mundo de 1950. Conseguiu convencer a opinião pública carioca de que o melhor lugar para o novo estádio seria no terreno do antigo Derby Club, no bairro do Maracanã, e que o estádio deveria ser o maior do mundo, com capacidade para mais de 150 mil espectadores.

O Estádio traz a modernidade para o bairro da Tijuca, é cumprida a promessa de urbanização da borda para receber multidões e vias largas voltadas para veículos automotores de uma nova época, modificando as dinâmicas da paisagem urbana local.

### **3.2. Período 1950-1964: o Estádio do progresso na tradicional Tijuca**

Neste tópico, versa-se sobre o projeto do Estádio do Maracanã, seu entorno urbano e a formação da identidade construída como símbolo do monumento político, cultural e democrático. Esse espaço simbólico e representativo do país dependeu da mídia para formalizar a identidade nacional e previu um mínimo de desapropriação possível.

Segundo Girão (2000), em 1937 se inicia o projeto do complexo do Maracanã, constando dos seguintes equipamentos:

- Piscina com arquibancada para 25.000 espectadores;
- Trampolim e tanque para saltos ornamentais;
- Ginásio para tênis, vôlei e basquete, com capacidade para 20.000 pessoas, ampliado para 25.000 pessoas quando a modalidade de box estivesse adaptada;
- Quadra descoberta para basquete com arquibancada para 10.000 pessoas;
- *Stand* de tiro;
- Estádio de atletismo com pista de corrida oficial, caixa de salto, locais para lançamento de peso, disco, martelo e dardo;
- Parque infantil para 500 crianças;
- Concha acústica;
- Grande estádio de futebol com forma elíptica com capacidade para 150.000 torcedores.

Segundo o IPHAN<sup>10</sup>, da proposta inicial não foram executados o *stand* de tiros, a concha acústica, nem a quadra de basquete descoberta.

---

<sup>10</sup> Informação adquirida do processo e tombamento do complexo do Maracanã e seu entorno. Processo n. 1.094 –T83.

O Ministério de Educação e Saúde perde o interesse pelo tema e o Prefeito Municipal da Cidade do Rio de Janeiro, General Ângelo Mendes de Moraes, nomeado e empossado em 1947, em entrevista, considerou entre as metas de sua administração municipalizar o Estádio.

Já havia uma pressão popular para a IV Copa do Mundo de Futebol no Brasil, que estava próxima, em 1950. Por ser um projeto muito grandioso e com tempo de execução exíguo, nenhuma proposta atendeu na totalidade as expectativas. Assim, constituiu-se uma equipe integrada pelos arquitetos dos três trabalhos finalistas para a elaboração do projeto final.

Uma parte do grupo assumiu o projeto de arquitetura, sob a responsabilidade dos arquitetos Paulo Bernardes, Antônio Dias Carneiro, Rafael Galvão e Orlando Azevedo; e outra incumbiu-se dos cálculos e soluções construtivas, a cargo dos engenheiros civis Antônio Noronha, Paulo Fragoso, Sérgio Marques de Souza e Alberto Rodrigues da Costa.

A área escolhida para a implantação do complexo do Maracanã localizava-se no centro geográfico da cidade, por estar equidistante entre as zonas Norte e Sul, tese defendida pelo então Prefeito. Já o vereador Carlos Lacerda postulava que a construção do estádio deveria acontecer em Jacarepaguá, a fim de privilegiar o crescimento daquela área. Houve uma consulta popular<sup>11</sup>, que democraticamente escolheu o terreno do antigo Derby Club<sup>12</sup>, uma arena para corrida de cavalos, no bairro da Tijuca, para a construção do Estádio Municipal (figura 7).

A pesquisa foi executada durante uma rodada em que quase todos os clubes cariocas atuavam: Botafogo x Olaria, Flamengo x São Cristóvão, América x Madureira, Fluminense x Bangu e Vasco x Bonsucesso. No placar geral, 56,8% dos entrevistados escolheram o antigo terreno do Derby Club e 9,7% opinaram que o estádio fosse construído em Jacarepaguá; 6,9% sugeriram outras regiões como Centro, Gávea, Quinta da Boa Vista e Cascadura. O Derby Club era um terreno na Tijuca, próximo à

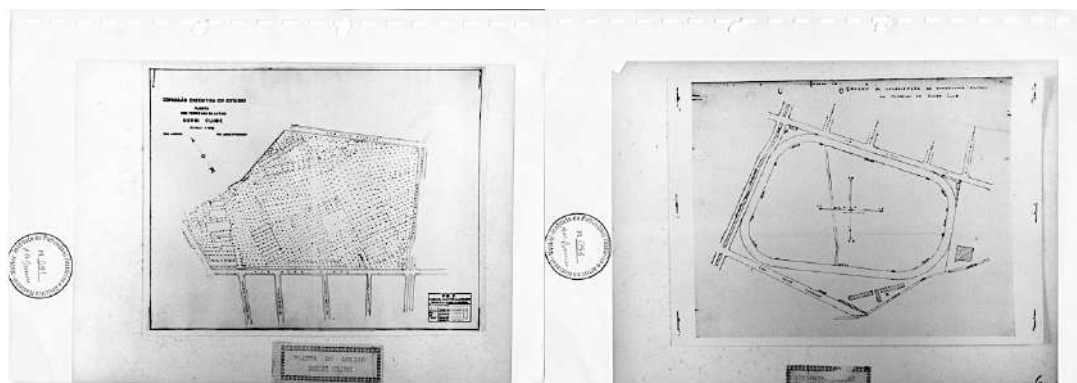
---

<sup>11</sup> Consulta popular para a escolha do local da construção do estádio é citada pelo site <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/estadio-maracana.htm>, mas não se comprova em pesquisa nos arquivos do Jornal dos Sports.

<sup>12</sup> Segundo Girão (2000), o Derby Club já levou mais de 110 mil pessoas ao local para assistir às corridas de cavalo. Dos 1.033.800 m<sup>2</sup> área da Quinta de D. Pedro, a Condessa de Itamaraty cede para o Prado toda a área (SOARES, 2009).

entrada de Vila Isabel. Peças já haviam sido mexidas pelo então prefeito Henrique Dodsworth, em 1945, para que o local fosse utilizado para o estádio, quando este ainda constava apenas no campo das ideias e dos projetos. A região também era a preferida de Mário Filho e Ary Barroso (AFONSO, 2015).

Figura 7: Terreno e estudo de sondagem para a construção do Estádio.



Fonte: Processo de tombamento nº 1094-T-83, Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro, acesso em 2018.

Para facilitar o escoamento e acessibilidade da área, foi defendido pela Secretaria de Desenvolvimento Urbanístico priorizar a população de poder menor aquisitivo. Um estádio pensado desde o início para a população como um todo (BORIN, 2017).

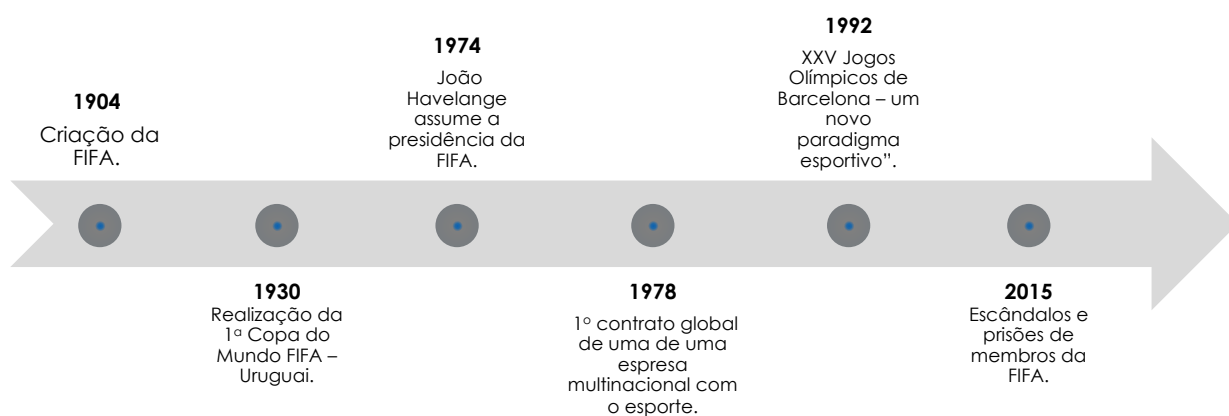
Os interesses políticos da época preocupavam-se em como influenciar a população com sentimento nacionalista e, mediante forte campanha da mídia, sermos o maior e termos uma sociedade saudável e obediente à pátria por meio do esporte (TAVARES e VOTRE, 2015).

Curiosamente, segundo Comas (2014), os aspectos arquitetônicos e urbanísticos da história do Maracanã (figura 09) não têm sido objeto de muita atenção. Nos estudos acadêmicos recentes, a história do estádio aparece antes como um detalhe da história do esporte no Brasil e em particular da história do futebol no Brasil. Sociólogos e antropólogos têm se concentrado no exame do papel do futebol na construção de uma identidade nacional e na manipulação do esporte para fins políticos, destacando seu uso como mecanismo de mobilidade social e prova da existência de uma democracia racial no país.

Que o futebol tenha servido de desculpa para as elites brasileiras no trato da questão racial é mais que provável, mas cabe notar que, na sua essência, nenhum dos demais fenômenos é novo. A cidade-estado grega cultuava os seus atletas, que

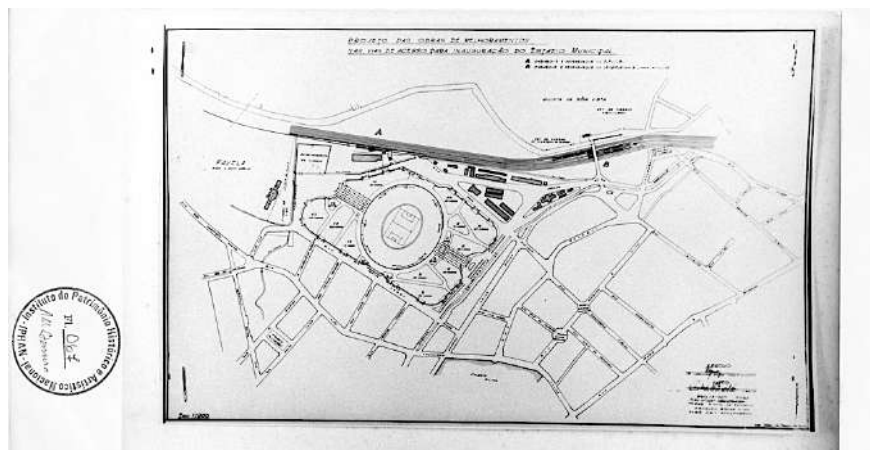
decerto contribuíam para a construção – ou a preservação – de sua identidade. A política do pão e circo possui uma larga tradição, e o prêmio do gladiador bem-sucedido era a liberdade. O entretenimento dos poderosos foi tradicionalmente uma das poucas oportunidades de melhoria econômica e/ou social para membros das classes populares no Ocidente. Além disso, cabe notar que a identidade pressupõe a alteridade dentro de uma comunidade. Os Jogos Olímpicos antigos celebravam tanto a civilização helênica quanto a cidadania particular em disputa com outras cidadanias. Os Jogos retomados em 1896 se organizaram desde o começo em termos de competição entre equipes nacionais; não surpreende que, consolidados nos anos 1920, logo se tornassem um palco de exposição de tensões internacionais e plataforma de propaganda, evidenciando a complexa interação entre esporte, política e negócios (COMAS, 2014).

Gráfico3: Cronologia dos principais fatos envolvendo a FIFA.



Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Figura 8: Projeto original da quadra do Estádio.



Fonte: Processo de tombamento no. 1094-T-83, Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro, acesso novembro 2018.

Quando finalmente se chega à conclusão de que seria municipal, com a esfera federal auxiliando no que preciso fosse, as notícias versavam sobre o estádio como um monumento, "perfeito e melhor condizente com as últimas conquistas da moderna arte de construção e os grandes adiantamentos feitos na armação de estruturas monumentais" (Reuniu-se, 1947, p.1); "O mais perfeito da atualidade" (O MAIS, 1947, p. 4).

Os arquitetos interessados na obra deveriam cumprir vários quesitos. Em primeiro lugar, o Maracanã seria um estádio fechado, com curva perfeita em forma de elipse e movimento do público por meio de rampas. Além disso, o perfil das arquibancadas seria executado em parábola para balancear a visão e sua estrutura se edificaria em três lances: a geral (hoje extinta), que costumava acomodar até 30 mil espectadores de pé; o segundo lance, com 30 mil cadeiras e 300 camarotes com cinco lugares cada; e o terceiro, situado sobre as cadeiras, abrigando as arquibancadas, originalmente com capacidade para 100 mil espectadores sentados. Na parte central do eixo menor, do lado da sombra, ficavam a Tribuna de Imprensa, a Tribuna Desportiva e as Cadeiras Especiais, incluindo as Cadeiras Perpétuas. Logo abaixo destas, estavam as cabines refrigeradas de emissoras de rádio e televisão (OLIVEIRA, 2012).

O projeto ainda cogitava solucionar de problemas urbanísticos, como inundações na região, o que fazia da população admiradora declarada da obra.

No período que se iniciava, a IV República Brasileira, Dutra formalizou apoio a Vargas, que promulgou uma nova constituição valorizando direitos democráticos e políticos suspensos desde 1930. Sua plataforma política era o "trabalhismo"<sup>13</sup> iniciado por Getúlio Vargas, um amplo programa de reformas que se propunha a oferecer proteção legal aos trabalhadores, plataforma política postulada desde a campanha eleitoral. O Rio enquanto Capital Nacional representava os anseios políticos da época, consequentemente a disputa se o estádio seria Federal ou Municipal não interferiu em nada nos compromissos populares cariocas.

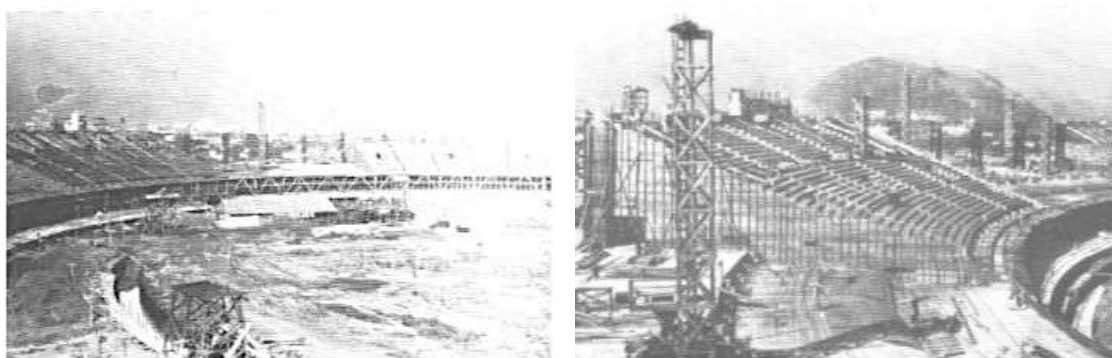
---

<sup>13</sup> O Trabalhismo como projeto político identificava na questão social o grande problema das massas trabalhadoras no Brasil. Ele entendia que a solução para essa questão exigia a intervenção do Estado e enxergava na legislação social introduzida nos anos 1930 a base de um amplo programa de reformas que se propunha a oferecer proteção legal ao trabalhador. (<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/governo-eurico-gaspar-dutra.htm>)

Nessa época havia políticos como a vereadora Sagramor de Seuvero que defendiam que o estádio fosse um espaço que também atendesse às grandes massas. Eles entendiam que esse seria o legado para o pós-Copa do Mundo: além das finalidades públicas que teria o empreendimento, este deveria trazer benefícios não só para os que pudessem comprar o ingresso de entrada para um jogo de futebol, "mas também para que as crianças, jovens e velhos dos subúrbios, morros, favelas e casas de cômodo tivessem seu lugar ao sol no concerto esportivo e social da metrópole" (QUE VENHA, 1947, p.1). Esse discurso corroborava a ideia de que seria um estádio do povo e para o povo.

Durante esses dois anos, as publicações versavam sobre a impressionante capacidade de se construir tal empreendimento, sempre enaltecendo os brasileiros por essa conquista. As fotos do estádio eram frequentes na capa das publicações e serviam para os indivíduos acompanharem cada degrau da arquibancada que ia surgindo e cada etapa (figura 9 e 10) que se finalizava (TAVARES e VOTRE, 2015).

*Figura 9: A construção do Estádio*



Fonte: [www.templodofutebol.hpg.ig.com.br](http://www.templodofutebol.hpg.ig.com.br), acesso novembro 2018.

*Figura 10: Vista aérea das obras em vias de conclusão*



Fonte: Processo de tombamento no. 1094-T-83, Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro, acesso novembro 2018.



O Maracanã nasceu popular (figura 10). Em 17 de junho de 1950 é inaugurado com portões abertos para a população, que pôde estar presente no estádio municipal. O jogo festivo entre Rio e São Paulo recebeu em torno de 150.000 espectadores. E os jornais conseguiram captar toda a atmosfera desse dia.

"Entrega do maior estádio do mundo ao povo! - O Colosso! (...) inaugura-se o monumento do derby - O nosso Estádio! Enorme. Majestoso. Imponente. Ali está ele plantado nos terrenos do antigo Derby Clube, como um símbolo de fé nos homens do Brasil". (ENTREGA, 1950, p.1)

[...] com verdadeiras multidões se deslocando do todos os bairros da cidade [...] confundidos alegremente, homens, mulheres e crianças utilizando-se de todos os meios de transportes e ao seu alcance tomando rumo ao estádio, rumo da maravilha arquitetônica que simbolizará eternamente a vontade e a energia dos brasileiros. Seguiam satisfeitos, sem lamentar as dificuldades surgidas, certos de que todos os sacrifícios seriam recompensados pelo espetáculo [...] cada um como entrando em sua casa - o bom humor e a satisfação diziam bem da importância da obra e quanta alegria veio ela causar no seio da massa esportiva [...] o homem do povo, o operário, o estudante, o grã-fino, enfim todos os setores da vida social de uma grande metrópole demonstravam que tudo estava perfeito, que não havia reclamações (AOS ESPORTES, 1950, p.8).

*Figura 11: Operários comemoram a finalização de uma etapa da obra e teste de peso da arquibancada*



Fonte: Sérgio, R. Maracanã 50 anos de Glória. Acervo família Paulo Pinheiro Guedes.

A Copa Mundial de 1950 é realizada e à sua final compareceu um público de 173.850 pessoas. No confronto, o Uruguai sagrou-se campeão sobre o Brasil, causando consternação nacional, acontecimento conhecido como “Maracanazo”. O estádio só foi concluído em 1965, obtendo no ano seguinte o nome oficial de Estádio Jornalista Mário Filho. A construção do Ginásio Poliesportivo Gilberto Cardoso (o Maracanãzinho), projetado por Bastos, Carneiro, Galvão e Azevedo, iniciou-se em 1952 e sua inauguração se deu em 1954, com 13.600 lugares.

O estádio inaugurado antes de sua conclusão só foi finalizado em 1960, quando o Rio virou o Estado da Guanabara (figura 12). Alguns problemas se manifestam, tais como a fraca iluminação, banheiros sujos e inapropriados, além do campo, considerado “um dos piores do mundo” devido à falta de verbas – ainda que a federação cobrasse altos valores aos clubes de futebol cariocas (REVISTA PLACAR, 1972).

A imprensa sempre abrigou reflexões mais aprofundadas sobre os preparativos e os impactos da organização da Copa do Mundo de 1950, que, além de ter se tornado uma data importante para a história da cidade e do país, deixou como legado o até então maior estádio do mundo, o monumental Maracanã (figura 13). A analogia com o Rio era um mote óbvio. Neto (2014) concentra a discussão de como uma cidade o Maracanã tem virtudes, defeitos, alegrias, tristezas, mas apresenta déficit orçamentário.

Figura 12: Símbolo popular e apropriação



Fonte: Jornal dos Sports, 1950, <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx> Acesso em janeiro 2018.

Figura 13: Reportagem do Jornal o Povo na época da inauguração do Estádio

# ESTÁ PRONTO O MAIOR ESTÁDIO DO UNIVERSO

Rio, 11 — (News Press, Via L.A.P.) — Desde há muito, o brasileiro tem dado especial atenção ao futebol, e sempre lamentou a falta de um estádio que pudesse abrigar a todos os torcedores num jogo de grande importância. Todos os estádios do Rio já estavam pequenos para a multidão de aficionados, e uma medida deveria ser tomada para satisfazer ao enorme público esportista.

Foi quando surgiu a ideia da realização do Campeonato Mundial de Futebol nesta capital que nasceu juntamente com o desejo da construção de um monumental Estádio. Esta ideia partiu do general Angelo Mendes de Moraes e tomou vulto entre os admiradores da esporte bretão. Não faltaram, em pouco, os oposicionistas e uma forte campanha foi iniciada contra a atitude do Prefeito, que desejava oferecer à cidade uma verdadeira praça de esportes, a maior do mundo. As casas legislativas moveram-se durante dias a fio, uns pros e outros contra, mas o prefeito entendeu de levar avante a construção do Estádio Municipal. Hoje, que está pronto, serve de orgulho para todo o Brasil, e temos certeza de que atrairá esportistas estrangeiros que para o nosso meio acontecerão durante as próximas partidas do Campeonato Mundial.

## MUITO TRABALHO EM POUCO TEMPO

Com o fato passado à realidade, e uma vez festejada a celebração da pedra fundamental, deu-se a conhecer o que seria o Estádio Municipal, uma praça de esportes com capacidade para 30 000 pessoas em pé, com arquibancadas que comportassem 32 300 pessoas, rodeada por 20 000 cadeiras calvas, e 1 500 camarotes.

Na verdade, poucos acreditavam que ele chegasse a tanto. Entre outras coisas, porque o tempo seria pouco demais para a conclusão dessas dificuldades.

## PRONTO O ESTÁDIO

A vistosa obra já está pronta. Ela não se resume apenas num campo e duas bilhas; mas é a dependência da Administração a tribuna de honra, vestuário e serviço médico, cabines para imprensa e radii, 58 bares destinados ao público, 28 dependências sanitárias,

**O orgulho da vida esportiva nacional concentra-se numa magnífica obra — Mais de dez milhões de quilos de ferro empregados na construção**

200 camarotes, 20 varetos para cigarro, 15 bombonieres, 210 bilheterias, 12 guichets, etc.

Quatro túneis darão acesso ao campo. São túneis amplos e modernamente ventilados. Dois deles são de tinos dos quadros, um aos juizes e outro aos jornalistas e a Polícia. O público e que jamais poderá entrar em contato com os atletas e os juizes, pelo anel da cancha, foi cavado um fosso de 3 metros de largura por três de profundidade. Para maior esclarecimento deve-se acrescentar que a área total do estádio é de 800 metros e sua altura máxima, de 22 metros. Há ainda uma perfeita instalação de refletores. Esses refletores, ao contrário dos antigos, em que o normal nos nossos campos e no estrangeiro, são em numero de 200, cento e dez de cada lado do campo, com um espaço de um metro regulado a comprimento natural do gramado. Também foi prevista uma instalação de som de 1 000 watts, aproximadamente, distribuídos através de 24 alto falantes. Há um dirigido para o campo, para as arquibancadas, para a circulação interna e para as portas externas.

## MATERIAL GASTO

O que se tem, por certo, imaginado o que é realmente o Estádio Municipal, mas se insistir em saber quanto foi consumido em madeira, de um, em peroba do campo e pinho em numero, surge um impressionante montante. Vai em seguida ao ferro e de novo a resposta impressa um registro geral: 10 457.661 quilos. Além disso e outros materiais foram gastos 593.429 tijolos. É este o Estádio Municipal do Rio de Janeiro. Ostenta, um sonho, uma "moquete", um brado de alívio, uma promessa com um concreto prosaico. Hoje, uma realidade.

Matéria publicada no jornal O POVO de 27 de junho de 1950

Fonte: internet, jornal O POVO, 1950. m <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso, 2019.

O reconhecimento da população para com o seu estádio se deu por intermédio da mídia, que cria e fomenta o sentimento de nação, influenciando na busca pela identidade do futebol. Este se incorpora à rotina da cidade no cotidiano jogo de domingo, que consolida comunidades imaginadas a partir de ideais imateriais. Tanto a manifestação do público na arquibancada da Passarela do Samba, quanto sua associação ao futebol arte, permitem o protagonismo da população pobre que se apropria dessas expressões (OLIVEIRA et al, 2012).

O edifício-estádio se funde na memória afetiva do povo com o futebol, que a partir da inauguração se torna paixão nacional. Já que pelo menos 10% da população carioca compareceram à Final da Copa de 1950, todos na cidade tinham um conhecido que torceu *in loco* nesse dia, infundindo na população uma memória afetiva. O espetáculo é protagonizado pela diversidade, tanto pela manifestação da torcida como pelo futebol arte, com hierarquias sociais suplantadas pela irreverência e espontaneidade que culturalmente integram a tradição cotidiana da cidade do Rio de Janeiro, tornando-se um espaço de brasilidade e de coesão nacional, alicerce do sentimento de pertencimento da comunidade (OLIVEIRA, 2015).

Entende-se que o sentimento evocado pelo futebol foi utilizado pela classe governante, que propiciou aos dirigentes um expressivo suporte político e financeiro

para a adequação do espaço urbano às condições exigidas para tão importante evento. Com o Estádio Municipal do Rio de Janeiro não foi diferente: as autoridades de diferentes instâncias do Governo esforçavam-se para utilizar a visibilidade dada a essa construção em prol de suas próprias imagens públicas. Os embates políticos sobre a municipalização ou federalização do Estádio aguçaram o sentimento de patriotismo, com a população se posicionando entre Lacerda e Mario Filho e torcendo como se fosse um “Fla-Flu”, o que transcendeu a identificação com o “Estádio do Povo”.

### **3.3. Período 1964-1997: o Estádio Carioca na Zona Norte**

A identidade deste momento é abordada no sentido de que o jogo, a disputa e a rivalidade são de grande destaque para o povo, que é influenciado por suas dimensões sociopolítico-econômicas. Consequentemente, ela se associa ao desenvolvimento do bairro da Tijuca, que conforma espacialmente a fronteira do tecido residencial, confrontando a borda do Maracanã.

Durante os governos militares, o Maracanã viveu o auge de sua função de desafogo para o povo reprimido e sofrido, na utilização da imagem ou na própria presença política e no uso do monumental estádio como propaganda da ditadura.

A transferência da capital federal para Brasília e a perda do dinamismo gerador econômico gerou uma crise econômico-fiscal, que se instalava gradualmente, mas só veio a ser percebida pelas elites e pela academia em 1980 (OLIVEIRA, 2015).

“Nesse sentido, os territórios carioca e fluminense, tendo em vista derivarem seu dinamismo econômico centralmente da história da capitalidade da Cidade do Rio de Janeiro, viriam sofrer, a partir dos anos 1960, um processo de erosão da sua importância e dinamismo econômico-social. O entendimento dessa questão, no entanto, no núcleo central da região em exame demora a transparecer socialmente, só ocorrendo nos anos 1980, com inversão do processo de crescimento da economia brasileira e a crise fiscal que se instaura, vivendo-se até o final da década de 1970, com a doce ilusão de que a cidade do Rio de Janeiro teria assinado, nos dizeres de Carlos Lessa, um pacto eterno com a prosperidade” (SILVA, 2006, p.4).

A cidade se mantinha como centro político, cultural, econômico e social desde o período colonial. Ela perde a centralidade política, cultural e financeira, mas mantém o *status* com a manutenção da instalação das sedes das empresas públicas.

“A ruptura do em seu marco institucional<sup>14</sup>” traz uma crise de hegemonia (Vainer, Silva, 2010), sem saber que rumo tomar (OLIVEIRA, 2015). E não seriam poucos os aspectos em que esta se manifestaria.

A falta de investimentos ao longo dessas décadas gerou no sistema ferroviário um processo crescente de precarização, ocasionando uma série de problemas, tais como a deterioração das composições, em função da sobrecarga para qual foram projetados; a superlotação; os atrasos; as constantes panes; os frequentes descarrilamentos; as quedas de energia; as avarias, etc.

O lento processo de transferência da capital para Brasília e o reduzido crescimento industrial do Rio perante os outros estados, em meio à ilusão de que a cidade prosperava eternamente, mascaram o caos que se instalava como esgotamento de terras, o aumento do custo dos aluguéis, a carência de infraestrutura e quaisquer formas de deseconomia externas, como a poluição e violência,

Por outro lado, com o aceleramento da transferência da capital a partir de 1970, muda-se essa lógica. Nos anos 60, com a efervescência cultural patrocinada pela bossa nova e pelo Cinema Novo, tornara-se hegemônica a percepção de “Cidade Maravilhosa”, inclusive com os dois primeiros governos do novo estado da Guanabara, que buscavam realizar uma política de modernização urbana, com base no entendimento de que tal política garantiria a centralidade do desenvolvimento carioca (SILVA, 2015).

O “Maracanazo” perpassa a negatividade de uma partida inesquecível representada pela genialidade de Nelson Rodrigues, que cria o termo “Complexo de Vira-Latas”, definindo o sentimento de inferioridade do brasileiro no futebol e na vida social (Neto, 2014). O que poderia ser considerado apenas uma simples derrota abalou profundamente a população brasileira. A confiança no “País do Futuro”, termo usado para descrever como o Brasil era visto mundo afora naquele período, estava abalada. Se antes, com a chegada da Copa do Mundo, ele era considerado até o “País do Presente”, após a derrota difundiu-se entre os brasileiros a espelhada imagem de “País do Fracasso” (NETO, 2014).

---

<sup>14</sup> Para tal afirmativa, Oliveira (2015) se apoia nos conceitos de Douglass North, Hodgson e Veblen, que definem instituições como normas formais (leis e regulamentos) e informais (história, cultura, hábitos e rotinas).

O estádio que chorou o “Maracanazo” renasceu. Entre as décadas de 60 e 90, além do célebre Fla-Flu, o Maracanã também fez a festa de Botafogo e Vasco, que obtiveram vitórias notáveis em decisões de torneios estaduais e nacionais. Frequentemente lotado, mesmo com capacidade muito superior à atual, o estádio era a casa e o escape do povo, tornando-se para um cidadão comum um descarrego e, para políticos e governantes, uma importante ferramenta de propaganda e alienação popular.

Embates como Flamengo e Vasco, partida conhecida como “o clássico dos milhões” (por reunir as duas maiores torcidas do estado), ou outros clássicos regionais, arrastavam multidões ao Maracanã, trazendo perene alegria e distração ao povo, além de proporcionar maior estabilidade e controle aos governos militares (AFONSO, 2015).

O Maracanã também viveu momentos de sonho para equipes do Rio de Janeiro e para sua história. Em 1963, em uma final de Campeonato Carioca entre Flamengo e Fluminense, terminada em 0 a 0 (resultado que deu o título de campeão estadual à equipe rubro-negra), o estádio recebeu o maior público da história do futebol para um jogo disputado entre clubes: 177 mil pagantes e mais de 194 mil presentes (AFONSO, 2015).

O Maracanã sempre funcionou como um instrumento de inclusão popular em meio à imensa e histórica desigualdade social no país. Tal realidade, porém, veio a ser modificada a partir dos jogos Pan Americanos de 1997. Se o povo não era considerado igual no que respeita ao acesso a direitos básicos e até à justiça, diante do futebol e, principalmente, do Maracanã sempre o foram (AFONSO, 2015). Os compositores Milton Nascimento e Fernando Brant retrataram, com perfeição, a influência do futebol sobre a realidade social brasileira, em canção imortalizada na voz de Milton:

Brasil está vazio na tarde de domingo, né?

Olha o sambão, aqui é o país do futebol.

No fundo desse país

Ao longo das avenidas

Nos campos de terra e grama Brasil só é futebol

Nesses noventa minutos

De emoção e alegria

Esqueço a casa e o trabalho

A vida fica lá fora

A cama fica lá fora

A cara fica lá fora

A fome fica lá fora A briga fica lá fora

A cana fica lá fora

A gaita fica lá fora O tempo fica lá fora

O homem fica lá fora

A luta fica lá fora

E tudo fica lá fora

O Brasil ficava vazio e as arquibancadas cheias. Principalmente as do Maracanã. A realidade ficava do lado de fora e os momentos de sonho dentro do estádio.

(NASCIMENTO, Milton. "Aqui é o País do Futebol", 1970.  
<https://www.youtube.com/watch?v=U6FzERxXI3Y>. Acesso em fevereiro 2020)

A urbanização carioca em janeiro de 1981 acontece com a primeira expansão do Metrô Rio, consolidando as Estações Carioca, Catete, Morro Azul - hoje, Flamengo - e Botafogo. Também foi inaugurada a Linha 2, que contava com as Estações São Cristóvão e Maracanã.

Originalmente aristocrática, a Tijuca, mesmo com o êxodo dos anos 80 e 90, estabiliza-se nas duas décadas seguintes devido ao processo de favelização, maior que no restante da cidade por questões geográficas (ABREU, 2008).

Com ênfase no espaço urbano, a Tijuca, no limiar do século XX, já deixava de ser rural: bondes, primeiro de tração animal e depois elétricos, iam até o Largo da Fábrica das Chitas – nome até 1910 da Praça Saens Pena, já então centro comercial do bairro (ABREU, 2008). O processo de urbanização acelerado a partir de meados do século passado fez surgir uma selva de prédios pelos corredores das ruas Haddock Lobo, Conde de Bonfim e Barão de Mesquita (ABREU, 2008).

Desde a sua construção, o Estádio do Maracanã se destacou na paisagem por sua grandiosidade construtiva. Não por ser uma arquitetura icônica, mas sim por constituir uma representação tecnológica de uma época e por atrair milhares de pessoas para o bairro e seus arredores. Compreende-se que a busca pela integração do entorno com o tecido urbano é conquistada pela continuidade da arborização da borda que toca as ruas de seu entorno, costurando seus tecidos diferenciados.

A escala da arquitetura grandiosa é amenizada pela arborização frondosa (figura 14). A calçada que margeia o estádio era bem maior que hoje, pelo fato de a

construção ser a separação do público com o privado, e não existirem muros. Assim sendo, a população podia tocar na arquitetura; mesmo permitindo o estacionamento nessa calçada, ela fazia parte do uso desse espaço (AFONSO, 2015).

*Figura 14: Paisagem do Maracanã década de 1970*



Fonte: [www.https://www.flickr.com/photos/7477245@N05/7072731997](https://www.flickr.com/photos/7477245@N05/7072731997). Acesso em janeiro 2020.

Na figura 15, nota-se a integração da avenida Maracanã com a quadra do estádio e a arborização como uma barreira da avenida Radial Oeste. Havia uma preocupação de uso do espaço no tocante à integração visual e ambiental na escala do observador.

*Figura 15: Paisagem do Maracanã – década de 1980*



Fonte: [www.http://www.encontratijuca.com.br/tijuca/estadio-do-maracana-na-tijuca.shtml](http://www.encontratijuca.com.br/tijuca/estadio-do-maracana-na-tijuca.shtml).

Acesso em janeiro 2020.

Enquanto símbolo carioca e nacional (figura 16), o Maracanã estava agregado ao costume dominical de ir ao maior estádio do mundo. Orgulho dos cidadãos, a visita



ao espaço era um evento semanal de festa e brincadeiras entre torcidas. Havia sempre jogos preliminares, portanto os torcedores chegavam ao estádio cerca de quatro horas antes do jogo principal para apreciar o acontecimento do dia.

Quando não havia eventos, o estádio Célio de Barros era aberto à população para lazer nos sábados. Incentivava-se o lazer esportivo das famílias que faziam suas caminhadas na pista de atletismo.

*Figura 16: Maracanã enquanto símbolo carioca*



Fonte: <http://republicapazeamor.com.br/site/author/ladrilheiros/>. Acesso em janeiro 2020.

Não havia preocupação dos atores do Estado em afastar o cidadão do local, e sim conectá-lo à arquitetura, ao bairro, assim como criar outros laços de identidade da população com o espaço.

Em 1970, após um incêndio, o Estádio de Atletismo Célio de Barros, foi totalmente recuperado por um novo projeto que acolheu 9.000 espectadores, sendo inaugurado em 1974. Já o Parque Aquático Júlio de Lamare acolhia 5.700 espectadores: projetado pelos arquitetos Rubens Cozzo, Ricardo Labre e Cândido Lemos e também exibindo linhas retas, ele veio a ser inaugurado em 1978.

A cultura local do futebol se valoriza e ingressa no cotidiano dos cariocas. Por meio de diversas percepções e sentimentos, ela concretiza novos costumes na cidade. O edifício-estádio converte-se em local de trocas pessoais, de vitórias e derrotas, de êxtase e de muita tristeza, paixão. Nenhuma área urbana traduz esta mesma identidade com significados tão específicos. Local de emoções históricas, ela carrega consigo uma memória afetiva coletiva.

Tuan (1983), com a topofilia do lugar, apresenta-o como um espaço revestido de raro valor. Graças à sua singularidade e permanência, ele permite a apropriação pela

intimidade, pelo sentimento de apego ao ambiente natural ou construído. A experiência de como as pessoas sentem a realidade abrange a percepção visual e simbolismo. Quando o espaço nos é familiar, transforma-se em lugar. A afeição pelo lugar se dá com o passar do tempo, ou por espaço de memória adquirido com a sua histografia que adquire sentido e identidade ao reviver o que se conhece. (TUAN, 1983) São lugares simbólicos onde a memória coletiva se expressa e se revela. (NORA, 1976).

A cidade perde poder político e econômico com a transferência da capital federal para Brasília. O sítio urbano se espraia, levando a classe dominante a morar na Zona Sul e o proletariado a deslocar-se rumo aos subúrbios, permitindo somente que a burguesia industrial desfrutasse da infraestrutura central da cidade (ABREU, 2008). O sistema rodoviário se expande e se solidifica com os planos da cidade de Agache a Doxiades, que abrangem a socialização do Maracanã a preços populares e viabilizam o fácil acesso até o estádio.

Nesse intervalo de tempo, o primeiro campeonato brasileiro se deu em 1971. O Flamengo é o time carioca que venceu mais vezes no estádio e a possui mais títulos, além de levar o maior público torcedor (REVISTA PLACAR, 1971). O maior estádio do mundo completava 25 anos de sua inauguração. E as grandes disputas esportivas pelo futebol se acirravam, criando ídolos para a população como Zico, Rivelino e Roberto Dinamite (figura 17).

Figura 17: Capas da Revista Placar nº 338 e 339



Fonte: Revista Placar publicada em 1/10/1976 e 8/10/1976.

Segundo o site <http://futpedia.globo.com/campeonatos>, os dados estatísticos de relevância para nosso estudo como maiores públicos no estádio nos fazem entender a identidade histórica da população com os times de futebol – e, mais especificamente, o Clube de Regatas do Flamengo – e o estádio. O quantitativo de Ingressos vendidos entre 1971 e 2012 do rubro-negro do Rio de Janeiro foi de 14.843.363 em 559 jogos, exibindo a maior média de público com 26.553 pessoas por partida. (FUTPEDIA, 2020).

Percebe-se que a identificação da população carioca com o Flamengo se enaltece em comparação com os jogos da seleção brasileira, ao verificar seu comprometimento de comparecer ao estádio em dias de jogos do clube. Segue uma lista com os dez maiores públicos do Maracanã, as datas, os campeonatos e os vencedores, na qual o Flamengo se apresenta em cinco eventos e a seleção brasileira em quatro (tabela 3).

Tabela 2: Os dez maiores públicos do Estádio do Maracanã

1º	16/07/50	199.854	Brasil 1x2 Uruguai	World Cup
2	21/03/54	195.513	Brasil 4x1 Paraguai	WC Qualif.
3	15/12/63	194.603	Fluminense 0 X 0 Flamengo	C.Carioca
4	31/08/69	183.341	Brasil 1x0 Paraguai	WC Qualif.
5	04/04/76	174.770	Flamengo 1x1 Vasco	C.Carioca
6	15/06/69	171.599	Flamengo 2x3 Fluminense	C.Carioca
7º	15/06/69	171.599	Botafogo 0x0 Portuguesa	C.Carioca
8º	22/12/74	165.358	Flamengo 0x0 Vasco	C.Carioca
9º	09/03/77	162.764	Brasil 6x0 Colômbia	WC Qualif.
10º	17/10/54	162.506	Flamengo 2x1 Vasco	C.Carioca

Fonte: Elaborado pela autora baseado nos dados do Canal Botafogo.com

Figura 18: Símbolo popular e apropriação



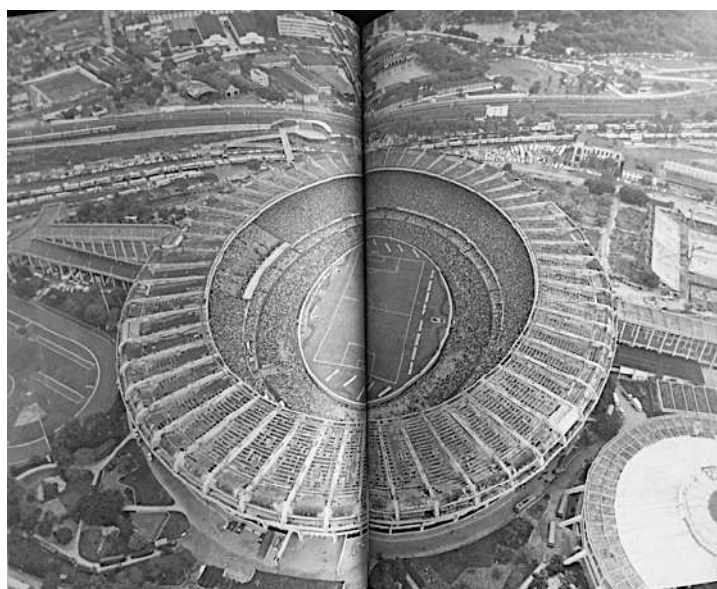
Fonte: Revista Placar publicada em 31/12/1971.

Os campeonatos estaduais entre 1964 e 2000, confirmam esse momento de cultura local valorizada pelos dados de campeões da época, em que Flamengo e Fluminense se consagram por onze vezes, seguidos de Vasco (com nove), Botafogo (cinco) e Bangu (uma).

Símbolo de identidade designado por Nelson Rodrigues como "Clássico das Multidões", a rivalidade Fla x Flu amplifica-se devido à igualdade de desempenho, que se comprova pelos dados levantados: de 1912 até 1997, o Flamengo saiu vencedor em 117 jogos, o Fluminense em 105 partidas e houve 104 empates (figura 19). A importância do confronto se verifica quando em 2012 a Prefeitura da Cidade declarou o clássico patrimônio imaterial do Rio de Janeiro por "*sintetizar a identidade carioca e signo máximo do saudável antagonismo esportivo*" (www.vix.com, 2020, acesso em 27/04/2020).

Passando para os anos 70, vale lembrar um amistoso de pré-temporada do Flamengo contra o Benfica, de Portugal. Um dos lances da partida inspirou o cantor e compositor Jorge Ben Jor, um dos presentes na arquibancada comum público de mais de 44 mil pessoas, a criar uma música que ganhou até festivais: Fio Maravilha e o seu "gol de anjo, um verdadeiro gol de placa" que poucos rubro-negros viram, mas todos já ouviram.

Figura 19: Estádio lotado para o jogo FLA X FLU



Fonte: Revista Placar publicada julho de 1963.

O placar não saía do 0 a 0, quando Fio, folclórico atacante do Flamengo, entrou no segundo tempo e decidiu o jogo aos 33 minutos com uma "jogada celestial", como

cantou e narrou Ben Jor: "Tabelou, driblou dois zagueiros / Deu um toque driblou o goleiro / Só não entrou com bola e tudo / Porque teve humildade em gol". O Flamengo depois venceu também o Vasco e sagrou-se campeão do torneio amistoso. (GloboEsporte.com, Rio de Janeiro. 2/2/19 atualizada)

Outra lembrança é o gol de Rondinelli contra o Vasco em uma final do Campeonato Carioca. O zagueiro, chamado de "Deus da Raça", entrou para a história do Flamengo com um gol de cabeça aos 41 minutos do segundo tempo, em um Maracanã lotado. Garantiu o título que é considerado o marco inicial da chamada "era de ouro" do clube, o qual, de 1978 a 1983 conquistou quatro campeonatos estaduais, três brasileiros, uma Copa Libertadores da América e um Mundial de Clubes sob o comando de Zico<sup>15</sup>.

Até o "Rei do Futebol" já vestiu a camisa rubro-negra por um dia, e esse jogo em que Pelé e Zico fizeram dupla no Maracanã ficou eternizado para muitos rubro-negros. Foi apenas um amistoso beneficente contra o Atlético-MG, mas levou mais de 140 mil pessoas ao estádio e terminou com uma goleada de 5 a 1. Zico marcou três gols, Luisinho fez um e Cláudio Adão marcou o último (figura 20).

*Figura 20: Decisão do Campeonato Brasileiro 1980 - Flamengo x Atlético-MG.*



Fonte: Revista Placar publicada em 01/06/1980.

Pelé, que já tinha se aposentado à época, estava com 39 anos e jogou apenas o primeiro tempo vestindo a camisa 10, cedida por Zico. Ele não marcou, mas ouviu o

---

<sup>15</sup>Arthur Antunes Coimbra, o Zico, atuou como jogador do Clube de Regatas do Flamengo de 1971 a 1994. Ele foi o maior artilheiro da equipe rubro-negra do Maracanã e de todos os Fla-Flus, marcando um total de 595 gols.

estádio inteiro gritar seu nome quando teve um pênalti que deixou para Zico, que usou a 9. A renda da partida, que chegou a CR\$ 8.781.290,00, foi revertida para vítimas das enchentes em Minas Gerais.

O primeiro título brasileiro do clube foi conquistado em pleno Maracanã e é outro jogo inesquecível para os rubro-negros que o acompanharam. O Flamengo perdera o primeiro jogo da final para o Atlético-MG, por 1 a 0 no Mineirão e precisava vencer diante de sua torcida. E conseguiu com um gol de Nunes, após lindo drible, aos 37 do segundo tempo: 3 a 2. No placar agregado, ficou 3 a 3, mas o Rubro-Negro teve vantagem nos critérios de desempate pela melhor campanha na semifinal.

A goleada por 12 a 2 registrada em 1956 foi a maior do Maracanã, mas a mais famosa para os rubro-negros é outra, um pouco mais modesta, digamos: 6 a 0 sobre o Botafogo. O resultado fez a torcida ir ao delírio e marcou o fim de uma era de gozações por causa da goleada, pelo mesmo placar, sofrida nove anos antes, em 1972. Naquele dia, os flamenguistas saíram do Maracanã vingados. Com gols de Nunes, dois de Zico, Lico, Adílio e Andrade, o time desentalou o grito entalado.

Em 1975, o estádio completou 25 anos (figura 21) de inauguração. Ele continuava a ser monumental e popular, mas, "como uma cidade, o Maracanã tem virtudes, defeitos, alegrias, tristezas e déficit orçamentário. "Os problemas financeiros se apresentam como iluminação precária, o campo é considerado "um dos piores do mundo" devido ao estado de conservação, o torcedor não possui um sanitário limpo. Mas em compensação possui um excelente departamento médico. (PLACAR, 1972).

Figura 21: O Maracanã completa 25 anos de inauguração



Fonte: Revista Placar publicada em 25/02/1972.

Em 1983, nasce a primeira proposta de preservação arquitetônica do Maracanã. O IPHAN solicitou então um estudo de possibilidade de tombamento, a pedido de Marcos Villaça, na época secretário geral do Ministério da Educação e Cultura. Para Sergio Miceli, a proposta preocupava, porque um princípio jamais explicitado, mas atuante de proteção governamental era o subsídio àqueles ramos declinantes da produção cultural cujo público diminuto não lhes garantia um mínimo de rentabilidade para sobreviver. Assim, renunciava-se uma crise e desgaste em vez de assinalar uma consagração austera, a legitimação tardia do futebol das expressões subalternas. Polêmica, a proposta acabou arquivada.

### **3.4. Período 1997-2016: a Arena global na centralidade metropolitana**

Este período representa a "gentrificação" do estádio a fim de espetacularizar os eventos, elitizando sua ocupação e afastando o povo do seu maior lazer. A identidade do edifício-estádio é transformada pelas reformas, nas quais os atores políticos desconsideram as legislações nacionais e os ideais do povo, conformando a espacialidade do calçadão-borda que é projetado para evacuação e afastando também as pessoas do seu entorno.

Em vias de espetacularizar o Maracanã, é anunciada a primeira grande reforma em 1997, visando cumprir as exigências da FIFA para o I Campeonato Mundial de Clubes em julho de 2000 (figura 22). As arquibancadas seriam divididas em cinco setores, com assentos individuais colocados em todos os degraus e camarotes instalados nos lances superiores. Diminuiu-se a capacidade para 128.000 lugares, retendo-se, porém, o título de "maior estádio do mundo", com mais conforto e segurança e maior arrecadação. Na ocasião, o escritório de arquitetura Artetec, do arquiteto Antônio Carlos Saraiva, sugeriu implantar sobre os trilhos da Central uma estação intermodal, acompanhada de um estacionamento em dois andares.

Figura 22: Reportagem 9/2/1997 início das discussões sobre a privatização



Fonte: Processo de tombamento no. 1094-T-83, Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro, acesso novembro 2018.

O anúncio das obras reabriu o interesse no tombamento. Em 1997, o estádio foi indicado pelo IPHAN para tombamento com definição do polígono de entorno protegido. A medida não se justificou pelos valores artísticos do complexo, considerados medianos, mas em função de seus valores históricos e culturais.

Observa-se também que, embora se trate de uma obra que foi considerada arrojada em seu tempo, não parece que caiba mérito maior no campo da engenharia ou da arquitetura, senão o de sua explícita monumentalidade. E essa grandiosidade decorreu do próprio programa arquitetônico e político a atender. Fiel a essa premissa, a concepção do projeto teria, portanto, que referendar uma construção de grande porte e a adoção de novas soluções técnicas, sobretudo no que concerne ao sistema estrutural, condição indispensável à sua execução (COMAS, 2017).



Em dezembro de 2000, o Estádio Maracanã foi inscrito no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico do IPHAN, como resultado de um longo processo de sua proteção. O processo buscou ressaltar a construção como um ícone arquitetônico, não apenas da cidade do Rio de Janeiro, mas do Brasil e do mundo (IPHAN, 2018).

Entre 2005 e 2007, nos preparativos para os Jogos Pan-americanos, foi suprimida a geral, sob a alegação de serem proibidos, pela FIFA, torcedores de pé (os populares “geraldinos”) durante jogos oficiais internacionais. O acesso à geral, disponibilizado pelos ingressos a preços populares, constituía uma forma muito especial e democrática de assistir aos jogos de futebol, de que o Maracanã foi vanguarda como estádio oficial (IPHAN, 2018).

Além da supressão da geral para colocação de 20 mil cadeiras naquela grande faixa, o campo de futebol foi rebaixado em 1,20m para permitir a visibilidade a partir das cadeiras colocadas na antiga geral. Como ‘compensação’ pela extinção da geral, reduziu-se o preço dos ingressos nos setores atrás das balizas (gols). Impermeabilizou-se a marquise e houve reforma das instalações elétricas e hidráulicas, assim como de bares e restaurantes (IPHAN, 2018). Em 2007, foram construídas outras rampas de acesso para as cadeiras e arquibancadas, instalando-se ainda os telões (IPHAN, 2018).

Em 2010, reduziu-se mais uma vez o número de assentos no Maracanã. Propôs-se a remoção dos acréscimos de 2000 e 2006 (cadeiras e camarotes) e o retorno da tonalidade cinza-concreto original — muito antes do tombamento, os grandes pilares externos do Maracanã estavam revestidos por pintura em tonalidade variante do azul cerúleo, que se tornou conhecida como azul Maracanã. Foram instaladas cadeiras na cor cinza (hoje, seriam vermelhas). Outra ideia era reativar as duas grandes rampas de acesso e construir mais quatro. Mas também se propôs a descaracterização ou remoção de componentes originais do Maracanã: demolição das arquibancadas de concreto para criação de camarotes maiores e para reconstrução com outra declividade e forma, de modo a facilitar a visibilidade, eliminando pontos cegos na situação identificada à época; redução das dimensões do campo de futebol (originalmente de 100 x 75m, passaria a 105 x 68m); alteração das inter-relações espaciais entre os anéis elípticos concêntricos do estádio; demolição de paredes e de elementos estruturais para modificação dos espaços internos (IPHAN, 2018).

A proposta de reforma inicialmente mantém a marquise de concreto do Maracanã, sobre a qual se intenciona assentar um toldo de policarbonato e aço,

estendendo a área coberta. Tal cobertura não é exigência da FIFA, consta só como sugestão no caderno de encargos. Dias antes do anúncio da EMOP, o IPHAN-RJ autorizara, em caráter de consulta prévia, a demolição da marquise, para colocação de toldo de aço e lona (20), de fabricação alemã. A suposta condenação da marquise foi um dentre os muitos sofismas que se insinuaram neste caso da demolição da marquise (GIRÃO, 2012).

Uma reportagem do jornalista e escritor Fernando Molica em O Dia, de maio 2011, dá a tônica da surpresa diante da autorização de demolição da marquise do estádio:

“A autorização do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para a derrubada da cobertura do Maracanã revoltou profissionais que participaram do tombamento do estádio, em 2000. Relator do processo de tombamento, o arquiteto Nestor Goulart Reis Filho afirma que a cobertura não poderia ser demolida ‘em hipótese nenhuma’. Para ele, retirar a ‘marquise é como cortar a cabeça de uma pessoa’. Segundo o arquiteto, ‘um bem tombado é intocável’. O Iphan permitiu que a marquise seja substituída por um teto de lona. Ítalo Campofiorito, que também participou do tombamento, é direto: ‘As reformas estão destruindo o Maracanã, o IPHAN não protegeu o estádio’[...] (MOLICA, 2011, [www.terra.odia.com.br](http://www.terra.odia.com.br), acesso em maio, 2018).

Campofiorito não aceita a tese de que a mudança da cobertura não afetaria a visão do estádio. “O Maracanã é sempre mostrado do alto, é um emblema da cidade”, diz. Reis Filho frisa que obras em bens tombados só podem ser realizadas para preservá-los ou para restituir suas características. Em seu texto, Claudia Girão afirma que a remoção da marquise seria “uma das mais radicais intervenções realizadas até hoje em bens tombados que não sofreram incêndio ou outra calamidade” (GIRÃO, 2012). De fato, essa radical intervenção que fizeram no Maracanã, que hoje culminou na demolição de sua marquise, contraria inequivocamente a lei de tombamento.

Em paralelo, famílias foram removidas da Favela do Metrô, dentro da comunidade da Mangueira, vizinha ao estádio, que atrapalhava parte das obras de reformulação do entorno do Maracanã, caracterizando o processo de gentrificação, de transformação de paisagens de caráter popular em um processo de valorização comercial da região (figura 23). Novamente o setor público atua a serviço da iniciativa privada.

Figura 23: Área de casas demolidas da Favela do Metrô, na comunidade da Mangueira.

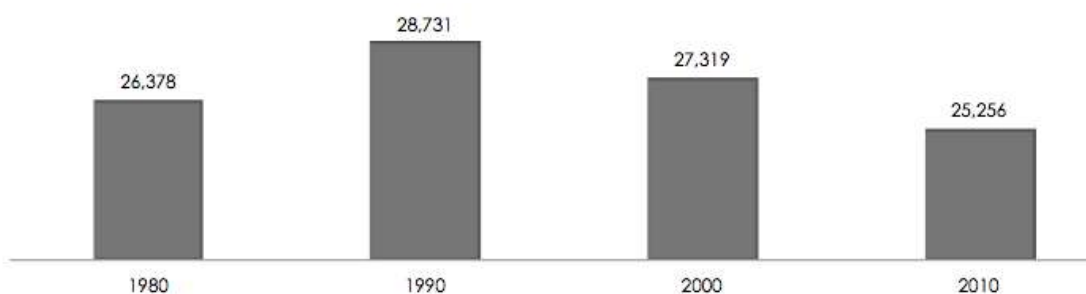


Fonte: Daniel Marenco em UOL notícias. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/05/29/justica-proibe-demolicao-de-casas-da-favela-metro-mangueira-no-rio.htm> acesso em julho, 2020.

O gráfico 4 demonstra a gentrificação no Bairro do Maracanã após as obras de reforma, apresentando a diminuição populacional de acordo com os censos de 1980 até 2010.

A chamada reforma para os jogos da Copa de 2014 incorpora exigências da FIFA e também anseios do governo estadual, de olho em atrativos para a iniciativa privada. O estádio hodiernamente passou por uma reestruturação como nunca se viu anteriormente. Para sediar eventos internacionais, em especial a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, a modernização foi uma imposição para que o Maracanã pudesse receber os jogos desses eventos. O projeto mostra que ele entra para o rol dos estádios mais modernos do mundo, cumprindo cada uma das exigências da FIFA, da segurança à modernidade, passando pelo conforto dos torcedores.

Gráfico 4: Evolução da população do bairro Maracanã



Fonte: Elaborado pela autora com dados do IBGE-2010, [www.ibege.gov.br](http://www.ibege.gov.br). Acesso em fevereiro 2018.

O que foi um símbolo da grandeza de um país emergente virou um monumento para o consumo individual, uma amostra que o Brasil pode produzir e consumir grandes espetáculos em vez de criar e crescer numa democracia forte. Contudo, os novos arranjos espaciais e o novo modelo de gestão (TORRE, 2014) do Maracanã refletem os valores e ideologias da elite brasileira e os que articulam seus interesses na esfera pública.

Nesse contexto, a Cidade do Rio de Janeiro, privada há três décadas de sua capacidade política e frágil economicamente, se lança como uma cidade-evento global e aposta nos megaeventos – Jogos Pan-americanos, Copa do Mundo da FIFA, Olimpíada. Esse processo envolve elementos diferenciais e decisivos para o poder de competição da cidade com outras metrópoles, na atração de investimentos, empresas e pessoas. Alguns fatores estão sob o controle da própria cidade, outros não. São as tendências regionais, nacionais e globais que influenciam o desenvolvimento local, cuja percepção é aguçada pelo "efeito vitrine" da urbe<sup>16</sup>.

A imagem do Rio de Janeiro se consolidou durante o período em que foi capital do país. Hoje visa à integração dos interesses privados e das decisões públicas e vivencia outros movimentos em curso. Um deles é a valorização das manifestações culturais formadoras da imagem da cidade, por meio de uma cidade polinuclear, cuja área central é a redescoberta e valorizada. Busca-se ainda a valorização dos espaços públicos e a ordenação de sua ocupação, reabilitando as ruas para o uso de pedestres. A concepção do ambiente urbano como espaço de referência conjuga-se à complexa teia de relações econômicas, sociais, culturais e físico-ambientais. A valorização de contínuos construídos se projeta como referência indutora à identidade coletiva.

---

<sup>16</sup> Enuncia-se, a seguir, a relação de pontos negativos levados em consideração no diagnóstico da cidade para elaboração do Plano Estratégico de Rio Sempre Rio de 1996: desempenho precário dos sistemas de transportes que afetam a mobilidade interna; graves problemas de poluição ambiental, agravados pela insuficiente cobertura dos serviços públicos de esgoto e destinação de resíduos sólidos; baixo grau de coordenação e integração das infraestruturas de acessibilidade, problemas de gestão e fragilidade logística para o transporte de mercadorias; escassa conexão entre empresas, instituições de pesquisas e universidades; falta de tradição de cooperação público-privada e de iniciativas locais para o desenvolvimento da cidade; baixo grau de articulação institucional e operacional entre a cidade e o seu entorno metropolitano; crise do sistema policial e seus reflexos sobre a segurança dos indivíduos e a convivência cidadã.

Enquanto capital da República e centro de poder por quase dois séculos, o Rio de Janeiro se singularizou pela forte presença do setor público. Este se valeu dos elementos formadores da imagem interna e externa da cidade que atuaram como fator de identidade coletiva e, ainda, da relação que os cidadãos guardam com a cidade e entre si.

As plataformas políticas do Plano Estratégico de Rio Sempre Rio de 1996 se baseiam na utilização do esporte como instrumento de *marketing*, na cultura como projeção da cidade, do patrimônio cultural e histórico para a identificação coletiva, assim como a reeducação do consumo para o aproveitamento do lazer e a fruição de serviços culturais. Essa articulação busca retomar a imagem representativa que o Rio possuía enquanto Capital do Brasil.

O estádio do Maracanã sempre consta dos discursos, quase como um "regionalismo crítico". Ele não é de grife, não atende aos requisitos icônicos padronizados, mas é usado como símbolo nacional. Isso só ocorre devido à paixão que a população ainda nutre pelo futebol e não pelo edifício-estádio.

Se o Rio se lança como cidade global dos megaeventos, certamente o Maracanã não é o Guggenheim de Gehry. Como transformar o estádio numa arquitetura icônica e ao mesmo tempo mantê-lo como um "patrimônio popular"? A "fantasia" deu certo?

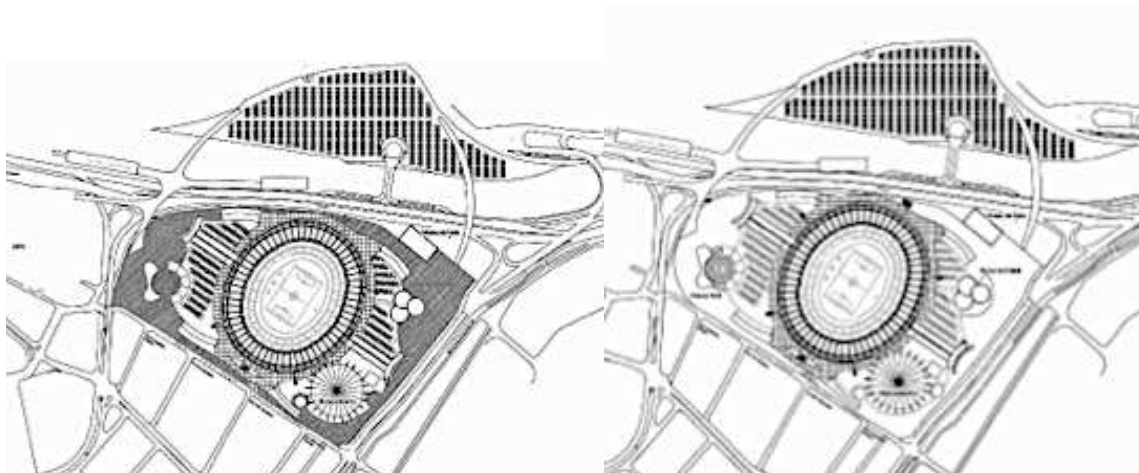
Segundo Vertinsky e Bale (2004), a "experiência do estádio é uma combinação de senso e de pensamento. Estádios, e eventos que ocorrem dentro deles, não podem ser plenamente compreendidos a menos que alguém os experimente". A experiência vem dos diferentes modos pelos quais uma pessoa conhece e constrói a realidade.

O projeto básico para o complexo do Maracanã (figura 24), não executado, segundo o edital de licitação sob a modalidade de concorrência internacional no 001/2009, apresenta os seguintes elementos:

- Objetivo(s): reformulação das calçadas externas do Complexo do Maracanã e das calçadas opostas às vias lindeiras.
- Dimensionamento – Área Construída (m<sup>2</sup>): 62.200 m<sup>2</sup>
- Dados Complementares: atender as normas de acessibilidade universal da ABNT 9050. 30% da área total de calçadas devem receber tratamento paisagístico.

- Características Arquitetônicas: padronização, uniformidade e continuidade em toda a área envoltória do estádio; ausência de barreiras e obstáculos à movimentação do público, ciclovias, cooper e paisagismo; criação de novas perspectivas para a vista do usuário.
- Padrão Construtivo: as calçadas devem ser reformuladas e qualificadas; o calçamento será de piso intertravado com paginação tipo espinha de peixe; sinalização do piso do tipo alerta e direcional(ambas devem ter cor contrastante com o resto do pavimento, conforme normas de acessibilidade ABNT NBR 9050);as travessias de pedestres devem ser realizadas por lombos-faixas.
- Iluminação: a rede de iluminação para pedestres deve ser implantada em todo o perímetro do Complexo do Maracanã e deve estar inserida em uma modulação de 10,00m, intercalando com árvores situadas em canteiros de no mínimo 0,70 por 0,70 cm; os postes internos à quadra, com altura de 4,5m, devem estar distanciados uns dos outros em 7m.
- Lixeiras: considerar a instalação de lixeiras a cada 50m e seis bancos com vasos de concreto de 50 x 50cm a cada 50m<sup>2</sup>.
- Ciclovia: a via será pavimentada com piso asfáltico pintado, diferenciando-se das áreas de calçadas de pedestres e do viário; a ciclovia deve ter largura igual a 3,00m (dois sentidos de direção) e caimento de 1% em direção à sarjeta para fins de drenagem; ela também deve estar separada das calçadas por floreiras e áreas de vegetação, sendo que 30% da área total de calçadas devem receber tratamento paisagístico, drenante.
- Equipamentos de Suporte: posto de informações, comunicação visual, oito guaritas (duas para cada face da quadra), iluminação, alto-falantes, áreas verdes, mobiliário urbano e equipamentos públicos.

Figura 24: Projeto básico para reforma do entorno do Maracanã 2009



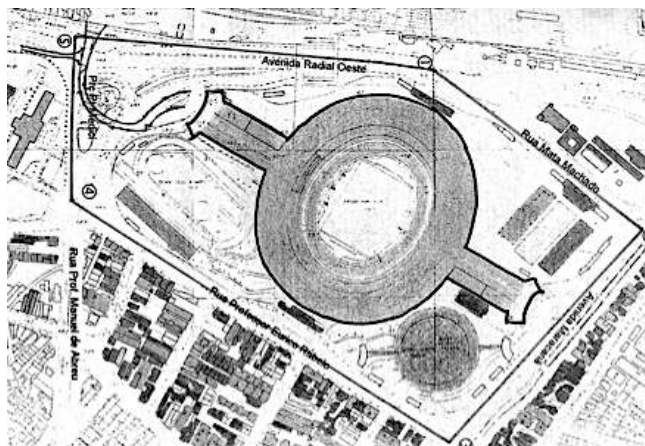
Fonte: Governo do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

Entende-se que a borda acaba sendo consolidada e reforçada como a poligonal do tombamento, na qual os técnicos do IPHAN fazem indicação da poligonal de entorno para proteger os edifícios em anexo. Esta poligonal foi delimitada da seguinte maneira:

“Inicia-se em um ponto imaginário, definido pelo encontro do eixo da Avenida Radial Oeste com o prolongamento do eixo da Rua Mata Machado (ponto 1), seguindo este eixo até encontrar o eixo da Avenida Maracanã (ponto 2). Deste ponto segue até encontrar o eixo da Rua Eurico Rabelo (ponto 3), até que encontre a linha imaginária do eixo da Rua Professor Manuel de Abreu (ponto 4) onde novamente inflete o sentido horário, acompanhando a linha média da Praça Presidente Médici, até encontrar o eixo da Avenida Radial Oeste (ponto 5). Deste último ponto a poligonal inflete, seguindo o eixo da Avenida Radial Oeste até encontrar o ponto inicial desta descrição (ponto 1)” (GIRÃO, IPHAN, 2011, p. 122).

Desta forma, mediante a Portaria 380 datada de 13 de abril de 2000, homologa-se o tombamento do Estádio Mário Filho conforme notificação (figura 25). Isto indica que qualquer modificação no estádio ou entorno exige autorização prévia do IPHAN, que nos anos seguintes, com muitas controvérsias, autoriza modificações pelo senhor Carlos Fernando (GIRÃO, 2012).

Figura 25: Poligonal de tombamento



Fonte: Processo de tombamento nº. 1094-T-83, Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro, acesso novembro 2018.

Durante a Copa de 2014, a zona de exclusão só podia se estender até dois quilômetros do estádio, mas, na prática, ampliou-se para a cidade inteira. As estações de metrô e trem contavam com efetivos da Polícia Militar no seu entorno, os aeroportos receberam camadas extras de segurança e as ruas de acesso à região do Maracanã foram altamente vigiadas. Em muitos aspectos, a cidade replicou a territorialização do estádio. Uma pessoa com uma credencial VIP da FIFA ou da mídia podia passar vários pontos do estádio, dependendo de seu papel no espetáculo. Da mesma forma, só os “cidadãos” do evento podiam passar para os territórios da cidade ligados à Copa.

Embora o esquema tático tenha modificado a relação dos jogos ao longo do torneio, a Polícia Militar sempre formava bloqueios no entorno do Maracanã para permitir ou não que os cidadãos passassem. Nos pontos de paisagem, as pessoas que possuíam um ingresso para o jogo foram obrigadas a mostrá-lo. Durante os cinco jogos da Copa, os bloqueios aumentaram conforme o tipo de ingresso que o povo possui, assim como em função dos acontecimentos recentes.

Com atraso de mais de seis meses, após três anos de reforma, o Estádio Mário Filho foi reinaugurado no dia 02 de junho de 2013, em partida disputada entre a seleção brasileira e a seleção inglesa. Durante a realização da Copa das Confederações, naquele ano, e da Copa do Mundo, em 2014, houve no lado externo manifestações e protestos. O novo estádio, belo e moderno, diminuto e diferente, representava sentimentos de estar num local totalmente desconhecido (gráficos 5 e 6). Já na primeira partida da “Arena Maracanã”, ficava patente a modificação do público usuário da nova “arena”.



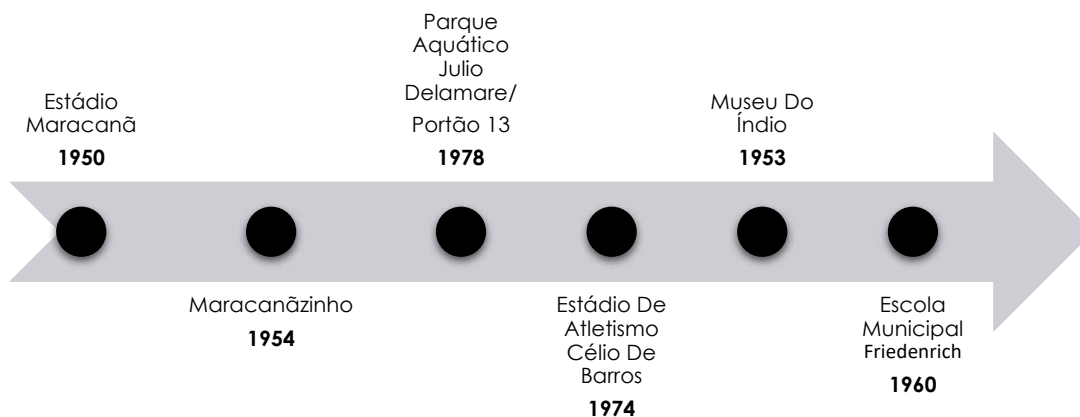
Os preços elevados dos ingressos e a nova roupagem afastavam as camadas populares. De fato, a ausência de bandeiras, instrumentos musicais e do torcedor característico do Maracanã, de rostos negros, mulatos, pardos, vestidos com roupas simples, ou até mesmo o tumultuado desembarque na estação de trem da Mangueira, dispersavam qualquer resquício da alma do que já havia sido o maior estádio do mundo.

Gráfico5: Equipamentos do complexo do Maracanã que correram risco de demolição



Fonte: Elaborado pela autora baseado em mapas do Google Earth, 2018.

Gráfico 6: Linha do tempo da inauguração dos equipamentos do Complexo do Maracanã



Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

## SÍNTESE DO CAPÍTULO

---

Hoje em dia, a diminuição da capacidade do estádio, o aumento hiperinflacionado nas entradas, o fraco nível técnico das partidas, a massificação de transmissões televisivas e a possibilidade de acesso a bens materiais tangíveis afastaram o povo, que substituiu de forma emocional sua presença no estádio. A globalização trouxe outra utilização política ao Maracanã: o papel da política subserviente a interesses comerciais. Modificando completamente a forma de ocupação da nova capacidade, substituíram muitos torcedores pagando pouco por poucos torcedores pagando muito. Fortaleceram-se os interesses televisivos, O objetivo era aumentar o consumidor do futebol televisivo e dos produtos dos patrocinadores e anunciantes do "espetáculo".

Graças à luta dos movimentos e às manifestações populares, conseguiu-se que os projetos não fossem construídos. As manifestações sociais contra a retirada forçada de índios da Aldeia Maracanã e as remoções realizadas na Favela do Metrô associaram-se a protestos do "Movimento Passe Livre", que exigiam a revogação de um aumento de vinte centavos da passagem nos ônibus da cidade do Rio de Janeiro. Aos poucos, a reivindicação dos "20 centavos" alastrou-se para outras localidades, que também haviam sofrido aumento no preço do transporte público.

Os movimentos sociais impediram também a desterritorialização total do calçadão-borda, que os atores políticos pretendiam transformar num enorme estacionamento, ocupando toda a área que margeia o estádio.

Essa nova "Arena" local demonstra que os "Padrões FIFA" dos estádios e o preço geral dos ingressos contribuíam no processo de afastamento do público referente à camada mais baixa da população, transformando completamente a imagem da plateia tradicional dos estádios.

A derrota por 7 X 1 para a seleção alemã, campeã da Copa do Mundo de 2014, nas semifinais do campeonato, em jogo disputado no Estádio do Mineirão, em Belo Horizonte, trouxe ao vocabulário da população jargões negativos e comparativos para situações sociais brasileiras como: "um 7 X 1 todos os dias".

Seu caráter político e sua instrumentalização demonstraram a força emocional do Maracanã no imaginário coletivo e sua potente ferramenta de propaganda, pontos que necessitaram de destaque devido à sua inobservância na sociedade de uma forma geral. Evidenciou-se a importância do estádio na representatividade sociocultural

e na formação de uma identidade regional e nacional. Pontos destacados demonstraram os impactos emocionais sociais dos episódios do “Maracanazo” e do “7x1”, aliados ao poder dos veículos de comunicação junto às opiniões coletivas. As consequências das transformações e da perda da originalidade do templo do futebol na essência deste esporte e no afastamento do espectador foram consequências da política midiática vigente.

Findam-se aqui as discussões teóricas em que se abordaram as questões de identidade do global ao local, analisando-se os períodos históricos e os enfrentamentos dos atores abarcando as dimensões sociopolíticas, econômicas, espaciais e culturais. Demarcou-se ainda o calçadão-borda e as relações com o tecido urbano do Bairro do Maracanã e Tijuca.

#### 4. METODOLOGIA

---

O método adotado é um Estudo de Caso que se divide em duas partes: teórico-conceitual e experimental. A primeira abarca a revisão bibliográfica e o estado da arte das questões conceituais onde buscamos revisar o conhecimento produzido sobre o objeto da pesquisa. A segunda envolve largamente o trabalho de campo e a análise dos dados coletados.

O recorte espacial deste trabalho prioriza os bairros do Maracanã e Tijuca e se desenvolve de modo Interescalar: da local da Borda Permanente (a paisagem cotidiana) à global da Borda Variável (a paisagem efêmera dos jogos de futebol).

Para cumprir o objetivo proposto – **compreender a influência da dinâmica do Maracanã na construção da paisagem urbana** – a pesquisa adota três análises distintas e complementares: (1) análise da Borda Permanente – o calçadão-borda, isto é, as relações socioculturais que se estabelecem na paisagem diurna cotidiana; (2) análise da Borda Variável e das relações socioculturais que nela se estabelecem na paisagem noturna em dias de evento; e (3) análise da forma e das funções urbanas que suportam e influenciam as relações socioculturais estabelecidas nas duas bordas.

Tabela 3: Métodos e instrumentos para o estudo do objeto-borda

Objetivos específicos	Métodos	Instrumentos
Caracterizar a Borda Permanente de modo formal e funcional e identificar as possíveis "pracialidades"	Levantamento quantitativo (inventário) e qualitativo (observação continuada em diferentes dias e horários)	Caderneta de campo com registros cartográficos, fotográficos e textuais
Caracterizar a Borda Variável em função dos diferentes eventos	Percurso comentado nos caminhos de evacuação da Arena Maracanã	Gravação de vídeos e fotografia
Caracterizar a paisagem urbana das Bordas e identificar os elementos que suportam suas relações socioculturais	Levantamento quantitativo e qualitativo da forma e função urbana do entorno da Arena Maracanã	Documentos bibliográficos, dados urbanísticos, caderneta de campo com registros cartográficos, fotográficos e textuais

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Para compreender estas relações socioculturais estabelecidas nas bordas no cotidiano e durante os jogos de futebol, é necessário inicialmente identificar os diferentes atores urbanos que atuam no espaço.

Primeiramente são os usuários locais, que residem próximo à área de estudo, que se apropriam dos espaços de forma repetitiva e constante. Em segundo lugar, temos os usuários que chegam de transporte público ou em seus veículos que estacionam no entorno e utilizam o local de modo esporádico. Além desses, os torcedores que comparecem aos jogos de futebol em multidão, impactando com força a área e o seu entorno urbano, assim como aqueles que costuma utilizar o espaço e reconhecendo o sujeito abordado neste trabalho. Por fim, o Poder Público e a FIFA, que determinam as novas conformações do espaço urbano e, conseqüentemente, os atores de Segurança Pública que balizam a ocupação deste espaço.

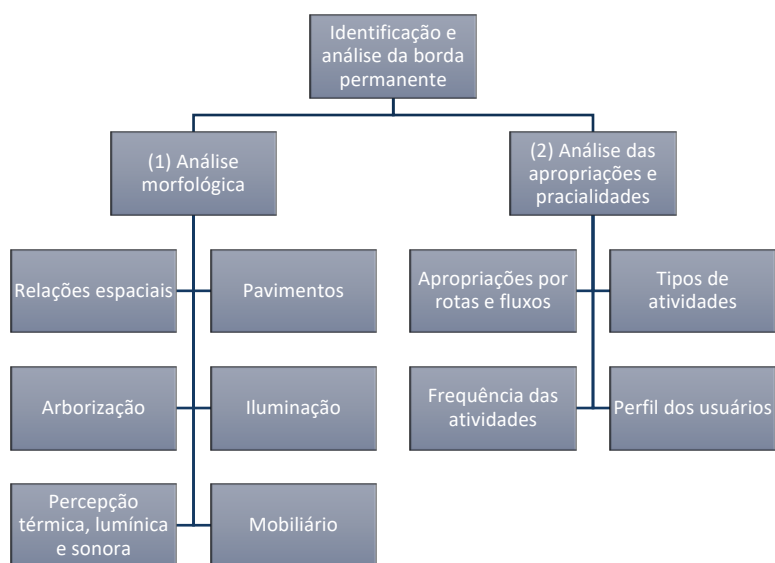
As análises das bordas têm a etnografia como referência base para os procedimentos empregados, principalmente quando o trabalho visa a analisar a relação entre pessoas e o espaço construído. Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) uma descrição do comportamento modelado (GEERTZ, 1989). A pesquisa etnográfica se determina como pesquisa de campo agregada à pesquisadora inserida no meio e é suficiente para obter informações para a base do estudo.

É necessária a criação de regras sistemáticas que auxiliarão a pesquisadora (EU) em questão a se inserir no meio pesquisado. Assim, a etnografia nos ajuda a “compreender um acontecimento particular, um ritual, um costume, uma ideia” (GEERTZ, 1989).

#### **4.1. Análise da Borda Permanente**

A avaliação da Borda Permanente e do seu entorno imediato se organiza e se complementa por análises de duas naturezas: uma quantitativa com base em uma análise morfológica e outra qualitativa, da observação das relações socioculturais que se estabelecem no espaço e podem construir “pracialidades”.

Gráfico 7: Esquema dos procedimentos para a identificação e análise da borda permanente



Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Para os levantamentos do calçada-borda, buscamos identificar as dinâmicas cotidianas que ocorrem nos fins de semana e dias úteis, sempre durante a manhã e a tarde. As visitas ocorreram em 2018, 2019 e 2020 em fases distintas (tabela 5):

Tabela 4: Relação das fases das visitas de campo cotidianas

Fase	Visita	Período	Objetivo
<b>Fase 1</b>	As visitas ocorreram durante uma semana seguida, nos mesmos horários: às 7 h, 10 h, 12 h, 15 h e 17 h.	Semana de 16/04/2019 até a semana 23/04/2019.	Detectar as atividades e apropriações no calçada-borda.
<b>Fase 2</b>	As visitas ocorreram em dias esporádicos.	Visitas: <ul style="list-style-type: none"> <li>• 19/05/2018</li> <li>• 19/09/2018</li> <li>• 14/05/2019</li> <li>• 10/06/2019</li> <li>• 28/06/2019</li> <li>• 13/08/2019</li> <li>• 15/08/2019</li> <li>• 16,17,18/11/2019</li> <li>• 24,25,26/11/2019</li> </ul>	Detectar a paisagem urbana do calçada-borda.
<b>Fase 3</b>	As visitas ocorreram em dias esporádicos.	Visitas: <ul style="list-style-type: none"> <li>• 24,25,26/11/2019</li> <li>• 13,14,15/01/2020</li> <li>• 10,11,12/02/2020</li> </ul>	Detectar as atividades cotidianas e apropriações no Bairro da Tijuca.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

De modo complementar, foi feita a pesquisa documental, junto a órgãos ligados ao objeto da pesquisa, tais como: Biblioteca Nacional, IPHAN - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Fundação Parques e Jardins, Arquivo Nacional e os aerofotogramétricos disponibilizados pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro acionado no RIODADOS, além de mapas buscados no Google Earth.

#### **4.1.1. Análise morfológica**

Os elementos estruturadores do espaço se destacam com capacidade de se organizar e se orientar no espaço pela multidão, pela construção de mapas mentais (Lynch, 1960); já a interpretação do espaço se dá por sequências de imagens que vão surgindo, passo a passo, remetendo a Cullen (2006) no percorrer da cidade.

A relação entre o indivíduo e a cidade é sempre uma experiência única e pessoal. Entretanto, os lugares possuem capacidade de transmitir mensagens que são interpretadas como revelação de certos sinais codificados (KOHLSDORF, 1996), tendendo a ter significações que se assemelham para os membros de um mesmo grupo cultural. Assim, foi possível compreender que os torcedores têm propensão a estruturar o espaço urbano e arquitetônico, priorizando a experiência visual e criando uma base de vivências compartilhadas.

Para a análise morfológica, são utilizados como base os procedimentos do Grupo de Pesquisa Sistemas de Espaços Livres do Rio de Janeiro – SEL/RJ (2007). A análise abrange a caracterização morfológica referente ao estudo do arranjo de elementos que configuram o ambiente urbano e a paisagem e seus aspectos socioculturais/qualitativos, o que envolve o estudo comportamental daqueles que se apropriam do espaço.

A classificação dos espaços livres públicos é considerada como ferramenta de qualificação dos sistemas de espaços públicos e importante para políticas públicas:

1 – Conservação ambiental: é a categoria que trata de áreas de preservação em meio à malha urbana consolidada, delimitando contexto natural e antrópico. Os rios Joana e Maracanã, que correm do Maciço da Tijuca para a Baía de Guanabara, limitam a área de estudo e estruturam os sistemas de espaços livres dos bairros do estudo.

2 – Espaço de Circulação: apresenta diferentes traçados com identidades e culturas distintas. Possui função estrutural na cidade, materializando a morfologia das quadras, e interliga a paisagem urbana. Assume ainda o papel de ligação física da

cidade e transporte de mercadorias e pessoas. E compreende subcategorias que complementam a categoria, como canteiros, calçadas, etc.

3 – Práticas Sociais: definem-se como áreas livres públicas de recreação, esportiva, de contemplação, de manifestações sociais e apropriações formais ou informais.

4 – Espaços associados a Edificações Públicas: são espaços da cidade de instâncias municipais, estaduais ou federais, que circundam grandes espaços livres compostos por massas arbóreas densas em comparação à malha urbana do entorno.

Cocoza cria, ainda, o Espaço Livre Iconográfico, categoria que define como espaços monumentais da cidade os marcos urbanos, seguindo os princípios de Kevin Lynch (1960) de percepção urbana. Impactam na paisagem da cidade, pois permitem aos pedestres transitar permeando as edificações junto a grandes espaços livres, participando do cotidiano e convivendo de forma plena (COCOZZA, 2009). Uma convergência de uso recreacional, espaço grandioso com arquitetura emblemática.

Desses atributos, o inventário<sup>17</sup> do calçada-borda se dedicou mais plenamente à observação e ao registro dos seguintes elementos estruturadores do espaço:

- Relação espacial da borda com a Arena e com o entorno imediato;
- Vegetação, em especial a arbórea;
- Iluminação;
- Mobiliário urbano, monumentos e artes.

Estes elementos foram registrados de modo sintético por meio de plantas baixas de situação e cortes esquemáticos.

#### **4.1.2. Análise das apropriações na borda**

Para a verificação da dinâmica das apropriações, foram feitas caminhadas ao redor do estádio, nos horários pré-estabelecidos, e foram identificadas naturezas bem distintas de atividades (tabela 6) – de prática física e esportiva, de interação social, de lazer, de turismo e de comércio e serviço, as quais foram registradas, seja nos comentários escritos e gravados, seja por meio de filmagem (câmera GoPro) e

---

<sup>17</sup> Na sua tese, "Avaliação de Espaços Públicos: O caso de duas praças no Concelho de Caminha", Araújo (2007) refere que, para analisar o espaço público e mais especificamente as praças, é necessário ter em conta determinados fatores.



fotografias. Algumas outras atividades, menos predominantes, também foram identificadas esporadicamente e agrupadas em outros itens.

Considerando o hibridismo do espaço público, foram realizadas notações de duas naturezas: os espaços de circulação, observando o fluxo dos pedestres; e os espaços de permanência, atendo-se às apropriações.

Considera-se, aqui, que o fluxo dos pedestres na Borda Permanente se configura como uma forma de apropriação relevante do espaço.

Os atributos socioculturais, enumerados na metodologia do Grupo SEL/RJ foram avaliados à parte, visando a analisar se os mesmos geram pracialidades no calçadão-borda, isto é, apropriações e identificações usuário-lugar – tanto em espaços desenhados para a prática de uma determinada atividade, quanto naqueles que se apresentam como fruto das apropriações espontâneas da sociedade.

Pracialidade, conceito desenvolvido por Queiroga (2012), também criador do termo, permite o entendimento da apropriação dos espaços livres de esfera pública, quando certos fatores urbanísticos potencializam o logradouro e entorno como lugar público:

- A multifuncionalidade, que permite maior número de pessoas com diferentes interesses circulando pelas ruas, tornando-as mais seguras e ricas em (con) vivências;
- O número de acessos diretos entre o logradouro e os edifícios lindeiros, como elemento potencial da interação pública;
- As relações morfológicas capazes de criar sensação de aproximação e envolvimento entre o espaço livre público e os espaços edificados.

O autor define que os logradouros públicos – ruas, praças, largos, avenidas, etc., constituem a estrutura fundamental dos tecidos urbanos tradicionais e, ao menos no que tange às vias públicas, também estruturam os tecidos urbanos das principais experiências do urbanismo moderno brasileiro. Nesse sentido, Queiroga (2001), quando conceitua pracialidade, categoriza espaços onde acontecem as funções que caracterizam o espaço da praça como encontro e convívio social.

No campo, a pesquisadora – munida de mapa da área e máquina fotográfica – realizou visitas, anotando os dados, registrando imagens e realizando anotações por meio de legendas, buscando identificar pracialidades na Borda Permanente. Durante cada visita, foram gravadas em vídeo as apropriações no local, identificando os

vínculos da população. O procedimento empregado foi a observação individual não estruturada e participante.

A observação individual possibilita a equidade das informações coletadas, mas necessita de número maior de visitas, considerando a grande dimensão da área e as inúmeras atividades detectadas.

A observação não estruturada ocorre de forma assistemática, simples, espontânea, conduz a função da pesquisadora atuando como mera espectadora. Visa a revelar uma situação cuja natureza se manifesta como pública, tais como hábitos de usos e apropriações, frequência em determinados locais públicos, entre outras circunstâncias. Para o registro dos dados colhidos, utilizamos distintos recursos, entre eles gravadores, câmeras fotográficas e filmadoras, além de croquis e planilhas de contabilização.

Na observação participante, assume-se uma posição totalmente ativa, envolvendo-se com o fenômeno analisado junto com o evento. Leva-se em conta a forma como a pesquisadora participada situação, não revelando a verdadeira identidade e interagindo com o grupo, mas sem ser notada.

A técnica de observação participativa compreende questões relativas ao tema, com a intenção de coletar dados sobre como o ambiente atende às funções ali realizadas, tanto no que concerne ao ambiente privado, quanto ao público e coletivo. Aqui, o pesquisador participante é apenas mais um membro sem importância no meio a ser pesquisado (ZEISEL, 1981). A opção por esta técnica deve-se ao fato de a pesquisa ter sido realizada em um espaço público, que pessoas de diferentes meios e origens normalmente frequentam e por ele transitam – e no qual a presença da pesquisadora se torna fato normal e cotidiano.

A partir dos levantamentos, foram analisados três parâmetros. O primeiro diz respeito às apropriações, que se dividem em ativas e permanentes; o segundo é o inventário dos dados físicos, socioculturais e espaciais embasados pelos atributos do sistema de espaços livres (QUAPA-SEL, 2007); e o terceiro abrange os direcionamentos, frequência e intensidade dos fluxos de passagem e fluxos de lazer.

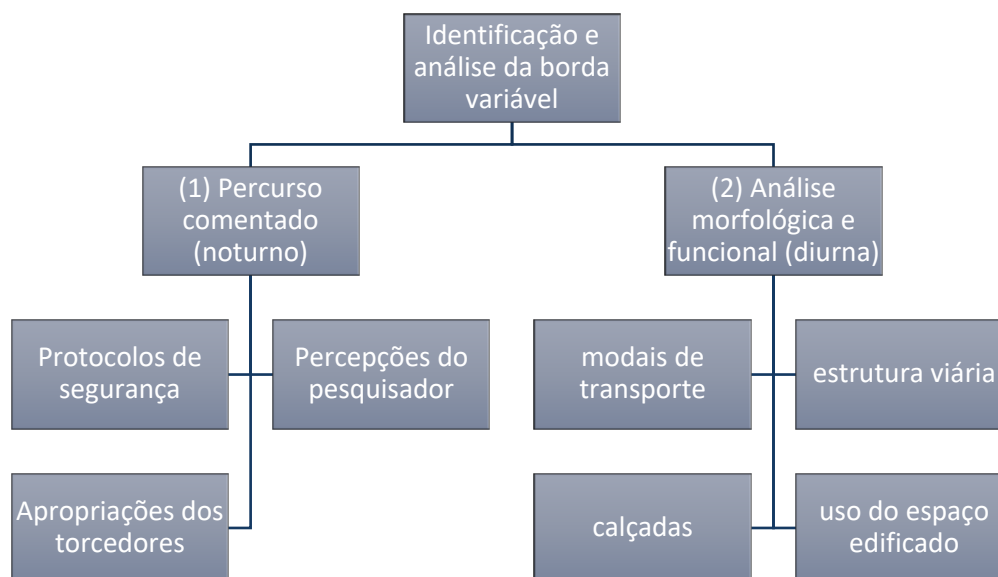
Dessa forma, foi identificada, de modo tipológico, a situação da permanência de pessoas em espaços livres de uso público em dias de eventos, considerando os motivadores para o mesmo, variando em atividades e/ou apropriações.

## 4.2. Análise da Borda Variável

A análise da borda variável, também, foi desenvolvida em duas etapas. A primeira, de modo qualitativo, foi feita para identificar as dimensões e formas de apropriação do espaço público urbano do entorno da Arena – Maracanã nos diferentes tipos de eventos e em campeonatos de futebol, verificando como se manifesta a borda variável. Para essa análise, usou-se, primordialmente, o Método do Percurso Comentado. A segunda, de modo quantitativo e qualitativo, buscou caracterizar a paisagem urbana dessas diferentes bordas ampliadas resultantes, no período diurno, visando a reconhecer os elementos que promovem os vetores de deslocamento dos torcedores nos dias de jogos, em especial os modais de transporte, a estrutura viária, a qualidade das calçadas e o uso nas edificações. Essa análise morfofuncional volta a utilizar os parâmetros do Grupo SEL/RJ, contrapostos aos parâmetros indicados nos Estudos de Impacto de Vizinhança.

Assim, o estudo da Borda Variável se dá em dois momentos: à noite, durante o evento futebolístico, e de dia, nos espaços demarcados pelas rotas de acesso ao local e evacuação do Estádio.

Gráfico 8: Esquema dos procedimentos para a identificação e análise da borda variável



Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

### 4.2.1. Delimitação do objeto de estudo

Considera-se que o objeto é estudado em função de três parâmetros: o tipo do evento e os respectivos protocolos de segurança, os caminhos para o acesso e

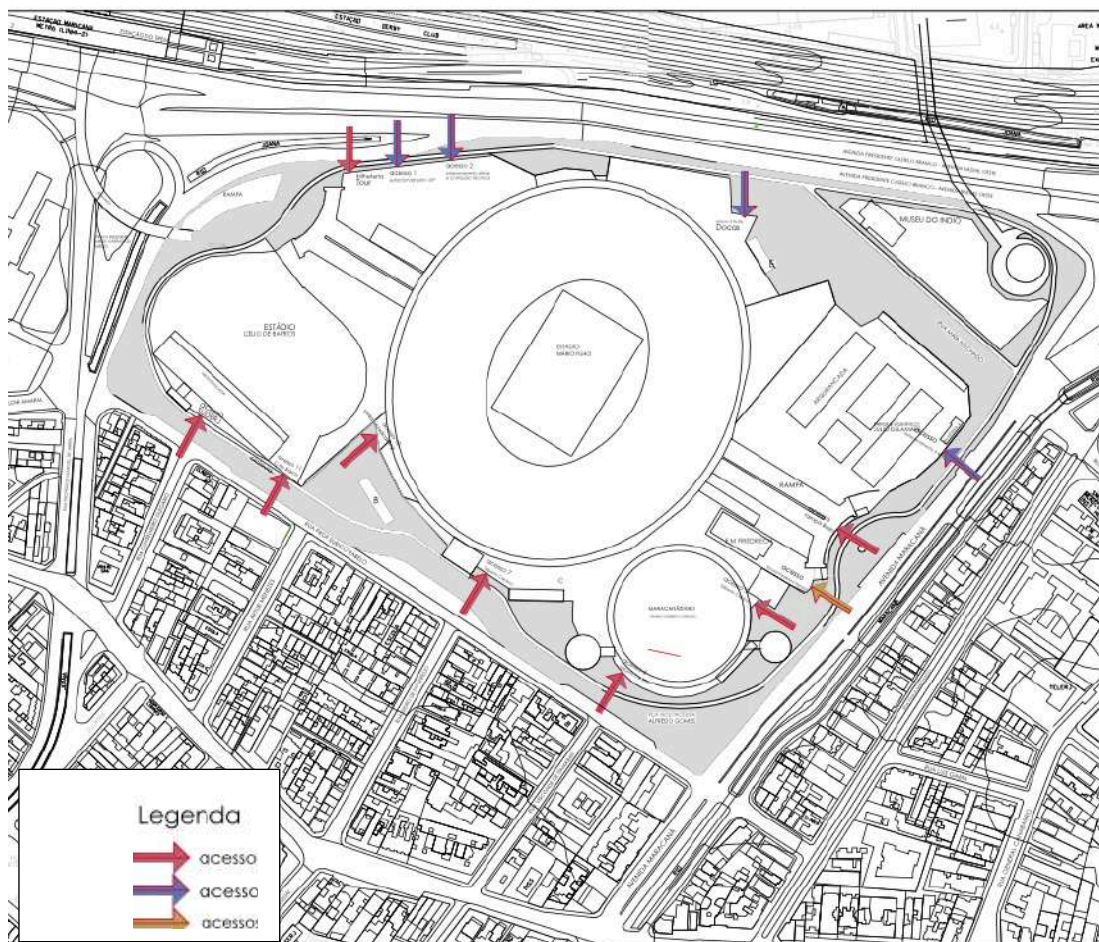
dispersão e as apropriações do espaço livre público ao longo dos caminhos. Tais parâmetros permitem entender a dinâmica da paisagem, observando seus aspectos físicos, sensoriais e culturais.

A análise se inicia na própria Borda Permanente, a qual se apresenta diversa segundo o tipo de evento esportivo, ao qual estão associados distintos protocolos de segurança e diversos espectadores, que se manifestam diferentemente na paisagem urbana, em nível de fluxos e apropriações.

As diferentes dinâmicas em dias de evento impactam o entorno em grau qualitativo e escalar. O quantitativo de pessoas que se deslocam acessando o estádio e, sobretudo, dele se dispersando, transforma o lugar por meio dos diferentes fluxos e apropriações dos espaços.

Para estudar o espaço livre, percebeu-se que a Arena apresenta, além dos acessos, padrões de ingresso e saída dos torcedores, entradas dos jogadores, do serviço técnico, jornalistas, etc. (figuras 26 e 27), que interferem nos fluxos no calçadão.

Figura 26: Portões de entradas e saídas de pedestres e veículos do estádio



Fonte: Elaborado pela autora sobre aerofotogramétrico Rio Dados – 2020.

Figura 27 Maracanã Nomeação das entradas ao estádio



Fonte: Guia Rio,

[https://www.google.com/search?q=portoes+do+estadio+do+maracana&sxsrf=ALeKk03uYhOf9pno3QfhVwOYRpDvc2G5mg:1624029606074&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKewi-5pjevaHxAhU-qZUCHVrcBWgQ\\_AUoAXoECAEQAw&biw=1280&bih=721#imgrc=RVZW0f5WkW99vM](https://www.google.com/search?q=portoes+do+estadio+do+maracana&sxsrf=ALeKk03uYhOf9pno3QfhVwOYRpDvc2G5mg:1624029606074&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKewi-5pjevaHxAhU-qZUCHVrcBWgQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1280&bih=721#imgrc=RVZW0f5WkW99vM). Acesso em julho 2019.

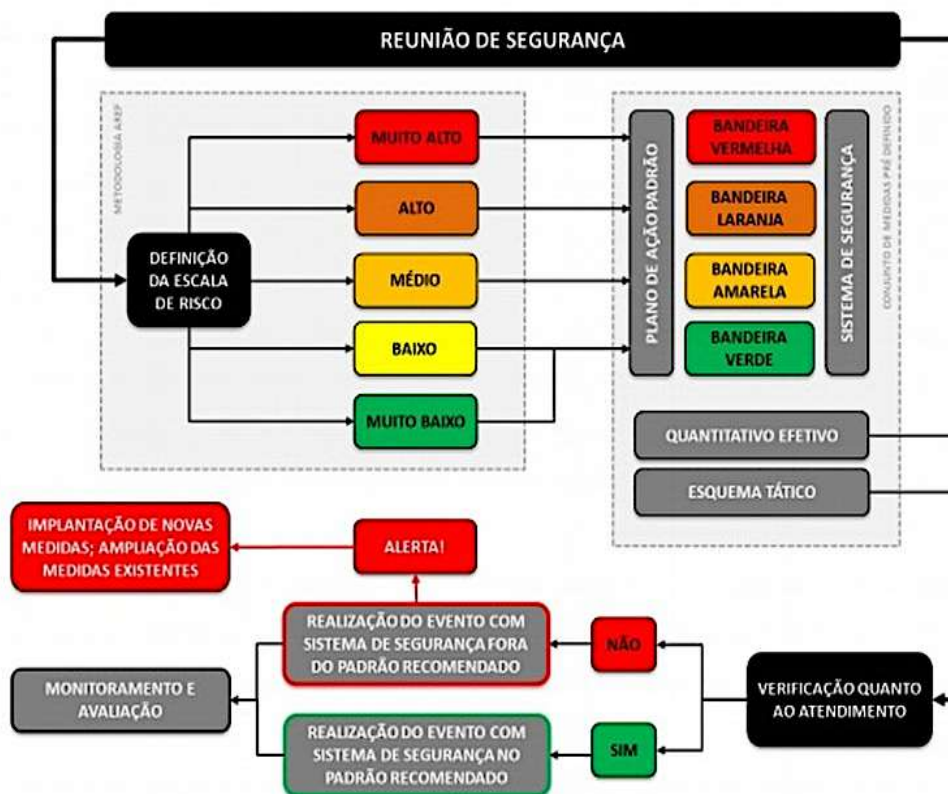
Os acessos dos torcedores são representados por letras, conforme ilustra a figura 27, e são ao todo seis, sendo quatro acessos de veículos, além dos três acessos de serviços, que também impactam nos fluxos dos eventos.

Para se precaver dos transtornos, a partir do dia 1º de setembro de 2019 se instituiu um protocolo de segurança. O Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MP-RJ), por meio do Grupo de Atuação Especializada do Desporto e Defesa do Torcedor (GAEDEST/MP-RJ), a Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ) e os órgãos de planejamento do GT Maracanã criaram um programa de segurança, estabelecendo três itens: matriz de atribuição das medidas e ações; modelos de planos de ação; e critérios para auxiliar a classificação de risco. Gerou-se um *software* denominado AREF – Metodologia de Avaliação de Riscos em Estádios de Futebol –, desenvolvido pela Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), nos jogos realizados no Maracanã.

O protocolo de segurança (figura 28) inclui o sistema de classificação de risco, que utiliza bandeiras verde, amarela, laranja e vermelha, indo do menor para o maior grau de risco. Ele se divide em sete fases, cada uma delas consequência da anterior e todas levando em conta que a principal ameaça é o torcedor. São elas: caracterização da fonte de ameaça; sistema de segurança; efetividade da ameaça; histórico ponderado; probabilidade; impacto; e risco. E há cinco atributos para qualificar a ameaça: público, mando de campo, recursos, desempenho na competição e situação política do clube. A bandeira vermelha exemplifica as medidas excepcionais, tais como a eventual necessidade de fechar poucas ou muitas vias ao redor do Maracanã (por

exemplo, o fechamento de um dos sentidos da Av. Radial Oeste) e a presença do Batalhão de Polícia de Choque.

Figura 28: Esquema de aplicação prática do protocolo de segurança










Fonte: GT Maracanã, [http://www.mprj.mp.br/noticias-todas/-/detalhe-noticia/visualizar/65405?p\\_p\\_state=maximized](http://www.mprj.mp.br/noticias-todas/-/detalhe-noticia/visualizar/65405?p_p_state=maximized), acesso em julho 2019.

Após a coleta de dados, verificou-se que, a partir do início da implementação do novo protocolo de segurança para proteção dos torcedores e habitantes da vizinhança, se instalou um novo padrão de conduta dos órgãos públicos no ambiente, alterando o comportamento na borda do Maracanã. Sendo assim, a investigação desta tese analisa pelos mesmos critérios todas as escalas de eventos.

Na escala nacional, o Campeonato Brasileiro, em sua fase final, já transcorreu dentro do novo protocolo, assim como a Copa Libertadores da América, na escala internacional.



Tabela 5: Relação das visitas durante os jogos de futebol

Data	Escala do Evento	Tipo	fase	Protocolo segurança	Fechamento das ruas
21/04/2019	Local	Carioca	Final	---	
24/06/2019	Internacional	Copa América	1ª fase	---	
28/06/2019	Internacional	Copa América	Quartas	---	
7/7/2019	Internacional	Copa América	Final	---	
31/7/2019	Internacional	Libertadores	Quartas	---	
23/10/2019	Internacional	Libertadores	Semi	Vermelha	
27/10/2019	Nacional	Brasileiro	Pontos corridos	Amarela	
10/11/2019	Nacional	Brasileiro	Pontos corridos	Amarela	

Fonte: Elaborado pela autora baseado em reportagens, <https://br.vida-estilo.yahoo.com/veja-como-ficar%C3%A1-o-tr%C3%A2nsito-222402078.html>, [http://www.mprj.mp.br/noticias-todas/-/detalhe-noticia/visualizar/65405?p\\_p\\_state=maximized](http://www.mprj.mp.br/noticias-todas/-/detalhe-noticia/visualizar/65405?p_p_state=maximized). Acesso em janeiro 2021.

O maior problema no levantamento de campo ocorreu na escala dos eventos locais – Campeonato Carioca –, cuja coleta de dados, realizada entre o final de 2018 e início de 2019, não atendia aos requisitos do atual protocolo. Pretendíamos realizar o levantamento deste evento no início de 2020, dentro dos padrões protocolares, acompanhando o Campeonato Carioca, que acontece sempre no início do ano. Contudo, com a Pandemia de COVID-19, não foi possível, então substituímos pelo jogo Flamengo contra Bahia.

Tabela 6: Jogos do Flamengo de 2019 em que se adotou o protocolo de segurança no Maracanã e que foram a base do trabalho de campo

Data	Jogo/ placar	Fase	Tipo	Dia da semana	Horc	Protocolo segurança	Fechamento das ruas
23/10/2019	Fla 5 X 0 Grêmio	Semi	Libertadores	4ª feira	21:30	Vermelha	
27/10/2019	Fla 1 X 0 CSA	Pontos corridos	Brasileiro	Domingo	19:00	Amarela	
10/11/2019	Fla 3 X 1 Bahia	Pontos corridos	Brasileiro	Domingo	18:00	Amarela	

Fonte: Elaborado pela autora baseado em dados do GADEST/MPRJ, <https://br.vida-estilo.yahoo.com/veja-como-ficar%C3%A1-o-tr%C3%A2nsito-222402078.html>,

[http://www.mprj.mp.br/noticias-todas/-/detalhe-noticia/visualizar/65405?p\\_p\\_state=maximized](http://www.mprj.mp.br/noticias-todas/-/detalhe-noticia/visualizar/65405?p_p_state=maximized). Acesso em janeiro 2021.

Os levantamentos de fluxos se desenvolvem de forma diferente para a Borda Permanente (calçada-borda) e para a Borda Variável.

Para o levantamento do fluxo no calçada-borda, foram escolhidos seis pontos fixos de posicionamento, o que permitiu a contabilização de todos os passantes em intervalos de oito minutos, o mesmo tempo estipulado pela FIFA para evacuação. Este inventário foi executado por filmagens no local, conferido por várias visitas diferentes e, posteriormente, contabilizado e materializado em mapas.

As escolhas dos percursos dependeram de várias condições que consideram tanto os eventos futebolísticos diferenciados, quanto as manifestações ou emoções da coletividade como uma forma de comunicar das relações dos torcedores com o lugar, que reflete diretamente no fluxo dos deslocamentos.

Os mapas de fluxos consistem em cartas utilizadas para representar situações de movimento no espaço como o tráfego de pessoas ou veículos, bem como os acessos e saídas de escape. Formalmente, consiste em representar o sentido e a grandeza do movimento estudado por meio de vetores traçados sobre o itinerário percorrido. Estes



assumem, geralmente, a forma de setas em que o fluxo é caracterizado qualitativamente com cores ou texturas e quantitativamente através de espessuras proporcionais com identificação de intensidade e contabilização do número de pessoas em representação de mapas.

A partir daí, foi organizado um banco de dados com as fotos e vídeos, o que possibilitou a materialização cartográfica dos dados inventariados. Isso permitiu a análise das bordas, a compreensão de sua natureza e a construção de conhecimentos sobre as Bordas Permanente e Variável.

Dessa forma, foi identificada, de modo tipológico, a situação da permanência de pessoas em espaços livres de uso público em dias de eventos, considerando os motivadores para o mesmo, variando em atividades e/ou apropriações:

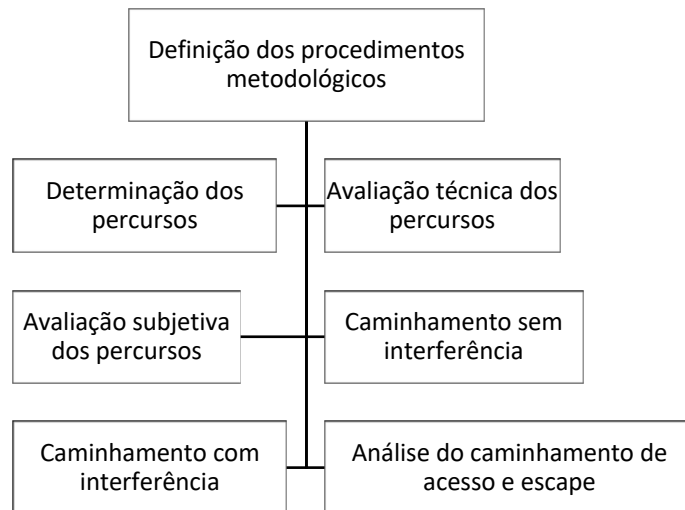
- Local de encontro;
- Segurança: concentração de policiais militares e segurança civil;
- Comércio: ambulantes e ocupação adjacente de calçadas;
- Lazer: roda de pessoas/amigos;
- Localização das situações de permanência de modo cartográfico.

Em suma, através destas é que se entende como se dão as apropriações dos espaços livres, buscando compreender os hábitos e perceber as intensidades.

A borda variável é detectada após levantamento de fluxo, avaliando o quanto ela se expande em dia de evento. Durante a saída do público do estádio, identificamos até onde os transeuntes se dirigem para acessar o transporte público e qual a intensidade de ocupação do espaço público por essas pessoas. A mancha de apropriação do percurso é identificada por fotografias ao final das partidas de futebol selecionadas, conforme protocolo de segurança, que depois são cartografadas por manchas.

Os caminhamentos foram escolhidos pelas características diversas que apresentam na paisagem urbana, tanto morfológica, quanto de uso e apropriação. Kohlsdorf (1996) afirma que os lugares podem oferecer informações relativas a uma série de aspectos da sua arquitetura, como as expectativas funcionais, estéticas, de conforto térmico, acústico ou luminoso, de apropriação social, de orientação, dentre outros.

Gráfico 9: Procedimentos metodológicos



Fonte: Simili atualizado pela Autora, 2019.

Foram definidos locais de análise, denominados como pontos de referência, marcações visuais no contexto urbano. Para Kohlsdorf (1996), a orientabilidade é a capacidade que os lugares possuem, em termos de possibilidades oferecidas aos indivíduos, de se moverem neles e para fora dos mesmos, com uma finalidade consciente.

Para o objeto de estudo, a interpretação do lugar, a análise qualitativa, deu-se pelos sentidos (visão, audição, cheiro e sensação térmica), pelas dimensões culturais, de identidade e representações. Já a identificação visual espacial se dividiu em três aspectos de qualificação do espaço urbano: sonoridade, elementos espaciais e sensações e sentimentos.

São levados em consideração os elementos polarizadores de fluxo:

- Transporte público de massa – metrô, trem, ônibus;
- Transporte público individual – táxi e carro por aplicativo.
- Transporte individual – estacionamento (incluindo de *shoppings*).

São levados em consideração os elementos polarizadores de permanência:

- Comércio formal local;
- Comércio informal – vendedores ambulantes;
- Ocupações efêmeras (reuniões espontâneas);
- Mobiliário urbano.

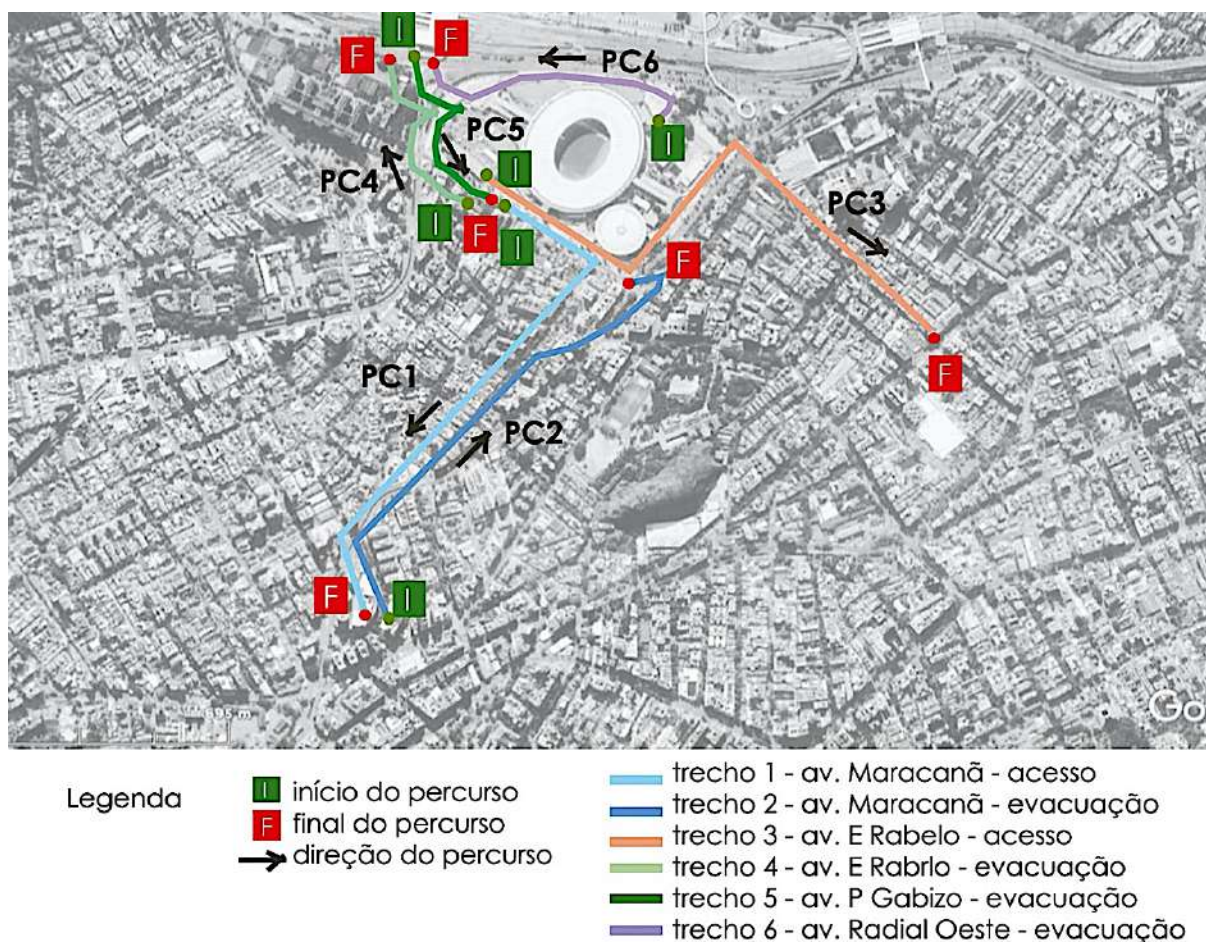
Para entender como se dá a apropriação dos usuários com todos os procedimentos de segurança nos dias de evento, especificamente em dias de jogos do

Flamengo, por meio da metodologia de percurso comentado de Thibaud (2008), buscamos compreender como o ver e viver o espaço na pesquisa de campo se dá pela relação do usuário com o espaço construído na interação, percepção e representações.

#### 4.2.2. Percursos Comentados (PC)

A primeira etapa da análise da Borda Variável foi desenvolvida à noite, usando o método etnográfico dos percursos comentados, num total de seis, sendo dois de acesso e quatro de evacuação, distribuídos em três jogos. Os trechos foram escolhidos após a identificação de todas as rotas de evacuação dos seis portões do estádio do Maracanã (figura 29).

Figura 29: 6 trechos de percurso comentado da tese



Fonte: Elaborado pela autora baseado em mapa Google Earth, 2021.

Todos os percursos ocorreram acompanhando jogos de futebol masculino de distintos times cariocas e da Seleção Brasileira que aconteceram no Estádio do Maracanã conforme tabela 7.

O Método dos Percursos Comentados (*Methodes des Parcours Commentés*), desenvolvido por Thibaud (2001), apresenta-se como técnica eficaz para se avaliar a percepção dos torcedores, pois tem como ponto central a ação e o envolvimento das pessoas diretamente analisadas, pelo qual se pressupõe que o ambiente é um fator condicionante de deslocamento da pessoa.

Esse método consiste em seguir um indivíduo no meio da multidão de atores (outros transeuntes) e objetos que compõem o espaço urbano (meios de transporte, mobiliário urbano, sinalização, etc.), com os quais ele interage durante o caminho. Percorrendo junto, busca-se ouvi-lo, anotando suas verbalizações, ações e percepções, coletando, dentre outros itens, o ponto de vista do indivíduo em movimento (BENIS, 2011) e do pesquisador. Os resultados são analisados com a descrição e análise da qualidade da rota para o tipo de usuário e a percepção ambiental dos usuários envolvidos, seu grau de dificuldade ou facilidade de acesso e seus sentimentos em relação ao trajeto.

O método qualitativo de Thibaud (2000; 2002) tem como foco a sociabilidade e as interações sociais nos espaços públicos. E seus estudos refletem um profundo interesse pela ambiência, enquanto espaço-tempo experimentado pelos sentidos.

Segundo Thibaud et al. (2001) e Thibaud (2004; 2008; 2010), entender a apropriação e o comportamento das pessoas no espaço público se desenvolve pelo movimento através do caminhar, perceber e descrever.

O instrumento utilizado para a representação "cartografia de percurso" fundamentada no método "percurso comentado" mostra como as maneiras de caminhar mobilizam e configuram um campo de variáveis heterogêneas, e propiciam, a cada vez, uma versão possível do contexto no qual se inserem (COELHO *apud* THIBAUD, 2013).

Nesta pesquisa, observam-se as representações urbanas por meio das nuances entre o perceber e o viver os lugares pelas emoções. Por isso, nossa aproximação com o objeto de análise – a Borda Variável – se faz, especificamente, valendo-se das impressões que os qualificam, expressas pelas falas e pelo comportamento corporal dos torcedores ao se deslocarem.

As falas estão associadas à apropriação do lugar, na medida em que nos informa e capta a experiência através da percepção em movimento, por meio de três atividades ao mesmo tempo: "caminhar, perceber e descrever" (THIBAUD, 2003).

Thibaud (2008), no método do percurso comentado, conecta-se à percepção e representação, relação essa que, através da inserção na pesquisa de campo, se dá por caminhadas, experiências vividas, e corresponde a expor as relações das emoções reveladas.

As impressões não são mais as nossas e sim do indivíduo que, ao caminhar livremente, nos conduz no decorrer do percurso. Não é mais apenas o nosso ver e viver a experiência urbana, mas a visão e a vivência urbana do outro, que nos indica a sociabilidade do lugar. Em nosso trabalho, nós chamamos essa figura de “pesquisador sombra”, quando caminhamos junto à multidão de torcedores.

Neste processo de conhecimento de cada parte, o “Eu, Tu, Ele” cumpre um papel que irá expor as relações afetivas estabelecidas através das territorialidades reveladas. A aproximação etnográfica a partir do “Ele” consiste em verificar o ritmo dos transeuntes em diversas horas do dia que envolve o evento futebolístico, observados à distância a partir de um posicionamento em um ponto específico e relacionados para identificar o tempo e fluxo das atividades desde o calçadão-borda, durante o acesso e a evacuação dos torcedores, até o destino final ao longo dos percursos.

“Este tipo de investigação nos revela sem dúvida que a caminhada não procede somente de uma experiência ‘na’ cidade ou mesmo ‘da’ cidade, mas também ‘com’ ela” (THIBAUD, 2008, p.23).

Thibaud (2003) trata esse método como uma descrição que analisa os gestos, posturas, olhares e falas ordinárias enquanto etapas de um trabalho de campo (THIBAUD, 2003). Para o autor, o método permite que captações por áudio e vídeo possibilitem o voltar várias vezes ao lugar por meio das imagens e palavras registradas. E é através dos trajetos topológicos e cognitivos que se representa o que Thibaud chama de “método do percurso comentado” (THIBAUD, 2003).

O percurso comentado nesta pesquisa envolve três hipóteses principais. A primeira trata da “percepção no contexto” (THIBAUD, 2003), que considera que a percepção não é puramente abstrata, mas também está sujeita às intencionalidades presentes no contexto. A segunda é a de que a percepção de contexto considera que reflete as intenções. E a terceira é a percepção do movimento indissociável da relação indivíduo-objeto, condizente com o movimento de coparticipação.

### **4.2.3. Análise morfológica e funcional dos percursos**

Para compreender os impactos da Borda Variável no entorno, aborda-se o Estudo de Impacto de Vizinhança enquanto instrumento urbanístico definido pelo Estatuto da Cidade – Lei federal nº 10.257, de 10 de julho de 2001.

O Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV) é um instrumento urbanístico definido pelo Estatuto das Cidades e consiste, basicamente, no estudo detalhado dos impactos (efeitos positivos e negativos) que um edifício gera para o seu entorno, em razão de seu porte e/ou atividades que serão exercidas. Uma vez conhecidos os impactos, são traçadas as diretrizes que os atenuam, proporcionando melhores condições de habitabilidade, conforto e segurança à vizinhança.

Com base no EIV, buscou-se identificar que elementos presentes no entorno podem contribuir e direcionar as rotas de evacuação, realizando-se para tanto um levantamento de campo no período do dia, visando a caracterizar se a dimensão das calçadas e vias, assim como a iluminação pública, é capaz de alterar essas rotas. Ou, ainda, avaliar se a existência de barreiras, como obstáculos nas calçadas, ou a presença de elementos atraentes (bares, restaurantes e, sobretudo, o transporte) também alteram o comportamento dos torcedores na escolha dessas rotas que configuram o que aqui é chamada de Borda Variável.

### **4.3. A cartografia como método**

A cartografia veio a ser a representação utilizada para a análise comparada entre a Borda Permanente e a Variável, a fim de analisar os conflitos entre as apropriações, assim como suas convergências.

A produção de mapas é utilizada como ferramenta de compreensão do espaço das relações sociais e da paisagem. Os mapas podem ter papel estruturador do espaço e de suas relações de poder, suporte de produção das cidades, com a devida distinção daqueles que produzem espaços e, para este trabalho, dos mapas que são produzidos pelo espaço. Estas considerações dão suporte à abordagem de leitura das paisagens urbanas por meio de mapas e à aproximação da cartografia (NUNES, 2016).

A produção cartográfica – seja oficial, cadastral ou de produção profissional – revela as correlações das forças sociais. Segundo Harley (2009), os mapas nunca são isentos e sempre representam posições de poder. Cosgrove (1998) indica como eles podem representar as ferramentas de produção da cidade e indica se são produtores

de espaço ou produzidos pelo espaço, o que concorre para identificar os processos sociais.

Mas como esse mapa pode representar a paisagem? Ou como se pode ler uma paisagem a partir do seu mapa?

A paisagem assume diferentes formas de interpretação, segundo experiências pessoais do observador. O seu aspecto subjetivo depende de quem e como se enxerga, depende da perspectiva em que o observador se posiciona para observá-la, e as visadas representam a nossa relação com a paisagem e as diversas formas de representá-las, sejam estas fotografias ou mapas.

Em termos de representação, Cosgrove ressalta a importância da perspectiva aérea e das visadas. As representações em planos ortogonais euclidianos permitem identificar elementos da morfologia da paisagem que a distingue de outras paisagens: traçado viário, existência de espaços livres e hidrografia são elementos que podem ser reconhecidos primeiramente no plano, para depois serem vistos a partir da perspectiva do observador.

Mas não é só pelos elementos físicos que a paisagem pode ser lida: a compreensão do contexto histórico e da sociedade permite a leitura da paisagem cultural, das relações entre materialidade objetiva e os significados a ela atribuídos. Portanto, esta análise almeja, além de representar a realidade existente ou a possibilidade de uma nova realidade, denotar também relações sociais, econômicas e culturais do contexto em que foram produzidos.

Para a análise da paisagem urbana, considera-se a utilização de métodos quantitativos (descritores) empregados na caracterização da estrutura de paisagem. Já para a análise das bordas, o método usado é o de observação participativa no levantamento de campo, que se materializa no mapeamento e é analisado segundo teorias urbanas de vitalidade.

A observação e o registro do comportamento sociocultural na borda são as etapas mais importantes da pesquisa de campo para a medição da congruência do ambiente e de seus elementos.

Ao serem relacionados aos comportamentos pessoais, auxiliaram na identificação de imagens os atributos reconhecidos, as expectativas e condutas potenciais dos indivíduos, dos pares, dos pequenos grupos ou dos grandes grupos. Sua observação no ambiente físico externo permitirá a geração de dados sobre suas

atividades, sobre as relações necessárias para seu suporte, sobre regularidades de conduta, sobre usos esperados, novos usos e maus usos de um lugar, e sobre oportunidades e limitações comportamentais que o ambiente proporciona (ALCÂNTARA apud ZEISEL, 1981).

Quando em contato direto com o fenômeno, foi possível perceber sutilezas do comportamento não expressas mediante análises formais. Por ser dinâmico, o método permitiu ainda identificar padrões e desvios significativos de conduta, os efeitos das atividades entre si e as cadeias de reações.

A análise busca trazer reflexões sobre as possíveis formas de leitura da paisagem, por meio dos mapas e também uma reflexão sobre o objeto cartográfico e suas diversas funções, objetivas ou não, na prática dos profissionais dos estudos urbanos.



## SÍNTESE DO CAPÍTULO

---

A fim de compreendermos como as bordas se comportam no cotidiano e durante os eventos, foi necessário inicialmente identificar quem costuma utilizar o espaço e como o faz, reconhecendo o sujeito abordado neste trabalho. O sujeito aqui referido é a população em geral que usa e se apropria destes espaços. Alguns atores influenciaram na construção dessas áreas, participando na delimitação das fronteiras. Referimo-nos aqui aos atores do Estado e da FIFA, que determinam as novas conformações do espaço urbano; por extensão, aos atores de Segurança Pública, que balizam a ocupação desse espaço. E, por conseguinte, aos usuários fixos e eventuais que representam o recorte do universo de pessoas: primeiramente, são os usuários locais, que residem próximo à área de estudo, que se apropriam dos espaços de forma repetitiva e constante. Em segundo lugar, temos os usuários que chegam de transporte público ou em seus veículos, que estacionam no entorno e utilizam o local de modo esporádico. E, por fim, os torcedores do Clube de Regatas do Flamengo, que comparecem aos eventos, os jogos, em multidão, impactando com força a área e o seu entorno urbano.

O recorte espacial foi definido após o da execução do Percurso Comentado e estudo de fluxos, pois foi possível certificar a rota de deslocamento da torcida. A espacialidade é representada pelo calçadão-borda, que, quando analisado pelos métodos descritos, desponta como Borda Permanente, ao passo que a borda variável é detectada pela projeção dos impactos dos eventos esportivos no local e no entorno.

O calçadão-borda é estudado segundo as atividades executadas no local.

A borda variável é verificada segundo a evacuação dos torcedores que seguem em direção ao *Shopping Tijuca*, às estações de metrô e trem, aos pontos de ônibus locais, pontos de táxi e carros de aplicativos, além de estacionamentos regulares e irregulares. As rotas transpassam o bairro do Maracanã, seguem majoritariamente em direção ao bairro da Tijuca, impactando-o com muita intensidade. A torcida segue de forma mais dispersa aos bairros de Vila Isabel e Praça da Bandeira, seguindo rumo à Avenida Francisco Bicalho e, na direção oposta, seguindo via Morro da Mangueira, impactando essa área com menos intensidade.

Portanto, o recorte espacial deste trabalho prioriza os bairros do Maracanã e Tijuca. Aponta-se também que, pela grandiosidade do estudo, averiguar os impactos menos intensos, mas não menos relevantes do fenômeno, se tornaria uma tarefa inviável de ser executada por esta tese, ficando uma sugestão para um estudo pós-doc.

Para relacionar o estudo da paisagem urbana com o calçadão-borda e a borda variável, o levantamento da paisagem urbana foi executado em função da borda variável. Trabalhamos com duas escalas: Vizinhança e Metropolitana/Global, isto é, as escalas cotidianas de deslocamento a pé e as demais que são eventuais com uso de transporte motorizado.

## 5. ANÁLISE DA BORDA PERMANENTE

---

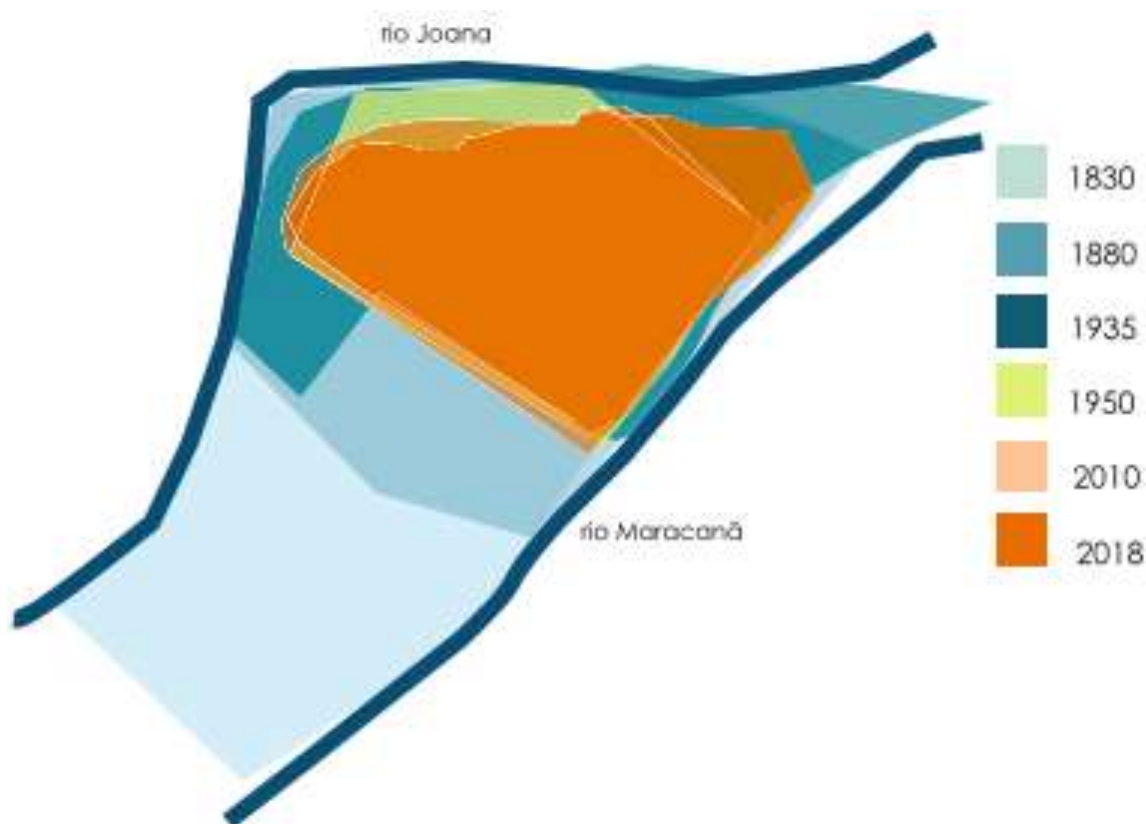
A borda permanente é detectada pelos usos e apropriações que ocorrem no calçadão que margeiam o estádio e sua conformação será explicada nos itens que se seguem.

### 5.1. Análise morfológica

A Arena Maracanã está situada em um terreno que vem sofrendo perda de área desde a década de 1830, quando da implantação do Derby Club, até a atualidade (figura 30). Limitada pelos rios Joana e Maracanã, a análise morfológica urbana se evidencia na identidade do lugar, permitindo assim a leitura da paisagem urbana.

Percebe-se neste estudo da figura 31 que, com o passar do tempo, houve uma supressão da área destinada ao estádio. A quadra foi diminuindo até chegar à quadra física atual, sempre influenciada por momentos políticos/esportivos diferentes.

Figura 30: Evolução morfológica desde o Derby Club até o Maracanã atual (de 1830 até 2018).



Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Hoje, a Borda Permanente, o calçadão-borda, conta com uma área de 13 mil m<sup>2</sup>, incluída no Sistema de Espaços Livres do bairro composto por espaços de circulação e de permanência, conforme mostrado na figura 31. Ela se localiza na Macrozona de ocupação incentivada, de acordo com o Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável da cidade (Lei Complementar 111, 1º de fevereiro de 2011).

Figura 31: Borda Permanente, 2020.



Fonte: Elaborado pela autora baseado em mapa Google Earth, 2020.

Esta Borda é definida pela clara separação entre o espaço público e o privado, sendo fácil a percepção de que o público se efetiva somente onde o pedestre pode circular sem barreiras. A "borda permanente" é vivenciada pelo usuário como "ilha", uma porção do espaço público rodeada por vias em todos os lados e desconectada do seu entorno, pois todos os elementos do sistema espaço livre são de ruptura com o entorno.

#### **5.1.1. A estrutura física do calçadão-borda**

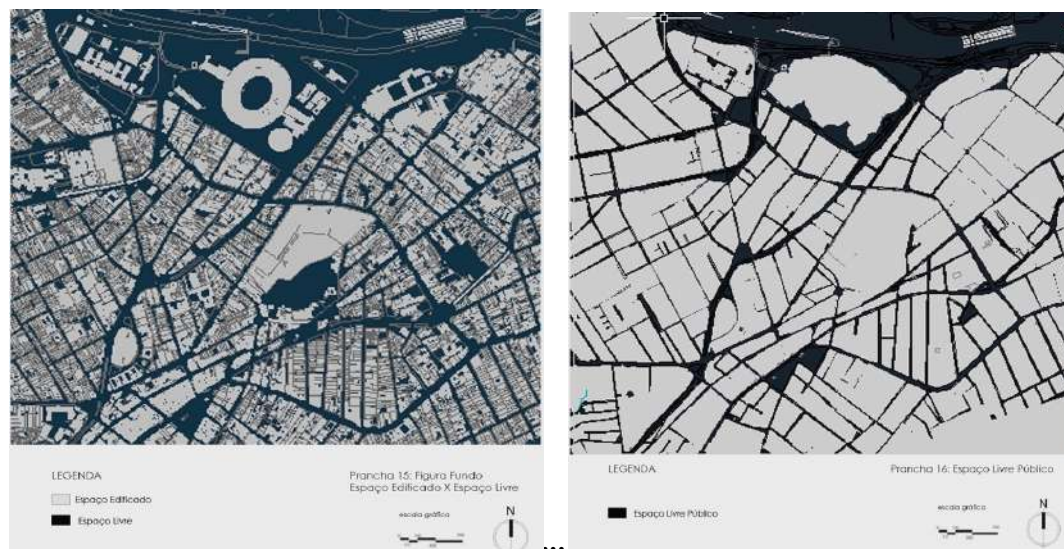
A borda do Maracanã se apresenta como uma área descolada do tecido urbano consolidado, apresentando características de isolamento, com grandes avenidas, residências verticalizadas e pouco convívio do espaço público de lazer.

O Maracanã já foi equipamento público de uso comum, de propriedade pública e de acesso facilitado, como sua calçada do entorno. Atualmente o estádio se apresenta como um próprio público de gestão privada, pois os torcedores têm a possibilidade de usar o edifício, se e somente se eles comprarem o ingresso. Já a borda se configura como privada de uso controlado pelos agentes de segurança, pois no

interior das grades só penetra quem adquiriu o ingresso. Ou seja, porta-se como privada ao espetáculo.

Entende-se que a relação entre o equipamento e o espaço público urbano e o modo como o espaço externo e o interno do edifício se integram é capaz de alterar a sensação de aproximação e envolvimento entre o espaço livre e o espaço edificado (figura 32).

Figura 32: Mapa: Figura Fundo e Mapa: Espaço Livre Público, 2020



Fonte: Elaborado pela autora baseado em mapa Rio Dados, 2020.

Contudo, o calçadão-borda, espaço livre, é definido intencionalmente como um espaço agorafóbico<sup>18</sup> para o suporte da arquitetura-estádio, que se destaca na paisagem urbana como um marco físico e patrimonial.

A borda física se conecta ao bairro do Maracanã pelos lados oeste e sul e se descola totalmente na lateral da via Radial Oeste, na qual impera a alta velocidade dos carros.

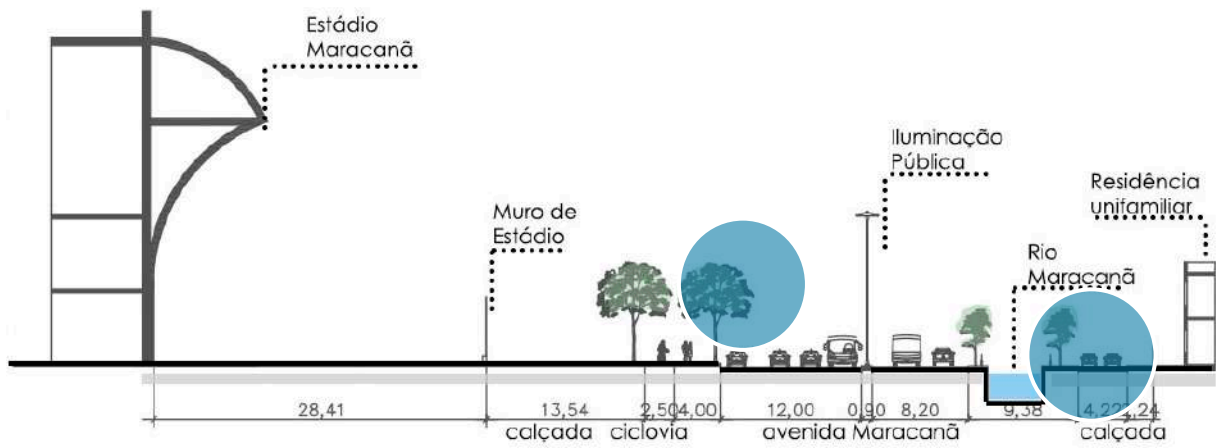
Como síntese dessa análise morfológica, foram desenvolvidos inúmeros cortes no entorno do calçadão-borda (figura 33 a 36), que permitem a visualização dos espaços com a inclusão dos limites biofísicos – os rios –, dos limites viários, o entorno edificado, a arborização e o mobiliário urbano, incluindo o posteamento – destacando-se em azul esses elementos estruturadores. Tais itens, tal como a estrutura viária que define o limite

---

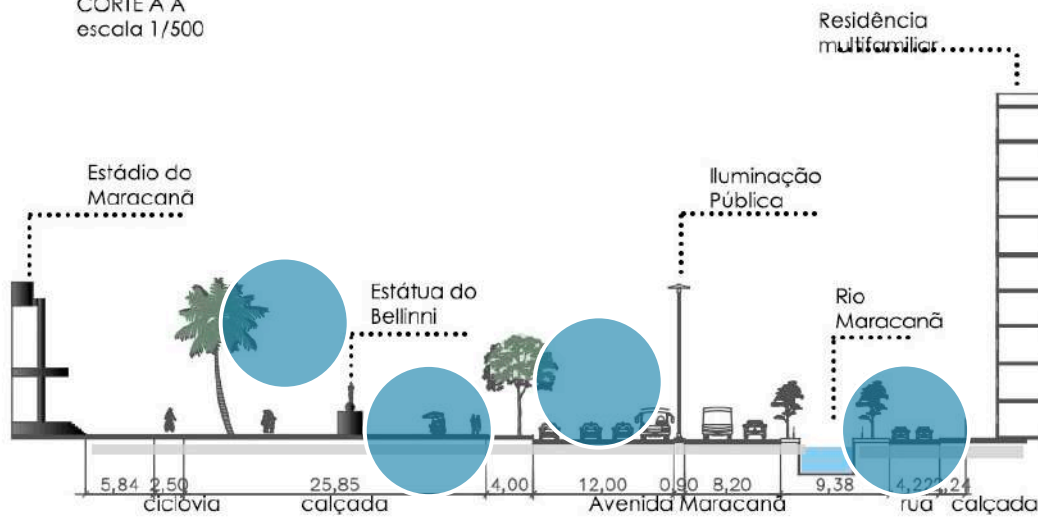
<sup>18</sup> Segundo o professor Queiroga, este se refere a um espaço que é antônimo de claustrofóbico.

físico dessa borda, são abordados mais detalhadamente a seguir.

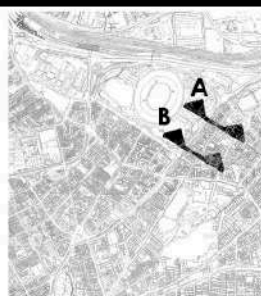
Figura 33: Borda na Avenida Maracanã



**Av. Maracanã**  
CORTE A A  
escala 1/500



**Av. Maracanã**  
CORTE B B  
escala 1/500

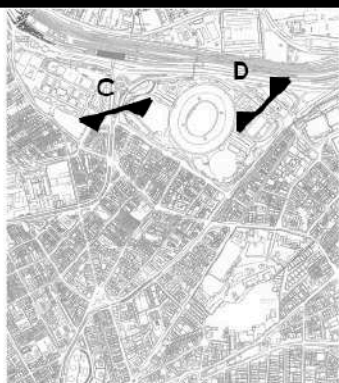
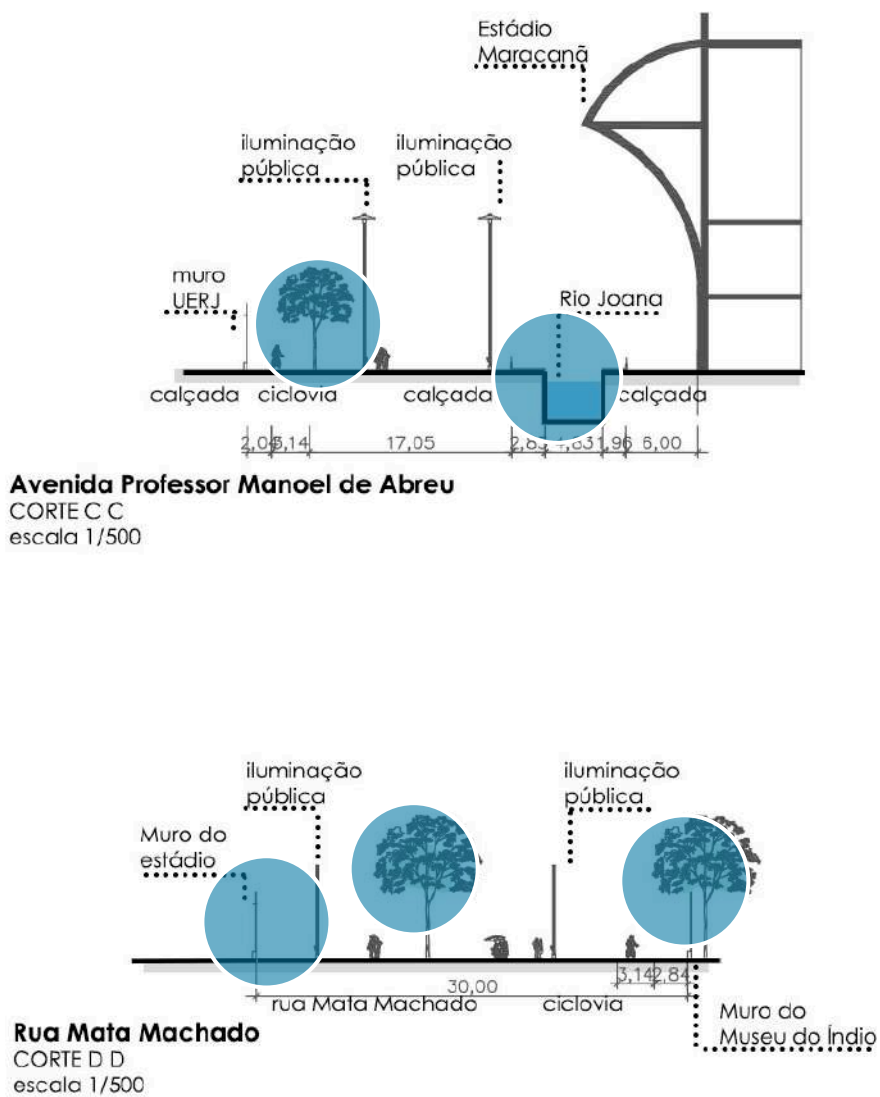


Categoria do SEL  
**ESPAÇOS LIVRES DE CIRCULAÇÃO**  
Perfis das Vias

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.



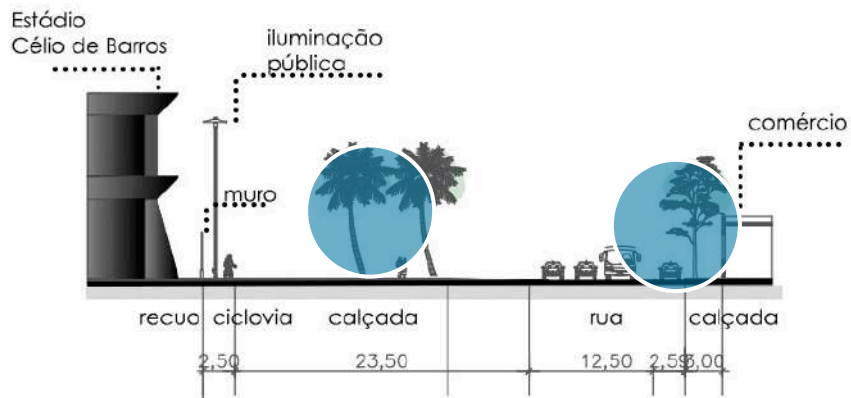
Figura 34: Borda na Avenida Prof. Manoel de Abreu e Rua Mata Machado



Categoria do SEL  
**ESPAÇOS LIVRES DE CIRCULAÇÃO**  
Perfis das Vias

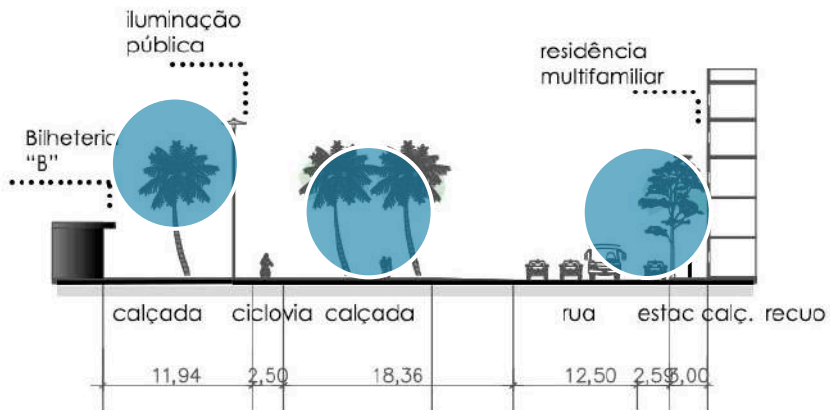
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Figura 35: Borda na Avenida Prof. Eurico Rabelo



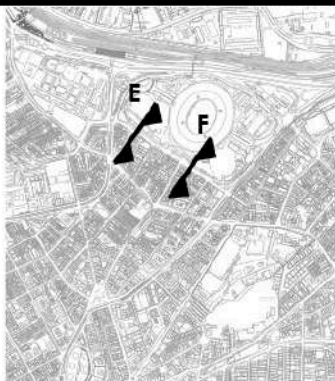
**Avenida Professor Eurico Rabelo**

CORTE E E  
escala 1/500



**Avenida Professor Eurico Rabelo**

CORTE F F  
escala 1/500

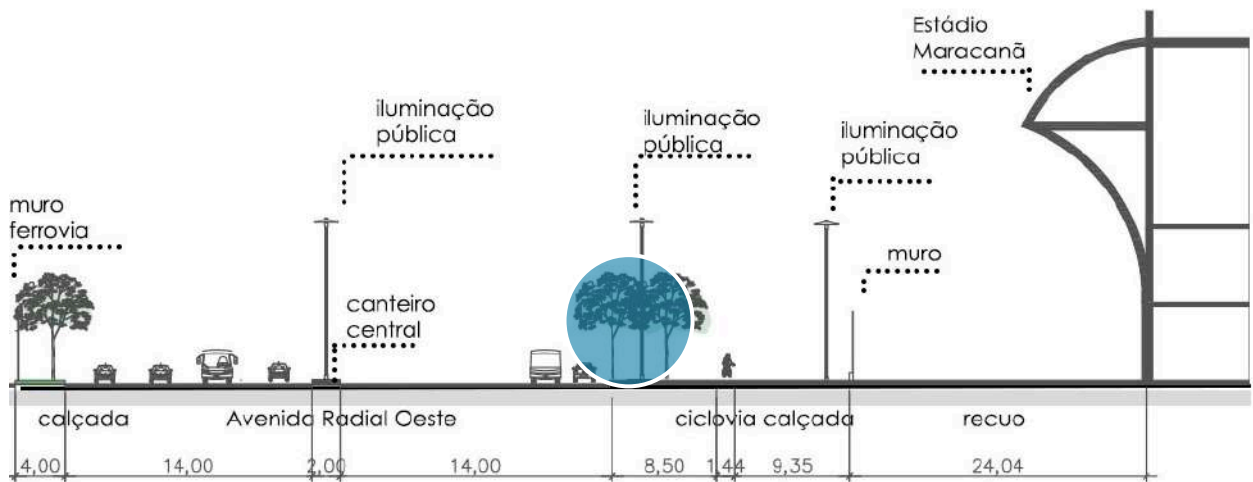


Categoria do SEL  
**ESPAÇOS LIVRES DE CIRCULAÇÃO**  
Perfis das Vias

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

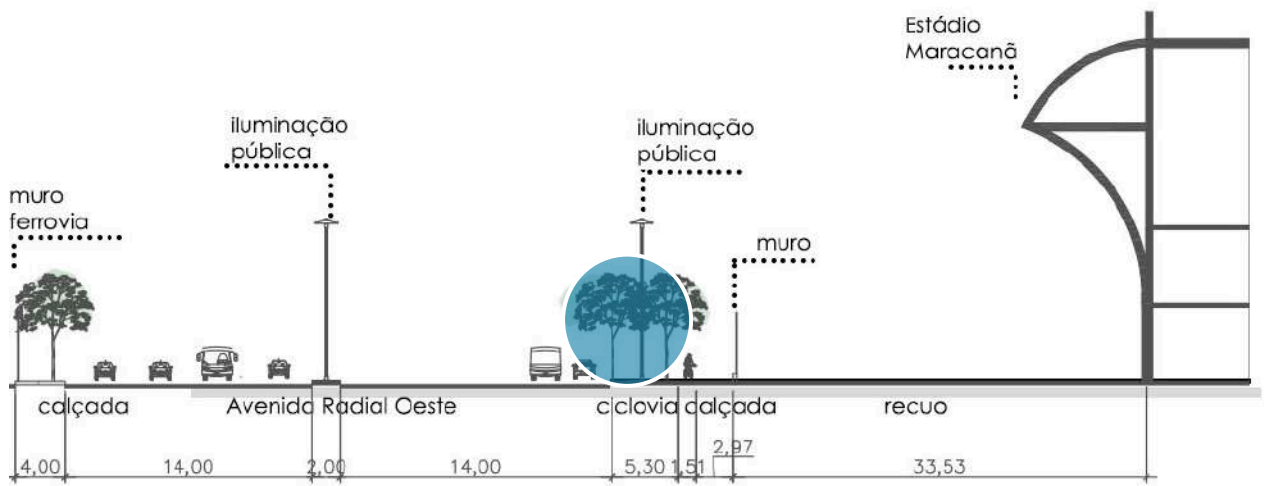


Figura 36: Borda na Avenida Castelo Branco (Radial Oeste)



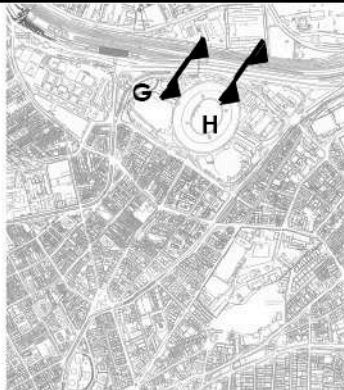
**Avenida Castelo Branco (Av. Radial Oeste)**

CORTE G G  
escala 1/500



**Avenida Castelo Branco (Av. Radial Oeste)**

CORTE H H  
escala 1/500



Categoria do SEL  
**ESPAÇOS LIVRES DE CIRCULAÇÃO**  
Perfis das Vias

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

### 5.1.2. A estrutura viária no entorno do calçadão-borda

A Borda Permanente tem configuração bastante distinta se observarmos o seu entorno viário (figura 37). Ao norte, a Av. Castelo Branco ou Radial Oeste é definida pelo artigo 27 Municipal de hierarquização viária como via Arterial Primária (velocidade de 80 km/h). Essa via faz ligações entre o centro de alcance metropolitano, municipal e intermunicipal; as conexões entre estes e as vias de hierarquia superior, como a Ponte Rio-Niterói e a Av. Brasil, devem possuir controle de acesso médio e formar uma malha contínua.

Figura 37: Hierarquização Viária



#### LEGENDA

- via arterial principal
- via arterial secundária
- Via coletora
- Via local
- Via para pedestres
- Estacionamento
- Estações de metrô
- Estações de trem

escala gráfica



Fonte: Elaborado pela autora baseado em mapa Google Earth, 2021.

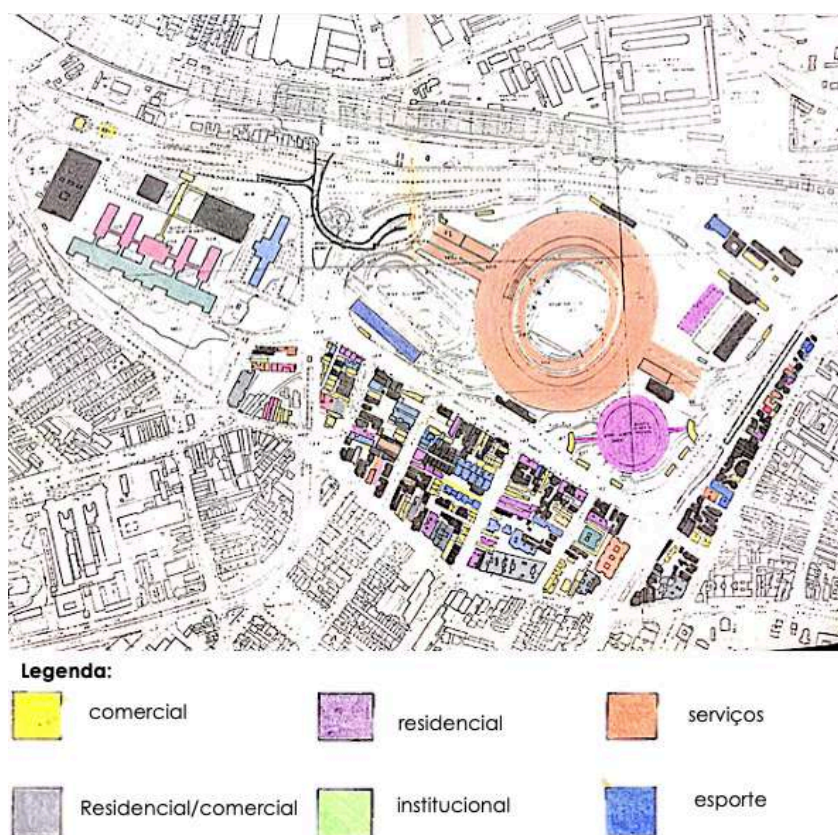
A Avenida Maracanã é classificada como via arterial secundária (velocidade de 60 km/h). Ela e a Rua São Francisco Xavier constituem os principais eixos de acesso.

A distribuição do tráfego interno dos bairros é realizada pela Av. Manoel de Abreu, Boulevard 28 de Setembro, Rua Barão de Mesquita, Rua Conde de Bonfim e Av. Heitor Beltrão (Velocidade de 40 km/h). Todas as demais ruas utilizadas para o acesso direto às edificações residenciais são consideradas de tráfego exclusivamente local (velocidade de 30 km/h) (LUOS, 2013).

### 5.1.3. O espaço edificado adjacente ao calçada-borda

O espaço imediatamente adjacente à borda consta de edificação residencial unifamiliar na Av. Maracanã, ao passo que na Rua Eurico Rabelo o uso do solo é majoritário de edificações multifamiliares residenciais (figura 38). É um espaço que apresenta pouca circulação de pedestre tanto nas vias coletoras quanto nas locais, mas, expandindo o raio do entorno, nota-se que na Av. Francisco Xavier há estabelecimentos comerciais que atraem diversos usuários, aumentando o fluxo de pedestres nas vias.

Figura 38: Uso do solo do entorno imediato



Fonte: Atualizado pela autora sobre dados do Processo de tombamento nº 1094-T-83, Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro, acesso em 2018.

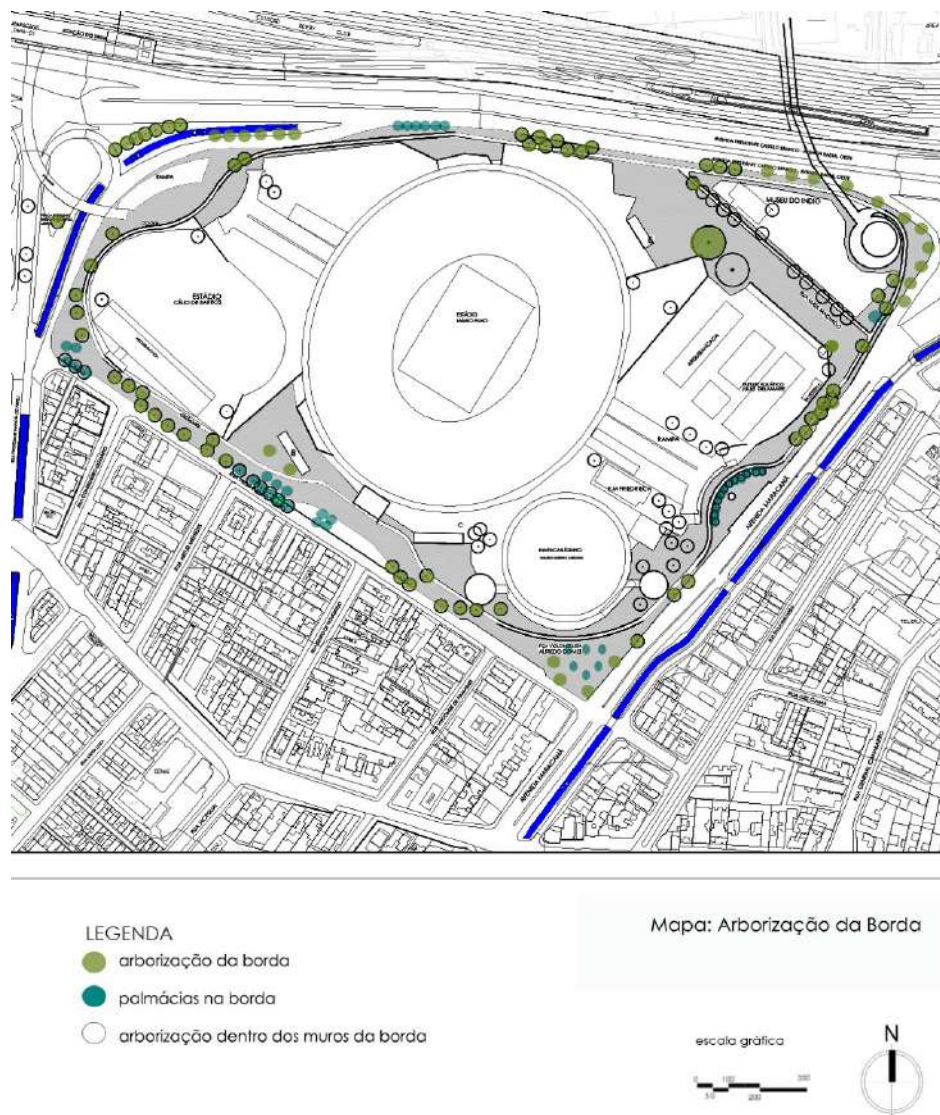


Os gabaritos do entorno são dispostos pela legislação de cinco ou seis pavimentos na Rua Eurico Rabelo e de dois a três pavimentos na Av. Maracanã, excetuando-se a UERJ, que possui treze pavimentos e se equipara ao estádio, que chega a 32 metros de altura.

#### 5.1.4. A vegetação

No calçadão projetado para evacuação dos eventos, a implantação da arborização não obedece a nenhum critério, a não ser por deixar liberada a mobilidade da ciclovia. As distâncias das golas na margem da ciclovia são diferentes em todo o percurso.

Figura 39: Arborização da borda, 2020



Fonte: Elaborado pela autora sobre aerofotogramétrico Rio Dados, 2020.

Existem agrupamentos vegetais em alguns locais cujas motivações puderam ser identificadas (figuras 39 e 40). As treze palmeiras implantadas no acesso principal, conforme ilustra a figura 41, não apenas atuam como destaque, mas também evocam o apelo popular em homenagem a Zagalo, com o seu número da sorte. Na Av. Radial Oeste, as palmeiras Imperiais servem de referência urbana ao Maracanã (figura 41), vistas à distância. Quanto ao outro grupamento arbóreo na esquina da Rua Eurico Rabelo com a Av. Maracanã, não se logrou identificar sua função, sequer de sombreamento. O mesmo acontece em frente à foto da atleta Marta, em que o conjunto inclusive obstrui um fluxo maior de pessoas.

Figura 40: Tipologia de vegetação encontrada na borda



Fonte: Acervo autora, 2020.



Figura 41: *Palmáceas visando marcar a referência para a cidade com ponto focal*



Fonte: Acervo autora, 2020.

As golas das árvores são interrupções no piso, arrematadas com paralelo, com dimensão de 80 por 80 cm, possuindo dimensões e formas diferentes, ora circulares, ora quadradas, sem nenhuma especificação (figura 42).

Figura 42: *Arborização preservada na Rua Mata Machado, que é a maior copa da borda*



Fonte: Acervo autora, 2020.

Comparado ao restante da área de estudo, o calçadão do Maracanã é menos confortável ambientalmente, pelo menor índice de arborização e maior área de circulação de veículos em seu entorno (figura 43). Na área comercial da Tijuca, o desconforto é intensificado devido à maior densidade construtiva e verticalização das edificações. A sensação térmica é amenizada em duas situações nas vias locais, quando apresentam uma concentração de arborização no passeio e em áreas sombreadas pelas edificações.

Figura 43: Aero fotos Maracanã nas datas de 11/06/2003 e 24/01/2014



Fonte: Google Earth, 2018.

A subtração da arborização e dos mobiliários urbanos trouxe, com o passar dos anos, alguns impactos ao calçadão e seu entorno, que geraram conflitos de subuso da borda no cotidiano.

Se a pretensão fosse de sombrear todo o calçadão do Estádio do Maracanã, necessitaríamos de 156 árvores com copas adultas com diâmetro de 10 metros. Hoje, tem-se a metade e ainda com copas imaturas ou doentes.

### 5.1.5. O mobiliário

O mobiliário urbano da borda é bastante restrito. O local apresenta somente dois pontos de ônibus, 23 lixeiras, e cinco aparelhos de ginásticas para jovens. Sua quantidade é insatisfatória, conforme pode ser observado na figura 44.

Figura 44: Mapa Mobiliário Urbano



Fonte: Elaborado pela autora sobre mapa Google Earth, 2020.

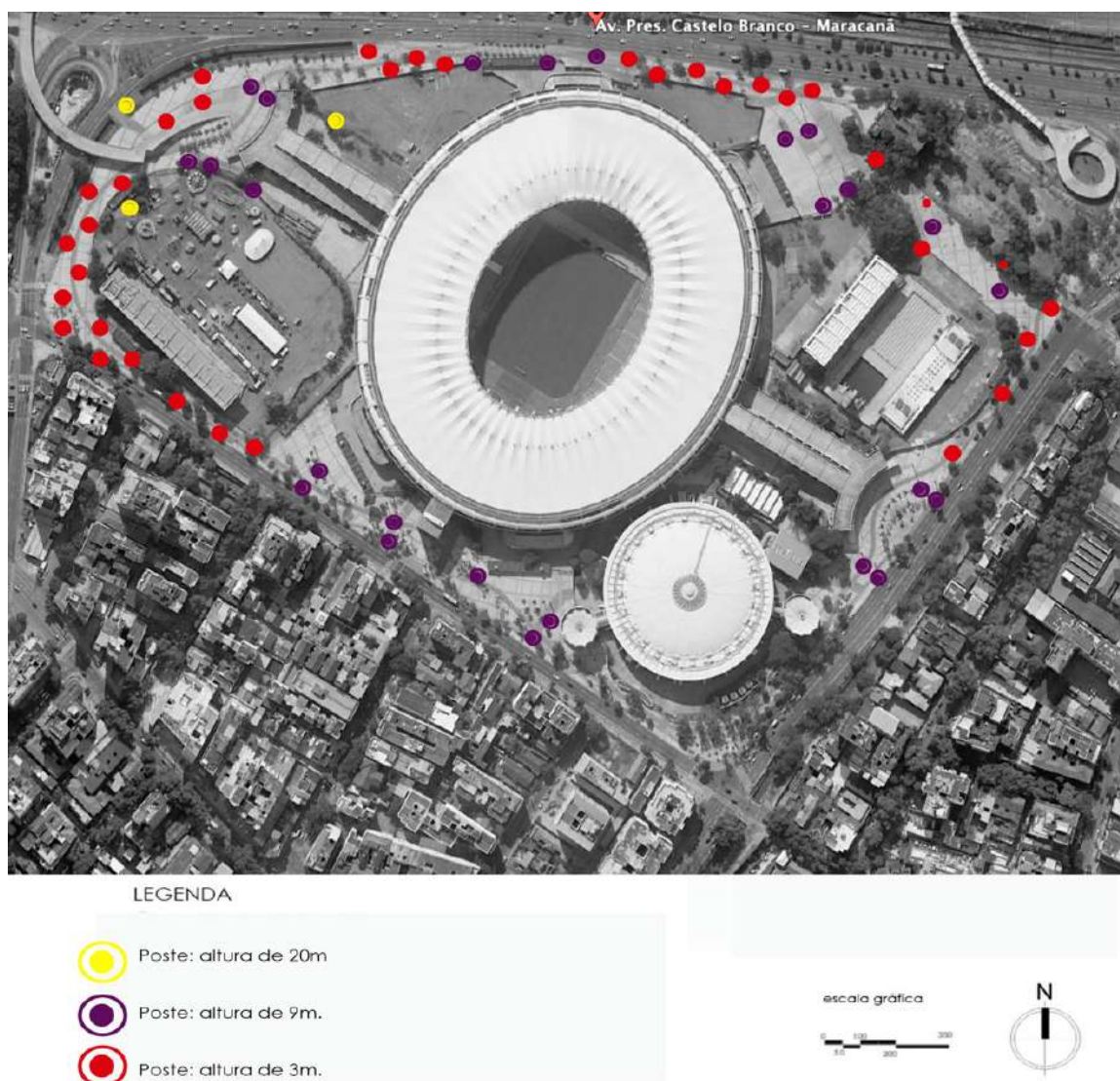
### 5.1.6. A iluminação

A iluminação pública da borda é eficiente e superdimensionada, em comparação às vias do bairro. Ele atende toda a área, não sendo encontrados cones de sombra no espaço. E é distribuída por três tipos de posteamento, conforme mapa da figura 45. As áreas com maiores intensidades de luminância são os acessos ao Estádio do Maracanã, nas seis entradas e na passarela do metrô e trem, onde estão localizados os posteamentos mais altos e de maior luminância.



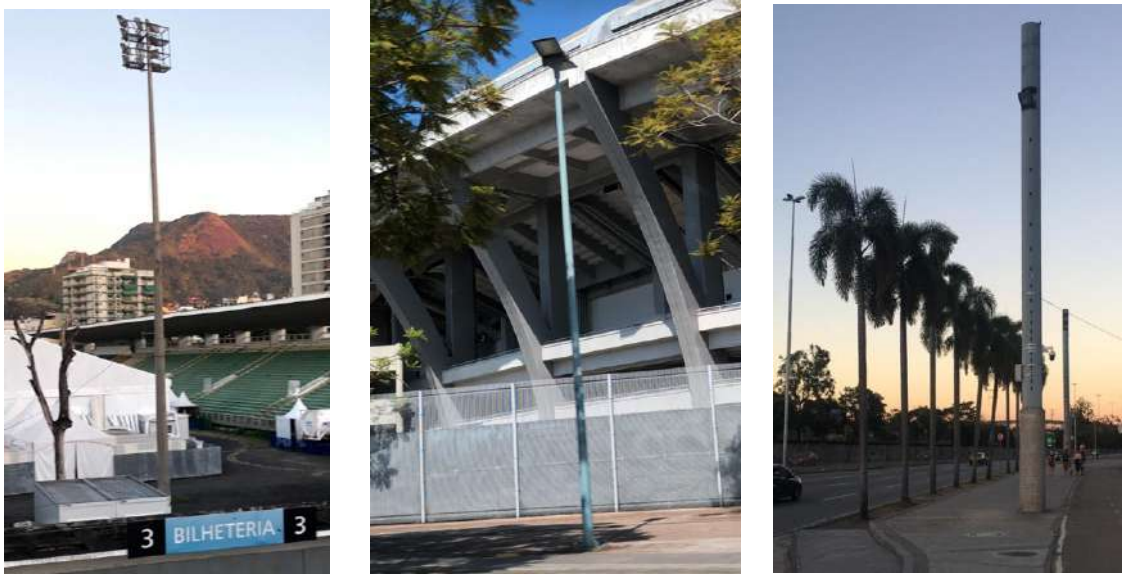
A iluminação viária na Av. Radial Oeste e Av. Maracanã apresenta posteamento com quatro lâmpadas de vapor de mercúrio. Já na Rua Eurico Rabelo e na Av. Manoel de Abreu há postes com iluminação de duas lâmpadas em vapor metálico. O calçadão que recebe os pedestres apresenta posteamento em duas alturas, sendo a disposição dos centros luminosos do tipo bilateral ou axial e cabeamento subterrâneo. Com a reforma para a Copa do Mundo 2014, as lâmpadas foram substituídas por LED (figura 45). A iluminação cenográfica consta de refletores em LED RGB na estrutura da cobertura, podendo criar vários efeitos coloridos. Consta também de projetores de vapor metálico (figura 46).

Figura 45: Levantamento da Iluminação Pública



Fonte: Elaborado pela autora sobre mapa Google Earth, 2020.

Figura 46: Tipologias de postes encontrados na borda permanente



Fonte: Acervo da autora, 2020.

A iluminação eficiente transmite a sensação de segurança para a população ao transitar pela borda noturna e direciona o fluxo na evacuação pelas vias arteriais e coletoras.

## 5.2. Análise das apropriações

A borda permanente foi compreendida em função das atividades e da circulação dos pedestres na borda e suas dinâmicas com o espaço urbano. Essa discussão se apresenta nos próximos tópicos.

### 5.2.1. Análise da circulação de pedestres na borda

A circulação dos pedestres na Borda está diretamente relacionada com os transportes de massa, a presença de travessias e passarelas e dos equipamentos urbanos próximos. O fluxo acontece majoritariamente na Rua Eurico Rabelo e na Av. Maracanã, em função da presença das estações de metrô e trem, que movimentam um grande número de pessoas.

Percebe-se no mapa de travessias (figuras 47 e 48) que a maioria dos acessos à borda se dá pela Rua Eurico Rabelo, com três faixas para travessia de pedestres. Já na Av. Maracanã existem duas e na Rua Manoel de Abreu somente uma. Na Borda norte, há dois acessos, por meio das passarelas do metrô e do trem, além da passarela que dá acesso à Quinta da Boa Vista.

Figura 47: Mapa de faixa de pedestres e passarelas



Fonte: Elaborado pela autora sobre mapa Google Earth, 2020.

Figura 48: Fotos de travessias de pedestres



Fonte: Acervo autora, 2019.

Para a análise de impacto dos equipamentos urbanos na circulação de pedestres na borda, foram utilizados os estudos de Gouvêa do IPDF – Instituto de Planejamento Urbano e Territorial do Distrito Federal –, que determinam parâmetros de implantação dos equipamentos urbanos, considerando seus raios de influência e fluxos gerados. Aqui, adotamos o padrão inverso, avaliando os equipamentos preexistentes e verificando seus raios de influência.

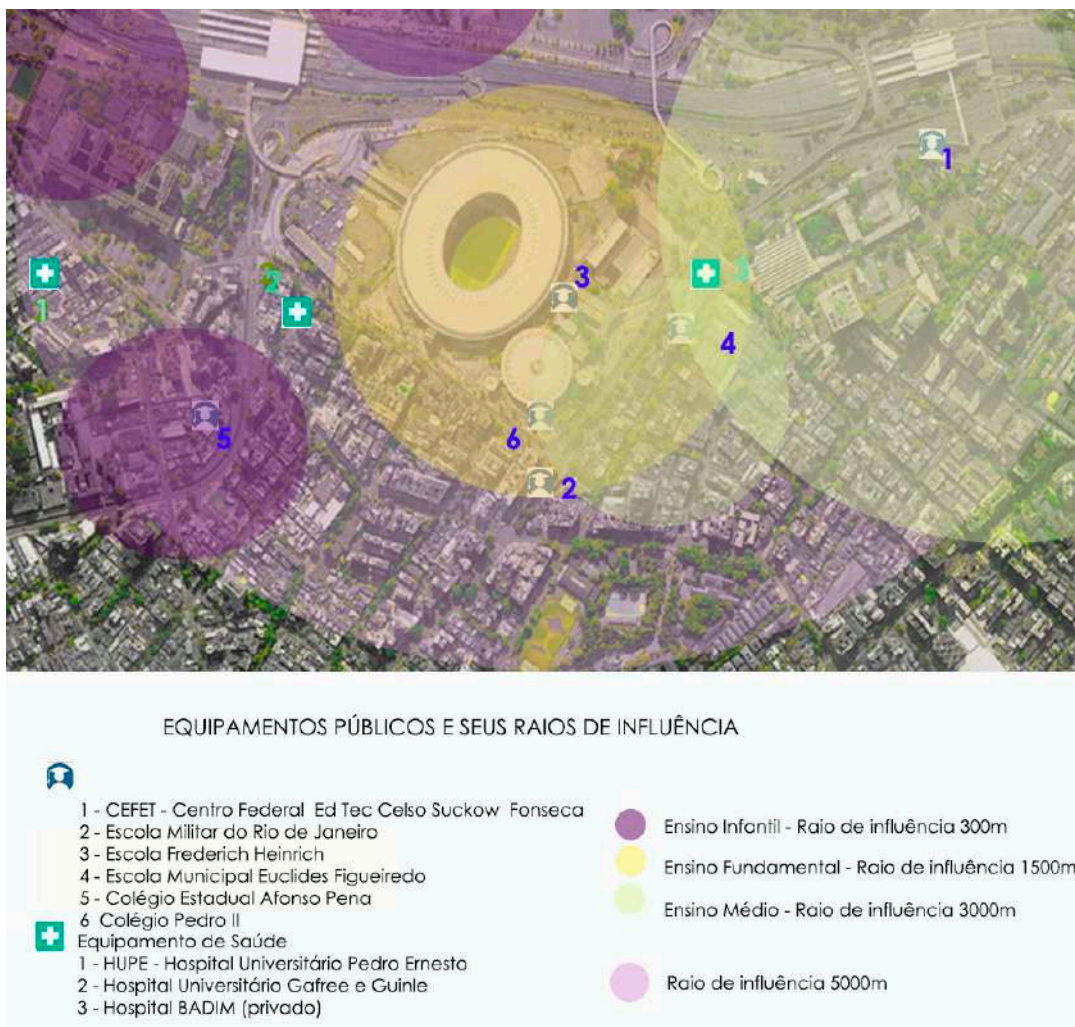
Segundo Gouvêa (2008), os Equipamentos Assistenciais de Saúde (EAS) devem abranger um raio de influência de 5.000 metros. Analisando o mapa (figura 49), verifica-se que o Hospital Universitário Pedro Ernesto (público) e o Hospital CLINPE (particular)



atendem a toda a região. Com relação aos equipamentos escolares, os raios de influência variam entre 300, 1.500 e 3.000 metros (ensino infantil, fundamental e médio). E podemos observar que a área é bem servida de estabelecimentos de ensino (figura 49).

Os equipamentos escolares geram uma circulação intensa de pessoas no bairro e, em especial, na Borda Permanente. A UERJ recebe 23 mil alunos de graduação, 2 mil professores e 4 mil funcionários; o CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca possui 587 docentes e 9.669 estudantes; o Colégio Pedro II acolhe 1.200 usuários (entre estudantes e servidores) e a Escola Militar possui 1.599 usuários (CENSO, 2019). Eles totalizam um número de 42.064 pessoas transitando pela área, o que justifica a observação da circulação de estudantes uniformizados na Borda Permanente em todos os dias úteis em diversos horários (figura 50).

Figura 49: Mapa Equipamentos e influências cotidianas ou eventuais na área de estudo



Fonte: Elaborado pela autora sobre mapa Google Earth, 2020.

Verifica-se uma grande diferença de fluxo entre os dias úteis e o final de semana, tal como a localização. Contudo, vivenciando a área, identifica-se durante toda a semana um importante fluxo de pedestres entre a saída do metrô e do trem e a incursão no bairro que acontece próximo ao acesso A.

*Figura 50: Jovens do colégio militar usando a borda*



Fonte: Acervo autora, 2020.

Nos dias úteis, predominam os pedestres da vizinhança, na sua maioria indo e vindo pela Av. Maracanã e pela Rua Professor Eurico Rabelo, área residencial próxima. E, ainda, estudantes das universidades e escolas do entorno, principalmente da Escola Friedenreich, que está situada na borda (figura 51).

*Figura 51: Acesso da Escola Friedenreich*



Fonte: Acervo autora, 2020.

A falta de arborização deve ser um dos fatores que influencia na maior circulação durante o período da manhã. A intensidade de fluxo mais alta ocorre na Rua Eurico Rabelo, que conecta com o tecido urbano residencial. E, nos finais de semana, os fluxos se distribuem de forma mais igualitária por toda a borda (figura 52).

Figura 52: Mapa de fluxos de intensidade da borda no dia de semana (1) e fim de semana (2)



Fonte: Elaborado pela autora sobre mapa Google Earth, 2019.

Conforme ilustra a figura 52, observa-se que circulação na Borda mais frequente e intensa ocorre nos espaços adjacentes à Rua Eurico Rabelo e à Av. Maracanã durante a semana. Já nos finais de semana, a circulação se distribui de forma igualitária por todo o calçadão-borda.

Nos finais de semana percebe-se que, além dos pedestres locais, há aqueles vindos de locais mais distantes, pela intensificação dos fluxos nas passarelas. Verifica-se, também, um maior número de carros estacionados ao longo da via e as baias de bicicletas de aluguel vazias.

### 5.2.2. Análise das atividades na borda

#### Atividades esportivas e lazer ativo

As apropriações mais frequentes na Borda Permanente são o lazer ativo e as atividades esportivas. Os principais usos e apropriações do lazer ativo são a caminhada, corrida, passeio com cachorro e ciclismo. Essas atividades acontecem de forma diferente nos fins de semana e nos dias úteis.

A ciclovia é utilizada predominantemente para caminhada, depois para corrida e, por fim, para o ciclismo, no início da manhã, final de tarde, e nos finais de semana. Considerando o calor que faz e a ausência de sombras, é possível compreender a opção pelos horários predominantes do uso. À noite, quando não ocorre evento, pois a



frequência de jogos ocorre em todos os dias da semana a partir das 18 h, as apropriações se dão de forma semelhante à dos horários matinais, exceto no período após 19 h 30, em que a desertificação se intensifica e se altera com aumento de fluxo de estudantes no horário específico de saída das instituições universitárias às 22 h.

Verifica-se ainda a presença de *personal trainers* e esportistas que estendem seus colchonetes e fazem exercícios e alongamentos. Os equipamentos de ginástica são utilizados por homens que fazem seus exercícios, além de crianças que os desfrutam como brinquedo de trepa-trepa. As pessoas em geral deles se apropriam como assentos para descanso (figura 53).

As áreas apropriadas pelo lazer ativo são aquelas próximas à saída B, na lateral do Maracanãzinho e na Rua Mata Machado (anexada à borda). Esses locais são frequentados por crianças e suas famílias, que praticam o lazer andando de bicicleta, skate e patins, passeando com cachorro e brincando de jogar bola.

Figura 53: Prática de exercícios no calçadão



Fonte: Acervo autora, 2020.

### **Atividades de interação social**

Outras formas de apropriações são as práticas sociais que envolvem a permanência das pessoas sentadas para conversar e namorar (figura 54).

Canteiros, muretas e guarda-corpos dos rios (Maracanã e Joana) fazem papel de bancos. Escadarias comportam-se como grandes salas de estar. Toalhas e cangas são colocadas à sombra da edificação para descanso e piqueniques.

Figura 54: Atividades de lazer familiar



Fonte: Acervo autora, 2020.

### **Atividades de turismo**

Constata-se a presença de turistas (figura 55) que se reúnem para fotografar a arquitetura e o monumento em homenagem à conquista da Copa do Mundo de 1958, a estátua do capitão Bellini. A utilização se estende até a escadaria do acesso principal, onde os turistas permanecem sentados contemplando o lugar e conversando. Outro local de grande fluxo dos turistas é a bilheteria no portão A, ponto inicial do Tour Guiado pelo interior do Maracanã, com visita ao Hall da Fama e evocação de histórias do nosso futebol.

Figura 55: Turistas tirando fotos na estátua do Bellini.



Fonte: Acervo autora, 2020.



## Atividades de comércio e serviço

Percebe-se a presença de vendedores ambulantes (figura 56) em suas bicicletas e comercializando bebidas e picolés<sup>19</sup> (o único ambulante legalizado), bem como uma barraca com lona de venda de água de coco, próximo ao lazer das crianças. Outra ocupação que se dá é o estacionamento de carros particulares e viatura policial em frente à Escola Friedenreich, além de outros carros de polícia que se situam na esquina da Rua Eurico Rabelo com a Av. Manoel de Abreu, do início da manhã até o meio-dia, e de 17 h às 19 h (em dias sem jogos).

*Figura 56: À esquerda, o comércio ambulante que atende aos usuários cotidianos; à direita, o comércio ambulante voltado aos turistas*



Fonte: Acervo autora, 2020.

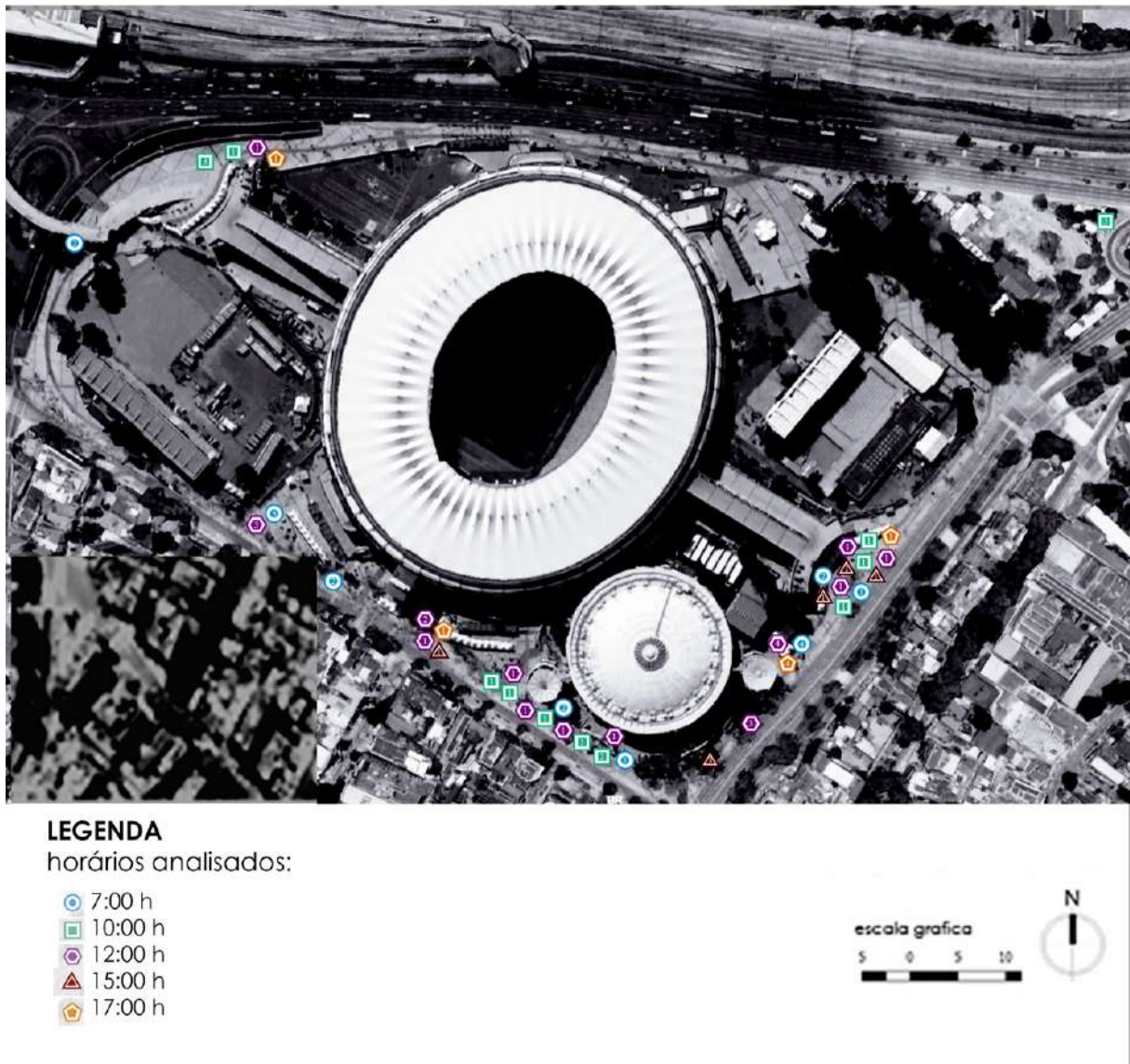
Todas essas atividades se concentram mais na Avenida Maracanã tangente a ciclovia, onde as pessoas fazem suas caminhadas e corridas e próximas à Estátua do Bellini<sup>20</sup>, e na Rua Eurico Rabelo, perto do Maracanãzinho, também tangenciando a ciclovia. (figura 57).

---

<sup>19</sup>Informação coletada em entrevista com o ambulante e confirmada por outros ambulantes.

<sup>20</sup>A Estátua do Bellini não é um busto representativo do jogador e sim uma homenagem.

Figura 57: Mapa das atividades que implicam permanências na Borda nos diferentes períodos do dia



Legenda: às 7 h, as apropriações identificadas foram: vendedores ambulantes, estacionamento indevido, carro de polícia e exercício funcional; às 10 h – exercícios funcionais, vendedores ambulantes e equipes de manutenção; às 12 h – vendedores ambulantes, equipe de manutenção, estacionamento indevido, exercício funcional; 15 h – vendedor ambulante e estacionamento indevido; 17 h - vendedores ambulantes, estacionamento indevido, carro de polícia e exercício funcional.

Fonte: Elaborado pela autora sobre mapa Google Earth, 2019.

Outras atuações que são relevantes para o estudo, mas que foram verificadas esporadicamente, são as seguintes: (i) a presença de idosos e pessoas com mobilidade reduzida e com deficiência; (ii) a busca por sombra para atividades de lazer com crianças e local para descanso; (iii) estacionamento indevido sobre o calçadão, desrespeitando o espaço dos pedestres; (iv) uma enorme fila de pessoas em busca de emprego; e (v) a presença de pessoas sem teto, utilizando a proteção da passarela como morada.

Tabela 7: Ações esporádicas de apropriação do calçadão-borda

<p>Busca por sombra</p>	<p>Descanso</p> 	<p>Brincadeira</p> 	<p>Jogo de bola</p> 
<p>Veículos</p>	<p>Estacionamento polícia</p> 	<p>Estacionamento indevido na frente da escola</p> 	<p>Estacionamen to policia</p> 
<p>Sem-teto</p>	<p>Apropriação sob passarela</p> 		
<p>Desempregados</p>	<p>Fila para inscrição de vaga de emprego</p> 		
<p>Mobilidade reduzida</p>	<p>Cadeirante</p> 	<p>Pai com carrinho de bebê</p> 	

Fonte: Acervo da autora, 2019.

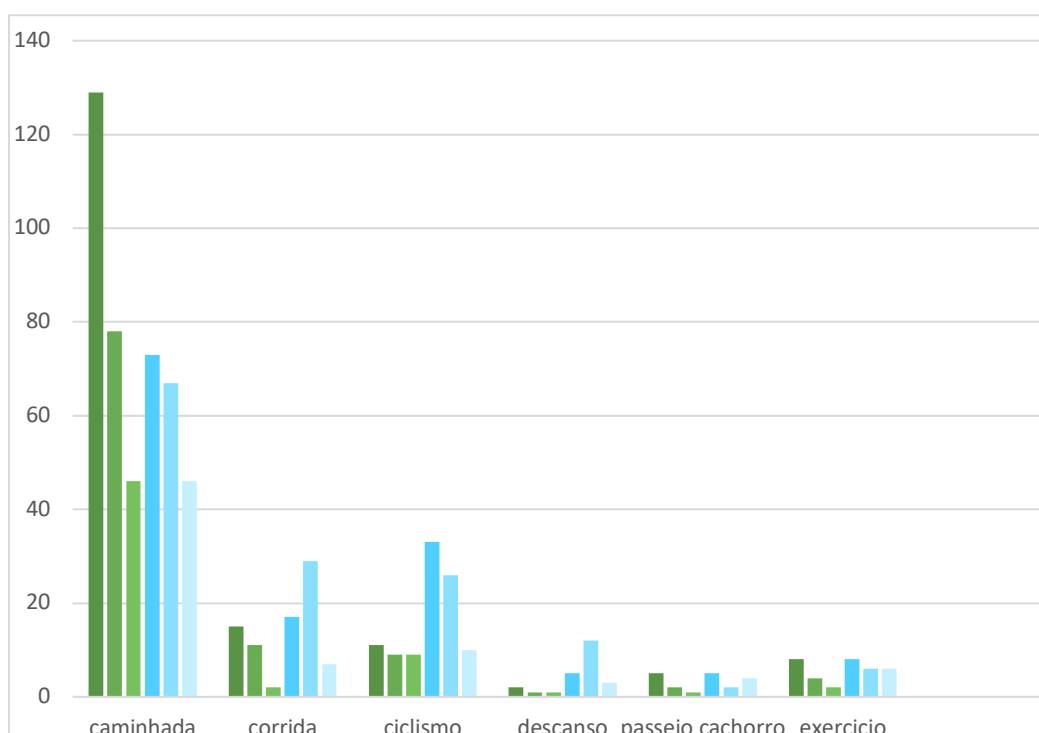
### 5.2.3. Dinâmica das atividades

Há um significativo aumento das apropriações no final de semana, mas de um modo geral a ocupação é muito baixa, considerando a dimensão do espaço. Constata-se que a única atividade que ocorre em maior quantidade nos dias úteis é a caminhada; todas as outras atividades ocorrem, em maior volume numérico, nos finais de semana.

Observou-se também que as caminhadas têm uma frequência maior na faixa das 10 h. Já as demais atividades, como corrida, ciclismo, passeio com cachorro, convívio social, etc., acontecem, numa frequência maior, nos finais de semana, distribuídas em vários horários durante o dia.

O gráfico 10 (de colunas) demonstra que todas as atividades ocorrem, na sua maioria, na faixa das 10 h, tanto nos dias úteis, quanto nos fins de semana. A única exceção é a corrida nos finais de semana, que ocorre em maior número no horário de meio-dia.

Gráfico 10: Números de pessoas observadas por atividades (dia de semana e fim de semana)

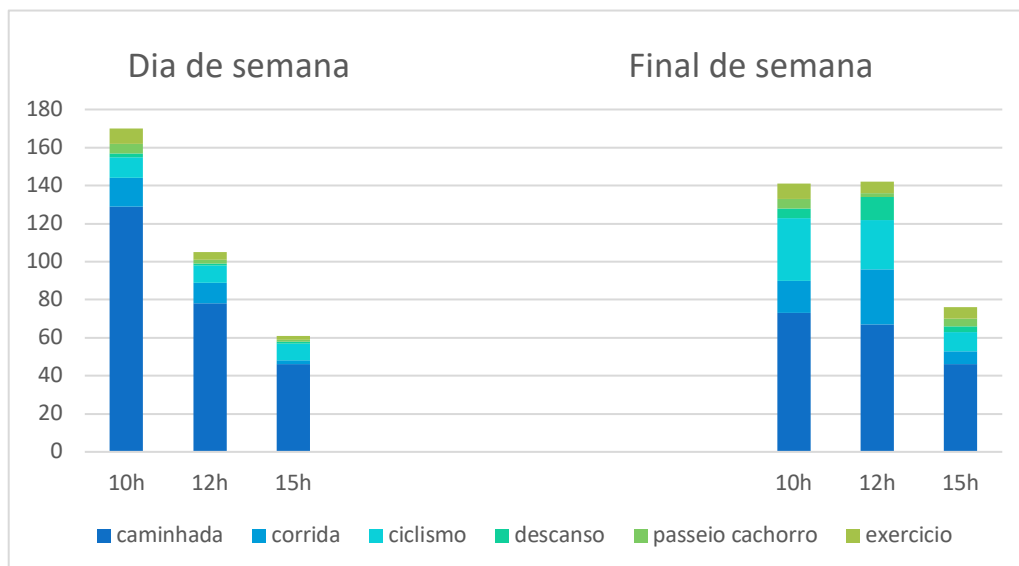


Legenda: verdes representam as atividades de dia de semana nos horários de 10, 12 e 15 h; azuis representam os finais de semana nos horários de 10, 12 e 15 h. O eixo y representa as atividades encontradas na área de estudo.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Ao agrupar as atividades, observa-se, no gráfico 11 (de colunas), que comparando todas as práticas, compreende-se que a maior intensidade de uso ocorre no fim de semana, mesmo nos horários de maior calor.

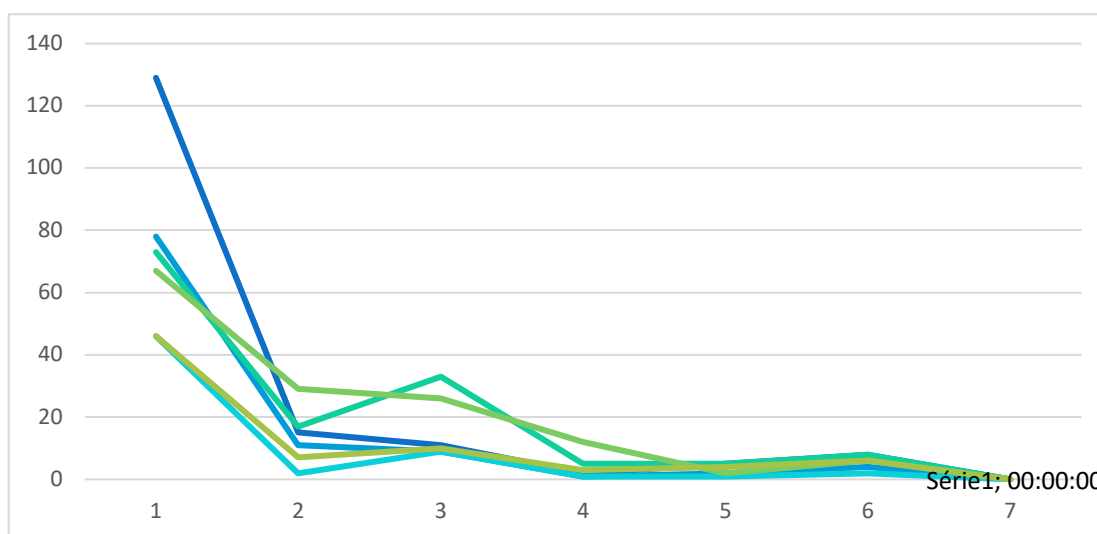
Gráfico 11: Diferença de atividades por hora. Dia útil e Fim de semana



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O gráfico 12 (de linha) demonstra que, com o passar das horas, os usos e apropriações vão diminuindo. Um dos fatores responsáveis, segundo se observou, é a falta de arborização e conseqüente aumento de temperatura, o que torna o local desconfortável com a elevação do índice de calor.

Gráfico 12: Curva de usos e apropriação

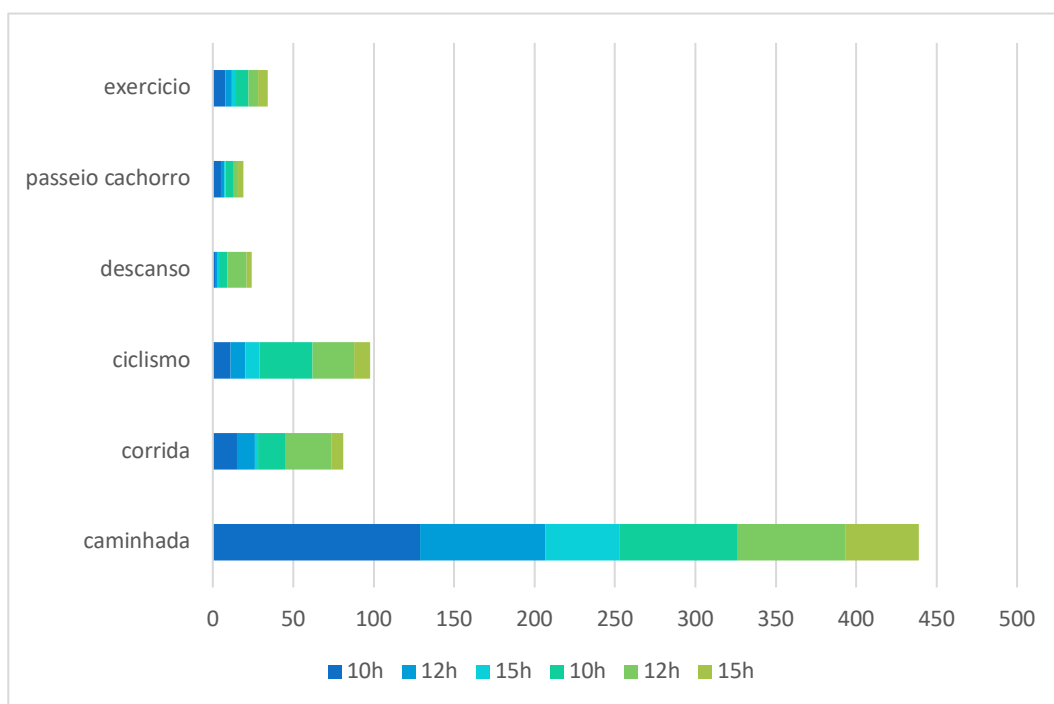


Fonte: Elaborado pela autora, 2021.



O gráfico 13 (de barras agrupadas) revela que o número de atividades que ocorreram no calçadão-borda totalizou 695. Somando-se as atividades demonstradas, temos 336 nos dias de semana e 359 nos fins de semana.

Gráfico 13: frequência de atividades no calçadão-borda



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Ao proporcionalizar o uso para os 30 dias do mês, ter-se-ia para números mensais o total de 20.850 pessoas, segundo a fórmula aplicada abaixo, em que  $\gamma$  é o número de usuários e  $\beta$  se refere ao número de atividades por hora, dados levantados no período das 7 h às 19 h.

$$\gamma = (\beta \cdot 12) \cdot (\delta \cdot 30)$$

Ao comparar o uso da borda com outros parques públicos abertos, como o Horto – Parque Estadual Alberto Løfgren / Horto Florestal–, o qual apresenta 30 mil usuários/mês, pode-se afirmar que existe um baixo uso do espaço público no local de estudo.

O calçadão único possui uma apropriação de lazer ativo com alta frequência, mas baixa intensidade. Já nas apropriações de permanência é menos constante.

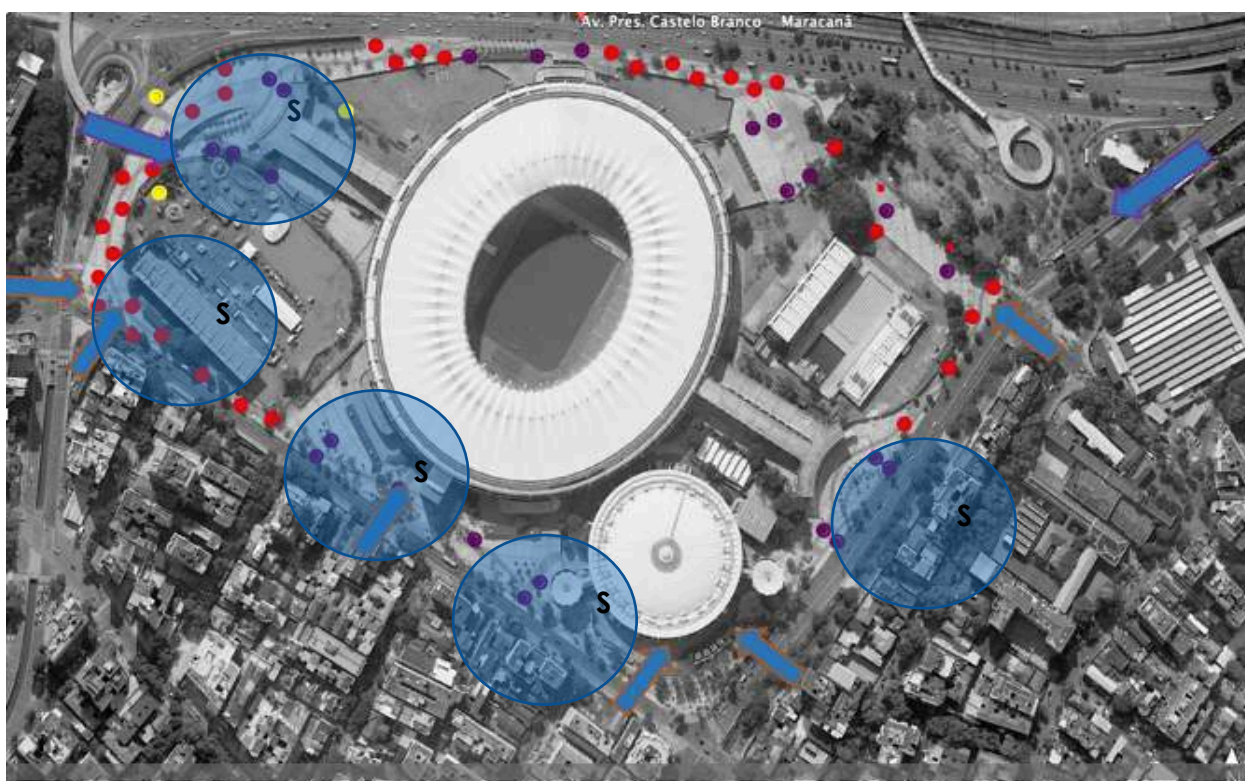
## SÍNTESE DO CAPÍTULO

Detecta-se que os elementos estruturadores da borda permanente contribuem para as apropriações, mas não são exclusivos nesse processo do qual, também, participam as funções presentes no entorno edificado.

Para a compreensão do espaço da borda, foi feita uma sobreposição dos mapas de travessias, arborização, iluminação pública e mobiliário urbano e percebeu-se o fenótipo indicando tendências a uma setorização, demarcadamente cinco (figura 58).

O cenário atual visa a compreender o funcionamento das atividades culturais, o lazer, o usuário, a moradia, bem como mapear a distribuição do mobiliário urbano, da arborização, da iluminação pública e dos acessos à borda pela travessia de pedestres e acessos por passarela, junto com a distribuição das atividades exercidas.

Figura 58: Estudo de Análise das Permanências



Fonte: Elaborado pela autora sobre mapa Google Earth, 2021.

A fragmentação é percebida pelos diversos fluxos, que formam novos núcleos de apropriação múltiplos e complexos. Já a dinâmica socioespacial da borda foi verificada com o mapeamento da espacialização das principais atividades, analisando o *locus*, as características que compõem os setores e as atividades neles exercidas.

A preocupação em atender às normas internacionais da FIFA para o calçadão-borda desconsiderou a integração com o local. Isso se reflete nas vivências voltadas para a memória afetiva, que são experiências demasiado intensas e únicas, que se manifestam em lazer ativo e possibilidades de ambientes de permanência.

Como analisado, as bordas possuem potencial para captar os movimentos naturais das pessoas no espaço público, se está bem integrada ao sistema urbano. Apesar disso, encontra-se homogênea e pouco diversificada com relação às atividades de usos do solo, situados às suas margens. Os efeitos dessa homogeneidade sobre a apropriação do espaço público resultam em continuidades e descontinuidades.

A situação das diferentes apropriações do calçadão-borda nos ajuda a ponderar sobre as relações cotidianas que se espelham como expressão de vida da cidade (GONÇALVES e RECHIA, 2013). Esse mesmo espaço que apresenta diferentes características e dinâmicas das relações do espaço com seus usuários também influenciam nas formas de apropriação, na significação do futebol *versus* atividades de lazer ativo e esportivo.

Verificou-se o hibridismo do espaço livre público, que exhibe caráter de circulação e permanência, o qual é diferenciado a norte e a leste em relação a sul e oeste. Sendo assim, na porção norte e oeste, o espaço cumpre realmente o papel de borda de evacuação; contudo, na porção sul e leste, ele desempenha papel social relevante no sistema de espaços livres do entorno, cujas diferentes e diárias formas de apropriação atestam a sua pracialidade.

Afirmamos que a falta de infraestrutura, sombras e equipamentos e a pouca possibilidade de espaços com heterogeneidade refletem-se numa apropriação de forma reduzida. Mesmo havendo um grande sentimento de pertencimento, ainda assim, não se instiga a sua apropriação.

Quando se sobrepõe a pracialidade da borda de circulação e permanência, abordando os atributos físicos, urbanos e sociais, distinguem-se aspectos bipartidos das Bordas. Por sua vez, os espaços livres públicos são objetos complexos (MORIN, 2008) e materializam o lado dinâmico das apropriações, sem obstruir as evacuações; já os locais interseccionados pelo lazer ativo e permanência caracterizam-se por possíveis potenciais de experiências e vivências.



Os setores detectados na pesquisa da Borda Permanente apresentaram funções diversas, cujas apropriações e vivências puderam transmitir possíveis formas de novos usos, sem interromper os fluxos de evacuação dos eventos.

As tendências de novas proposições paisagísticas para espaços de permanência:

Setor1: devido à sombra da passarela, este espaço tende à inserção de aparelhos de ginástica para idosos;

Setor 2: nota-se a implantação de bancos para formalizar o ambiente de estar;

Setor 3: no recuo dos muros, implementa-se um local de lazer para as crianças;

Setor 4: no recuo do setor, cria-se um local para integração dos animais de estimação; e

Setor 5: reforça-se ainda o uso turístico, com organização e ampliação dos ambulantes.

A percepção da paisagem cotidiana permite delimitar o contexto espacial. A linha férrea rompe com o tecido urbano, desconectando bairros vizinhos, cujos muros restringem o espaço livre da borda ao norte e se configuram como barreiras física, funcional e visual.

Os atributos biofísicos, os rios Joana e Maracanã, caracterizam a área ao leste e sul, limitando os atributos hidrológicos da borda. Já a área a oeste é delimitada pelo Museu do Índio, situado na Rua Mata Machado, hoje abandonado e ocupado por alguns indígenas.

Os passeios se dissociam do entorno por diferenças de larguras, pavimentos e experiências. A arborização rarefeita é também desconectada do sistema de espaços livres dos arredores, contrastando com as arborizações densas das ruas do entorno.

A escala da imponência da arquitetura monumental do estádio causa uma apreensão de surpresa da perspectiva grandiosa (LYNCH, 1960; CULLEN, 1974), na parte sul do recorte. Contrastante com a percepção ao norte, a arquitetura do estádio reflete como ponto focal e permite a referência na cidade. O sombreamento nos passeios das ruas locais que tangenciam a borda são todos arborizados, o que incentiva, inclusive, a caminhada dos passantes por estas áreas, expurgando-se da borda.

Tabela 8: Síntese das características do recorte analisado

Acessibilidade ao Calçadão-Borda
Acesso físico: margeado por vias arteriais e coletoras, e oferta de transporte público por trem, metrô, ônibus, taxi e carros por aplicativo
Protocolo: espaço público torna-se restrito nas datas de eventos, se instalam grades de orientação do público que, além de obstruir o calçadão em vários trechos, em outros interrompe o acesso e às vezes esse protocolo é implantado 24 horas antes do evento.
Acesso visual: o Estádio é marco visual na paisagem, mas se configura como uma barreira entre os bairros vizinhos São Cristóvão, Tijuca, Vila Isabel e Maracanã.
Acessibilidade: foram construídas dez rampas acessíveis de acesso ao calçadão, seguindo a NBR 9050, piso tátil e baias de embarque e desembarque para PCDs.
Atributos paisagísticos do Calçadão-Borda
Conservação: Boa manutenção de forma geral, mas apresenta vários pontos de lixo acumulado nas golas das árvores e falta de pavimento parcial na ciclovia.
Mobiliário urbano: ver mapa.
Iluminação: a iluminação viária na Radial Oeste e avenida Maracanã, apresentando posteamentos com quatro lâmpadas de vapor de mercúrio e na Eurico Rabelo e Manoel de Abreu contém postes com iluminação de duas lâmpadas de vapor metálico, o calçadão que recebe os pedestres e apresenta posteamentos em duas alturas, a disposição dos centros luminosos do tipo bilateral ou axial e cabeamento subterrâneo. A iluminação cenográfica consta de refletores em LED RGB na estrutura da cobertura, podendo criar vários efeitos coloridos. Consta também de projetores de vapor metálico.
Pavimentação: A borda parece não haver projeto urbano-paisagístico pois seu desenho se limita diferenciação de área viária e peatonal, pavimentada em concreto colorido. A ciclovia detém de um traçado inadequado que com o uso do estádio é interrompida por vários equipamentos, pavimentada com concreto albino vermelho.
Vegetação – não existe vegetação arbustiva e de forração, havendo apenas alguma arborização de palmáceas no entorno da Estátua do Belinni e na borda na via Eurico Rabelo.
Atributos sensoriais do Calçadão-Borda
Paisagem sonora: sensação barulhenta pelo excesso de veículos e os sons das partidas de futebol são agradáveis quando se utiliza a borda durante um evento.
Conforto térmico: Sensação de calor intensa pela ausência de arborização.

Sensações olfativas: O cheiro de urina próximo aos muros do estádio, pois não há nenhum banheiro nas proximidades.
Luminosidade: A luminosidade é suficientemente boa, poucas sombras são avistadas, a não ser por algumas copas das árvores na margem direita do rio/av. Maracanã.
Cromática: Percebe-se uma variedade de tons de cinza, por toda a área.
<b>Atributos socioculturais do Calçadão-Borda</b>
Segurança: sensação de segurança principalmente acontece no lado da Eurico Rabelo, o lado da via Radial Oeste se mostra mais inseguro, por ser uma área com menor fluxo de pessoas.
Atores urbanos: moradores locais, turistas, crianças, famílias, jovens, adultos, PCDs, vendedores ambulantes, alunos de escolas e graduandos.
Memória: Estátua do Bellini situada na avenida Maracanã e painel da jogadora de futebol Marta na avenida Eurico Rabelo.

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

## 6. ANÁLISE DA BORDA VARIÁVEL

---

A Borda Variável é percebida pelo espraiamento dos torcedores pelo bairro do Maracanã e em seus bairros vizinhos. Esse fenômeno se estende até a Praça Saens Pena, na face sul, e, na face norte, se propaga até as estações de Metrô Maracanã e São Cristóvão. Neste capítulo, buscou-se compreender como as dinâmicas dos eventos influenciam na paisagem urbana e vice-versa.

Estudam-se, aqui, sistematicamente três eventos, isto é, três jogos de futebol dos torneios de 2019. A primeira partida foi Flamengo contra CSA, que se inseriu na escala metropolitana e recebeu a bandeira amarela no protocolo de segurança; o segundo jogo reuniu Flamengo e Grêmio, que veio a ser categorizado na escala internacional e recebeu bandeira vermelha no protocolo de segurança; e o terceiro confronto foi o do Flamengo contra o Bahia, também classificado com bandeira amarela no protocolo de segurança, mas com análise local, pois os dois casos apresentam especificidades distintas.

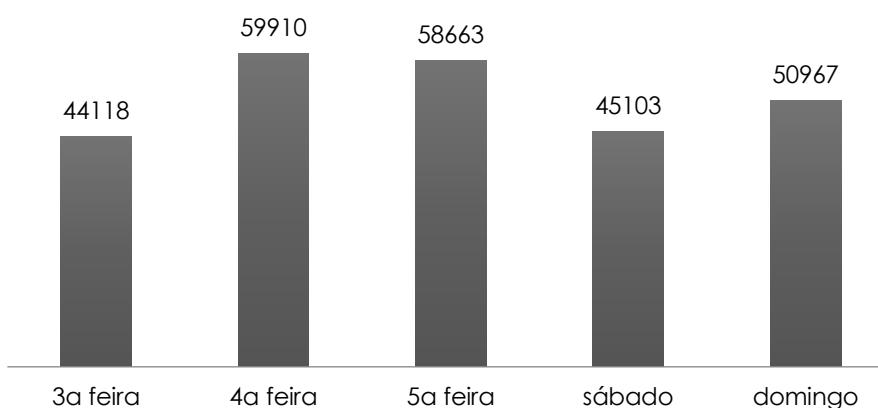
O terceiro jogo seria do torneio local, o Campeonato Carioca de 2020, que implantaria os novos protocolos de segurança para a análise na escala local. Contudo, com a pandemia de COVID19 que assolou o mundo em 2020, proibiu-se a realização de jogos de futebol no país. Desse modo, o estudo das relações dos torcedores com o meio não pode ser complementado da forma que havia sido idealizado.

Mesmo assim, foram estudados três jogos e analisada a leitura da paisagem. Graças ao PC (percurso comentado), foi possível investigar visibilidade, permeabilidade, pontos de referências (KOLHSDORF, 1996) e, ainda, certificar-se de como a importância da orientação no meio das aglomerações de pessoas no âmbito da mobilidade e acessibilidade permite o trajeto em segurança. E inclui ainda uma visão atenta a se os lugares apresentam informações relativas a aspectos da sua arquitetura, como as expectativas funcionais, estéticas, de conforto térmico, acústico ou luminoso, de apropriação social e de orientação, dentre outros.

Outro aspecto constatado é que, dentre todos os jogos que aconteceram no Maracanã em 2019, verificou-se que as partidas que acolhiam maiores públicos aconteceram às quartas e quintas-feiras, à noite, sempre às 21:30h. Isso se deu, em primeiro lugar, à transmissão televisiva, e também em decorrência dos dias em que circula um número menor de pessoas nas ruas dessa região.

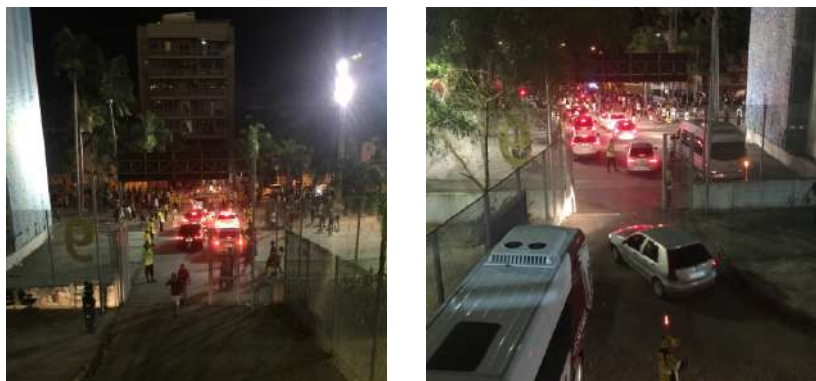
A média elevada de público (gráfico 14) trouxe transtornos para a dimensão local e metropolitana, além de congestionamento no trânsito e a ocorrência de problemas de segurança no entorno, que se estenderam aos bairros vizinhos. A dinâmica da dispersão do calçadão é conturbada, ocasionando embate entre veículos e pedestres devido ao estacionamento de carros particulares que ocorre no interior do estádio, com acesso pela Rua Professor Eurico Rabelo (figura 59).

Gráfico 14: Média de Público por dia de semana referente ao ano 2019



Fonte: [www.Flamengotorcedor.com](http://www.Flamengotorcedor.com) editado pela autora, 2019

Figura 59: Portões de saída de veículo na rua Professor Eurico Rabelos



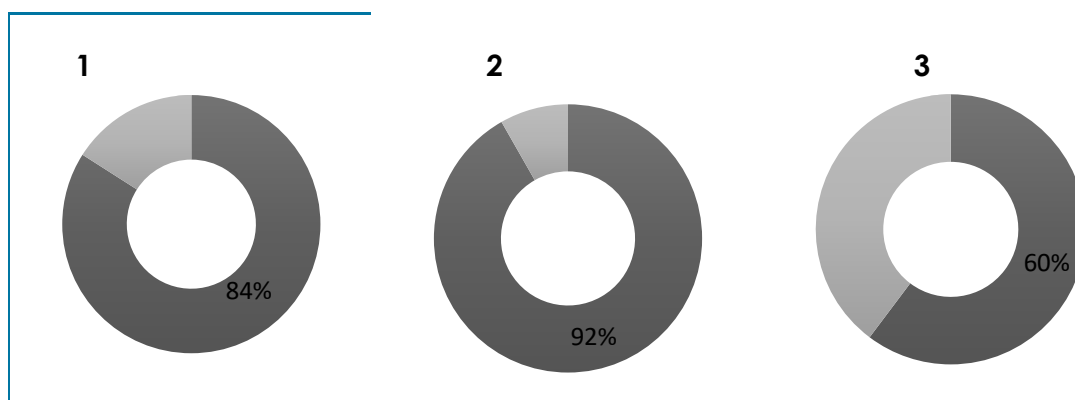
Fonte: Acervo da autora, 2020.

Esses eventos geram o fechamento das ruas do entorno e causam um transtorno, não só para os bairros vizinhos, mas com expansão até a Zona Sul e a Ponte Rio-Niterói. A ligação norte/sul da Cidade fica interrompida devido à interdição de vias importantes: Av. Radial Oeste, Av. Maracanã e Rua São Francisco Xavier.

Neste sentido, decidiu-se pesquisar as partidas do Clube de Regatas do Flamengo realizadas no Estádio do Maracanã, porque em 2019 todos os jogos que receberam um público acima de 40.000 espectadores corroboram a presente pesquisa,

demonstrando que a massa de gente que por aí circula impacta os bairros. Especificamente, não houve jogos do C. R. Flamengo às segundas e sextas-feiras, ficando essas datas para os jogos dos outros três times cariocas que disputaram a competição: Botafogo, Fluminense e Vasco.

Gráfico15: Média de ocupação do público do Flamengo em 2019 no Campeonato Brasileiro (1), Campeonato Libertadores da América (2) e no Campeonato Carioca (3)



Fonte: Elaborado pela autora sobre dados [www.flamengoexpress.com](http://www.flamengoexpress.com), 2020.

### 6.1. Definidores das rotas

As rotas de acesso e evacuação, por mais livres que possam ser, seguem certo padrão, pois acabam sendo definidas pelas limitações de acesso e pelo posicionamento do transporte, seja público ou privado. Isto é, toda a mobilidade acaba sendo restrita, tanto para o torcedor quanto para o morador. Alguns pontos marcantes e estruturadores para as rotas são o *Shopping Tijuca* (estacionamentos individuais) e as estações de metrô Maracanã, São Cristóvão e Saens Pena, além de pontos irregulares de táxi e Uber (figura 60).

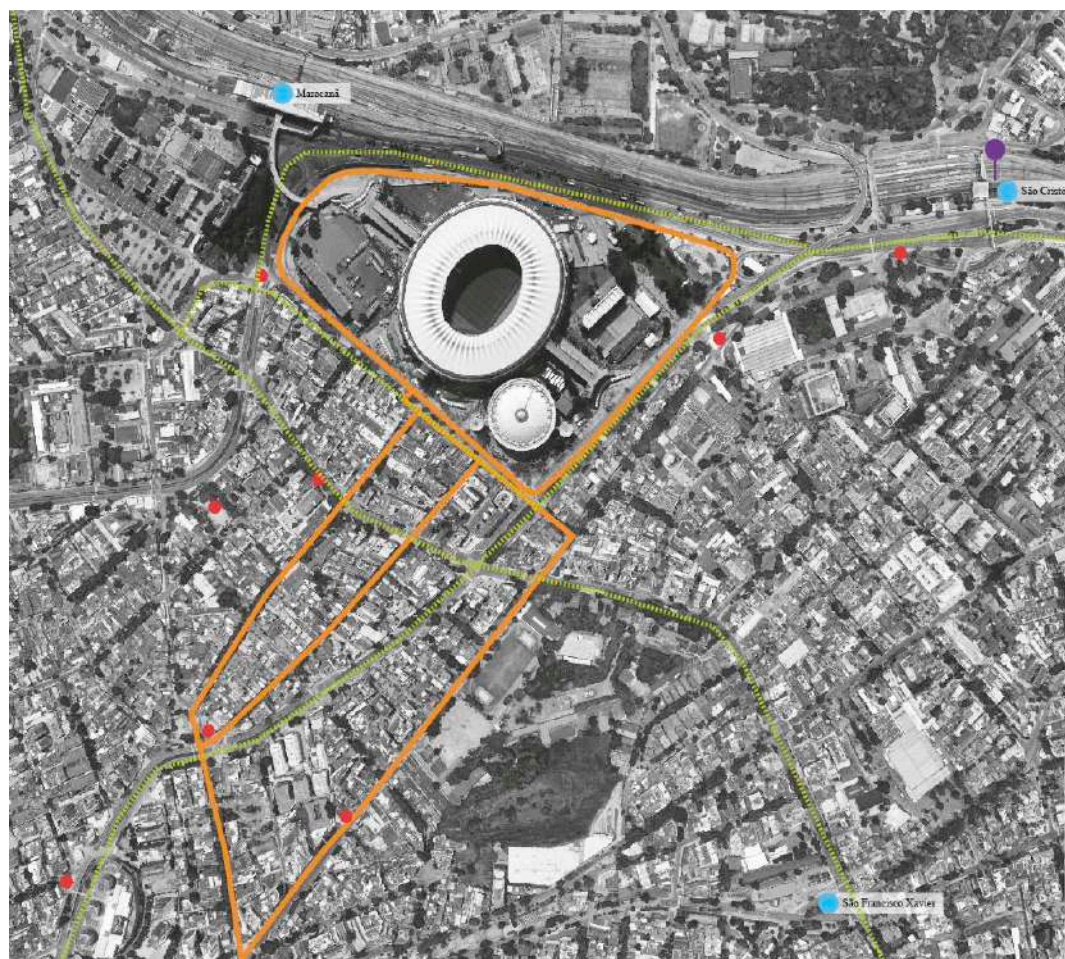
Os principais corredores de ônibus são a Av. Radial Oeste, a Av. Maracanã, a Av. Manoel de Abreu e a Rua São Francisco Xavier, que ficam interditados. O número de linhas de ônibus que circulam por essas vias soma 35 (*Google Maps*); elas interligam a Zona Norte à Zona Sul e ao centro da cidade. Elas se distribuem pelas principais ruas:

- Na Av. Radial Oeste, transitam dez linhas de ônibus (428A, 487L, 502B, 703D, 725D / SE232, 434, 435, 436, 306).
- Pela Av. Maracanã, circulam catorze linhas (434, 435, 368, 457, 2110, / SE232, SV232, 436, 306, 341 / 218, 222, 432, 433, 439).
- Na Rua São Francisco Xavier, circulam quatro linhas (218, 432, 433, 439).

- E pela Av. Manoel de Abreu, circulam cinco linhas (SE232, 434, 435, 436, 306).

A partir da análise *in loco*, confrontada com dados da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro (que apresenta o número de veículos médios que circulam nas principais ruas do município), afóra o fato de que a área está localizada numa zona de grande passagem de veículos, em face das interdições a mobilidade urbana fica prejudicada e o fluxo de veículos parcialmente interrompido.

Figura 60: Mapa de Mobilidade Urbana



LEGENDA

- Sistema ciclovitário
- Bicicletário
- Estação de Metrô
- - - Principais corredores de ônibus
- Estacionamento

escala gráfica



Fonte: Elaborado pela autora com colaboração de Luísa Valente sobre mapa Google Earth, 2019.

Baseando-se nos dados da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, identificam-se três escalas de fluxo do tráfego: um **baixo**, quando reúne até 10.000 veículos; outro



considerado **médio**, na faixa de 10.001 a 30.000 veículos; um terceiro classificado de **intenso**, entre 30.001 e 60.000; e, por último, o fluxo **muito intenso**, igual ou acima de 60.001 (figura 61). Vale consignar que a AV. Radial Oeste apresenta uma média de 120.000 e o Boulevard 28 de Setembro (em Vila Isabel) registra 134.000, conforme mapa na figura 61 (SINFRERJ, 2020).

Figura 61: Fluxo de veículos



Fonte: Elaborado pela autora sobre mapa Google Earth, 2020.

Os desvios na direção sul – norte, com a Av. Radial Oeste interditada, são feitos pelas ruas Ceará e Rotary Internacional, ou ruas José Eugenio e Visconde de Niterói (figura 62).

Com as interdições na direção norte-sul, os desvios são executados pela Rua São Francisco Xavier, em frente à UERJ, passando pelo Boulevard 28 de Setembro, seguindo pelas ruas Pereira Nunes, Barão de Mesquita e Mariz e Barros e, aí sim, prosseguindo pela Av. Radial Oeste; ou Rua General Canabarro, dependendo das interdições do tipo do evento (figuras 63 e 64).

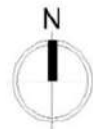


Figura 62: Mapa de desvios de trânsito gerado pelos eventos



- trajeto cotidiano dos ônibus direção centro/norte
- - - trajeto desviado 1 pela rua Visc. de Niterói
- ..... trajeto desviado 2 pela José Eugênio.
- trajeto cotidiano dos ônibus direção norte/sul
- - - trajeto desviado 1 pela Rua Mariz e Barros
- ..... trajeto desviado 2 pela rua Gen. Canabarro

escala gráfica



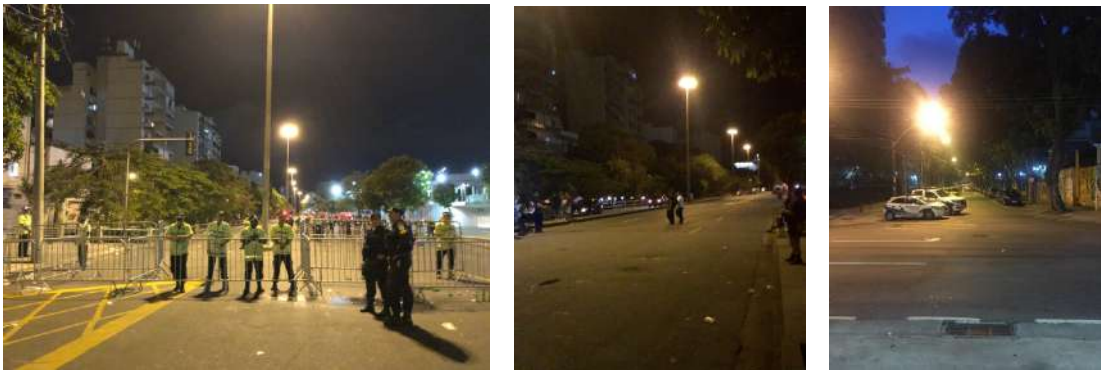
Fonte: Elaborado pela autora sobre mapa Google Earth, 2020.

Figura 63: Interdições das avenidas Radial Oeste, Maracanã e Manoel de Abreu



Fonte: Acervo da autora, 2019.

Figura 64: Exemplos de ruas interditadas. Av. Maracanã e Av. Professor Eurico Rabelo



Fonte: Acervo autora, 2019.

Durante os eventos, as permanências foram identificadas e fotografadas durante o percurso comentado, pois os espaços livres da borda se modificam de acordo com o protocolo de segurança.

## 6.2. Os percursos comentados

Os percursos comentados são em seis e estudou-se nos três jogos de futebol que representam três escalas temporais e locais e que conformaram as bordas variáveis.

### 6.2.1. Borda Variável 1: evento de escala internacional (Flamengo x Grêmio)

Este estudo de campo foi realizado em 23 de outubro de 2019, às 21 h 30, dia do jogo semifinal da Copa Libertadores – CONMEBOL, torneio sul-americano, em que o Flamengo vence o Grêmio por 5 a 0. A renda da partida foi de R\$ 8.150.645,00 reais, a terceira maior da história do país ([www.Globo.com](http://www.Globo.com)), e o público que compareceu ao estádio totalizou 69.981 torcedores. Com clima de 23°C e sem chuva, chegamos para o estudo às 19 h e saímos às 24 h 30. Não se entrou no estádio: assistimos ao jogo por uma TV em um bar da Praça Varnhagen.

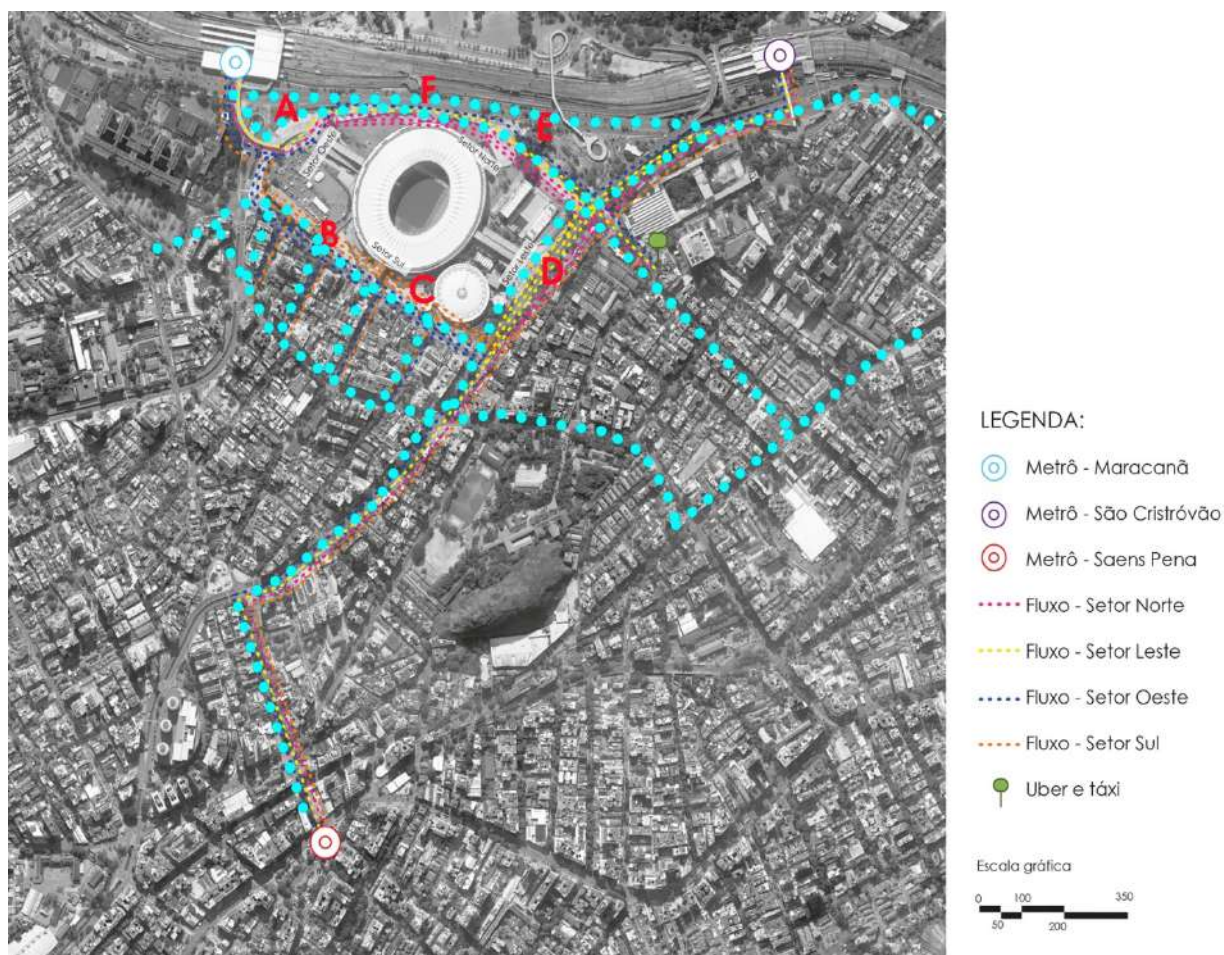
Durante o jogo, o nível de segurança e interdições foi o maior visto em toda a pesquisa. Os fluxos pré e pós-jogo mais intensos abrangeram uma área que se expande além das ruas que margeiam o estádio, as vias de maiores proporções que radialmente se espraiam, como a Av. Maracanã, a Av. Radial Oeste e a continuação da Rua Mata Machado (conforme figura 65). E se incorpora às ruas Manoel de Abreu e São Francisco Xavier, prolongando-se até as ruas Haddock Lobo e do Matoso. Por sua vez, o



congestionamento de veículos na Av. Radial Oeste se estendeu até a Praça da Bandeira, chegando à Rua Francisco Bicalho (figura 65).

As ruas interditadas foram a pista da Av. Radial Oeste em direção ao Centro, no trecho entre a UERJ e a estação do Metrô de São Cristóvão, além da Av. Maracanã desde o seu início até a Rua São Francisco Xavier, toda a Rua Manoel de Abreu e a Av. Prof. Eurico Rabelo, assim como as ruas Conselheiro Olegário, Arthur Menezes, Isidro de Figueiredo e Visconde de Itamarati. Havia grades e policiais nos pontos de interdição, proibindo até os pedestres de ultrapassar as barreiras, exceto os moradores que exibissem seu comprovante de residência.

Figura 65: Mapa de fluxo de pedestres na evacuação do evento



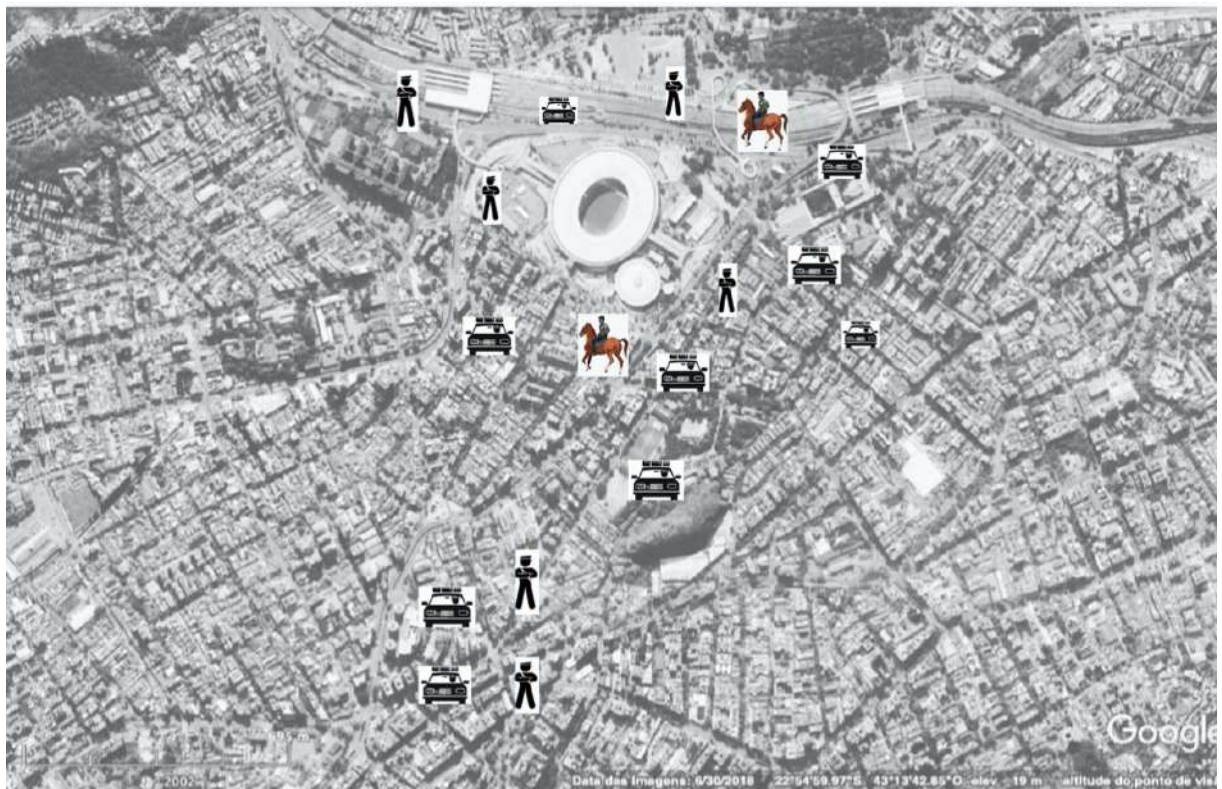
Fonte: Elaborado pela autora com colaboração de Luísa Valente sobre mapa Google Earth, 2019.

## Segurança

Com a filmagem de toda a espacialidade, foi possível retornar à área de estudo, quantificar e localizar todos os seguranças do evento que estavam situados no calçadão do Maracanã e nas rotas de dispersão.

O efetivo de policiamento (figura 66) para este evento foi de 800 homens do Batalhão Especial de Policiamento em Estádios (BEPE), 6º BPM da Tijuca, Regimento de Polícia Montada (RPMont) e do Batalhão de Ações com Cães (BAC). O policiamento das estações metroviárias e ferroviárias coube ao Grupamento da Polícia Ferroviária (GPFer) (AGÊNCIA BRASIL, 2019). Vale registrar que, durante o presente estudo, não se identificou qualquer ato de violência.

Figura 66: Identificação do posicionamento policial durante o evento



Fonte: Google Earth, trabalhado pela autora, 2020.

O policiamento postado no calçadão-borda transmite uma dualidade de sensações, de segurança e de insegurança, pois, se há um grande número de agentes, isso significa que estão se precavendo de um grande conflito, o que pode ocasionar brigas e balas perdidas.



Os acessos com ingressos aos setores do Maracanã seguem os parâmetros dos protocolos, pelos quais se formam filas próximas às entradas, as quais são balizadas por grades e agentes de ajuda. Meia hora antes do jogo, interdita-se o fluxo de pessoas no calçadão e nas imediações.

As apropriações de ambulantes na Borda Permanente também são proibidas devido aos parâmetros de segurança. Neste evento, a fiscalização da Prefeitura e dos policiais se mostrou eficiente. O número de policiais foi o maior identificado para o ano e houve também o uso de helicóptero para salvaguardar a área.

Neste evento, ouviram-se tiros próximos ao acesso "D", sendo o problema detectado e resolvido de imediato pelo policiamento.

Constatamos muitos pontos de aglomerações fora do estádio em que os torcedores se uniam para assistir ao jogo nas imediações e fazer parte da festa (figura 67).

#### **Percurso comentado 1 (acesso)**

O percurso comentado 1 (figura 71) se iniciou no *Shopping Tijuca* (ponto A) e terminou na interdição da Av. Maracanã no ponto "C". No começo, o ponto "A" nos surpreendeu, pois percebeu-se uma não ocupação do espaço urbano, rua escura e silêncio, um sentimento de insegurança. Bem diferente da dificuldade encontrada para acessar o local devido à aglomeração de pessoas e ao grande congestionamento de veículos. O cenário se modifica com o ponto "B", que choca pela multidão de pessoas na Praça Varnhagen (ponto 2), com muitos cânticos dos torcedores. Todos os bares transmitiam o jogo, uns em televisões, outros em telões; sentia-se um forte cheiro de cerveja provocado por muitas latas jogadas pelo chão (figura 67). Havia enorme policiamento, com grupos de agentes a pé ou postados próximos de seus carros, e a sensação era de euforia e segurança.

*Figura 67: Fotos das pessoas assistindo ao jogo na Praça Varnhagen*



Fonte: Acervo autora, 2019.

Quando se chegou ao ponto "C", tudo mudou: só transpunha a barreira de grades quem tinha o ingresso (figura 68). Daí, continuando o percurso em direção à outra margem do Rio Maracanã, era possível identificar a presença de vendedores de drogas, cambistas, escuridão, cheiro de urina – e tudo isto sem policiamento. Em oposição ao que acontecia na outra margem, todos os muros das fachadas dessa rua tinham proteção com concertina e janelas gradeadas (figura 69).

*Figura 68: Torcedores no calçadão*



Fonte: Acervo autora, 2019.

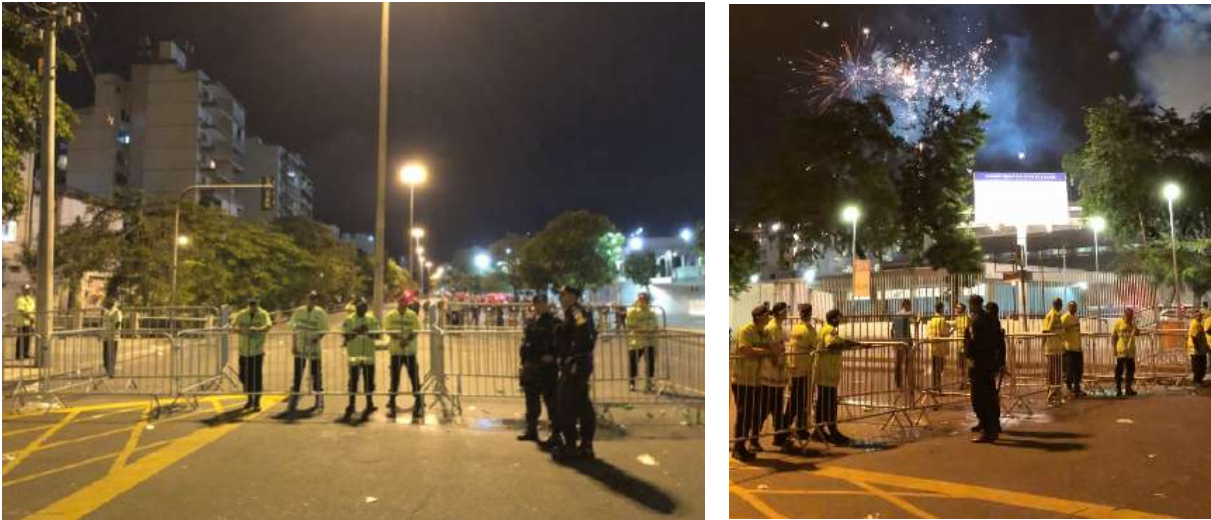
*Figura 69: Calçada direita da Av. Maracanã escura, com posteamento escondido pela arborização*



Fonte: Acervo autora, 2019.

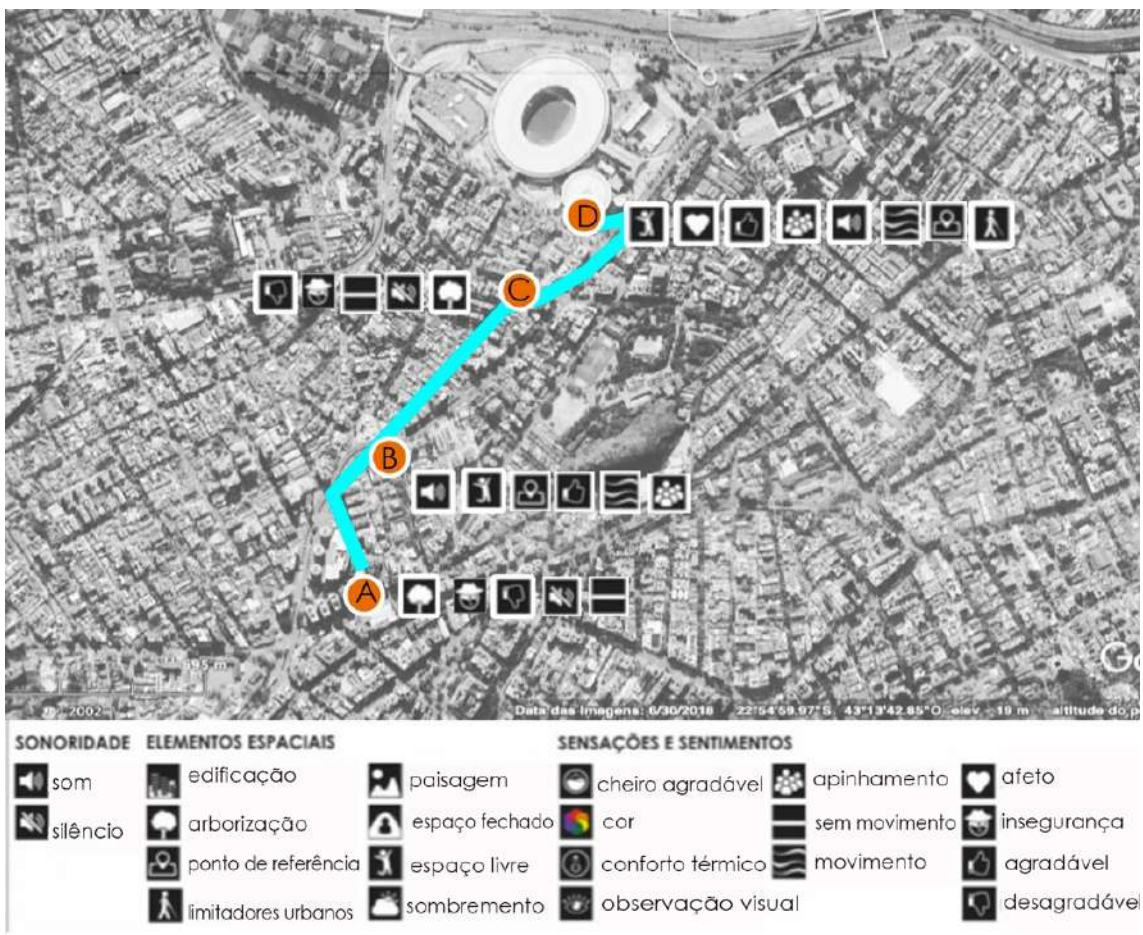
Quando se chegou ao ponto "D", próximo ao estádio, recuperou-se o sentimento de segurança e de afeto: a área destoa da anterior, com alto grau de iluminância, sons dos cânticos dos torcedores e a presença de muitos policiais (figura 70).

Figura 70: Fotos das interrupções com grades e policiais



Fonte: Acervo autora, 2019.

Figura 71: Mapa – Percurso Comentado 1



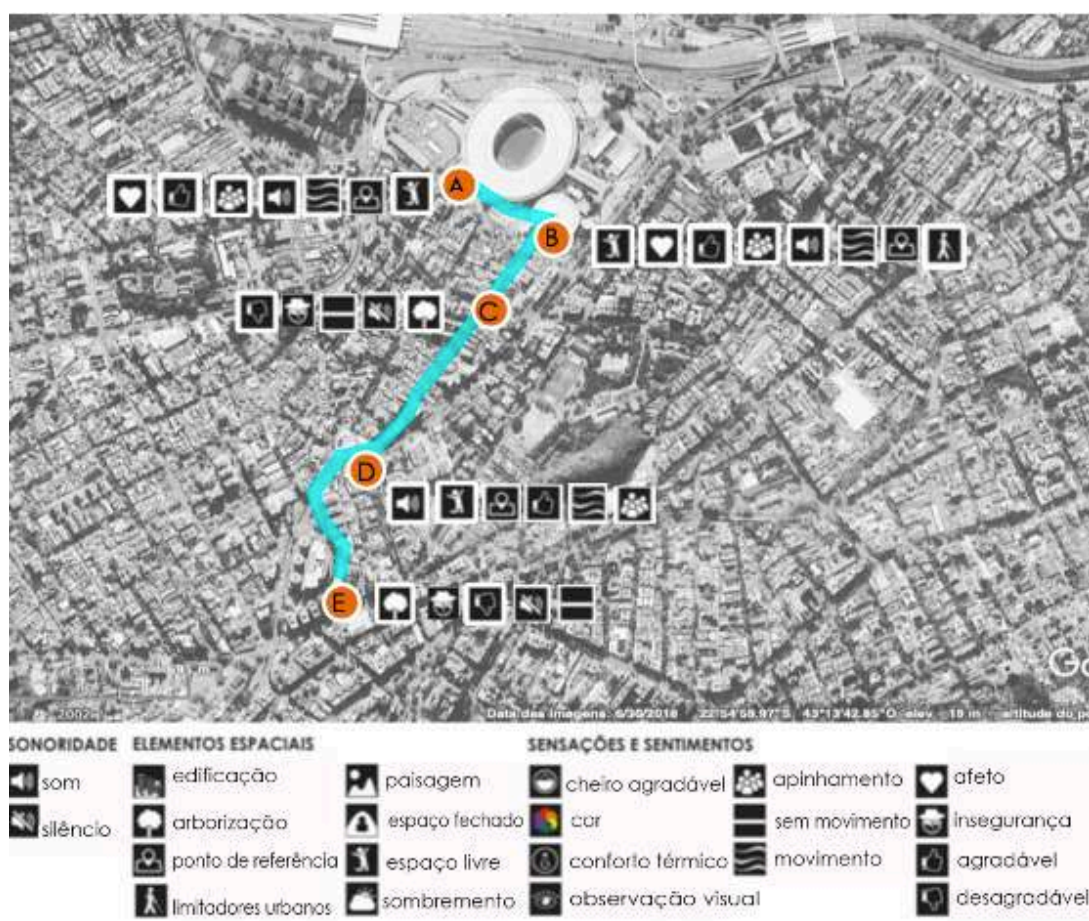
Fonte: Desenvolvida pela autora com base em representação de Simili, 2020.



## Percurso comentado 2 (evacuação)

O percurso comentado 2 (figura 72) se deu a partir do portão de saída (ponto A). Caminhou-se junto com os torcedores e, no início, observou-se muita euforia, com cânticos alusivos à vitória e uma aglomeração muito intensa de flamenguistas. Notou-se o conflito entre veículos e torcedores, mesmo com as vias interditadas; já era noite e as ruas estavam vazias, só circulavam os torcedores do Flamengo, era um som alto e as pessoas se apropriavam da caixa de rolamento para o caminhamento. Após o ponto C, as ruas não estavam interditadas, causando uma relação conturbada entre os torcedores a pé e os de carros particulares, que geravam transtorno com suas buzinas. No ponto D, já na Praça Varnhagen, a aglomeração dos que estavam no estádio se soma à daqueles que assistiam nos bares. Só quando se ultrapassa esse ponto é que a multidão se espraia até o termo final do percurso no ponto E.

Figura 72: Mapa – Percurso Comentado 2



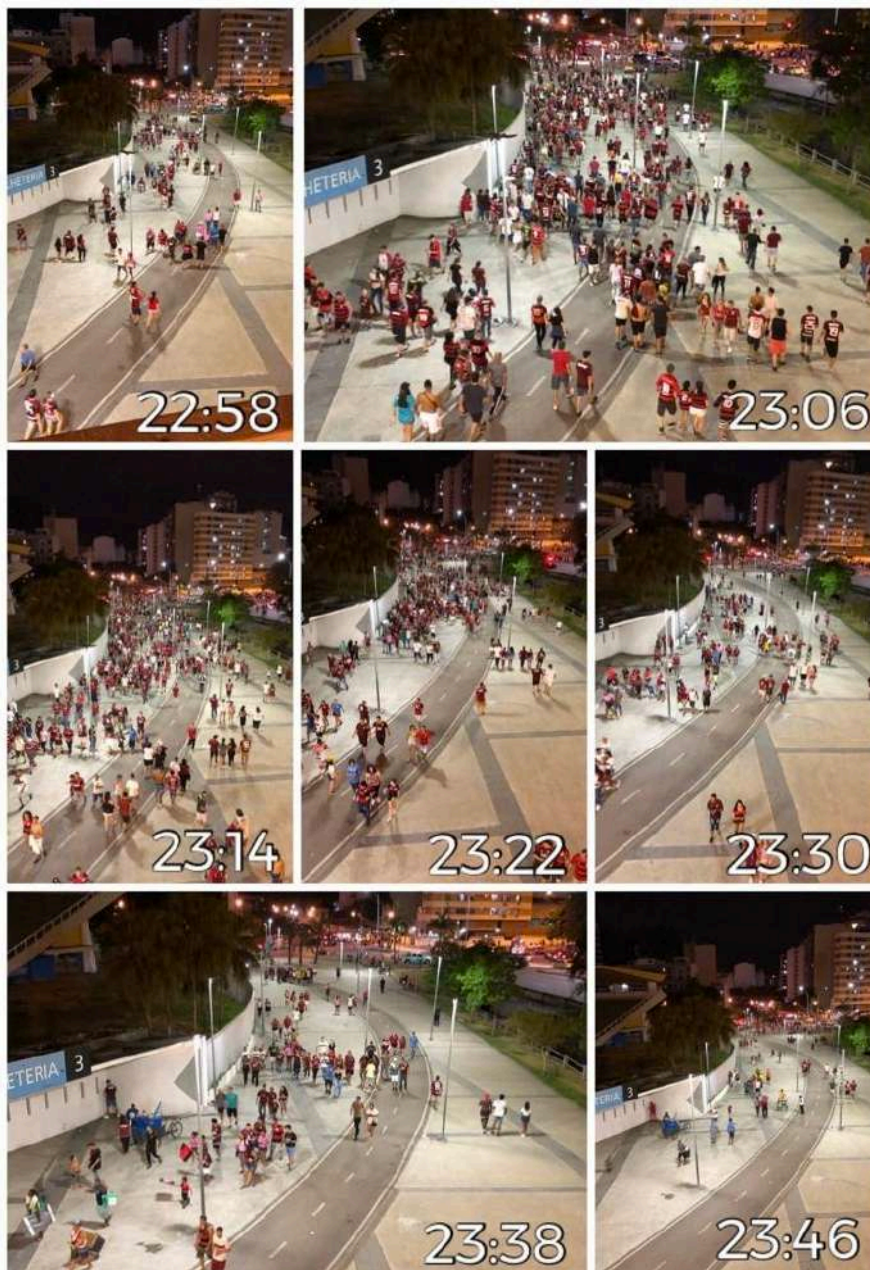
Fonte: Desenvolvida pela autora com base em representação de Simili, 2020.

Este estudo (figura 73) permitiu observar que, antes mesmo do término do jogo, os torcedores deixavam o estádio e já havia alguns deles chegando à passarela do



Metrô. Após o evento, foram necessários seis minutos para que o fluxo intenso dos amantes do futebol começasse a passar pelo ponto analisado. O intervalo de tempo do fluxo mais intenso de pessoas ocorreu entre 23h06 e 23h22 e a dispersão perdurou por 46 minutos, conforme mostra o estudo fotográfico da figura 73.

Figura 73: Estudo da evacuação da saída pela passarela – fluxo x intensidade



Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Mesmo em um jogo com um público de acima de 40.000 torcedores, as ruas fora do perímetro de segurança estipulado pelos agentes de segurança são parcialmente interditadas, pois, por serem liberadas para os veículos em baixa velocidade, os

torcedores eram obrigados a evacuar pelas faixas de rolamento. Atente-se aqui que a largura de 2 metros das calçadas não era suficiente para absorver este número de espectadores (figuras 74 e 75).

*Figura 74: Fluxos de torcedores na evacuação pela Rua São Francisco Xavier*



Fonte: Acervo autora, 2019.

*Figura 75: Fluxos de torcedores na evacuação pela Avenida Maracanã*



Fonte: Acervo autora, 2019.

### **6.2.2. Borda Variável 2: evento de escala nacional (Flamengo x CSA)**

Os estudos a seguir aconteceram no jogo Flamengo e CSA, no dia 27 de outubro de 2019, 28ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2019, que alcançou um público de

65.649 pessoas, o maior de todo o ano, e renda de R\$ 3.735.850. A temperatura nesse dia ensolarado de primavera era de 24° C, e o horário previsto do jogo era 19 h. Chegamos para o levantamento de campo às 16 h; havíamos comprado ingresso para esse evento e assistimos ao jogo dentro do estádio. O Flamengo venceu por 1 a zero.

As ruas em que se viam os fluxos pré e pós-jogo mais intensos foram aquelas que margeiam o estádio e as vias de maiores proporções que radialmente se espraiam, como a Avenida Maracanã, a Avenida Radial Oeste, continuação da Rua Mata Machado, conforme figura 78.

As ruas interditadas foram a Av. Eurico Rabelo e um trecho da Av. Maracanã em frente ao estádio. Todo o redor do complexo esportivo tornou-se uma conturbação urbana com inúmeros ambulantes que dificultavam a mobilidade nos passeios.

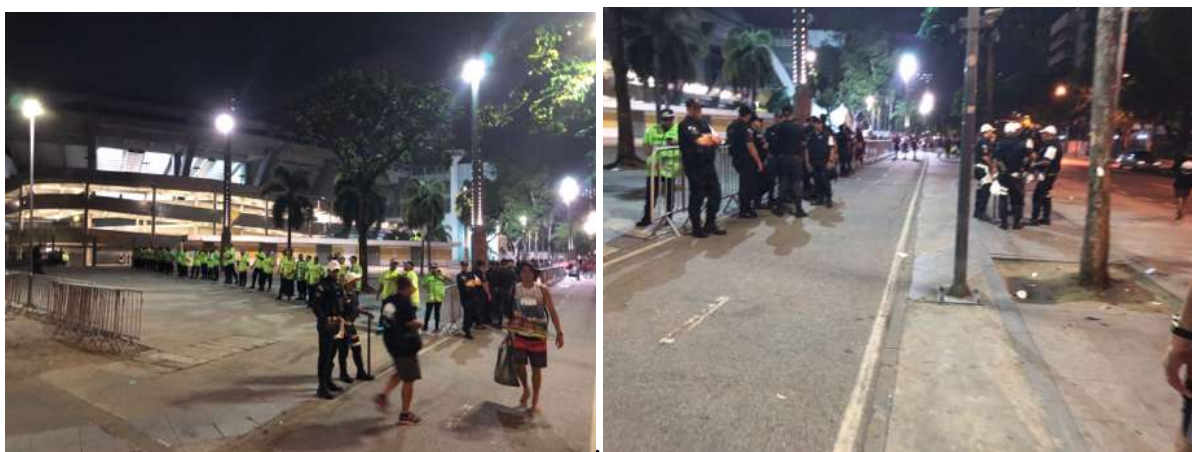
### **Segurança**

Com a filmagem em toda a área de estudo, foi possível quantificar e localizar todos os seguranças do evento que estavam localizados no calçadão.

O efetivo de policiamento para este evento foi de 650 homens do Batalhão Especial de Policiamento em Estádios (BEPE), 6° BPM da Tijuca, Regimento de Polícia Montada (RPMont) e do Batalhão de Ações com Cães (BAC). O policiamento das estações metroviárias e da Supervia ficou a cargo do Grupamento da Polícia Ferroviária (GPFer), além de segurança privada (AGÊNCIA BRASIL, 2019).

Os policiais posicionam-se nas rotas de evacuação e no calçadão-borda, para proteger o espaço urbano dos torcedores violentos e coibir qualquer tipo de vandalismo (figuras 76 e 77).

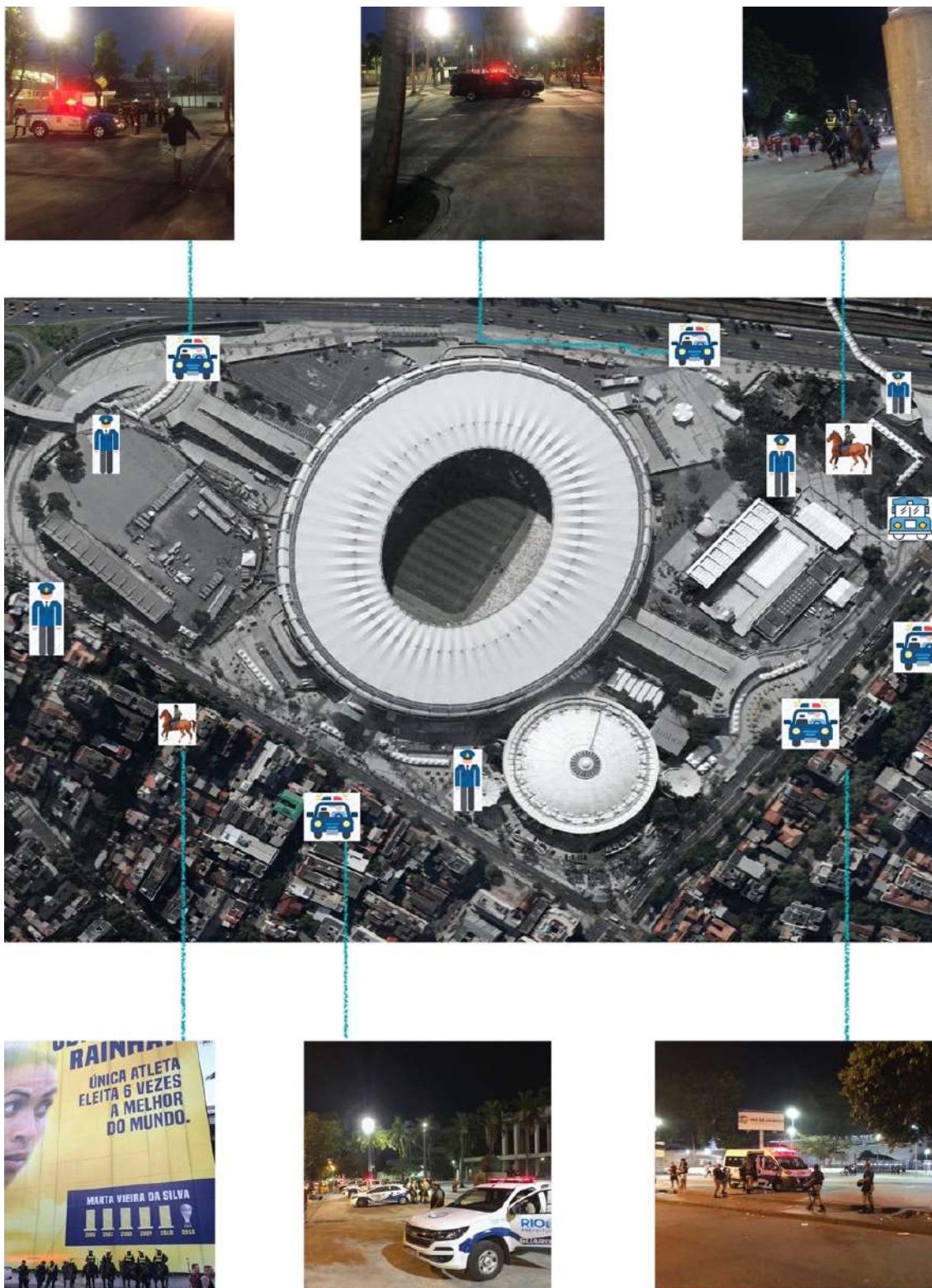
*Figura 76: Efetivo de segurança pública e privada do evento*



Fonte: Acervo autora, 2019.



Figura 77: Localização do Efetivo de Policiamento na Borda



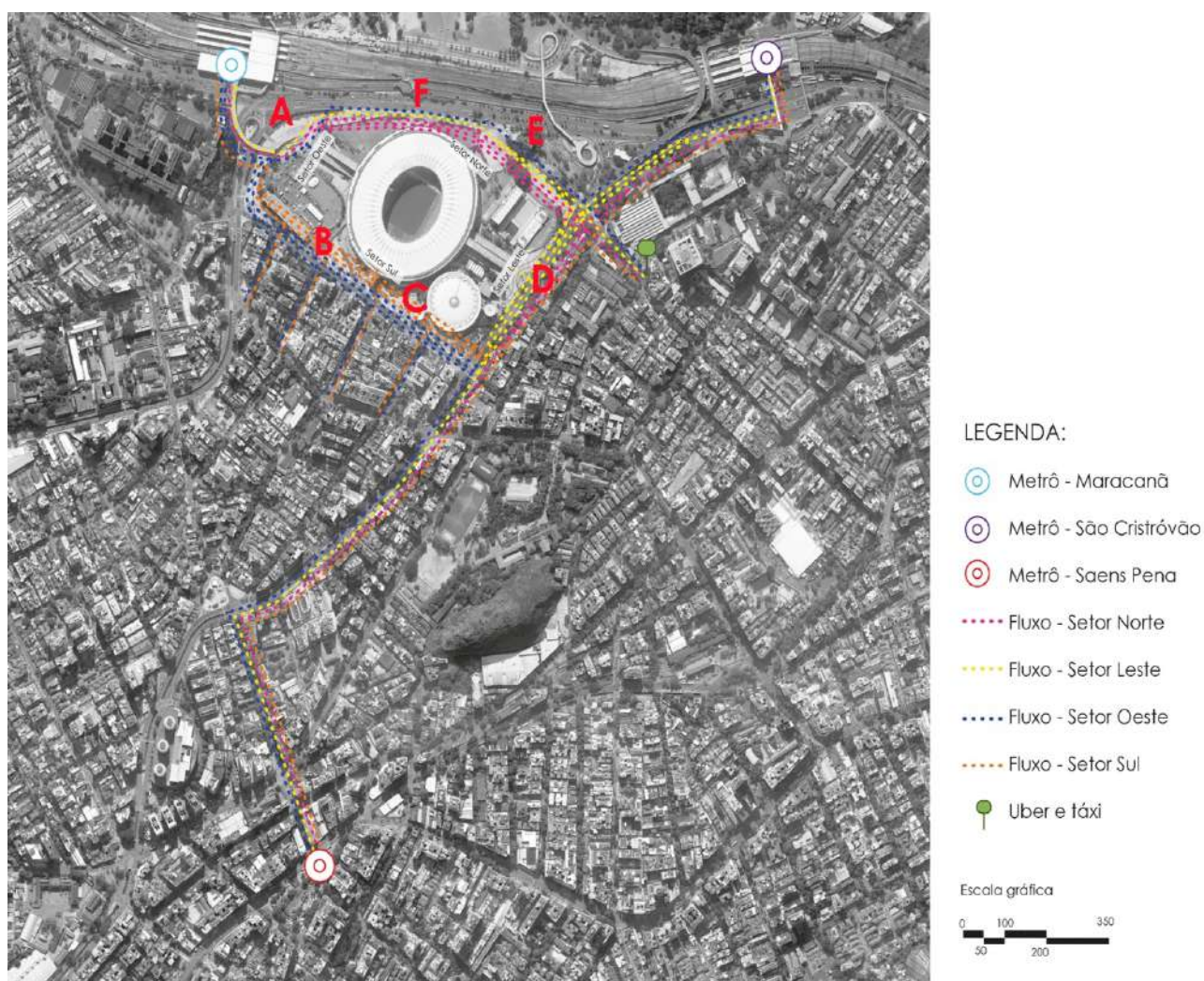
Fonte: Google Earth trabalhado pela autora, acervo autora, 2019.

Mesmo com um número alto de policiamento, detectou-se desordem urbana. Os agentes de segurança se faziam presentes e visíveis, mas não assumiam a fiscalização das conturbações locais.

## Acessos e Evacuações

No estádio, os acessos do setor norte equivalem às letras “E” e “F”, que atendem às arquibancadas dos níveis 2 e 5 e cujo ingresso é mais barato. Ao setor sul, correspondem as letras “B” e “C”, nos níveis 2 e 5, voltadas para a Av. Radial Oeste, sendo que a área reservada aos visitantes é o acesso “B”. Já o setor leste reflete a letra “D”, voltada para a estátua do Bellini, e o setor oeste a letra “A”, em direção à UERJ, abrigando os torcedores “VIP” (figura 78).

Figura 78: Mapa: Fluxos mais intensos na evacuação dos eventos e identificação dos portões de acesso



Fonte: Elaborado pela autora com colaboração de Luísa Valente sobre mapa Google Earth, 2019.

O sombreamento da caminhada (acesso) e o acompanhamento dos movimentos dos torcedores (GEHL e SVARRE, 2013) permitiram identificar onde e em que direção ocorrem as rotas e as atividades que nelas acontecem. Já a cartografia do



percurso enquanto espaço-tempo dos sentidos apreende a sociabilidade e as interações sociais (THIBAUD 2000; 2002).

As apropriações de ambulantes encontrados no local foram picolé de triciclo, o único cadastrado e legalizado na prefeitura, catadores de latas e diversos vendedores: de algodão doce, cachorro-quente, churros, pipoca, hambúrguer, churrasco (carvão), cervejas e refrigerantes, camisas, bonés e faixas de campeão. Vale frisar que os vendedores de alimentos funcionavam com bujão de gás, e os de bebidas com isopor. Estavam a pé ou em bicicleta, além de triciclos estacionados. Neste evento, situavam-se em todo o calçadão após o jogo 69 ambulantes, junto à esquina da Av. Maracanã com Rua Mata Machado. Antes da partida, contabilizamos dezesseis ambulantes na calçada em frente aos edifícios da Av. Maracanã e pelo menos vinte na esquina da Rua Mata Machado com Av. Maracanã.

Pela falta de banheiro químico no calçadão, foi verificado um bom número de homens urinando em locais de menor fluxo.

### **Percurso Comentado 3 (acesso)**

Para esta etapa foram executados dois Percursos Comentados, analisados na mesma rota: uma de direcionamento no acesso ao jogo, antes da partida; e outra na evacuação, após a partida. Evidenciou-se que o mesmo percurso apresenta representações e legibilidades diferentes em situações e horários diferentes. E identificamos os mesmos três pontos de referências de maior número de atributos percebidos que, no percurso 1, serão denominados A, B e C; e no trajeto 2, C, B e A.

O percurso comentado 3 (figura 79) se inicia na rampa de acesso das estações ferroviária e metroviária e termina na área mediana da Rua Eurico Rabelo, na entrada de letra "C". A análise do ponto de referência "A" retrata um grande número de pessoas na descida da rampa, por ter havido um desembarque na estação ferroviária. Retrata uma sensação de insegurança por haver moradores de rua e usuários de drogas sob a rampa, mas a caminhada é tranquila e fluida. Devido ao grande número de torcedores, as análises foram percebidas sempre relacionadas às pessoas e não às estruturas físicas.

Figura 79: Percurso comentado 3: rota de acesso



Fonte: Elaborado pela autora com base em representação de Simili, 2020.

As apropriações pelos usuários nos permitiram identificar cambistas, policiais militares e municipais, ambulantes (figura 80). Além de falatório e cantoria dos torcedores (euforia).

O ponto "B" apresenta limitadores urbanos que são as grades de apoio aos jogos. Mesmo assim, a pesquisadora interpretou como espaço livre e agradável. Os agentes de polícia se posicionavam sob a rampa da passarela e pessoas se apoiavam no guarda-corpo do rio Joana.

No ponto de referência "C", o trajeto exprime uma área ampla e livre (isto é, privada de mobiliário urbano e de gente) e expressa alto nível de ruído pelo fluxo intenso de veículos na rua. Ele apresenta aglomeração de pessoas e ponto de encontro no acesso do estádio, muitos grupos de amigos conversando confraternizando e bebendo cervejas. Detectamos agentes de segurança privados, grupos de amigos conversando e pessoas apoiadas nas grades. Verificamos também que o trânsito congestionado na



Rua Eurico Rabelo causa conflito entre carros e pedestres, pois ainda não haviam fechado a via para os veículos, estrangulando os torcedores nos passeios.

*Figura 80: Apropriação por ambulantes*



Fonte: Acervo autora, 2020.

#### **Percurso Comentado 4 (evacuação)**

O Percurso Comentado 4 (figura 81), no horário e sentido de evacuação, registrou os torcedores caminhando cantando e pulando com a vitória do Flamengo, em visível sentimento de euforia, além do cheiro de cerveja, a sensação de segurança próximo aos policiais e a presença áreas livres. Quando se tratava de grande concentração de pessoas, a sensação era contrária. As grades foram retiradas e foi permitida a permanência dos ambulantes no interior da borda.

Ele também retrata uma sensação de insegurança, por haver moradores de rua e usuários de drogas sob a rampa. No ponto "B", próximo ao portão de acesso A, percebe-se a área grandiosa e livre, que acusa um cheiro agradável no local pela aproximação com o ambulante de picolé.

Figura 81. Percurso comentado4: rota de evacuação



Fonte: Elaborado pela autora com base em representação de Simili, 2020.

### Apropriações

Como não há mobiliário urbano para descanso, as pessoas se apropriam dos jardins e do guarda-corpo do rio Joana e meios fios (figura 82).

Os ambulantes (figura 83) se posicionam por todo o calçadão, portando isopores, bolsas, sacos, sem nenhuma fiscalização e prejudicando a mobilidade dos transeuntes.

Em todos os estudos de campo, encontramos PCDs torcedores (figura 84), que, afora as longas distâncias para percorrer, não encontraram dificuldades de acessibilidade, nem mobilidade, na borda e no interior do estádio.

Figura 82: Apropriações de permanência antes do jogo



Fonte: Acervo autora, 2019.

Figura 83: Apropriações de ambulantes e coletores de latinhas pós-jogo



Fonte: Acervo autora, 2019.

Figura 84: Torcedores com mobilidade reduzida na evacuação do estádio



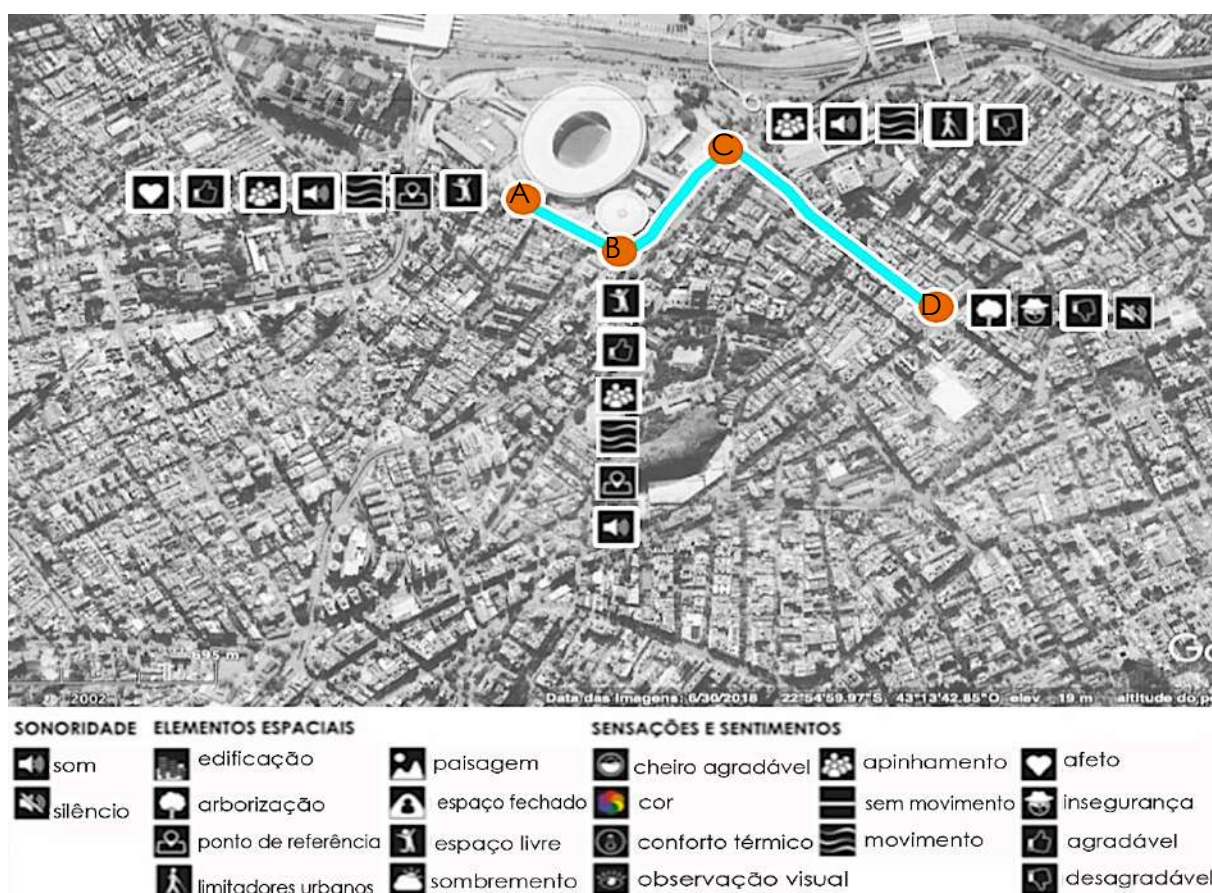
Fonte: Acervo autora, 2019.



## Percurso Comentado 5 (evacuação)

O percurso comentado 5 (figura 85) foi executado acompanhando os torcedores a partir da saída de Portão "B" (ponto A) em direção à rua que seria o ponto de encontro para o embarque nos carros de aplicativos. O segundo se deu no ponto B, representado pelo Maracanãzinho; o terceiro na esquina da Rua Mata Machado com Av. Maracanã; e o quarto (ponto D) no local dos embarques que aconteciam na esquina da Rua Professor Gabizo com Rua Morais e Silva.

Figura 85: Percurso comentado 5, rota de evacuação



Fonte: Elaborado pela autora com base em representação de Simili, 2020.

Na evacuação, notaram-se logo os cantos da vitória, assim como o fluxo intenso de torcedores entre os pontos A e B, que vinham ao nosso encontro, pois a maioria dos torcedores caminhava em direção à estação de Metrô, que é no sentido contrário, dificultando o nosso trajeto. Entre os pontos C e D, foi detectado o "polo gastronômico" de ambulantes que prejudicava a mobilidade dos pedestres e, após essa aglomeração, as ruas possuem calçadas estreitas e a circulação foi difícil. Nessa área não se detectou

a presença de agentes de segurança, mas identificaram-se policiais de trânsito tentando organizar os conflitos.

A Av. Maracanã se encontrava fechada, sendo possível escolher o melhor trajeto e fugir do fluxo contrário. Quando se chegou ao ponto "C" do percurso, a paisagem se modificou: primeiro avistavam-se inúmeros ambulantes aglomerados, dificultando o trajeto; um sinal de trânsito que ninguém respeitava tornou o percurso inseguro; além disso, as ruas se estreitam, o trânsito de veículos é liberado na continuação da Rua Mata Machado e as calçadas se estreitam. A iluminação pública diminui e o cheiro de urina aumenta. A rota segue com outro sinal de trânsito também confuso e um posto de gasolina utilizado, na sua totalidade, como estacionamento. Seguindo o trajeto, os fluxos de pessoas diminuem; vê-se então um ponto clandestino de táxis e, na mesma esquina, pessoas embarcando nos carros de aplicativos.

*Figura 86: Concentração dos ambulantes de alimentação*



Fonte: Acervo autora, 2019.

Na figura 86, apresenta-se o local de costume de concentração dos ambulantes que se situam na borda. Além do habitual local de alimentação, nos pós-jogos, quando é desfeita a interdição da borda, os ambulantes transpassam a barreira e se confraternizam com outros vendedores, descartam gelos e restos de comidas na rua, sem sequer se importar com a fiscalização dos policiais. E, logo após esse momento, chegam os caminhões da companhia de coleta de lixo, lavando toda a área com jatos de água e caminhão-pipa.

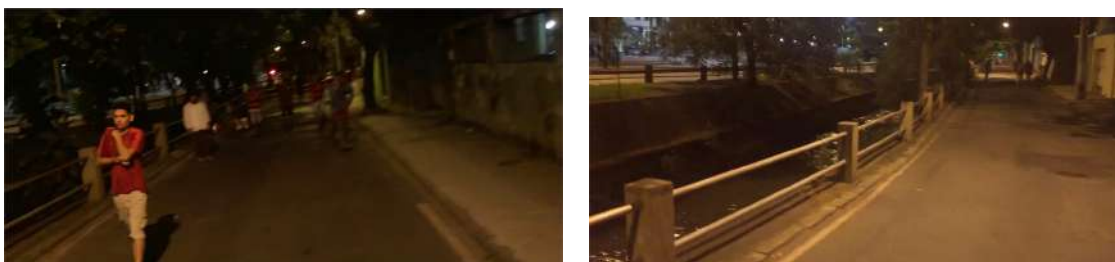
Figura 87: localização da polícia quando com carros



Fonte: Acervo autora, 2019.

Mesmo com um contingente grande de policiais (figura 87), a margem direita do rio Maracanã, na Av. Maracanã, se encontra interditada somente para os veículos. O lado esquerdo é interditado, só podendo adentrar os torcedores do espetáculo com ingresso. A faixa de rolamento não interditada aos pedestres e somente aos carros se apresentou bastante insegura, com vendas de drogas e pessoas armadas. Vale frisar que essa parte da área apresenta arborização densa em confronto com a iluminação pública, causando cones de sombra em quase toda a avenida, o que torna o local muito escuro e inseguro (figura 88).

Figura 88: Foto da escuridão faixa lateral da Av. Maracanã



Fonte: Acervo autora, 2019.

O jogo terminou às 20 h 45 e percebeu-se um lapso de oito minutos para que o fluxo maior de torcedores começasse a sair pelo portão, de 20:53h até 21:17 h. O fluxo de evacuação foi intenso, diminuindo às 21:33 h. A dispersão dos torcedores durou 50 minutos, como pode ser comprovado pelo estudo feito com fotos (figura 89). O estudo consistiu em fotografar de oito em oito minutos a evacuação e entender o comportamento do fluxo.



Os fluxos foram verificados na evacuação (figura 89) e a grande intensidade de torcedores na saída se dá a partir de oito minutos de término de jogo. Ele vai se diluindo nos próximos dezesseis e 24 minutos com intensidade alta, mas começa a diminuir após quarenta minutos do término do jogo, conforme mostra a figura 89, e só cessa com 48 minutos, mesmo que tenha sido projetado para que a evacuação fosse executada em oito minutos, segundo o padrão FIFA.

Figura 89: Estudo da evacuação saída portão "B" – fluxo x intensidade



Fonte: Acervo autora, 2019.



### **6.2.3. Borda Variável 3: evento de escala “local” (Flamengo x Bahia)**

Em 2020, o dia a dia da população foi modificado, a Pandemia da COVID-19 assolou o planeta e, para evitar o contágio do vírus SARS-Cov-2, as pessoas ficaram confinadas em casa e foram cancelados todos os jogos de futebol nas arenas mundiais e no Estádio Mário Filho. Contudo, o jogo na escala municipal não foi pesquisado e, portanto, analisou-se uma partida cujos levantamentos de campo já haviam sido executados, a saber, o jogo Flamengo e Bahia, em que ocorreram fatos singulares no exterior do estádio pré e pós-evento.

O jogo aconteceu em 10 de novembro de 2019, às 18 h. O Flamengo venceu por 3 a 1 o time do Bahia, pela 32ª rodada do Campeonato Brasileiro desse mesmo ano. Foi um dia ensolarado, de forte calor, com uma temperatura de 28°C e nenhum vento. Não se dispunha de ingresso e não se assistiu ao jogo de dentro do estádio, mas permaneceu-se no calçadão-borda durante todo o evento.

A chegada para o estudo de campo foi às 16 h. Mesmo havendo barreiras com gradil e policiais com cones, foi possível circular por toda a área do entorno, caixa de rolamento e passeios. Alguns acontecimentos distintos foram notados: as vias foram desinterditadas durante o jogo e muitas pessoas se apropriaram da borda para passear com cachorros, ou desfrutar de lazer ativo, como corridas e caminhadas durante o evento.

Outro fato singular foi a apropriação do espaço público do evento, com as instalações das grades no passeio, atrapalhando a circulação na calçada, o que converteu o espaço público em privado durante a partida. As grades foram instaladas na calçada 24 horas antes do jogo e só foram retiradas 24 horas depois; no restante da semana sem evento, elas foram armazenadas na própria calçada, excluindo essa área do uso público. Todo o funcionamento cotidiano da borda é transformado pela competição esportiva, sem considerar os costumes locais. As grades dificultam a mobilidade no passeio, encurtando suas larguras.

#### **Segurança**

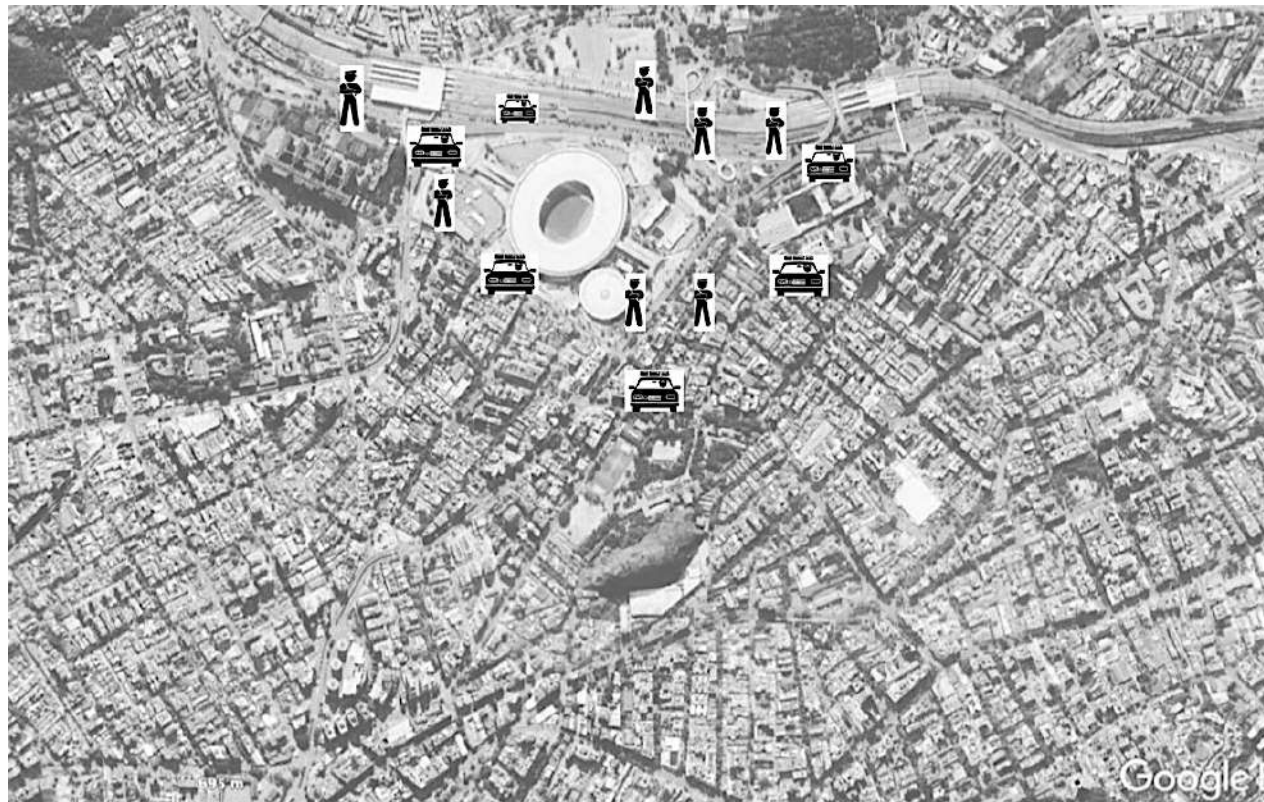
Após reunião entre os grupos envolvidos na organização e no planejamento dos jogos, a classificação foi definida para bandeira amarela. A fim de atender o movimento de público esperado e minimizar os impactos no trânsito, a Prefeitura, por meio da CET-Rio, montou um esquema de tráfego especial para essa partida. A operação de trânsito contou com a participação de 104 homens, entre controladores

da CET-Rio, guardas municipais e equipes de apoio, com dez veículos operacionais e catorze motocicletas que atuaram para manter a fluidez, coibir o estacionamento irregular, ordenar os cruzamentos, orientar pedestres e efetuar os bloqueios durante todo o período do evento.

Foram ainda utilizados oito painéis de mensagens variáveis móveis e fixos que informaram sobre os horários dos diversos fechamentos e as rotas alternativas. Planos semafóricos especiais foram implantados para garantir a fluidez e o Centro de Operações Rio – COR fez o monitoramento de toda a área do evento com câmeras, permitindo que técnicos da CET-Rio implantassem ajustes na programação dos semáforos, em função das condições do trânsito em cada momento (pcrj.com.br, 2020).

Para este evento, os agentes de segurança (figura 90) se posicionaram no calçadão e na passarela, não se distribuindo na rota de acesso e evacuação, como aconteceu no outro jogo de bandeira amarela analisado anteriormente aqui nesta tese (figura 91).

*Figura 90: Segurança da Borda*



Fonte: Elaborado pela autora sobre mapa Google Earth, 2019.

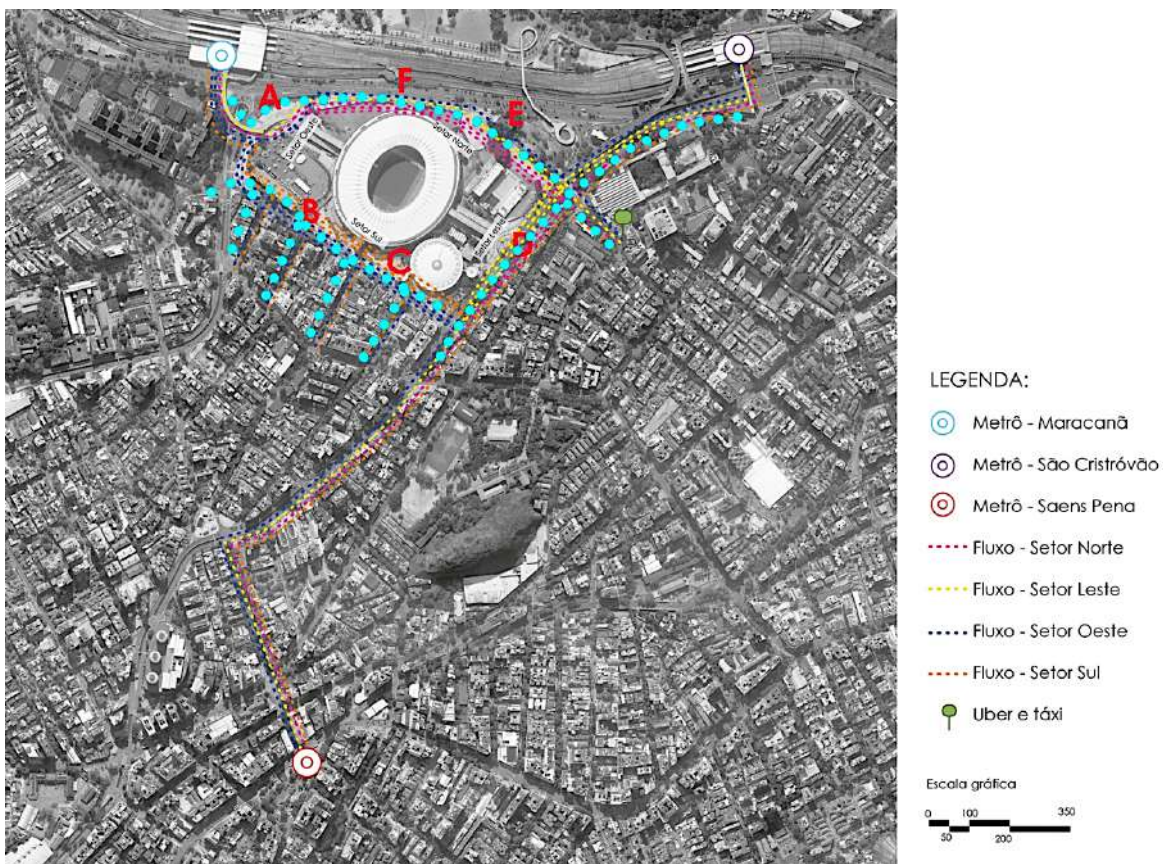
Figura 91: apropriação do Espaço Público pelas grades



Fonte: Acervo autora, 2020.

A análise das rotas no evento (figura 92) permitiu compreender a importância da Av. Maracanã para a acessibilidade e evacuação do jogo. Nesta partida, mesmo com grande público, o fluxo de aglomeração de torcedores ocorreu próximo ao estádio, nas ruas que margeiam o Maracanã, espalhando-se após a esquina mais próxima.

Figura 92: Fluxo de evacuação



Fonte: Elaborado pela autora com colaboração de Luísa Valente sobre mapa Google Earth, 2019.



## Percurso Comentado 6 (evacuação)

O percurso comentado 6 (figura 93) se deu na evacuação. O pesquisador sombra acompanhou os torcedores do Portão “E” (ponto A) em direção à passarela do Metrô e da Supervia. Na saída do portão, percebeu-se um grande fluxo de pessoas de torcedores e policiais, com muitos cânticos da vitória. No calçadão, além dos catadores, foram detectados diversos ambulantes de todos os tipos: churrasquinho, cachorro-quente, bebidas, pizza, bonés, faixas de campeão, milho e sanduíches, seja de bicicleta ou a pé com seus isopores (figura 94).

Figura 93: Percurso Comentado



Fonte: Elaborado pela autora com base em representação de Simili, 2020.

Seguindo para a Av. Radial Oeste e em direção ao ponto B, a via não se encontrava interditada como nos outros eventos. Vários padrões foram modificados: durante o trajeto, encontramos veículos estacionados na Av. Radial Oeste, como ônibus de excursão, com o embarque dos passageiros de Rio Bonito nessa avenida. Outra

apropriação foi o embarque de passageiros nos carros de aplicativos, a presença de ambulantes em todo o calçadão, forte cheiro de cerveja e muito ruído de buzinas de carros e apitos de guardas de trânsito, que fingiam organizar o fluxo de veículos. A partir do ponto B até o ponto C, percebeu-se uma expressiva aglomeração de pessoas que queriam embarcar nas estações.

*Figura 94: Ambulantes na Av. Radial Oeste*

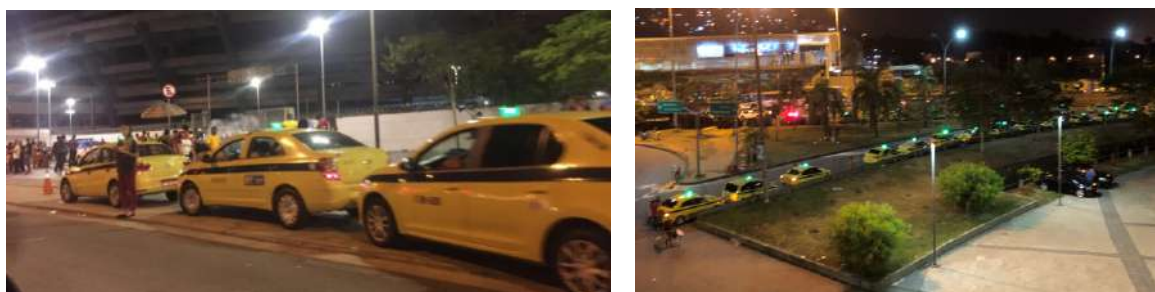


Fonte: Acervo autora, 2019.

### **Permanências**

Mais à frente, no ponto "B", encontrou-se um enorme ponto de táxi clandestino com 28 carros à espera (figura 95). Havia também vans estacionadas na avenida com embarque de passageiros. E, no ponto "C", a maior intensidade no fluxo de torcedores, que acontecia na passarela em direção à estação de metrô e trem. A extensão da passagem elevada atendia com segurança aos usuários, mas o funil do fluxo era inevitável nas estações: o longo período para transpor a passarela atesta que esta não havia sido projetada para multidão.

*Figura 95: Parada de táxi clandestina pós-jogo ocupando a margem do rio Joana*

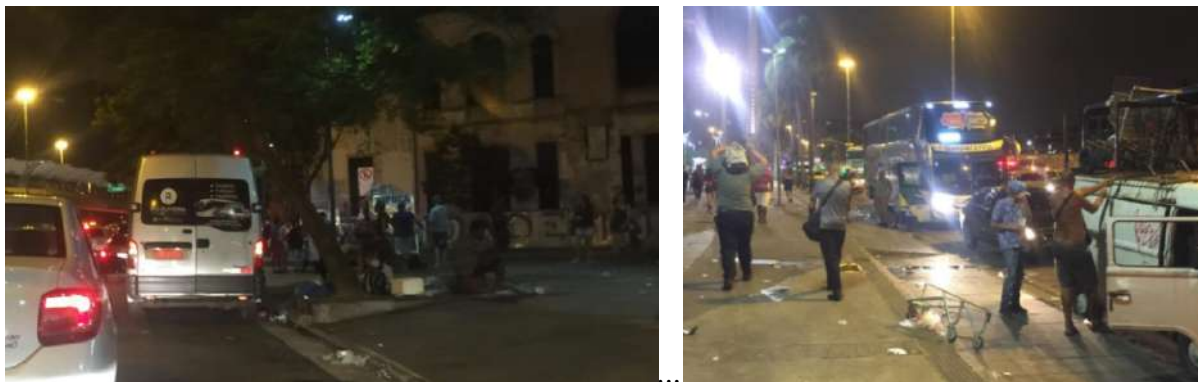


Fonte: Acervo autora, 2020.

A desordem urbana pública foi observada em todas as ruas que margeiam o evento, causando um transtorno em todos os sentidos. O estacionamento na via pública (figura 96) intensificou o congestionamento de carros, o excesso de ambulantes nos

passeios e passarela dificultou a mobilidade e tornou inseguro o trajeto. Os ambulantes estendiam no chão panos com seus produtos. As bicicletas com a venda de churrasquinho e cachorro-quente eram energizadas com bужão de gás e iluminação com baterias.

*Figura 96: Embarque irregular de van para Niterói e ônibus de excursão de Rio Bonito*



Fonte: Acervo autora, 2019.

Uma hora após o término do jogo, se inicia a coleta do lixo, ainda com torcedores festejando e embarcando em suas conduções (figura 97).

*Figura 97: Coleta do lixo uma hora após o jogo*

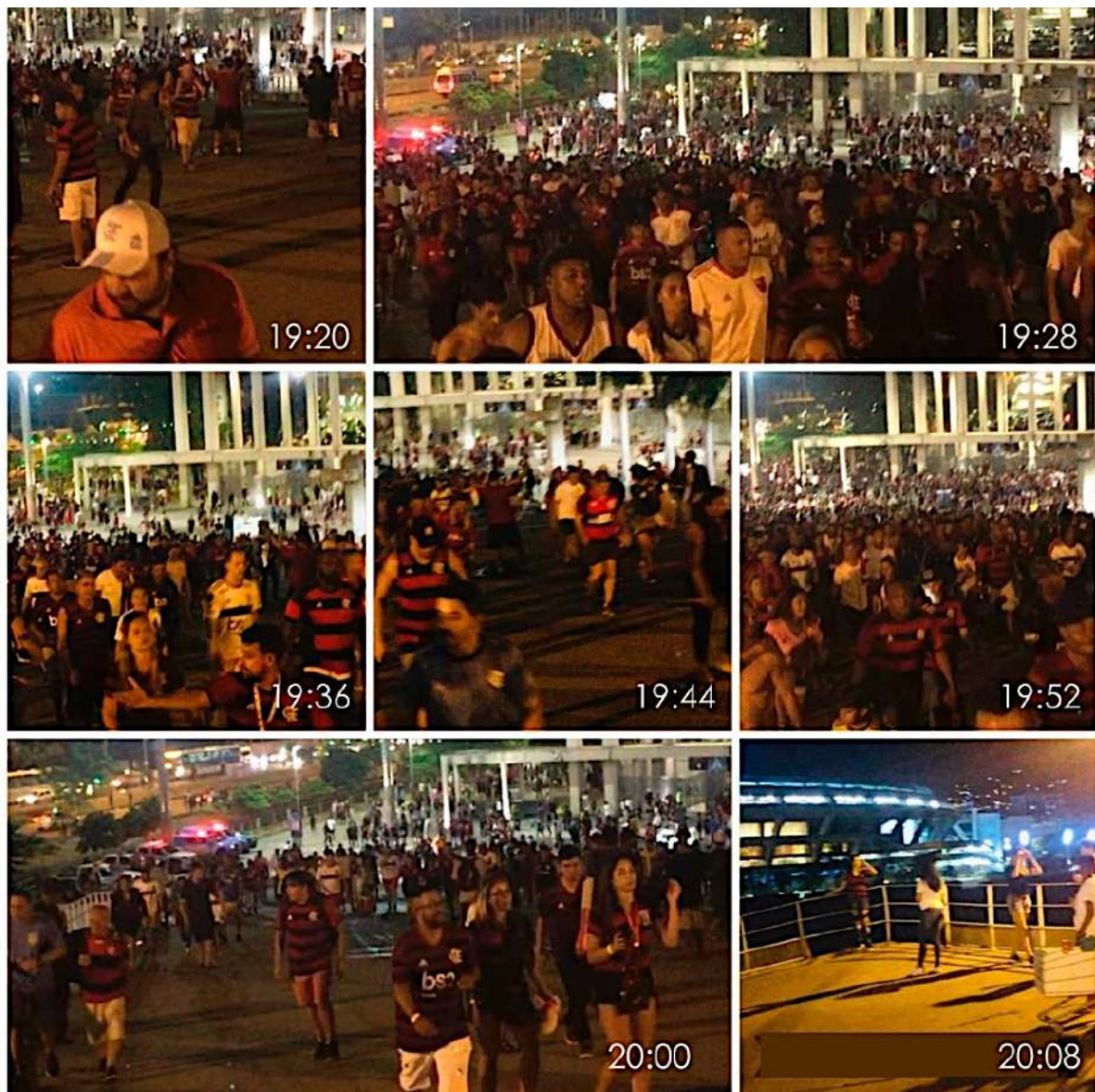


Fonte: Acervo autora, 2019.

Neste evento, o fluxo de torcedores foi muito grande, mas o tempo de evacuação ficou na média de cinquenta minutos, como pode ser mostrado o estudo da figura 98.



Figura 98: Estudo da evacuação saída "A" – fluxo x intensidade



Fonte: Acervo autora, 2019.

Os usuários transitam pelas faixas de rolamento da Av. Radial Oeste fechada, mas, como há uma grade no canteiro central dividindo o direcionamento das mãos, os pedestres caminham pelo meio dos carros na outra mão, causando um impacto ainda maior.

As estações de metrô do Maracanã e São Cristóvão cumprem muito bem o papel de transporte de massa, com locais propícios em dimensão e acessibilidade, sem barreiras no percurso. Nas estações da Saens Pena e São Francisco Xavier, a acessibilidade é prejudicada, pois os acessos às estações são por escadas físicas ou automáticas.

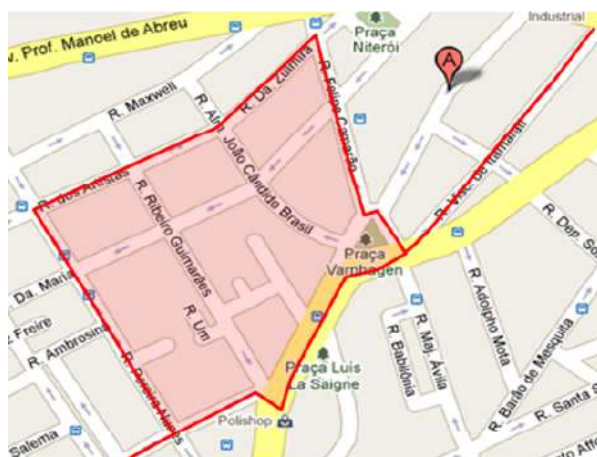


### 6.3. Elementos estruturadores nos percursos

Os bares e restaurantes são os principais agregadores dos torcedores, seja como ponto de encontro antes ou depois dos jogos, para comemorar as vitórias ou chorar derrotas, seja para reunir amigos que assistem aos jogos de fora do estádio. Os bares que estão localizados na Rua Professor Eurico Rabelo se encontram na região desde a sua inauguração. No entanto, com os confrontos das torcidas ao redor do estádio, antes das partidas e depois, a Polícia Militar, em acordo com os donos dos bares, fecha seus empreendimentos durante os eventos<sup>21</sup>.

Em 07 de dezembro de 2009, instituiu-se o Decreto Nº 31473, que visa ao fortalecimento dos aglomerados comerciais e de serviços da cidade do Rio de Janeiro, denominados POLOS DO RIO, que criou o Polo Gastronômico da Tijuca (figura 99), localizado na Praça Varnhagen, Rua dos Artistas, Avenida Maracanã, Rua Dona Zulmira, Rua Santa Luísa e Rua Baltazar Lisboa. A partir dos anos 2000, o entorno da praça Varnhagen solidificou-se como um grande centro gastronômico da Tijuca, com a instalação de bares, botecos, casas noturnas e restaurantes na região. Hoje, o Polo da Tijuca reúne treze empreendimentos dos mais variados estilos (figuras 99 e 100).

Figura 99: Polo Gastronômico da Tijuca é formado pelo quadrilátero: Praça Varnhagen, Rua Felipe Camarão, Rua Pereira Nunes, Rua Dona Zulmira e Rua dos Artistas, além da adjacente Rua Visconde de Itamarati



Fonte: wpro.rio.rj.gov.br .

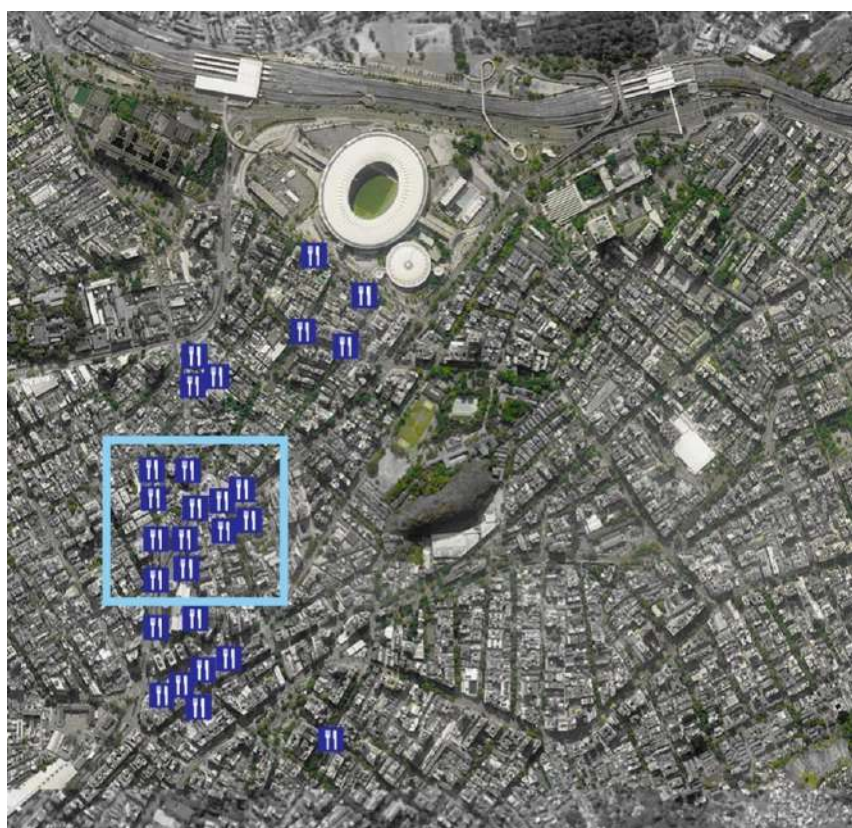
O Polo Gastronômico (figura 100) se fortalece com os jogos no Maracanã, acolhendo a transferência das reuniões pré-jogos e as comemorações após os eventos,

---

<sup>21</sup>Informação obtida em entrevista com os donos dos bares situados na margem do calçadão.

pois os proprietários dos bares no perímetro da Borda Permanente, em acordo com a Polícia Militar, fecham seus empreendimentos durante as partidas, devido aos confrontos entre torcidas ao redor do estádio antes dos jogos e após o seu término.

Figura 100: Serviços gastronômicos no entorno do estádio



LEGENDA

Mapa: Serviços Gastronômicos

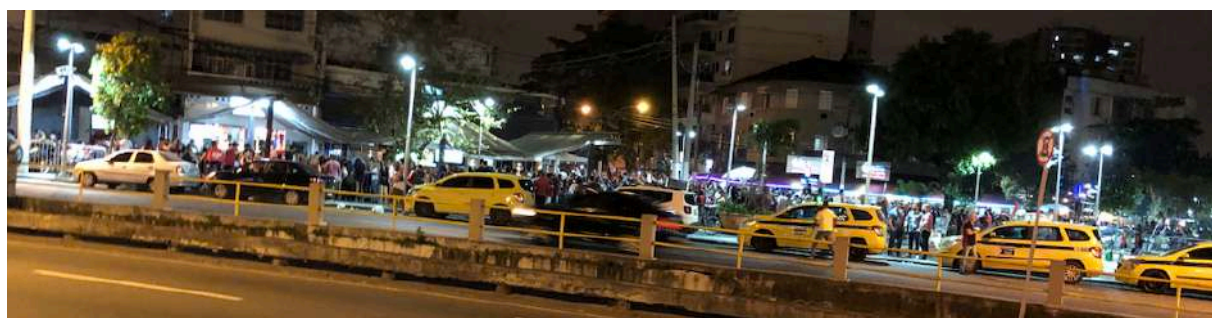
-  Serviços de gastronomia e bebidas.
-  Polo Gastronômico

escala gráfica



Fonte: Elaborado pela autora sobre mapa Google Earth, 2019.

Figura 101: Praça Varnhagen em dia de jogo



Fonte: Acervo da autora, 2019.

Figura 102: Torcedores assistindo ao jogo no Polo Gastronômico da Tijuca, Flamengo x Grêmio



Fonte: Acervo da autora, 2019.

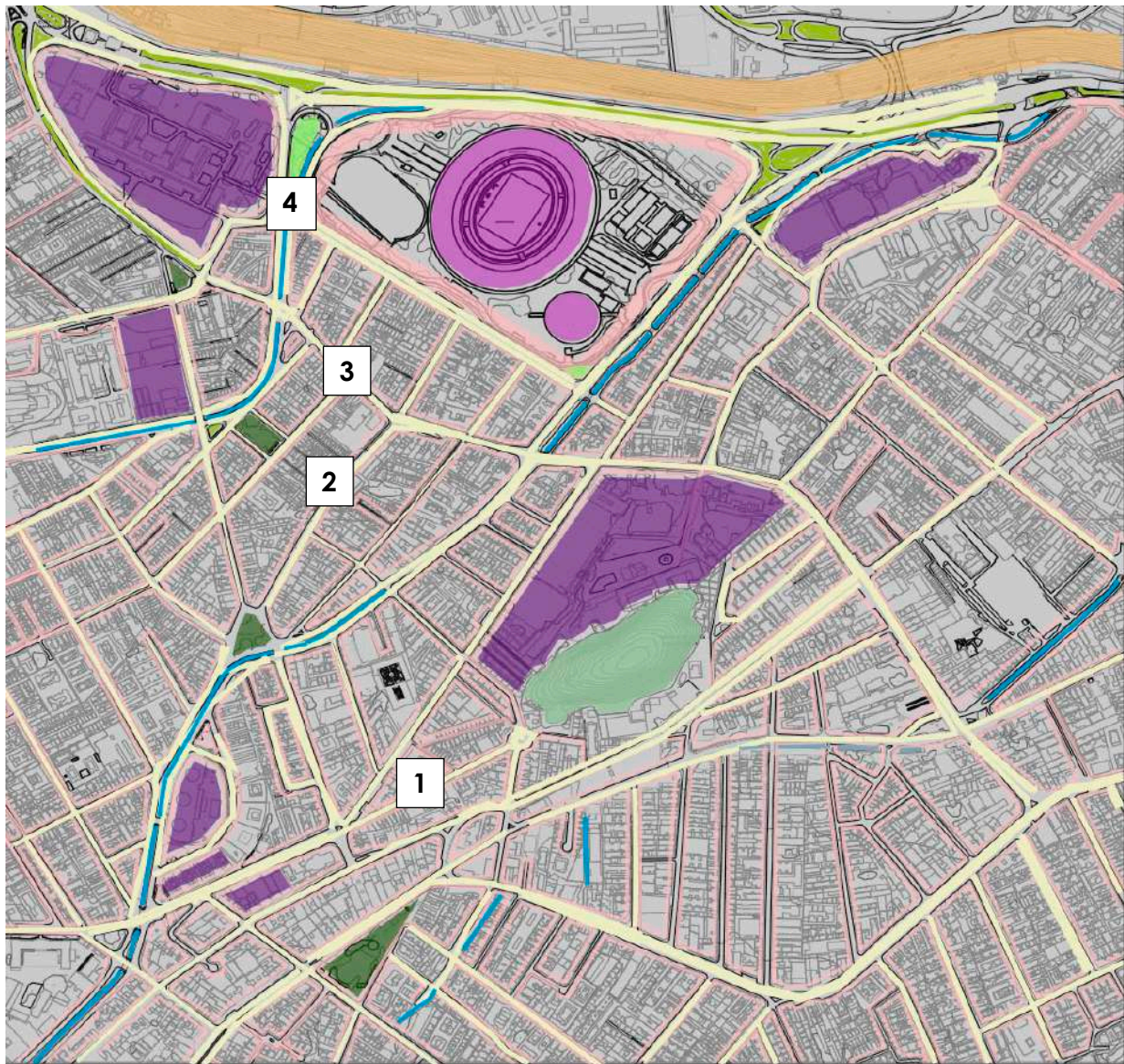
Julgou-se significativo compreender o papel da Praça Varnhagen no contexto do sistema de espaços livres destinados ao lazer, especificamente, o sistema de praças locais, e como eles se completam e se relacionam com o calçadão-borda. Esse sistema é constituído principalmente pelas praças Saens Pena, Varnhagen, Niterói e Maracanã (figura 103).

De um modo geral, não se percebe uma complementariedade entre esses espaços, seja entre eles próprios ou entre eles e o calçadão-borda. Essas praças caracterizadas de modo resumido na figura 103 apresentam aspectos e dinâmicas distintas. As praças Maracanã e Niterói, apesar de situadas mais perto do estádio, estão mais relacionadas com seu contexto adjacente imediato. Já a Praça Saens Pena representa em si a própria centralidade do bairro da Tijuca e se vincula à Borda Variável em termos de transporte público – o Metrô –, mas não se associa mais intensamente a esta.

Assim, somente a Praça Varnhagen faz parte ativa dessa Borda Variável. Ela tem sido bastante promovida por uma política de âmbito municipal que talvez almeje incentivar economicamente a região, mas também, e possivelmente, sirva para funcionar como um controle contra o espraiamento da Borda.



Figura 103: O sistema de espaços livres do entorno, destacando as principais praças



<b>LEGENDA</b>		Conservação	Pr
Circulação	Área non edificandi	Si:	
Estrada de Ferro	Espaço Iconográfico		
Vias	Maracanã		
Canteiros	Maracanazinho		
Calçadas	Equipamentos Urbanos		
Recreação	Os equipamentos urbano foram adicionados ao mapa por serem elementos geradores de fluxos nos E.L.		
Praças implantadas			
Praças não implantadas			

escala gráfica

Fonte: Elaborado pela autora sobre mapa do Rio Dados, 2020.



Figura 104: Quadro sintético de caracterização das praças do entorno



Fonte: Elaborado pela autora sobre mapa Google Earth, 2020.

De um modo geral, a densidade de espaços livres quase se equilibra com a área construída. Essa conta é minimizada pelo grande espaço livre que margeia o Maracanã e pelas avenidas de caixa larga (figura 104). Na relação entre espaços edificados e espaços livres público e privado, este se apresenta em maior densidade (figura 104). Percebe-se que a possibilidade de se estabelecer um sistema de espaço livre mais articulado, devido à quantidade de lotes públicos, é viável.



## SÍNTESE DO CAPÍTULO

Abaixo é apresentado o quadro síntese dos dados em todos os trechos dos seis PCs e a seguir a representação gráfica dos dados em um mapa-síntese.

Tabela 9: Atributos de leitura do lugar

Sons	Elementos Espaciais	Sensações e Sentimentos	Apropriações	Barreiras Físicas	Barreiras Naturais	Barreiras Móveis
Apito de trânsito	Maracanã	Segurança	Grupo de Conversa	Carros de polícia	Árvores	Fluxo de pessoas contra
Buzina	Maracanãzinho	Insegurança	Grupo de Policiais	Ambulantes Pessoas	Arbustos	Automóveis em vias fechadas
Cantoria dos torcedores	Museu do índio	Cheiros	Sócias dos atletas para fotos	Ambulantes Ciclistas	NE	NE
Anúncio de venda dos ambulantes	Rampa de acesso ao metrô	Odores	Torcedores	Lixo	NE	NE
Anúncio de acesso pelos ajudantes	Cartaz da Marta	Afetividade	NE	Grades	NE	NE
Grupo de samba	Estátua do Bellini	Agradável	NE	NE	NE	NE
Falatório	Bares	Desagradável	NE	NE	NE	NE

Legenda: NE: Não encontrado.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

A tabela síntese representa as sensações e emoções do pesquisador sombra nos percursos comentados ocorridos anteriormente. Os eventos traduziram-se em percepções específicas que só acontecem nesse espaço urbano. Os sons percebidos como agradáveis foram os cânticos dos torcedores; já os sons desagradáveis foram buzinas, apito de segurança de trânsito e pregões de vendas. Os elementos espaciais mais emblemáticos foram os edifícios do Maracanã, Maracanãzinho e Museu do Índio, as rampas de acesso às estações de trem e metrô, os bares do entorno, o cartaz da jogadora Marta e a estátua do Bellini que se apresenta como referência. Os grupos apropriadores são bem variáveis e representados por torcedores, policiais e ambulantes. As barreiras naturais não dificultam a mobilidade, mas as barreiras físicas móveis até impedem a acessibilidade. As sensações de segurança acontecem na

maioria das vezes, com locais de iluminação adequada, que apresentem pessoas transitando e possuam efetivos de segurança.

A “borda” (figura 105) foi delimitada por atributos urbanísticos que determinam os bloqueios do sistema viário e o fechamento de ruas, recorrente em todos os eventos no estádio do Maracanã. A cada jogo, de acordo com seu plano de segurança, altera-se a mobilidade cotidiana da área, dos bairros vizinhos e até da cidade como um todo.

O limite da borda se dá conforme o tipo de protocolo de segurança, estabelecendo quantidade de vias diferentes a serem interditadas e, como a média de jogos acontece em bandeira amarela, bloqueiam-se então as seguintes vias: Viaduto Oduvaldo Cozi, Avenida Maracanã, Rua Eurico Rabelo, Av. Manoel de Abreu e ruas locais – Arthur Menezes, Conselheiro Olegário, Isidro de Figueiredo e Visconde de Itamarati até a esquina com São Francisco Xavier.

A acessibilidade do cotidiano da cidade se modifica em função do espetáculo local, caracterizando a “Borda Variável 1”, que, durante o evento, passa a atender ao “cidadão do espetáculo” e não mais à cidade. Nesses locais, fica vedado não só o acesso a carros, mas também se proíbe que os transeuntes de circular pela área. O comportamento dessa “borda” delimita a área pública e a não pública eventual se torna sem uso.

*Figura 105. Borda Variável 1*



Fonte: Elaborado pela autora sobre mapa Google Earth, 2020.

A “Borda Variável 2” (figura 106) foi caracterizada pelo direcionamento dos fluxos de evacuação dos eventos em direção aos modais de transportes públicos, como

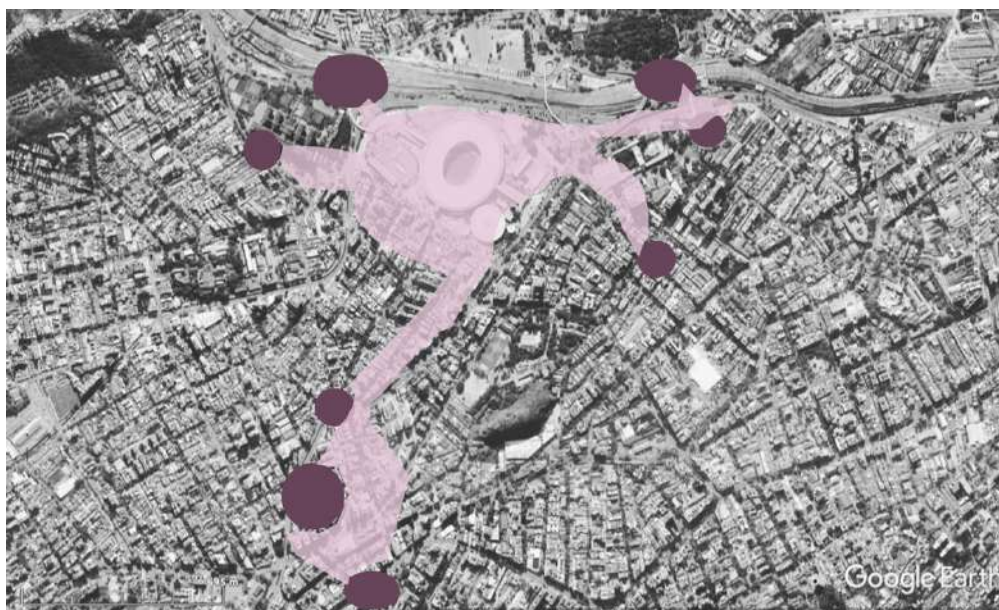
metrô e trem, estacionamentos oficiais e não oficiais, pontos de ônibus e pontos de táxis e transportes de aplicativos irregulares nos arredores. Esse fluxo gerou um mapa com localização da ocupação das manchas, especificando o direcionamento de fluxos.

A estação de metrô do Maracanã, mais próxima, atende aos usuários, mas o funil acontece e faz demorar o escoamento. Sendo assim, as pessoas se dirigem para estações mais distantes, a fim de não perder tempo no embarque, que normalmente leva quarenta minutos. Quando acontecem os eventos, os estacionamentos próximos ao local do jogo são proibidos, portanto, os veículos são deixados distantes do estádio, gerando um fluxo de pedestres acentuado pelos bairros do estudo.

O fechamento das ruas principais da área e da Av. Radial Oeste modifica os hábitos da população, tanto local, quanto metropolitana. Quando há jogo com previsão de público abundante, a área, por se encontrar em local de passagem que liga a Zona Sul à Zona Norte, se vê obrigada a diminuir as horas trabalhadas, pois as pessoas saem mais cedo dos empregos para suas residências ou enfrentam um enorme congestionamento, aumentando em muito o tempo despendido no trânsito.

O comportamento dentro desta tipologia, na hora dos eventos, fica restrito ao acontecimento específico, basicamente para as rotas de evacuação. O limite da borda expande as rotas de acesso e evacuação dos jogos, demarcadas pela Av. Radial Oeste até a Praça Saens Pena.

*Figura 106: Borda Variável 2*

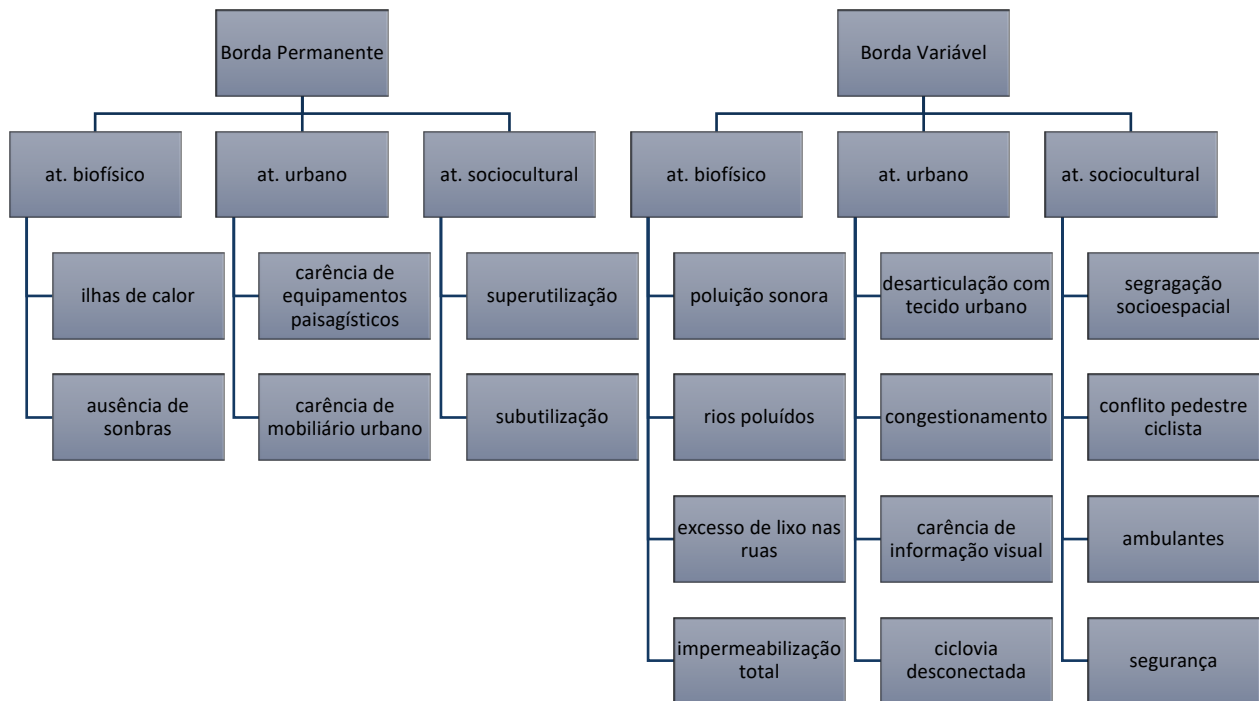


Fonte: Elaborado pela autora sobre mapa Google Earth, 2020.

## 7. ANÁLISE DAS DINÂMICAS DAS BORDAS

A partir das características apreciadas, em busca de vitalidade para o recorte de estudo, percebe-se a importância de relacionar os atributos biofísicos, urbano e sociocultural das bordas a fim de observar com maior atenção os problemas e suas potencialidades.

Gráfico 16: Relação de conflitos nas várias escalas.



Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

A identificação das diferentes bordas permitiu a análise de atributos da paisagem urbana que constituem consequências da apropriação social dos lugares e das experiências rotineiras do movimento e do encontro. As bordas geraram conflitos específicos para cada arquétipo; contudo, unificaram-se as potencialidades, como subsídio de intenções projetuais (figura 107).

Figura 107: Esquema de potencialidades



Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Comparando os atributos de pracialidade, paisagem urbana e espaços livres com seus conflitos e potencialidades, pôde-se repensar a área, considerando os princípios de conectividade, diversidade e vitalidade.

### 7.1. Continuidades e Descontinuidades

As continuidades de usos, sobretudo nos limites físicos ou percebidos das Bordas, podem favorecer a integração dos elementos construtivos e os espaços livres com processos naturais e eventuais conexões perceptivas. Ao mesmo tempo, são lugares que, em face da ameaça que a degradação urbana representa, mantêm sua condição de continuidade. Entretanto, justamente por seu caráter contínuo, são espaços que, além de contribuir para a qualidade urbana, poderiam estabelecer uma estreita relação entre tecidos urbanos e espaços livres.

A observação dos espaços de vivência revela que os situados entre os monumentais e as vias principais, ou entre as vias locais e a arborização densa, representam os elementos de maior continuidade. Ao contrário, as demais áreas compõem, em geral, um quadro espacial muito fragmentado.

As descontinuidades entre os espaços geralmente estão associadas à dessemelhança de presença de fluxo e vivência na totalidade dos espaços livres. Esse



fenômeno pode alterar a possibilidade de continuidade entre eles, segundo a posição que ocupam, isolados ou não, dificultando o estabelecimento das conexões do sistema. Entretanto, em alguns casos, os espaços descontínuos, à margem das conexões biofísicas e perceptivas, podem constituir uma oportunidade para relacionar os tecidos urbanos que não possuem uma interação entre si. Nessa hipótese, a ordenação do sistema poderia reverter esse quadro de isolamento, de modo a permitir, mediante a atuação sobre os espaços livres, uma maior integração entre os tecidos (TARDIN, 2016).

No caso em estudo, devido à urbanização intensiva e ao vazio urbano da borda, os espaços livres se encontram muito fragmentados, conformando itens, na sua maioria, isolados e distantes entre si, que pouco poderiam contribuir para as conexões biofísicas, embora possam ser espaços de interação entre os tecidos urbanos do entorno. Nesse contexto, podem ser percebidos segmentos espaciais com dimensões significativas, com interrupções, que, por sua posição relativa, admitem a atuação sobre eles, a fim de promover a continuidade entre alguns dos espaços "signos" do lugar.

O sistema de espaços livres supõe o contato espacial aberto e contínuo entre os itens como uma condição fundamental para que o sistema funcione como um todo integrado, para que os fluxos possam escoar. Nesse contexto, o rompimento das relações espaciais tende a afetar o funcionamento do todo ou de uma parte do todo. As continuidades entre os espaços livres no sistema significam que estes deveriam ser contíguos e poderiam influenciar na ordenação dos itens e de seus entornos, no sentido de determinar os lugares e as condições mais oportunas para garantir a continuidade e a orientação espacial da paisagem urbana, que, em sua percepção, também demanda certa continuidade. Ou seja, situações que levem o observador a identificar e desfrutar os rasgos visuais de um lugar sem interrupções bruscas, percebendo seus traços e sua inserção dentro da paisagem como um todo.

A manutenção das continuidades perceptivas pode ser um indício de formalização da paisagem, ao criar situações em que se faz necessária a consideração relativa à "potencialidade" perceptiva de cada item do sistema e seu enlace visual com o território de modo geral, em busca de uma congruência entre os valores perceptivos dos espaços livres e as intervenções urbanas. As continuidades perceptivas podem ocorrer de distintas formas. Frequentemente, elas estão relacionadas com um tipo de acesso: uma via, um caminho, uma passagem, uma arquitetura etc. Atuam como corredores perceptivos e tendem a oferecer uma visão articulada do lugar, mais que a vivência de informações fragmentadas e descontínuas. Essas continuidades



podem propiciar a formação de uma imagem do lugar a partir da coesão perceptiva, o que permite ler a sequência dos acontecimentos e facilita a identificação coletiva e pessoal com o lugar (LYNCH, 1976; ALEXANDER, 1977).

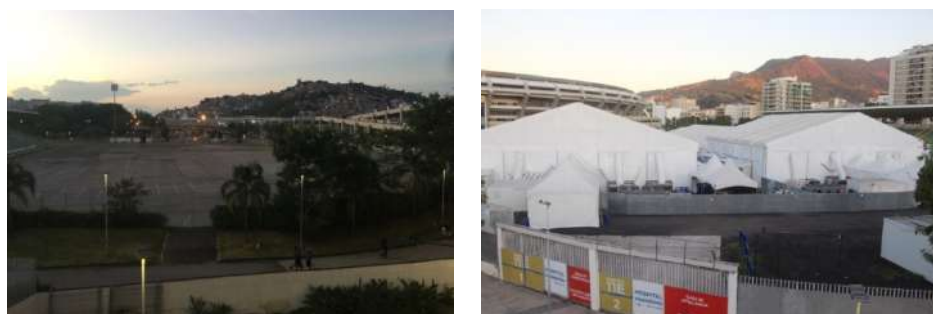
As continuidades perceptivas valorizam o sentimento em relação à diversidade dos mosaicos espaciais existentes no sistema de espaços livres e podem ocorrer pela manutenção das vistas existentes ou pela criação de acessos dirigidos, principalmente para o desfrute visual, como itinerários que atravessariam as bordas visualmente mais qualificadas e possibilitariam a integração dos elementos mais destacados. As relações de costura entre o sistema de espaços livres e seu entorno supõe que ambos se entrelacem, havendo um fluxo de mão dupla em que a ocupação urbana garante condições de vitalidade, e também se complementem.

As infraestruturas viárias, além de facilitar a circulação pelo território e o contato entre os tecidos urbanos e os espaços livres, são elementos que, com frequência, por suas características espaciais, promovem a separação física e/ou visual entre os espaços livres, a qual pode causar danos nas instâncias biofísica e perceptiva, ou na própria acessibilidade dos espaços. As vias no sistema de espaços livres induzem ao pensamento de que a própria via pode ser, por sua condição de continuidade, um espaço de costura do sistema com paisagens distintas e próprias associadas aos espaços livres, trazendo, a partir de si mesma, novos significados para os tradicionais conflitos entre as infraestruturas viárias e os espaços livres. A presença de infraestruturas viárias tende a ocasionar conflitos de ordem biofísica, como a probabilidade de provocar um “efeito barreira”, ao impossibilitar o cruzamento de indivíduos de um ecossistema, fragmentando um *habitat*; provocar o estrangulamento de fluxos de água, por pontes e viadutos pouco adequados (MCHARG, 1971).

Por outro lado, segundo suas posições e secções, as vias podem causar importantes conflitos visuais com a paisagem, interceptando espaços de grande qualidade visual ou impedindo sua visibilidade. Podem comprometer o movimento das pessoas e funcionar mais como um obstáculo do que propriamente como um elemento de conexão. A adequação das vias aos elementos biofísicos e perceptivos torna-se imprescindível. Assim, convém delimitar os lugares mais convenientes para o traçado das infraestruturas viárias a fim de conservar os recursos dos espaços livres. Entretanto, além dos danos ao meio biofísico ou à integridade perceptiva dos lugares, as infraestruturas viárias também logram potencializar estes atributos (TARDIN, 2016; LYNCH, 1966).

Para tanto, é preciso identificar o potencial estruturador de pressão de vitalidade à indicação das melhores oportunidades para que se realizem as relações entre os itens do sistema e entre estes e seus entornos. Isso garante a integridade, diversidade e coesão entre ambos os meios, tanto a partir dos atributos dos espaços livres, como da situação que apresentam no contexto urbano (figura 108).

Figura 108: Espaço livre no Célio de Barros, local do Hospital de Campanha para COVID 19, 2020.



Fonte: Acervo autora, 2020.

Exemplificando, o antigo estádio Célio de Barros – grande espaço urbano que já sediou grandes campeonatos nacionais e internacionais de atletismo e que, nos fins de semana, era utilizado para o lazer da população em 2020 – veio a ser usado como área para o Hospital de Campanha para COVID 19, transformando a imagem de local de memórias de paixão em sítio de memórias fúnebres.

Concluimos que a vocação das bordas, suas dialéticas de sincronias e diacronias, homogeneidade e heterogeneidade constituem setores de permanência da borda em locais que não influenciem os fluxos de evacuação dos eventos.

As costuras das bordas variáveis se transformam pelos fluxos de pedestres, interligando o sistema de espaços livres de circulação e de permanência, permitindo apropriações espontâneas e demandas para lazer diurno e noturno.

A análise dos conflitos se deu nos entendimentos dos atributos dos espaços livres: biofísicos, urbanísticos e ambientais identificando os pontos de continuidade, descontinuidade e rupturas.

## **7.2. Conflitos e potencialidades**

A compatibilização dos conflitos e a identificação de potencialidades se baseiam em atributos dos espaços livres no olhar da apropriação da paisagem pelo uso do espaço na escala do pedestre, considerando acessos, mobilidade, experiências e vivências.

A acessibilidade ao local por transporte público é muito bem assistida, pois é a única praça no raio de 700 m. As rotas acessíveis são contínuas e com ausências de barreiras físicas, conforme a NBR 9050/2015 – Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Apresenta desequilíbrio entre lazer ativo e passivo, sendo o passivo inexistente.

Considerando o hibridismo do espaço público, fizeram-se notações de duas naturezas: os espaços de circulação, observando o fluxo dos pedestres, e os espaços de permanência, observando as apropriações. Para a apreciação dos fluxos, foram contabilizados os pedestres em pontos determinados durante oito minutos, mesmo tempo estipulado pela FIFA para o escape de todo o público do estádio em dias de jogos. Os pontos, num total de seis, foram definidos em função das travessias, conexões, como as passarelas, acessos do estádio e espaços de apropriações.

Verifica-se uma grande diferença de fluxo entre os dias úteis e o final de semana, tal como a localização. Contudo, vivenciando a área, identifica-se, durante toda a semana, um importante fluxo de pedestres entre a saída das estações de metrô/trem e a incursão no bairro, que acontece próximo ao acesso A. Nos dias úteis, predominam os pedestres da vizinhança, na sua maioria indo e vindo da Av. Maracanã e da Rua Prof. Eurico Rabelo, área residencial próxima, além de estudantes das universidades e escolas da região.

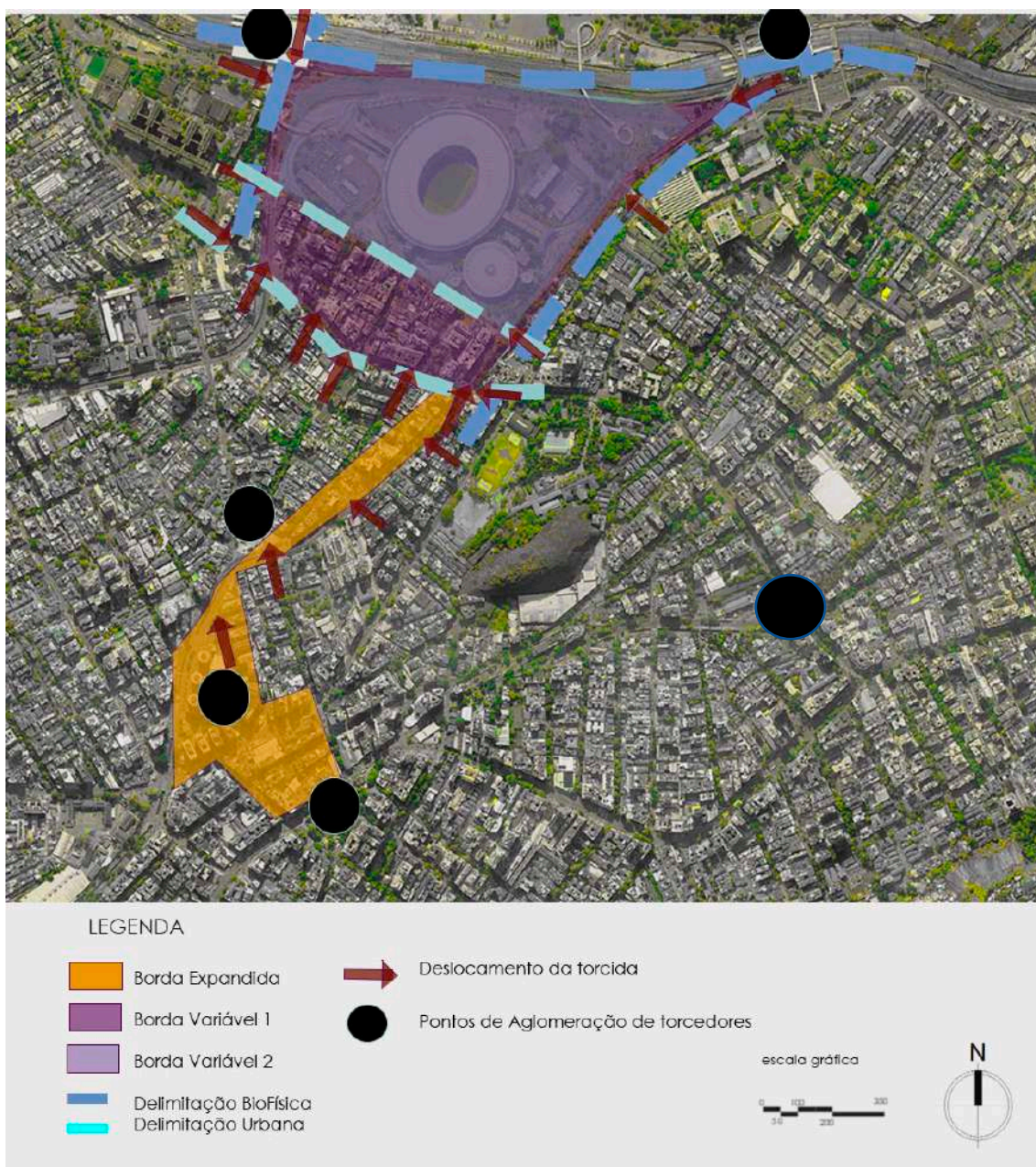
A borda não está destinada à cobertura vegetal, embora a vegetação arbórea existente não chegue nem a 10% da área. Mesmo assim, o plantio é pontual e heterogêneo, com densidade de sombra rala. O solo é quase 100% impermeabilizado, o que aumenta a sensação de calor no local. O terreno encontra-se em área adensada e margeado por vias arteriais e coletoras, no perímetro composto pela Av. Radial Oeste, Av. Prof. Manoel de Abreu, Av. Maracanã e Rua Eurico Rabelo, apresentando tráfego intenso. Não possui fachadas ativas e a passagem das pessoas ocorre devido ao transporte público, à existência de edifícios educacionais e de saúde ao redor. A iluminação se adapta bem à borda, com posteamentos com luminárias em LED e de várias alturas alcançando a área como um todo.

As atividades exercidas na borda despertam o interesse de poucos usuários. Ela serve apenas para o lazer ativo durante os dias de semana, quando se verifica a prática mais intensa de caminhada, corridas tipo cooper e ginástica funcional. Nos finais de semana, pode-se observar também o lazer ativo, incluindo outras atividades além das já mencionadas, com a presença de crianças andando de bicicleta, patins e skate,

além de jogos de futebol entre a criançada e os pais em áreas livres bem amplas, mas sem especificação física para tal fim.

A zona é rodeada por vias arteriais e coletoras que acentuam a ideia de ilha, segregando a malha urbana restante. A exclusão se exacerba na face direcionada para a Av. Castelo Branco (a Av Radial Oeste), área seccionada por uma via arterial que contém treze faixas de rolamento e que a separa da Quinta da Boa Vista. Após a última reforma, incorporou-se uma passarela para tentar reconectar os ambientes, mas a medida não obteve êxito.

Figura 109: Mapa com a análise da paisagem urbana das bordas variáveis

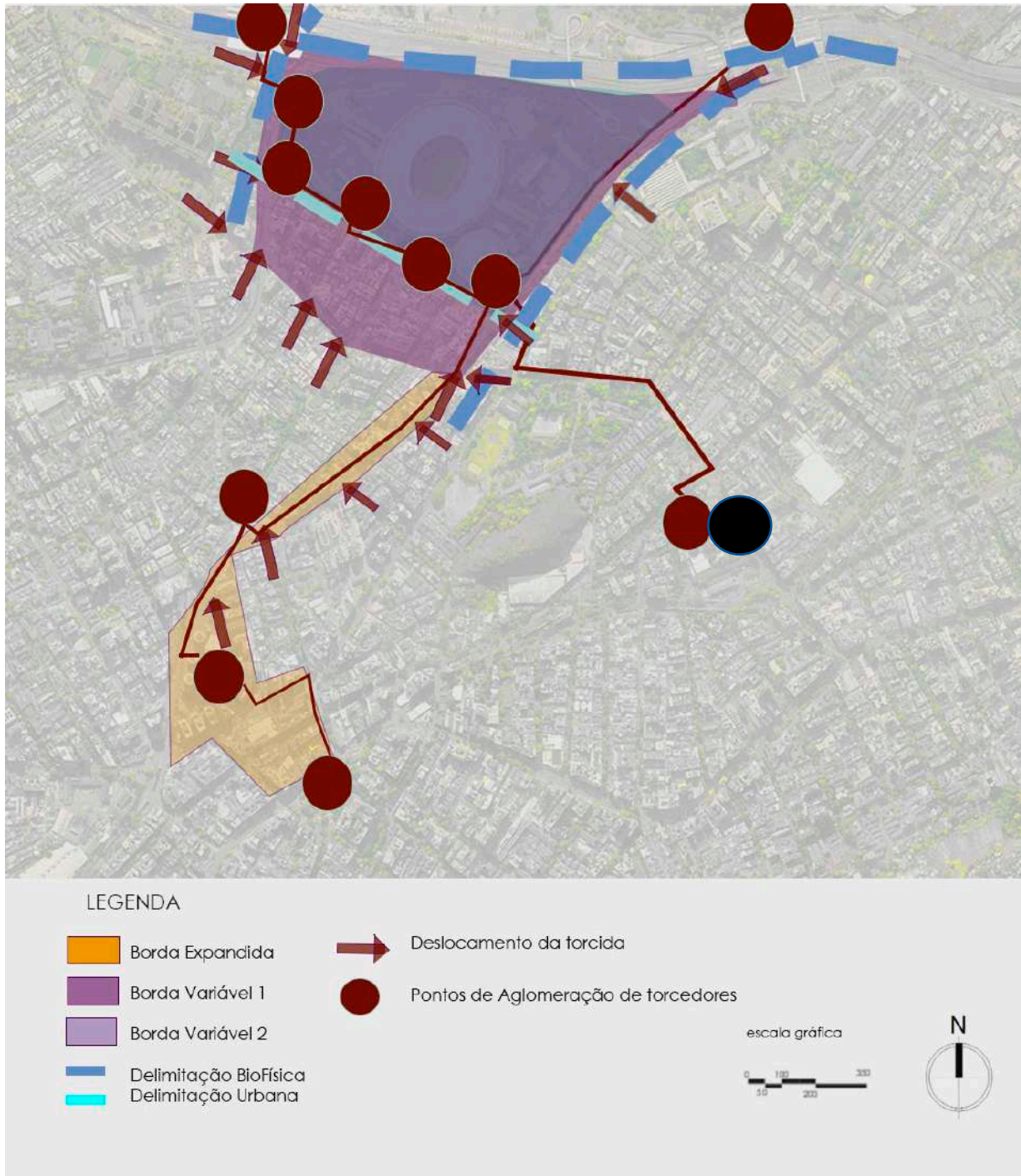


Fonte: Elaborado pela autora sobre base Google Earth, 2020.



Com a análise dos dados da pesquisa, constatou-se que, devido às transformações espaciais ao longo do tempo, a região apresentou como forma de apropriação do espaço duas tipologias distintas de paisagens de BORDAS DE OCUPAÇÃO: a “Borda Permanente”, e a “Borda Variável” (figuras 109 e 110).

Figura 110: Mapa de análise das potencialidades da área



Fonte: Elaborado pela autora sobre base Google Earth, 2020.

Para entender as dinâmicas, relacionou-se o estudo da paisagem urbana com a borda permanente e variável, isto é, levantou-se a paisagem urbana em função da

borda variável. A pesquisa foi trabalhada com duas escalas: Vizinhança e Metropolitana/Global, ou seja, as escalas cotidianas de deslocamento a pé e as demais, que são eventuais, com uso de transporte motorizado.

Tabela 10: Comparação dos atributos de pracialidade, seus problemas e potencialidades

		ATRIBUTOS BIOFISICOS	ATRIBUTOS URBANOS	ATRIBUTOS SOCIOCULTURAI
PROBLEMAS		Revitalização dos rios	Barreiras físicas e funcionais	Carência de espaços livres de lazer no entorno
			Fragmentação do tecido urbano	Espaço subutilizado
		Pouca arborização	Ausência de arborização.	Insegurança
POTENCIALIDADES		Área livre grande em área adensada	Possibilidade de conexão da área com tecido urbano	Bairros predominantes residenciais
		Arborização e sombreamento	Possibilidade de articulação com outros espaços livres	Apropriações espontâneas
		Instalação de equipamentos de lazer	Visibilidade das áreas futuras de permanência	Demanda da população pelo uso de permanência da área

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

A União dos atributos do Sistema de Espaços Livres do QUAPA SEL com os atributos da paisagem gera problemas e potencialidades para o espaço urbano da borda. São potencialidades de vitalidade, que vão parametrizar alguns princípios projetuais.

### 7.3. Princípios projetuais

A partir das características analisadas anteriormente, aliadas aos objetivos da tese, demonstra-se a intensidade das dinâmicas urbanas da região, que vão até a Praça Saens Pena. O calçadão iconográfico pretende fazer a costura das suas bordas com os bairros vizinhos e os espaços livres, que atualmente são divididos pela linha férrea e metroriária, e vias de velocidade rápida. A setorização da borda permanente permite minimizar as fragmentações físicas, perceptivas e socioculturais.

O evento precisa estar integrado ao funcionamento da metrópole e do local; os jogos no Estádio do Maracanã não podem interromper os fluxos viários da cidade, nem a dinâmica cotidiana local. Assim, necessita-se de intervenções urbanas, ambientais e culturais que resolvam os conflitos de uma arena situada numa área de quadras



consolidadas, mas que, mesmo assim, é subutilizada. A demanda para sua vitalidade local diária é a de que seja um espaço livre, catalisador de pessoas para os usos e apropriações.

Ao interpolar os mapas de borda variável com borda permanente, verificam-se as setorizações de possíveis intervenções, sem interromper a evacuação, contribuindo para a costura do sistema de espaços livres.

Tabela 11: Princípios projetuais

CONEXÕES	DIVERSIDADE	VITALIDADE
Capacidade do calçadão em promover os fluxos e estabelecer relações com o interior do Maracanã, sua borda e a ocupação urbana do entorno, conformando um sistema.	Capacidade do calçadão em promover a inter-relação e a convivência entre os diferentes elementos e processos da paisagem	Capacidade do local em promover a urbanidade cidadã entre os processos naturais, urbanos e sociais.
<b>Biofísica:</b> conexões entre espaços livres, conexões biológicas.	<b>Biofísica:</b> manutenção e incremento da biodiversidade	<b>Biofísica:</b> visibilidade dos processos naturais
<b>Urbana:</b> percursos articulados	<b>Urbana:</b> variedade de ambiências e flexibilidade dos espaços	<b>Urbana:</b> integração ao entorno
<b>Sociocultural:</b> lugares de encontro e interação entre grupos distintos.	<b>Sociocultural:</b> pluralidade de grupos sociais, usos e atividades	<b>Sociocultural:</b> vitalidade dos percursos e diminuição da insegurança

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

A dinamização do calçadão-borda deve visar à continuidade, e a fronteira de se fazer pela fluidez do espaço deve criar um cotidiano cultural e paisagístico com integração dos espaços livres mediante a ativação dos elementos urbanos e a

incorporação de novas soluções paisagísticas. Entre elas, cabe apontar: a criação de zonas de interesse sociocultural com resgate histórico; a definição de marcos paisagísticos; a promoção da regeneração ambiental dos rios do entorno; a implantação de jardins e arborização urbana; a estruturação do sistema de espaços livres por meio de espaços de circulação; e, por fim, a ativação de áreas de uso para crianças e idosos.

## SÍNTESE DO CAPÍTULO

---

Em busca da apreensão dialética do espaço urbano, projetam-se as distintas funções e a percepção de um espaço livre público degradado socialmente, cuja vivência é reduzida diante dos conflitos urbanos, amplificando as desigualdades do cotidiano.

A compreensão da conflitualidade urbana é importante para a leitura da cidade e as múltiplas realidades das dinâmicas espaciais e sociais. Por força dos conflitos, a urbe apresenta suas rupturas e seus desejos. E é na manifestação cotidiana desses dilemas que nossa sociedade cria e recria a esfera pública (VAINER, 2000) em contraposição aos eventos que podem ser encontrados. As dinâmicas sociais da expressão do cidadão nos espaços públicos livres tornam a área de estudo especial para esta análise, observando-se o modo particular como os usuários cotidianos e eventuais lidam com essas condições. As apropriações transformam a paisagem e preenchem algumas lacunas que a fragmentação deixou no espaço (QUEIROGA, 2009).

Segundo Holanda (2002), maiores níveis de integração levam à pouca diferenciação entre suas partes e tendem a se relacionar com maior número de pessoas estranhas ao espaço. Em todos os lugares, tendem a circular tanto as pessoas que habitam a localidade, como as que apenas a atravessam. Já um sistema urbano segregado, bastante desarticulado do todo da cidade, desestimula o acesso e encontros dos estranhos, favorecendo apenas o fluxo de moradores locais. A conciliação dos conflitos tem por objetivo demonstrar a relação entre a estruturação urbana fixa e a dinâmica nela estabelecida, revelando os estímulos e desestímulos propiciados. Um espaço mais integrado denota maior diferenciação espacial, estimulando o “fluxo natural” de pessoas e induzindo o surgimento de diversas atividades, segundo a apropriação do solo. Nos espaços com menor integração, há pouca diferenciação espacial, provocando normalmente ausência de movimento.

Espaços públicos integrados de fácil acesso possuem grande potencial de desenvolver vida pública. Determinada localização pode expressar potencial na utilização do espaço público, mas a real apropriação pode não acontecer devido a diversas interferências de outros fatores não morfológicos. Trata-se, portanto, de “potencialidades”, “limitações” estabelecidas pela conformação urbana face à efetiva apropriação dos espaços públicos (REIS, 1994). Os valores altos de investimentos

globais significam que o padrão de configuração urbana resultou em um forte movimento de segregação local.

As cidades conformadas pelo predomínio dos cheios reforçam atributos globais do tecido urbano, tendendo a concentrar fluxos de circulação e a promover uma apropriação intensa dos espaços de uso público. O predomínio dos vazios concorre para aumentar distâncias interurbanas, separar práticas sociais, dispersar fluxos.

A adequada distribuição das atividades urbanas contíguas aos espaços públicos (comércio, serviço, habitação) favorece a vitalidade urbana nos diferentes horários do dia. Acredita-se, dessa forma, que as atividades exercidas na borda podem reforçar os atributos paisagísticos.

Para um desenvolvimento urbano sustentável, referências científicas buscam alternativas de interpretação da paisagem, destacando a importância de uma intervenção nos espaços livres, diante de um quadro urbano fragmentado. A reconstrução da paisagem a partir de elementos urbanísticos, reforçando suas características próprias, visa a manter a sua heterogeneidade, traduzindo-se na preservação dos elementos biofísicos e na manutenção da variabilidade social, funcional e tipológica.

O objeto desta tese possui papéis que vão além da tradicional praça. Ele vem dotado de atributos inseridos na malha urbana, com padrões morfológicos e demandas funcionais que seguem as problemáticas das especificidades do equipamento. Os reflexos da requalificação urbana estudada permitiram analisar e valorizar a construção da paisagem a partir da compreensão e concepção integrada de espaços livres e edificados. As requalificações urbanas correspondem a intervenções regeneradas e constituem-se em ação num lugar que já possui uma vitalidade específica, como marco histórico e usos qualificados, A requalificação não valorizou o espaço, mas tornou-o funcionalmente obsoleto e com usos "pobres".

A modelação formal e espacial não estimulou a vivência coletiva e nem a integração com o entorno, não propiciando tampouco estruturas de permanência e encontro, cuja composição integraria espacialmente a arquitetura, entorno urbano com flexibilidade de usos para atender a população com um todo de forma heterogênea. A borda permanente necessita de força para a organização espacial como um todo e influencia a intenção compositiva, em que as características do local ultrapassam a relação entre arquitetura, paisagem e vivência ou experiências.

Em busca de um espaço urbano democrático, a compreensão do conflito corresponde a um diálogo com a cidade, numa aproximação entre sistema de espaços livres, paisagem urbana e futebol. Pode-se concluir que o objeto principal deste estudo continua a ser um dos espaços mais simbólicos e tradicionais da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil. Seja na relação esporádica do dia a dia ou na relação frequente dos eventos, o entorno do Maracanã torna-se reflexo das atividades culturais, políticas de épocas distintas.

A fim de costurar a paisagem, busca-se criar uma releitura dela. Os espaços livres são parte do edifício a partir dos atributos da paisagem. São referências para a construção de uma relação entre o espaço edificado e não edificado, estudando os atributos biofísicos, urbanos, socioculturais e sensoriais. Ele o faz elevando a paisagem além do pictórico e contemplativo, assim como estruturando condições para novas relações e inter-relações entre os elementos que a suportam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Seja rico ou seja pobre, a festa é igual quando seu clube vence. O comportamento de um torcedor da tribuna é tão explosivo quanto das arquibancadas no espaço público.

PACHECO CHAVES, 2020.

Como conciliar as normas internacionais da FIFA para o calçadão-borda e as práticas cotidianas que nele ocorrem e refletem as vivências sociais? A busca de respostas para essa questão se tornou uma experiência intensa e única de conhecimento da paisagem urbana, para além das formas e estruturas fixas.

A problemática da atuação hegemônica e homogênea do fenômeno gerado pela Arena Global trouxe relações complexas nos espaços da cidade, transformações nos espaços construídos e nos espaços livres que transfiguram as *paisagens*. O termo é aqui traduzido como expressão física das atividades e apropriações.

A negação da urbanidade cidadã, imposta pelas regras da FIFA até mesmo por sua adoção em todas as instâncias de governo, reverbera esse modelo de megaevento. A concepção global interfere no cotidiano e no evento local, segregando o cidadão. A cultura de uso local, globalizada pelo modo de vida padrão FIFA, transformou o uso do espaço público de lugar de encontro em grandes áreas desertificadas, modificando a identidade cultural de entendimento de mundo. Os atores ditam um novo modo de vida na cultura local, trocando seus hábitos e suas relações com o espaço urbano. As decisões globais intervêm no espaço livre local de copresença e descontinuidade espacial.

Embora tão grande e relevante para a cidade, o espaço revela-se deveras dicotômico. Por um lado, se em grandes eventos ele comporta um mar de gente em sua evacuação e dispersão, no dia a dia torna-se uma praça de sociabilidade com baixíssima ocupação. A partir disso, questiona-se como se traduzem as apropriações dos espaços e seus equipamentos nos dias comuns em que não há eventos. A intenção de atuar na imagem da cidade com o objetivo de inseri-la no circuito mundial mostra-se altamente seletiva e excludente. Com essa reestruturação, geram-se provavelmente novas representações, mas o Maracanã continuará sendo um dos mais emblemáticos



estádios do mundo, com sua atmosfera ímpar. A partir das experiências vivenciadas pelos indivíduos, ele será sempre um lugar de memória para nossa sociedade.

Sendo assim, buscou-se compreender os fenômenos urbanos em duas escalas – a global e a local –, o que permite uma visão qualitativa das relações de identidade, práticas sociais e seus conflitos. Nesta tese, afirmamos que o calçadão-borda, local urbano do cotidiano, necessita qualificar-se por meio de eventos realizados. Para tal constatação, foram estudadas as apropriações e as relações de fluxos e permanências, suas possibilidades de lazer, sem opor-se à função específica de dispersão. Buscou-se também entender no percurso histórico e sociocultural as relações do global e local entre o coletivo e individual, o internacional e o particular, a continuidade e descontinuidade.

A situação das diferentes apropriações do calçadão-borda ajudou na ponderação sobre as relações cotidianas que se espelham como expressão de vida da cidade (GONÇALVES e RECHIA, 2013). Esse mesmo espaço que apresenta diferentes características e dinâmicas das relações com seus usuários também teve influência nas formas de apropriação, na significação do futebol versus atividades de lazer ativo e esportivo. Nesse sentido, para entender o espaço, foi preciso conhecer a fundo a realidade pesquisada frente ao cotidiano dos usuários e sua composição de um ambiente adequado, ou seja, seguro, com manutenção, equipamentos, acesso e acessibilidade. Como o calçadão-borda se vincula fortemente ao lugar, ele contribui para a vida dos transeuntes. Para se identificar os espaços dotados de “pracialidades” no recorte de estudo – o entorno do Estádio do Maracanã –, foram consideradas as atividades de permanência e lazer ativo.

A partir de presente pesquisa, pode-se afirmar que o calçadão-borda tem aptidões para permitir aos moradores a sociabilidade, a troca de experiências, a conversa, isto é, apesar de ter sido concebido para zona de segurança e evacuação do Estádio, ele necessita atuar como “praça” para a vizinhança do seu entorno, sendo um espaço sensível, percebido, interpretado e apropriado culturalmente por diferentes atores urbanos. Tem-se como percepção a sua subutilização. O espaço parece suportar mais relações humanas e experiências urbanas, que são limitadas pela falta de infraestrutura. O espaço vivido nega e se transforma, contradizendo o espaço concebido.

Para entender a problemática da tese, de que é possível conciliar os dilemas que se estabelecem na borda do Maracanã, em função de suas diferentes dinâmicas,

garantindo a sua vitalidade permanente, buscou-se sobrepor a pracialidade da borda de circulação e permanência. Para tanto, foram considerados os atributos físicos, urbanos e sociais, assim como a distinção de aspectos conflituosos entre a Borda Permanente e a Borda Variável.

O espaço público é um elemento fundamental para o desempenho da vida social, que, bem executado, compõe um sistema (MORIN, 2005) de espaços livres (MAGNOLI, 1982), apresentando relações de conectividade e complementaridade entre os múltiplos papéis sobrepostos: circulação urbana, drenagem urbana, atividades de ócio, imaginário e memória, conservação e requalificação urbana, e convívio público (MACEDO, 1999). A esfera da vida pública (ARENDT, 1958) é o círculo da vida ativa, de ação política, envolvendo a produção cultural, a construção da cidadania. A vida urbana se manifesta no cotidiano, em que se revelam conflitos e contradições da sociedade em seu diferente espaço-tempo. A produção do cotidiano na pós-modernidade reflete um modo de vida urbano que demonstra a cultura de massas e a globalização (CARLOS, 1996).

Compreender o espaço por meio da dialética da hegemonia global, na complexidade da relação do sistema de espaços livres e apropriação dos usuários, é fundamental para o que a tese aponta face à necessidade de uma perspectiva de compreensão do espaço urbano público livre e da cidade em um espaço social conflituoso entre vitalidade e subuso.

A constituição do sistema de espaços livres públicos nos remete a possíveis conexões da paisagem. As bordas formatadas como fronteiras, filtros, costuras ou limites se mostram um lugar não adequado para as demandas da população. Ela representa um espaço público, central e de fácil acesso. Com isso, na circulação os usuários se deslocam com pressa da calçada agorafóbica para o passeio arborizado e humanizado do outro lado da faixa de rolamento. A borda permanente contemporânea, numa tentativa de atrair um público maior, precisa refletir a diversidade cultural da sociedade atual, que inclui, além do uso contemplativo, convivência social, lazer ativo e presença de atividades comerciais.

Partindo da premissa de que esses espaços não obstruam a evacuação, os setores polinucleados – locais interseccionados pelas apropriações de lazer ativo e permanência, mobiliário urbano, iluminação pública e arborização – se caracterizam por possíveis potenciais de experiências e vivências.

A partir das fases do processo de transformação, de suas rupturas e continuidades, tendo como situação concreta a realidade urbana, admite-se que as transformações produzidas pelas dinâmicas dos processos espaciais provocam descontinuidades a partir das quais é possível definir os processos de ruptura e conectar os elementos dissolvidos em cada um desses momentos. Busca-se, assim, a identificação das continuidades, tomando-as como fundamento para uma perspectiva histórica da produção do espaço. Propõe-se, então, uma periodização analítica da realidade urbana da borda, construída a partir da identificação das rupturas e da caracterização das continuidades, reveladas pelo movimento de reestruturação do espaço.

As dinâmicas espaciais da aglomeração urbana das bordas Maracanã fazem sobressair o Edifício-Estádio e sua relação com os territórios da urbanização. E nesses territórios manifestam-se formas, funções e estruturas urbanas que revelam as continuidades, as rupturas e os ritmos das transformações socioespaciais.

A relevância desta tese está na contribuição de como se integram as teorias analíticas aos estudos urbanos e paisagísticos para a compreensão dessa paisagem específica Interescalar, que se funde entre calçadão e praça e fornece subsídios para as ferramentas de investigação, cuja problemática não é única na dinâmica urbana da Cidade.

Corroborar-se, por fim, a hipótese de que as infraestruturas subsidiaram a construção das diferentes bordas “Permanente” e “Variável” e suas dinâmicas colaboraram para a qualificação da paisagem graças a dois momentos, em que os setores polinucleados e seus atributos biofísicos, socioculturais, ambientais e perceptivos permitiram suscitar as funções paisagísticas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. RJ: IPP, 2008.
- AFONSO, Gustavo Lemos. **Maracanã: 65 anos de templo do Povo a Arena de Elite**. Faculdades Integradas Hélio Alonso, 2015.
- AGUIAR, Douglas. Urbanidades. Em AGUIAR, Douglas, NETTO, Vinicius M. (org.), **Urbanidade e a qualidade da cidade**. Rio de Janeiro: Folio Digital, 2012.
- ALCANTARA, Denise. **Abordagem Experiencial e Revitalização de Centros Históricos: os casos do Corredor Cultural no Rio de Janeiro e do Gaslamp Quarter em San Diego**. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ. Tese (Doutorado em Arquitetura), 2008.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 5a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991. (Publicação original: 1958).
- ARGAN, G. C. **A história da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ARROYO, Julio. **Espacio público. Fenomenologías complejas y dificultades epistemológicas**. Apresentação aceita no VII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Universidade Federal de Bahia, 2002.
- ASCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. Tradução Nadia Somekh. São Paulo: Romano Guerra, 2010
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 1994.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BUENO, E et al. **Maracanã 60 anos: 1950-2010**. Porto Alegre: Buenas Ideias, 2010.
- BAUER, Márcio André Leal. **A Construção Social da Identidade: um Estudo nas Organizações de Agricultura Ecológica em Duas Regiões do RS**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, UFRS, 2004.
- BAUER, M. W. **Análise de ruído e música como dados sociais**. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BEVIDAS, Waldir; RAVANELO, Tiago. **Identidade e Identificação: entre Semiótica e Psicanálise**. Alfa – Revista de Lingüística, São Paulo, 2006.
- BENNETT, Colin; KEVIN Haggerty. **Security Games: Surveillance and Control at Mega-Events**. Abingdon Oxon; New York: Routledge. 2011
- BERQUE, Augustin. **Les raisons du paysage : de la Chine antique aux environnements de synthèse**. France : Éditions Hazan, 1995.
- BERTALANFFY, Von. Ludwig. **General system theory**. New York, George Brazillier, 1968.
- BHABHA, Homi. **The location of culture**. Londres/Nova York, Routledge, 1994
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 2005.

BIRDWHISTELL, R. L. **Kinesics and context: Essays in body motion communication**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1970.

BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

BENIS, K. **Vielas de Alfama: entre revitalização e gentrificação. Impactos da “gentrificação” sobre a apropriação do espaço público**. Dissertação de Mestrado (Arquitetura), Faculdade Arquitectura, Lisboa, Portugal, 2011.

BRACKELAIRE, J.L. **Aldeão, Morador ou Cidadino? Um ponto de vista antropológico sobre espaço e identidade num povoado veranista em Salvador**. Revista de Urbanismo e Arquitetura. UFBA. Bahia. 1988.

BRINATI, F.A. E MOSTARO, F. **Maracanã como mídia urbana: as narrativas jornalísticas, apropriações e interações no torcer no “maior do mundo”**. RUA. 24, 1 (jun.2018), DOI :<https://doi.org/10.20396/rua.v24i1.8652709>.

BUREAU Internacional de Capitais Culturais ([www.ibocc.org](http://www.ibocc.org)) como Capital Americana da Cultura, 2010.

CARMONA, M., Heath, T., Oc, T., & Tiesdell, S. **Espaços Urbanos-Lugares Públicos: As Dimensões do Desenho Urbano**. Oxford: Architectural Press, 2003.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura)**. São Paulo, Paz e terra, 2002.

CAVALCANTI, Nireu. **Salvemos a integridade da Quinta da Boa Vista**. outubro de 2011. DOI:<https://www.academia.edu/>

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, Vozes. 1990.

CIRIANI, H. **La pièce urbaine. Em La Arquitectura del Espacio Público: Formas del Pasado, Formas del Presente**. Sevilla: Junta de Andalucía - Consejería de Obras Públicas y Transportes e Triennale di Milano, 1999.

COCOZZA, Glauco de Paula. **Palmas: Por um Sistema de Espaços Livres**. Universidade Federal do Tocantins, 2009. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i26p73-88>

COELHO, Franklin Dias. **A Construção De Identidades Territoriais e a História do Lugar**. In: Cidade & História, ANPUR, Salvador,1992.

COELHO, R. **Formas e Designios do Espaço Público na Cidade Contemporânea. O Projecto de Espaço Público na Construção da Cidade: Casos Portugueses**. Porto: FAUP, 2011.

CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. Trad. Maria Manuela Rocha. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 1999.

COOPER, Marcus; FRANCIS, Carolyn.: **Design guidelines for urban open space**. 2 ed. New York: John Wiley & Sons, 1988.

COSTA, Sérgio. **As cores de Ercília**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

CRUZ, A. H. O. **A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros**. Dissertação (Mestrado) - Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

COSGROVE, Denis Edmund. **Social formation and symbolic landscape**. Wisconsin: The University of Wisconsin. Press, 1998.

CULLEN, G. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. São Paulo: EDUSC, 2002.

DELGADO, Manuel. **El animal público**. Barcelona: Anagrama, 1999.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Niemeyer E O Maracanã, 1936-2011**. ARQTEXTO 17 (2): 16–63. 2011.

Dip, Andrea. **Os ambulantes e as zonas de exclusão da FIFA**. Pública. 2014. DOI:<http://www.apublica.org/2012/04/copa-nao-e-para-pobre-os-ambulantes-zonas-de-exclusao-da-fifa/>.

DUARTE, C. **Cultura, Subjetividade e Experiência: dinâmicas contemporâneas na Arquitetura**. In: I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro, 2010.

\_\_\_\_\_. et al. **Valores, Símbolos e Significados dos Espaços: Análise de Escritório de Advocacia**. In: Colóquio Benard Salignon: Interfaces Conceituais entre Arquitetura e a Psicanálise. Anais. Recife, 2003.

EVY Hannes. **Espaços Abertos e Espaços Livres: Um Estudo de Tipologias**. Paisagem ambiente, nº 37, p. 121-144, jul. 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i37p121-144>.

Entrega do maior estádio do mundo ao povo. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, pg. 1. 16 jun 1950.

Entusiasta da construção do estádio: o novo prefeito. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, pg. 1. 7 jun 1947.

Estádio Nacional. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, pg. 1. 15 de mai 1947.

FIGUEIREDO, Guilherme Araújo de; CENIQUEL, Mario. **Sistemas de áreas livres**. Rio de Janeiro: Instituto de Arquitetos do Brasil, 2013.

FIFA - FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL. **Estádios de Futebol – Recomendações e Requisitos Técnicos**. 5ª Edição. Suíça: FIFA, 2011.

FIFA. *Football Stadiums: Technical recommendations and requirements*. 4ª edição. Suíça: FIFA, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1.ed., 1967. 2005.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. [tradução Salma Tannus Muchail]. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FREUD, S. **La Interpretación de los Sueños (1900)**. In *Obras Completas*. Tradução de Luis Lopez Ballesteros y de Torres. 3.ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973.

GAMA, José. **Hermenêutica Filosófica da Cultura**. Recife: Revista Perspectiva Filosófica, 1992.

GAFFNEY, C.; BALE, J. **Sensing the stadium**. In: VERTINSKY, P; BALE, J. (orgs.) *Sites of sports, place, experience*. London and New York: Routledge, 2004.



Gaffney, Christopher Thomas. **Temples of the Earthbound Gods: Stadiums in the Cultural Landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires**. 1ª ed. Austin, Texas: University of Texas Press, 2008.

Gaffney, Christopher, and Erick Silva Omena de Melo. **Mega-Eventos Esportivos: Reestruturação Urbana Para Quem?** Proposta 121 (1): 49–93, 2010.

GEHL, J. **Cidades para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

\_\_\_\_\_, J.; SVARRE, B. **How to study public life**. Washington D.C.: Island Press, 2013.

GEERTZ, C.A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

GIULIANOTTI, R.; F. Klauser. 2009. **Security Governance and Sport Mega- Events: Toward an Interdisciplinary Research Agenda**. Journal of Sport & Social Issues 34 (1): 49-61. DOI:10.1177/0193723509354042.

GRAHAM, D. **Arte em relação à arquitetura**. In: FERREIRA, G; COTRIM, C. (Org.). Escritos de artistas: anos 60/70. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GIRÃO, Claudia. **Preservação do Maracanã**. O texto foi a base da Informação IPHAN-RJ/DITEC Nº 100/2011, Claudia Maria GIRÃO Barroso, 25.4.2011. Dados colhidos nos autos do Processo 1094-T-83, Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

GIRÃO, Claudia. **Maracanã: destruir ou preservar**. Projetos, São Paulo, ano 12, n. 133.08, Vitruvius, fev. 2012 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.133/4225>>.

Guia Geográfico da Cidade de Curitiba. Disponível em: <<http://curitiba.paises-america.com/bairros.htm>>concurso- cultural-para-escolha-do-tema-da-próxima-edição/>. Acesso em: 26 set. 2015.

GOUVÊA, L. A. **Cidade Vida: curso de desenho ambiental urbano**. São Paulo, Nobel, 2008.

HABERMAS, Jürgen. **Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la Acción Comunicativa**. Madrid, Taurus, vol. II, 1988.

\_\_\_\_\_. **A inclusão do outro: estudos de teoria política** [1996]. 3. ed. Tradução de George Sperber, Paulo Soethe, Milton Mota. São Paulo: Loyola, 2007

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 294p.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 2.ed. São Paulo, Loyola, 1993.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 9. Ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2004.

HARLEY, B. **MAPAS, SABER E PODER**. TRADUÇÃO MONICA Balestrin Nunes. Confins – Revista Franco-Brasileira de Geografia. , 2009.

- HELAL, Ronaldo. **O que é Sociologia do Esporte**. Brasiliense, 1ª edição, 1990.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo. Petrópolis**. Bragança Paulista: Ed. Vozes/ Ed. Universitária São Francisco. 2008.
- HILLIER, Bill e HANSON, Julienne. **The Social Logic of Space**. Cambridge University Press, 1984.
- HILLIER, Bill. **Morfologia urbana e las leyes del objecto** (mimeo), 1986.
- HOLANDA, Frederico & GOBBI, Cristina. **Forma e uso do espaço urbano – estudos de caso assistidos por computador**. Brasília, Editora UnB, 1988.
- HOLANDA, Frederico. **O Espaço da exceção**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- HOLANDA, Frederico (org.) **Arquitetura & Urbanidade**. São Paulo: Pro-editores, 2003.
- HOLANDA, F. D. **Brasília cidade moderna, Cidade eterna**. Brasília: FAUUnB, 2010.
- Horne, John, and Garry Whannel. 2012. **Understanding the Olympics**. Abingdon, Oxon; New York: Routledge.
- HENRY, FM, & Rogers, DE. **Latência de resposta aumentada para movimentos complicados e uma teoria do "tambor da memória" da reação neuromotora**. Research Quarterly, 1960.
- IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa de informações básicas municipais: Perfil dos Municípios Brasileiros 2013**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. DOI:<ftp://ftp.ibge.gov.br/Perfil Municípios/2013/munic2013.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2018.
- INNERATY, D. **El Nuevo Espacio Publico**. Espana: Espasa Calpe, 2006.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades** [1961]. Tradução: Carlos Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JACQUES, Paola Berenstein [org.]. **Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade / Internacional Situacionista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- JENCKS, Charles. **Iconic Building: The power of the enigma**. London: Frances Lincoln, 2005.
- KOHLSDORF, M. E. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília: Editora UNB, 1996.
- LAMAS, Jose M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1993.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.
- LARSEN, J. **Tourism mobilities and the travel brief: Experiences of be on the move**. Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism: 2001.
- LEFEBVRE, Henri. **A re-produção das relações de produção**. Tradução de Antônio Ribeiro e M. Amaral. Porto: Publicações Escorpões, 1973.
- LEITE, Maria Ângela Faggin Pereira. **Um sistema de espaços livres para São Paulo**. São Paulo: IEA-USP., vol. 25, no 71, 2011.

- LIMA, M. F. **A escola como lócus da diversidade**. Texto mimeografado. Irati, 2009.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. [1960] (Trad. M. C. T. Afonso) Lisboa: Edições 70, 1982.
- LUOS. **Lei de Uso e Ocupação do Solo** - 09/07/2013. DOI: <http://www.rio.rj.gov.br/web/smu/exibeconteudo?id=4225287>
- MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do paisagismo no Brasil**. Projeto Quapá, Laboratório da Paisagem, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: Edusp, 1999.
- \_\_\_\_\_; ROBBIA, Fábio. **A praça contemporânea nas grandes capitais brasileiras (1990 a 2004): do programa a forma projetual**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2004.
- \_\_\_\_\_; SAKATA, Francine. **Parques urbanos no Brasil 2**. São Paulo: Edusp, 2003.
- \_\_\_\_\_. et al. **Sistemas de espaços livres privados – o outro lado do sistema de espaços livres urbanos: reflexões preliminares**. In: MACEDO, Silvio Soares et al (Org.). *Conceitos, conflitos e paisagens*. São Paulo: FAUUSP, 2011.
- \_\_\_\_\_, Silvio. **Paisagem, urbanização e litoral: do éden à cidade**. Tese (Livre-docência em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Higienópolis e arredores: processo de mutação da paisagem urbana**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2012.
- MAGNOLI, Miranda. **Espaços livres e urbanização: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana**. Tese (Livre Docência em Arquitetura e Urbanismo) - FAU/USP: São Paulo, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Em busca de “outros” espaços livres de edificação**. Paisagem e ambiente: ensaios, São Paulo, n. 21, p. 143- 173, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Espaços livres e urbanização – Uma introdução aos aspectos da paisagem metropolitana**. Tese de livre-docência, São Paulo, FAUUSP, 1982.
- MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MCHARG, I. **Design with nature**. New York, Doubleday. Natural History Press, 1971.
- MENEZES, Luís César de Moura. **Gestão de Projetos**. – 3. Ed. – São Paulo: Atlas, 2009.
- MORAIS da Rosa, Alexandre, e Salah Khaled. 2014. **“Tiro, Porrada E Bomba Na Copa E Processo Penal: O Perímetro FIFA E Guerra Contra O Outro Em Nome Da Segurança.”** Junho 2006. DOI: <<http://justificando.com/2014/06/06/tiro-porrada-e-bomba-na-copa-e-processo-penal-o-perimetro-fifa-e-guerra-contra-o-outro-em-nome-da-seguranca/>>.
- MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. **O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória**. In: MOLINA NETO, Vicente e TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva (Org.). *A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas*. – 2. Ed. p. 101-112. – Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Sulina, 2004.
- MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno: Arquitetura da segunda metade do século XX**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

- MORIN, Edgard. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005
- MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture**. New York: Rizzoli, 1980.
- \_\_\_\_\_, Christian. (1975). **Existencia, Espacio y Arquitectura**. Barcelona: Editorial Blume.
- MOTA, Roosevelt Rodrigues. **A Quinta da Boa Vista** (Coleção Patrimônio Turístico). Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Turismo, 2007.
- NETO, Helcio Herbert Moreira da Silva. **O Novo Maracanã: As mudanças do espetáculo a partir das alterações no estádio carioca**. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO. Rio de Janeiro, 2014.
- NUNES, Monica Balestrin. **Cartografia e paisagem: o mapa como objeto de estudo**. FELCH/USP. 2014.
- O MAIS PERFEITO DA ATUALIDADE. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 4. 17 jul 1947.
- O PENSAMENTO DO VEREADOR LEITE de castro sobre a praça esportiva para o campeonato mundial. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 4. 6 set 1947.
- OLIVEIRA, Juliana Simili de. Rio de Janeiro, 2017. **PAISAGEM SONORA ALÉM DA AUDIÇÃO: representações sonoras urbanas das pessoas surdas**. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROARQ, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- Oliveira, N. G. **O poder dos jogos e os jogos de poder: os interesses em campo na produção de uma cidade para o espetáculo esportivo**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ. 2012.
- Oliveira, F. L.; Novais, P. (org.). **A Copa do Mundo e as Cidades. Políticas, Projetos e Resistências**. Niterói, EDUFF. 2015
- ORNSTEIN, Sheila; ROMÉRO, Marcelo. **Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído**. São Paulo: Nobel, 1992.
- PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele. A arquitetura e os sentidos**. 1ª edição, Porto Alegre: Bookman, 2011.
- PANERAI, P. **Análise urbana**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- PEREIRA, Raul Isidoro. **O sentido da paisagem e a paisagem consentida: projetos participativos na produção do espaço livre público**. São Paulo, 2006.
- PORTAS, N. **Espacio público y ciudad emergente. Em La Arquitectura del Espacio Público: Formas del Pasado, Formas del Presente**. Sevilla: Junta Andalucía - Consejería de Obras Públicas y Transportes e Triennale di Milano. 1999.
- PUC RIO .<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/>. 2018
- Que o campeonato do mundo encontre um cenário condigno. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 1. 1 jun. 1947.

- Que venha um e mais estádios. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, pg. 1. 5 set 1947.
- QUEIROGA, Eugenio. **Dimensões públicas do espaço contemporâneo: resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros**. Tese (Livre Docência em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- \_\_\_\_\_. **O espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa**. São Paulo. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A megalópole e a praça: o uso e espaço razão de a ação entre dominação comunicativa**. Tese apresentada à FAU - USP para obtenção do título de doutor em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo 2001.
- \_\_\_\_\_. **Resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros**. Tese (Livre Docência em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- \_\_\_\_\_. et al. **Notas gerais sobre o Sistema de Espaços Livres da cidade brasileira**. In: CAMPOS, A. et al (Org.). : conceitos, conflitos e paisagens. São Paulo: FAUUSP, 2011.
- REGO, A. Q. **Paisagens sonoras e identidades urbanas: os sons nas crônicas cariocas e as transformações do bairro de Copacabana (1905-1968)**. 298 f. Tese (Doutorado em Urbanismo) - PROURB - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - RJ. 2006.
- REGO, A. Q.; NIEMEYER, M. L.; VASCONCELLOS, V. **Passeio sonoro: uma metodologia para procedimento de campo e registro de dados (Parque do Flamengo, RJ)**. Anais do 11o Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil - 11o ENEPEA - Desafios. Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. 2012.
- REIS, Nestor Goulart. **Notas sobre urbanização dispersa e novas formas do tecido urbano**. São Paulo: Via das Artes, 2006.
- REIS Filho, Nestor Goulart, **Parecer Ref. Estádio Mário Filho (Maracanã)**, 12.4.2000 e Ata da 21ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural/IPHAN, 13.4.2000. Inscrição do —Estádio Mário Filho, conhecido como Estádio Maracanã”, sob o nº 125, no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, 26.12.2000.
- REIS, Almir Francisco. **Forma e apropriação dos lugares públicos: Um estudo sintático do Centro de Florianópolis**. Dissertação (Mestrado em Desenho Urbano), Instituto de Arquitetura e Urbanismo – UNB: Brasília, 1994.
- REZENDE, V. F. M. **Planejamento Urbano e Ideologia, quatro planos para a Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.
- RODRIGUES, Nelson. **A Pátria de Chuteiras**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2014.
- ROMERO, Marta Adriana Bustos. **Princípio bioclimáticos do desenho urbano**. São Paulo: Proeditores. 2000

- ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo : Martins Fontes, 1995.
- REUNIU-SE a comissão especial do projeto. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 1. 11 jul 1947.
- SERÁ O MAIOR DO MUNDO. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, pg. 1. 21 mai 1947.
- SÁNCHEZ, Fernanda. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. Chapecó: Argos, 2010.
- SANTIAGO Baptista, L., & Melâneo, **Equipamentos culturais na transformação do espaço público**. P. Entrevista: Jorge Figueira. ARQ, A revista de Arquitetura e Arte, Ícones Tardios, 118. maio 2015.
- SANTOS, Boaventura de S. Um **Discurso sobre as Ciências**. (7. ed.) Lisboa: Edições Afrontamento, 1995.
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira. **A cidade como jogo de cartas**. . Niterói: EDUFF, 1988.
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos**. Tradução Myrna Viana. Rio de Janeiro, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. Hucitec: São Paulo 1988.
- \_\_\_\_\_. **O retorno do território**. In: SOUZA, Maria Adélia; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- \_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e como Método**. Tradução de Maria Beltrão. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 54, p. 81-99, jun. 1977.
- \_\_\_\_\_. **Por uma outra Globalização: do Pensamento Único à Consciência Universal**. 9. ed. Rio de Janeiro, Record, 2002.
- SARTRE, J.P. **O Ser e o Nada**. 1938. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, RJ, 1991.
- SASSEN, Saskia. **Expulsões – brutalidade e complexidade na economia global**. Trad. Angélica Freitas, Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2016.
- \_\_\_\_\_. **The Global City: Introducing a concept**. Acesso em setembro de 2015. DOI: <http://www.saskiasassen.com/pdfs/publications/the-global-city-brown.pdf> . 2005.
- \_\_\_\_\_. **Why cities matter**. Em *Cities, Architecture and Society*. Venezia: Fondazione La Biennale. 2006.
- SERGIO, R. **Maracanã, 50 anos de glória**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- SILVA, R.D. **Indústria e Desenvolvimento Regional no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- SILVA, Armando. **As categorias como fundamentos do conhecimento geográfico**. In: SANTOS, Milton, SOUZA; Maria Adélia de (Coords.). **O espaço interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986.



SILVA, Eduardo D. G. **Desejo de cidade – múltiplos tempos, das múltiplas cidades, de uma mesma cidade.** In: PRYSTHON, Ângela (org). *Imagens da Cidade – Espaços Urbanos na Comunicação e Cultura Contemporâneas*. 01 ed. Porto Alegre, Sulina, 2006, vol. 01, p. 100-114.

SIMMEL, Georg. 1973 [1903]. **“A metrópole e a vida mental”**. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

SINFRERJ. O Sindicato dos Auditores Fiscais da Receita Estadual do Rio de Janeiro –. <http://www.sinfrerj.com.br/sindicato/historico>.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. **Presente y futuros. La arquitectura en las ciudades.** In AA. VV. *Presente y futuros. Arquitectura en las grandes ciudades*. Barcelona: Col·legi Oficial d'Arquitectes de Catalunya - Centre de Cultura Contemporània, 1996.

\_\_\_\_\_. **Espaços públicos e espaços coletivos.** In: HUET, Bernard et al. *Os centros das metrópoles: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI*. São Paulo: Terceiro Nome, 2001.

SOARES, Maria T. de S. **O Conceito de Bairro e sua Exemplificação na Cidade do Rio de Janeiro.** In: BERNARDES, Lysia e SOARES, Maria T. Rio de Janeiro: IBGE, 1995.

TAP, P. **Masculin et Féminin chez L'enfant.** Toulouse, Privat, 1985.

TAJFEL, H. **Psicología social y proceso social.** En J.R. Torregrosa y B. Sarabia (Dir.). *Perspectivas y contextos de la psicología social*. Barcelona: Hispano Europea, 1983

TÂNGARI, Vera R. **Um outro lado do Rio.** (tese de doutorado). São Paulo: FAUUSP, 1999.

\_\_\_\_\_. **A configuração da paisagem urbana no Rio de Janeiro: identificando os tipos morfológicos dos subúrbios ferroviários da zona norte.** In PINTO, Nuno e ALMEIDA, Alexandre (eds.). *PNUM2013 Proceedings*. PNUM/University of Coimbra-Dept. of Civil Engineering, 2013a. ISBN-978-989-98435-1-6. p.1135-1147.

\_\_\_\_\_. **O Arco Metropolitano do Rio de Janeiro: debates e reflexões.** Rio de Janeiro: PROARQ-FAU/UFRJ, 2013b. ISBN-978-85-88341-53-1. CdRom.

TÂNGARI, Vera R., DIAS, Maria Ângela; REGO, Andrea Q. e MONTEZUMA, Rita de C. M.; SOUZA, Maria Julieta N. de; FIGUEIREDO, Noêmia de O.; ALCANTARA, Denise de. **O Arco Metropolitano do Rio de Janeiro.** In TÂNGARI, V., REGO, A. e MONTEZUMA, R. (orgs.). *Arco Metropolitano do Rio de Janeiro: integração e fragmentação da paisagem metropolitana e dos sistemas de espaços livres de edificação*. PROARQ-FAU/UFRJ, 2012. ISBN: 978-85-87341-45-6.

TÂNGARI, V., REGO, A. e MONTEZUMA, R. (orgs.). **Arco Metropolitano do Rio de Janeiro: integração e fragmentação da paisagem metropolitana e dos sistemas de espaços livres de edificação.** PROARQ-FAU/UFRJ, 2012. ISBN: 978-85-87341-45-6.

TARDIN, Raquel. *Arquitetura Paisagística: Arte, Natureza e Cidade*. Rio Books. PROURB. 2017.

TAVARES, Ana Beatriz Correia de Oliveira e VOTRE, Sebastião Josué. **Estádio do Maracanã: dos alicerces ao colosso do derby.** Rev. Bras. Ciênc. Esporte [online].

2015, vol.37, n.3, pp.258-264. ISSN 2179-3255. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2012.03.001>.

THIBAUD, Jean-Paul; Chelkoff, Grégoire. **Ambiances en débat**. Bernin: À la Croisée, 2004.

\_\_\_\_\_. Regards en action. **Ethnométhodologie des espaces publics**. Bernin: A la Croisée, 2002.

\_\_\_\_\_. **Une approche des ambiances urbaines: le parcours commenté**. In: JOLÉ, M. Espaces publics et cultures urbaines. Paris: Certu, 2002. p. 257-270.

\_\_\_\_\_. **La parole du public en marche**. In **Milieus de vie : Aspects de la relation à l'environnement**. Sous la direction de Gabriel Moser et Karine Weiss, Armand Colin, Collection « Sociétales », Paris, 2003.

\_\_\_\_\_. **La Méthode des Parcours Commentés**. In Grosjean, Michèle; Thibaud, Jean Paul (orgs), L'espace Urbain en Méthodes. Marseille: Ed. Parenthèses, pp. 79-99, 2001.

\_\_\_\_\_. **A cidade através dos sentidos**. CADERNO PROARQ, 2018

TRAGANOU, Jilly. **Designing the Olympics**. Representation, participation, contestation, 2016.

\_\_\_\_\_. **Wall street bounded and unbinding. The spatial as a multifocal lens in design studies**. "Wall Street as Border Zone," Routledge Design Studies Companion, Routledge, pp. 29-39, 2014.

TRAMONTANO, M. e QUEIRÓZ, F. **Modelos de vida, espaços de vida**. In: VILLANOVA, R., DUARTE, C. Novos olhares sobre o lugar. Rio de Janeiro: Contracapa, 2013.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

\_\_\_\_\_. **Thought and Landscape. The Eye and the Minds Eye**. In: MEINIG, D. W. The Interpretation of Ordinary Landscapes: Geographical Essays. New York: Oxford University Press, 1979.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TURTELLI, Camila. **Torneio resgata brincadeira de rua no centro de Ribeirão Preto**. Folha de S. Paulo, 1 jun. 2014, Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/ribeiraopreto/2014/06/1463244-torneio-resgata-brincadeira-de-rua-no-centro-de-ribeirao-preto.shtml>>. Acesso em: 26 set. 2015.

URRY, J, Larsen, J. **The Tourist Gaze 3.0**. Londres: Sage, 2011

VALERA, S. **The concept of Urban Social Identity: an approach between Social Psychology and Environmental Psychology**. Tese doutoral não publicada, Universidad de Barcelona, Brcelona, 1993.

VASCONCELLOS, V.M.N. de. **Pesquisa Temas sobre planejamento paisagístico: banco de dados sobre a arborização urbana na Cidade do Rio de Janeiro**. Escola de Belas Artes. Base SIGMA-UFRJ no 7847, 2009-2011.

VAINER, Carlos B. **Pátria, Empresa e Mercadoria: Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano**. In: Carlos Vainer; Otilia Arantes; Ermínia Maricato (Org.). A Cidade do Pensamento Único: Desmanchando Consensos. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

VERTINSKY, Patricia Anne e BALE John, Sites of Sport: Space, Place, Experience Patricia Anne Vertinsky, John Bale Psychology Press New York, 2004.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 1998.

VIRILIO, Paul. **O Espaço crítico**. Tradução Paulo Roberto Pires. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

ZEISEL, John. **Inquiry by Design**. Monterey: Brooks-Cole Publishing Company, 1981.

### **Planos de Referência Local ou Regional do Rio de Janeiro**

AGACHE, Alfred. Cidade de Rio de Janeiro – Remodelação – Extensão e Embelezamento. Paris: Foyer Brésilien, 1930.

COSTA, Lucio. Plano-Piloto para a urbanização da baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá. Estado da Guanabara, 1969.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (PCRJ). Plano Doxiadis: um plano para o desenvolvimento urbano. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Geral da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 1967. PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (PCRJ). Pub-Rio: Plano Urbanístico Básico da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Geral da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 1977.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (PCRJ). Plano Diretor de Meio Ambiente. Rio de Janeiro: Secretaria de Urbanismo e Meio Ambiente da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 1991.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (PCRJ). Plano Diretor Decenal da Cidade. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Urbanismo da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 1993

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (PCRJ). Meio Ambiente Legislação. Rio de Janeiro: Secretaria de Urbanismo e Meio Ambiente da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 1994.

**Sites consultados:**

<https://www.data.rio/>

[www.earth.google.com](http://www.earth.google.com)

[www.google.com.br](http://www.google.com.br)

Google Street View. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-23.5501051,46.645108,3a,75y,154.74h,74.2t/data=!3m6!1e1!3m4!1sITg58s6hYh3ZK2opo1WuWw!2e0!7i13312!8i6656>>. Acesso em: 26 set 2018.

[www.flamengotorcedor.com](http://www.flamengotorcedor.com)

<https://www.smarhs.niteroi.rj.gov.br/>. Programa de Arborização Urbana de Niterói  
Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Sustentabilidade.

[www.rio.rj.gov.br](http://www.rio.rj.gov.br)

[www.data.rio.br](http://www.data.rio.br)

<http://www.rio.rj.gov.br/web/smu/exibeconteudo?id=4225287>

## Apêndice

Gráfico 17 Características sociais dos Bairros da área de estudo

DADOS	TIJUCA	VILA ISABEL	MARACANÃ	PRAÇA DA BANDEIRA	CIDADE
ÁREAS NATURAIS	73,54%	25,17%	25,17%	-	29,83%
ÁREA TERRITORIAL	1.006 ha	321,71 há	166,73 ha	71,99 ha	125.500 ha
POPULAÇÃO	163.805 hab (3,01%)	86.018 hab (3,17%)	25.256 hab (2,31%)	8.662 hab (0,13%)	6.320.446
DOMICÍLIOS	2,81% (67.803)	1,39% (33.580)	0,45% (10.902)	0,16% (4.052)	2.408.980
IDH	0,92	0,90	0,94	0,86	0,84
ANOS DE ESTUDO	9,3	8,9	8,9	-	6,8
TAXA DE ALFABETIZAÇÃO	98,02%	97,16%	98,81%	96,29%	95,6%
IDH-E	0,98	0,98	0,99	0,96	
IDH-L	0,83	0,80	0,88	0,78	
ESPERANÇA DE VIDA (ao nascer)	75,04 anos	73,46 anos	77,91 anos	72,05 anos	
RENDA PER CAPITA	1.204,61	931,25	1.206,63	640,31	
ÁREA (m <sup>2</sup> ) LICENCIADA EM 2015	30.529 m <sup>2</sup>	19.969 m <sup>2</sup>	17.683 m <sup>2</sup>	801 m <sup>2</sup>	3.670.401 m <sup>2</sup>
ÁREA (m <sup>2</sup> ) LICENCIADA EM 2019	98 223 m <sup>2</sup> (+221%)	18 394 m <sup>2</sup> (-7.8%)	10 425 m <sup>2</sup> (-41%)	459 m <sup>2</sup> (-42%)	2.375.667 m <sup>2</sup> (-35%)

Fonte: Base de dados da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro editado pela autora- 2020.

Gráfico 18: Evolução populacional em números absolutos

	1980	1990	2000	2010
Praça da Bandeira	2926	10053	9102	8662
Tijuca	184726	174346	163363	163805
Maracanã	26378	28731	27319	25256
Vila Isabel	77131	84209	81858	86018

Fonte: IBGE 2010 e IPP-2020 editado pela autora 2020.

Gráfico 19: Quantidade de árvores na borda segundo o levantamento realizado no local.

	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	QUANTIDADE
1	Palmeiras	- <i>Palmeira imperial</i>	13
2		<i>Palmeira triangular</i>	15
3		<i>Palmeira Lucuba</i>	36
4		<i>Aldrigo</i>	17
5		<i>Palmeira manila</i>	11
6	Oiti	<i>Licania tomentosa</i>	44
7		Rabo de raposa	20
8		<i>Canafistula</i>	28
9		Pau ferro	16
10	Ipês amarelo	<i>Tabebuia sp. / Handroanthus sp.</i>	12
11	Mangueira	<i>Mangifera indica</i>	1
12	Sibipiruna	<i>Poincianella pluviosavar. peltophoroides</i>	12
13	Amendoeira	<i>Terminalia catappa</i>	1
14	Flamboyant	<i>Delonix regia</i>	6

Fonte: Autora – 2020.



▪ ANEXOS



Ministério da Cultura  
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL  
Departamento de Proteção



LAUDO 04/2000

3 de fevereiro de 2000

Em atenção a atendimento do exposto no parágrafo 1º, do Artigo 4º da portaria 11, de 11 de setembro de 1986, realizamos hoje uma inspeção em partes das áreas de acesso público do Estádio Mário Filho, objeto do processo de tombamento nº 1.094-T-83.

Observamos inicialmente que este laudo foi feito tendo em vista complementar os estudos anteriormente encaminhados pelo memorando 130/97, de 4 de fevereiro de 1997, assim como o laudo de vistoria sumário anexo ao mesmo. Frisamos que as condições agora foram muito diferentes das encontradas então pois, ao contrário da resistência observada em 1997, contamos com a plena colaboração do pessoal da SUDERJ, tendo sido a visita acompanhada pelo engenheiro Rodolfo Rodrigues, Assistente do Diretor de Engenharia do Estádio, que respondeu a todas perguntas feitas.

Outro ponto importante a notar é no tocante a manutenção do estádio. Esta ainda apresenta-se não totalmente resolvida, tendo-se notado fiação externa colocada de forma precária (fotos 10 e 11), canos de esgoto com sua parte externa enferrujada (foto 9), problemas de pintura de diferentes cores sobre pastilhas, ausentes em alguns segmentos (fotos 9 a 11 e 13), pisos desgastados e problemas menores com pinturas. Mas uma avaliação subjetiva, em comparação com o que foi visto na visita anterior, leva-nos a crer que a situação melhorou em muito, não se notando o mesmo estado de degradação encontrado anteriormente. Mas mais importante que isto, observa-se um esforço de solução de problemas, estando o estádio em obras, bem visíveis nas fotos encaminhadas.

Como o laudo é apenas complementar ao anteriormente enviado, nos deteremos apenas nas modificações que estão em curso, referentes as áreas de arquibancadas e de acesso às mesmas.

*all*

A principal mudança, que causa um grande impacto estético, foi a colocação de assentos plásticos nas arquibancadas, alterando a visão que se tinha do “anel” do estádio. Esses assentos são codificados por cores e setores, variando de suportes anatômicos (cor verde - foto 4), até cadeiras com espaldar (cor branca - foto 5). As cores foram escolhidas por serem as cores nacionais. As cadeiras metálicas das arquibancadas inferiores também foram pintadas. Observamos que, em dias de jogo, as cores terão um impacto desprezível, já que serão ocultadas pelo público.

Este tipo de assento, exigência da FIFA, levou a uma redução da capacidade do estádio. Isso, junto com medidas de segurança que reduziram a capacidade das gerais, resultou em uma mudança na capacidade do estádio, indo de um máximo de cerca de 200.000 em eventos para crianças, ou de cerca de 180.000 – 183.341 foi o record de público pagante, em jogo pelas eliminatórias da copa de 70 entre Brasil e Paraguai, em 31 de agosto de 1969 – para um total de cerca de 110.000 mil pagantes. Apesar dessa redução ter sido marcantes, não afetou a condição do Estádio, de “maior do mundo”, devido as suas dimensões, como um “anel” de marquises de mais de um quilômetro.

Além dessas modificações observam-se obras para a construção de camarotes (fotos 6 e 7), colocação de muretas de vidro (em acréscimo e substituição às antigas, de metal separando os setores) e uma rampa de acesso ampliada (foto 12 e na foto 1) mas estes não alteraram significativamente o aspecto do estádio, sendo que as duas últimas intervenções e representaram importantes melhorias no conforto e segurança do público.

As cabinas de imprensa, antes situadas na parte superior do estádio, foram acrescentadas de outras brancas, em frente ao setor de cadeiras cativas (foto 3). Para se diminuir sensações desagradáveis de vibração foi colocado um corrimão metálico branco, transformando os três últimos degraus da arquibancada superior em um corredor, o que facilitou o acesso e circulação nas arquibancadas.

Finalmente, as últimas modificações observadas foram a reabertura das gerais, mas isso não representou modificações na conformação física do estádio.

Conclusão: o estado de conservação do estádio, até onde foi observado, é bom, não havendo nada que indique que ele corra riscos de destruição a curto e médio prazo.

Este é o laudo,

**Adler Homero Fonseca de Castro**

Historiador - Ass. Téc. Pesquisa III.

Matr. 223.784m





#### 1ª RODADA

Ref.	Data	Dia	Hora	Jogos		Estádio	TV			
							1	2	3	
16	18/jan	Qui	19:30	Vasco da Gama	x	Bangu	São Januário			PPV
17	17/jan	Qua	21:45	Volta Redonda	x	Flamengo	Cidadania*	TVS		PPV
18	17/jan	Qua	16:30	Nova Iguaçu	x	1ª Classificado	Laranjeira*			
19	16/jan	Ter	21:30	Botafogo	x	Portuguesa	Nilton Santos*		SPD	
20	17/jan	Qua	19:30	Boavista	x	Fluminense	Eucy Resende			PPV
21	17/jan	Qua	16:30	Madureira	x	2ª Classificado	Conselheiro Galvão			COM

#### 2ª RODADA

Ref.	Data	Dia	Hora	Jogos		Estádio	TV			
							1	2	3	
22	21/jan	Dom	20:00	Flamengo	x	1ª Classificado	Ipa do Urubú*		SPD	PPV
23	21/jan	Dom	17:00	Vasco da Gama	x	Nova Iguaçu	São Januário	TVS		PPV
24	21/jan	Dom	16:30	Bangu	x	Volta Redonda	Moça Bonita*		SPD	
25	20/jan	Sáb	17:00	Fluminense	x	Botafogo	Maracanã / Nilton Santos*			PPV
26	20/jan	Sáb	16:00	Portuguesa	x	Madureira	Luso Brasileira*			COM
27	20/jan	Sáb	16:00	Boavista	x	2ª Classificado	Eucy Resende*			COM

#### 3ª RODADA

Ref.	Data	Dia	Hora	Jogos		Estádio	TV			
							1	2	3	
28	24/jan	Qua	19:30	Flamengo	x	Bangu	Ipa do Urubú*			PPV
29	24/jan	Qua	17:00	1ª Classificado	x	Vasco da Gama	Cidadania*		SPD	PPV
30	25/jan	Qui	16:30	Nova Iguaçu	x	Volta Redonda	Laranjeira*			COM
31	24/jan	Qua	21:45	Fluminense	x	Portuguesa	a definir	TVS		
32	25/jan	Qui	19:30	2ª Classificado	x	Botafogo	a definir			PPV
33	25/jan	Ter	19:15	Madureira	x	Boavista	Conselheiro Galvão*		SPD	

#### 4ª RODADA

Ref.	Data	Dia	Hora	Jogos		Estádio	TV			
							1	2	3	
34	27/jan	Sáb	17:00	Flamengo	x	Vasco da Gama	Maracanã			PPV
35	28/jan	Dom	16:30	Bangu	x	Nova Iguaçu	Moça Bonita*			COM
36	29/jan	Seg	19:30	Volta Redonda	x	1ª Classificado	Cidadania*			COM
37	28/jan	Dom	17:00	Botafogo	x	Boavista	Nilton Santos*	TVS		PPV
38	18/jan	Dom	19:00	Madureira	x	Fluminense	Cidadania*		SPD	PPV
39	28/jan	Dom	16:30	2ª Classificado	x	Portuguesa	a definir			



# CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL

## CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE A TABELA BÁSICA / EDIÇÃO 2019

TURNO																							
REF	ROD	DATA - DIA	HORA	JOGO				ESTÁDIO	CIDADE	UF	TV												
											1	2	3	4									
001	1ª	27/04 (sáb), 28/04 (dom) ou 29/04 (seg)		Grêmio	RS	X	Santos	SP															
002				Atlético	MG	X	Avai	SC															
003					Ceará	CE	X	CSA	AL														
004					Palmeiras	SP	X	Fortaleza	CE														
005					São Paulo	SP	X	Botafogo	RJ														
006					Flamengo	RJ	X	Cruzeiro	MG														
007					Fluminense	RJ	X	Goiás	GO														
008					Chapecoense	SC	X	Internacional	RS														
009					Bahia	BA	X	Corinthians	SP														
010					Athletico	PR	X	Vasco da Gama	RJ														
011	2ª	01/05 (qua) ou 02/05 (qui)		Internacional	RS	X	Flamengo	RJ															
012				Cruzeiro	MG	X	Ceará	CE															
013					Fortaleza	CE	X	Athletico	PR														
014					Corinthians	SP	X	Chapecoense	SC														
015					Santos	SP	X	Fluminense	RJ														
016					Vasco da Gama	RJ	X	Atlético	MG														
017					Botafogo	RJ	X	Bahia	BA														
018					Avai	SC	X	Grêmio	RS														
019					Goiás	GO	X	São Paulo	SP														
020					CSA	AL	X	Palmeiras	SP														
021	3ª	04/05 (sáb), 05/05 (dom) ou 06/05 (seg)		Grêmio	RS	X	Fluminense	RJ															
022				Cruzeiro	MG	X	Goiás	GO															
023					Ceará	CE	X	Atlético	MG														
024					Palmeiras	SP	X	Internacional	RS														
025					São Paulo	SP	X	Flamengo	RJ														
026					Vasco da Gama	RJ	X	Corinthians	SP														
027					Botafogo	RJ	X	Fortaleza	CE														
028					Chapecoense	SC	X	Athletico	PR														
029					Bahia	BA	X	Avai	SC														
030					CSA	AL	X	Santos	SP														
031	4ª	11/05 (sáb), 12/05 (dom) ou 13/05 (seg)		Internacional	RS	X	Cruzeiro	MG															
032					Atlético	MG	X	Palmeiras	SP														
033					Fortaleza	CE	X	São Paulo	SP														
034					Corinthians	SP	X	Grêmio	RS														
035					Santos	SP	X	Vasco da Gama	RJ														
036					Flamengo	RJ	X	Chapecoense	SC														

CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE A - TABELA BÁSICA / EDIÇÃO 2019	EMISSÃO DATA 22/02/2019	ATUALIZAÇÃO	PAG 01/10
---	----------------------------	-------------	--------------

Avenida Luiz Carlos Prestes, 130 • Barra da Tijuca • Rio de Janeiro, Brasil • CEP 22.775 - 055  
Tel: 00 55 (21) 3572 1900 • Fax: 00 55 (21) 3572 1990 • cbf@cbf.com.br



# CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL

## COPA DO BRASIL

### TABELA DETALHADA / EDIÇÃO 2019

PRIMEIRA FASE																		
REF	IV	DATA - DIA	HORA	GR	JOGO					ESTÁDIO	CIDADE	UF	TV					
														1	2	3		
001	I	05/02 - Ter	21:30	17	River	PI	0	x	5	Fluminense	RJ	Alberto Silva	Teresina	PI	2			
008		06/02 - Qua	22:15	3	Central	PE	1	x	1	Ceará	CE	Luiz de Lacerda	Caruaru	PE	1	2		
025			20:30	4	Foz do Iguaçu	PR	1	x	0	Boa	MG	Do ABC	Foz do Iguaçu	PR				
030			21:30	12	Palmas	TO	0	x	1	Juventude	RS	Nilton Santos	Palmas	TO				
002			16:00	18	Votuporanguense	SP	0	x	1	Ypiranga	RS	Plínio Marin	Votuporanga	SP				
011			21:30	20	Corumbaense	MS	0	x	0	Luverdense	MT	Arthur Marinho	Corumbá	MS				
012			21:00	22	Santa Cruz	RN	1	x	0	Tupi	MG	Arena das Dunas	Natal	RN				
004			19:15	25	Altos	PI	1	x	7	Santos	SP	Alberto Silva	Teresina	PI	2			
026			20:30	26	Sobradinho	DF	0	x	0	América	RN	Augustinho Lima	Sobradinho	DF				
013			21:30	28	Atlético	CE	2	x	0	Joinville	SC	Presidente Vargas	Fortaleza	CE				
020			21:30	30	Mixto	MT	1	x	0	CSA	AL	Arena Pantanal	Cuiabá	MT			3	
015			21:30	35	Itabaiana	SE	2	x	5	Paraná	PR	Lourival Baptista	Aracaju	SE				
016			21:30	37	Juazeirense	BA	2	x	2	Vasco da Gama	RJ	Adaauto Moraes	Juazeiro	BA	1	2		
019			07/02 - Qui	21:00	1	Ferrovário	CE	2	x	2	Corinthians	SP	Do Café	Londrina	PR	2		
003				18:30	36	Americano	RJ	1	x	2	Londrina	PR	Elcyr Resende	Saquarema	RJ	2		
005			12/02 - Ter	21:30	16	Imperatriz	MA	1	x	1	Náutico	PE	Frei Epifânio	Imperatriz	MA			3
023		13/02 - Qua	20:30	2	Avenida	RS	1	x	0	Guarani	SP	Eucaliptos	Santa Cruz do Sul	RS				
009			16:30	6	Bragantino	PA	1	x	0	ASA	AL	Diogão	Bragança	PA				
035			22:30	8	Manaus	AM	1	x	1	Vila Nova	GO	Ismael Benigno	Manaus	AM				
028			21:30	9	Campinense	PB	0	x	2	Botafogo	RJ	Ermani Sátyro	Campina Grande	PB	1	2		
029			21:30	10	Ypiranga	AP	0	x	1	Cuiabá	MT	Zerão	Macapá	AP				
010			21:30	11	São Raimundo	RR	0	x	0	América	MG	Roberto Marinho	Boa Vista	RR				
034			22:15	13	Moto Club	MA	2	x	0	Vitória	BA	Castelão	São Luís	MA	1			
022			20:30	14	Galvez	AC	0	x	1	ABC	RN	Arena da Floresta	Rio Branco	AC				
038			20:30	19	Boavista	RJ	1	x	2	Figueirense	SC	Elcyr Resende	Saquarema	RJ			3	
036			23:30	21	Rio Branco	AC	2	x	2	Bahia	BA	Arena da Floresta	Rio Branco	AC			3	
031			20:30	23	Sergipe	SE	0	x	2	Goiás	GO	Lourival Baptista	Aracaju	SE			3	
006			16:30	24	Brasiliense	DF	0	x	0	CRB	AL	Elmo Serejo	Taguatinga	DF			3	
007			20:30	27	Brusque	SC	1	x	1	Atlético	GO	Augusto Bauer	Brusque	SC				
018			19:00	29	São José	RS	0	x	0	Chapecoense	SC	Passo D'Areia	Porto Alegre	RS	2			
014			20:00	31	São Raimundo	PA	0	x	2	Criciúma	SC	Colosso do Tapajós	Santarém	PA				
032		21:30	33	Tombense	MG	3	x	0	Sport	PE	Antônio de Almeida	Tombos	MG	1	2			
033		21:30	34	Operário	MS	1	x	4	Botafogo	PB	Morenã	Campo Grande	MS					
027		20:30	38	Serra	ES	1	x	0	Remo	PA	Roberto Lopes	Serra	ES					
017		20:30	39	Real Desportivo	RO	1	x	4	Avaí	SC	Gentil Valério	Ariquemes	RO					

COPA DO BRASIL - TABELA DETALHADA / EDIÇÃO 2019

EMISSAO DATA  
10/12/2018

ATUALIZAÇÃO  
02/04/2019

PÁG  
01/04



## Lei nº 2.283 de 03 de janeiro de 1995

Dispõe sobre a modificação de uso do Complexo Esportivo Maracanã, com a fixação de parâmetros edilícios para lojas comerciais e de serviços e dá outras providências.

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, faço saber que a Câmara Municipal decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art 1º - Fica aprovada a modificação de uso da área interna do Complexo Esportivo Maracanã, para construção de lojas comerciais e de serviços, nos trechos denominados Área 1 (Avenida Radial Oeste), Área 2 (Rua Mata Machado) e Área 3 (Rua Professor Eurico Rabelo, delimitadas no Anexo I.

§ 1º - As lojas comerciais e de serviços somente poderão localizar-se nas áreas identificadas no Anexo II.

§ 2º - Os usos permitidos para as lojas comerciais e de serviços referidas no caput e no parágrafo anterior são os relacionados no Anexo III.

Art 2º - É fixado em dezesseis o número total de lojas em todo o Complexo Esportivo Maracanã.

§ 1º - Cada loja poderá ocupar área máxima de cento e trinta e cinco metros quadrados.

§ 2º - A área total destinada à ocupação pelas lojas não ultrapassará doze por cento da área livre total do Complexo Esportivo Maracanã.

§ 3º - A altura máxima da edificação destinada à loja será de quatro metros e cinquenta centímetros.

§ 4.º - Os demais parâmetros edilícios obedecerão à legislação em vigor.

Art 3º - A aprovação dos projetos das lojas comerciais e de serviços pelo órgão competente do Município fica condicionada a prévia aprovação da Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro - SUDERJ da Companhia de Engenharia de Tráfego do Município do Rio de Janeiro - CET RIO e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN do Ministério da Cultura.

Art 4º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação revogadas as disposições em contrário.

CÉSAR MAIA

DO RIO de 04/01/95

### ANEXO I

#### DELIMITAÇÃO DAS ÁREAS DAS LOJAS COMERCIAIS E DE SERVIÇOS DO COMPLEXO ESPORTIVO MARACANÃ

I - DELIMITAÇÃO DA ÁREA 1 (AVENIDA RADIAL OESTE) Área intramuros limitada pela projeção da Rampa Monumental do Esqueleto; muro externo do Complexo, paralelo à Avenida Radial Oeste até ao portão de acesso à Geral, na Rua Mata Machado; daí perpendicularmente até à projeção da elipse externa do Estádio Jornalista Mário Filho, e neste alinhamento até encontrar a projeção da Rampa Monumental do Esqueleto.

#### II - DELIMITAÇÃO DA ÁREA 2 (RUA MATA MACHADO)

Área intramuros limitada pelo pórtico de entrada da Geral da Rua Mata Machado; muro externo do Complexo, paralelo à Rua Mata Machado até ao portão de acesso ao estacionamento (Portão 13); daí perpendicularmente até à projeção da Rampa Monumental do Belini; neste alinhamento até encontrar a projeção da elipse externa do Estádio Jornalista Mário Filho; daí perpendicularmente até ao pórtico de entrada da Geral na Rua Mata Machado.

#### III — DELIMITAÇÃO DA ÁREA 3 (RUA PROFESSOR EURICO RABELO)



Área intramuros limitada pela entrada da Rampa de Acesso ao Ginásio Gilberto Cardoso; daí, seguindo o alinhamento do meio-fio dos jardins, até encontrar o muro externo da Rua Professor Eurico Rabelo; neste alinhamento até ao Portão 12; daí perpendicularmente até à projeção do anel externo do Ginásio Gilberto Cardoso; neste alinhamento até encontrar a projeção da Rampa de Acesso ao Ginásio Gilberto Cardoso; daí perpendicularmente até à entrada da Rua Professor Eurico Rabelo, e do seu alinhamento até à sua entrada.

## ANEXO II

### LOCALIZAÇÃO DAS ÁREAS DESTINADAS A LOJAS COMERCIAIS E DE SERVIÇOS DO COMPLEXO ESPORTIVO MARACANÃ



## ANEXO III

### ATIVIDADES NAS LOJAS COMERCIAIS E DE SERVIÇOS PERMITIDAS NO COMPLEXO ESPORTIVO MARACANÃ

ATIVIDADE	CÓDIGO
I Agência de serviços postais e telegráficos	2.14.01.01-3
II Banca de jornais, revistas e outros periódicos	4.09.02.02-3
III Banco comercial	2.07.01.02-1
IV Bar	4.01.03.01-5
V Biblioteca	2.16.04.05-4
VI Bilhar, bolicho e similares	2.04.02.01-6
VII Brinquedos e artigos	4.11.04.00-7
VIII Cervejaria	2.04.02.07-5
IX Cinema	2.04.02.03-6
X Confeitos, chocolate, balas	4.01.01.09-8
XI Discos e fitas magnéticas	4.11.01.02-4
XII Diversões eletrônicas	2.04.02.02-4
XIII Drogeria	4.02.01.02-5
XIV Farmácia	4.02.01.01-7
XV Fumo e artigos de tabacarias	4.01.01.03-5
XVI Lanchonete	4.01.03.02-3
XVII Livraria	4.09.02.01-5
XVIII Locação de bicicletas	2.06.02.16-3
XIX Loteria	2.06.01.01-9
XX Posto telefônico	2.14.02.01-0
XXI Reparação de artigos esportivos	2.02.06.08-0
XXII Reparação de bicicletas e triciclos não motorizados	2.02.03.09-9
XXIII Restaurante	4.01.03.03-1
XXIV Sala de vídeo	2.04.02.10-5
XXV Salão de barbeiro	2.03.02.01-1
XXVI Salão de cabeleireiro	2.03.02.02-0
XXVII Souvenir, artigos regionais e civicos, artesanato	4.11.08.02-9
XXVIII Vestuário e acessórios	4.03.02.00-0